

CECILIA BEATRIZ GUALDIERI

Mocovi (Guaicuru)

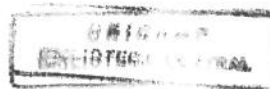
Fonologia e morfossintaxe

Volume I

Tese apresentada ao curso de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Lingüística

Orientadora: Profa. Dra. Lucy Seki

Campinas
Unicamp
1998



9817835

UNIDADE	3C
N.º CHAMADA:	UNICAMP
	G931m
V. OJ	2
IMPRESSÃO	34869
PREÇO	395/98
	X
P.º	R\$ 11,00
DATA	29/08/98
N.º GFD	

CM-00116008-5

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

G931m Gualdieri, Cecilia Beatriz
Mocovi (Guaicurú): fonologia e morfossin-
taxe / Cecilia Beatriz Gualdieri - - Campi-
nas, SP [s.n.], 1998

Orientador: Lucy Seki
Tese (doutorado) - Universidade Estadual
de Campinas, Instituto de Estudos da Lingua-
gem.

1. índios da América do Sul - línguas 2.
Língua indígena - fonologia 3. Língua indi-
gena - morfologia. I. Seki, Lucy II Univer-
sidade Estadual de Campinas Instituto de Es-
tudos da Linguagem III. Título

Profa. Dra. Lucy Seki (orientadora)

Prof. Dr. Angel Humberto Corbera Mori

Profa. Dra. Maria Bernadete Marques Abaurre

Prof. Dr. Aryon Dall'Igna Rodrigues

Profa. Dra. Ana Gerzenstein

Este exemplar é a redação final da tese
defendida por Cecilia Beatriz
Gualdieri
e aprovada pela Comissão Julgadora em
16,02,98.
Profa. Dra. Lucy Seki

Aos povos indígenas de nosso continente
nas suas lutas pela libertação.

Agradecimentos

A concretização deste trabalho, nas diferentes etapas dele, contou com o apoio de pessoas e instituições às quais gostaria de expressar a minha mais profunda gratidão:

Ao povo Mocovi, pelo acolhimento afetuoso e a generosidade em compartilhar os seus saberes comigo. Especialmente, a todos aqueles que me ensinaram a sua língua. Dentre eles, a Luisa Salteño, Valentín Salteño, Roberto Ruiz e Juan Nicolás, pela paciência nas horas de trabalho e a simpatia sempre.

Aos chaquenhos, em geral, e ao pessoal da escola "Niño Mocovi", Nancy Vargas e família Rizzotti, em particular, pela generosa hospitalidade nas minhas estadas no Chaco.

A Ana Gerzenstein e Ana Fernández Garay, por acreditar desde os primórdios nesta pesquisa e pela amizade incondicional.

Às instituições das quais recebi auxílio financeiro nas diversas etapas deste trabalho: o Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas-Conicet (Argentina), a Organização dos Estados Americanos-OEA (Washington), o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico-CNPq e a Fundação de Apoio ao Ensino e a Pesquisa-FAEP (Brasil).

A Lucy Seki, por ter aceito orientar esta tese, pelas numerosas sugestões e críticas e pela sensibilidade e o afeto.

A Angel Corbera Mori, por ter-me encorajado sempre, no acadêmico e no pessoal, e pelo diálogo frutífero de tantos anos.

Ao Instituto de Estudos da Língua, por ter-me dado a oportunidade de crescer academicamente.

Aos professores do IEL, nomeadamente a Charlotte Galves e Luiz Carlos Cagliari, entre outras razões pela solidariedade no verão de '94, e a Bernadete Marques Abaurre, pelas valiosas sugestões por ocasião da qualificação da tese e sempre.

Aos meus colegas da Pós, pela amena convivência acadêmica e humana.

Ao pessoal da Secretaria, a Biblioteca, a Informática e o Xerox, sempre afáveis e com boa disposição para resolver os probleminhas do dia a dia.

E no plano dos afetos, duas menções indispensáveis:

Aos amigos que me acompanharam nessa travessia: o apoio emocional e material deles foi decisivo nesses anos todos. Particularmente, àqueles que, vindos dos diferentes cantos do mundo, compartilharam o árduo processo de adaptação e superação da saudade do terrunho.

Aos meus pais, por nunca ter aparado as minhas asas. E por muito mais...

“América Latina podría empezar a descubrirse a sí misma,
a revelar su realidad que sigue escondida.
Porque a estas tierras no solamente les robaron el salitre,
el cobre, la plata, sino también la memoria.
Los indios fueron los primeros habitantes de estas tierras
pero para la cultura oficial
no tienen religión, sino supersticiones,
no tienen arte, sino sólo artesanías,
no hablan idiomas, sino dialectos.”

Eduardo GALEANO

Sumário

Volume I

Capítulo I : Introdução

1. Mocovi: o povo e a língua	14
1.1. O povo Mocovi	14
1.1.1. História	14
1.1.2. Situação atual	16
1.2. A língua Mocovi	18
1.2.1. Classificação lingüística	18
1.2.2. Situação sociolingüística	19
1.2.3. Estudos prévios	20
2. A Tese	22
2.1. Metodologia	22
2.1.1. A pesquisa de campo	22
2.1.2. A análise	24
2.2. Objetivos	24
2.3. Justificativa	24
2.4. Organização da tese	25

Capítulo II : Fonologia.

1. Esboço descritivo	27
1.1. Os fonemas	27
1.2. Alofonia	29
1.3. Restrições sequenciais, morfofonêmica e neutralizações	33
1.3.1. As palatais	34
1.3.2. As vogais anteriores	39
1.3.3. A alveolar sonora	40
1.3.4. A laríngea aspirada	44
1.3.5. As velares e uvulares	46
2. Fonologia Não-linear	53
2.1. A representação dos segmentos	54
2.1.1. Os traços do nó Raíz	54
2.1.2. Os traços do nó Laríngeo	54
2.1.3. Os traços de Ponto de Articulação	55
2.1.3.1. As consoantes	55
2.1.3.2. Os glides	57

2.1.3.3. As vogais	57
2.1.4. Os traços de Modo.....	58
2.2. A sílaba	59
2.2.1. O Núcleo	61
2.2.2. O Onset.....	63
2.2.3. A Coda.....	64
2.3. Processos fonológicos.....	65
2.3.1. Palatalização.....	65
2.3.2. Epênteses.....	70
2.3.2.1. Condicionamento segmental	71
2.3.2.2. Condicionamento silábico	74
2.3.2.2.1. Segmentos extrassilábicos em início da palavra	74
2.3.2.2.1.1. Suspensão de extrassilabidade por epêntese.....	75
2.3.2.2.1.2. Suspensão de extrassilabidade por nuclearização	76
2.3.2.2.2. Segmentos extrassilábicos em final de palavra	76
2.3.2.2.3. Epênteses no interior da palavra.....	77
2.3.3. Harmonia vocálica.....	78
2.3.3.1. Harmonia de [+alto]	78
2.3.3.2. Harmonia de [+arredondado]	80
2.3.4. Desvozeamento	81
2.3.5. Debucalização	83

Capítulo III : Generalidades sobre a gramática

1. Unidades Gramaticais.....	86
2. Aspectos tipológicos.....	89
2.1. A ordem das palavras	89
2.2. A marcação de Caso.....	94
3. Esboço sintático.....	98
3.1. Tipos de Sentenças	98
3.1.1. Pela natureza do predicado.....	98
3.1.2. Pela modalidade	104
3.1.2.1. Sentenças interrogativas.....	105
3.1.2.2. Sentenças imperativas	108
3.1.3. Pela complexidade.....	109
3.1.3.1. Coordenação.....	109
3.1.3.2. Subordinação.....	111
3.1.3.2.1. Orações complemento	111
3.1.3.2.2. Orações relativas	114
3.1.3.2.3. Orações adverbiais	115
3.2. Negação.....	121
3.3. Voz passiva	123

Volume II

Capítulo IV : O Sintagma Nominal

1. <i>O NOME</i>	131
1.1. Morfologia Flexional	131
1.1.1. Posse	131
1.1.1.1. Marcação Pronominal	132
1.1.1.2. Alienabilidade	140
1.1.1.3. Aspectos morfossintáticos	144
1.1.2. Número	146
1.1.2.1. Dual/Paucal	146
1.1.2.2. Plural	149
1.2. Morfologia Derivacional	151
1.2.1. Nomes derivados de verbos	152
1.2.1.1. { aga } “nominalizador de ação, não-processo”	152
1.2.1.2. {agak } “nominalizador de ação, processo”	154
1.2.1.3. { ag } “nominalizador agentivo”	155
1.2.1.4. { gat } “nominalização instrumental”	157
1.2.1.5. { qad } “nominalizador locativo”	159
1.2.1.6. { ek } ~ { a } “nominalizador resultativo”	161
1.2.2. Nomes derivados de nomes	164
1.2.2.1. Sufixos Locativos de Forma	164
1.2.2.1.1. { lad }	164
1.2.2.1.2. { ki }	165
1.2.2.2. Marcadores de classe nominal	167
1.2.2.2.1. { wa }	167
1.2.2.2.2. { le } / { lek }	168
1.2.2.2.3. { se } / { sek }	169
1.2.2.2.4. { ik } e { sat }	172
1.2.2.3. Morfemas avaliativos	173
1.2.2.3.1. Diminutivo	173
1.2.2.3.2. Aumentativo	175
2. <i>OS CLASSIFICADORES</i>	177
2.1. Morfossintaxe	177
2.2. Semântica	180
2.3. Categorias derivadas dos Classificadores	192
2.3.1. Pronomes pessoais	192
2.3.2. Demonstrativos	195
2.3.3. Quantificador	198

3. CONCEITOS "ADJETIVAIS"	200
3.1. Verbos descritivos	201
3.2. Nominais.....	205
3.3. Numerais.....	211

Capítulo V : O Sintagma Verbal

1. O VERBO	214
1.1. Classes de verbos.....	215
1.2. Marcação pronominal	216
1.2.1. Os papéis semânticos	216
1.2.2. Morfologia pronominal	218
1.2.2.1. Participante Agentivo.....	218
1.2.2.2. Participante Pacientivo.....	227
1.2.2.3. Participante Médio	233
1.2.2.4. Participante Dativo.....	238
1.2.2.4.1. Marcação Dativa.....	239
1.2.2.4.2. Marcação Benefativa.....	241
1.2.2.5. Marcação de 3ª pessoa Objeto.....	244
1.3. Aspecto	246
1.3.1. Contínuo	246
1.3.1.1. Durativo.....	246
1.3.1.2. Progressivo.....	250
1.3.2. Iterativo	254
1.4. Morfologia Derivacional	255
1.4.1. Sufixos de Valência.....	255
1.4.1.1. Causativos	256
1.4.1.2. Factitivo-incoativo	259
1.4.2. Diátese Média, Reflexivo e Recíproco.....	267
1.4.2.1. Diátese Média.....	268
1.4.2.2. Reflexivos e Recíprocos.....	276
1.4.2.3. Média e transitividade	277
1.5. Sufixos Direcionais-Locativos.....	279
1.5.1. Sufixos Direcionais	280
1.5.1.1. { wek } “para o exterior”	281
1.5.1.2. { o } “para o interior”.....	283
1.5.1.3. { ni } “para baixo”	284
1.5.1.4. { sigim } “para cima”.....	286
1.5.1.5. { ta } “até um limite”	288
1.5.1.6. { agasom } “para a água”	288
1.5.2. Sufixos Locativo-orientacionais.....	289
1.5.2.1. Locativos	289
1.5.2.1.1. { gi } “no interior”.....	289
1.5.2.1.2. { lek } “em cima”.....	291

1.5.2.1.3. { ot } “embaixo”	293
1.5.2.1.4. { ?ot } “no limite”	293
1.5.2.2. Orientacionais.....	294
1.5.2.2.1. { ge } “alativo”	294
1.5.2.2.2. { git } “enfrentado”	295
1.6. Sufixo Verbalizador.....	296
1.7. Outros sufixos verbais	297
1.7.1. Desiderativo	297
1.7.2. Intensificador.....	298
1.7.3. Narrativo.....	299
2. <i>ADVÉRBIOS E PARTÍCULAS</i>	300
2.1. Advérbios.....	300
2.2. Partículas	306
Conclusões	310
Apêndices.....	313
Resumen	316
Referências bibliográficas	317
Bibliografia consultada	325

Abreviaturas

<i>Adv</i>	advérbio	<i>obj</i>	objeto
<i>Ag</i>	pessoa ag entiva	<i>Obl</i>	oblíquo
<i>Aln</i>	alienável	<i>Obr</i>	obrigativo
<i>Asp</i>	aspecto	<i>Or</i>	orientacional
<i>Atr</i>	atributivo	<i>P</i>	pessoa pacientiva
<i>B</i>	papel Beneficiário	<i>Part</i>	partícula
<i>Cau</i>	causativo	<i>Pc</i>	paucal
<i>Cl</i>	sufixo de classe	<i>Pl</i>	plural
<i>CL</i>	classificador nominal	<i>pos</i>	possuidor
<i>Conj</i>	conjunção	<i>Pro</i>	pronomes
<i>D</i>	papel Dativo	<i>Prog</i>	progressivo
<i>Dem</i>	demonstrativo	<i>qnt</i>	quantificador
<i>Des</i>	desiderativo	<i>Rec</i>	recíproco
<i>Dim</i>	diminutivo	<i>Rfx</i>	reflexivo
<i>Dir</i>	direcional	<i>sg</i>	singular
<i>Dur</i>	durativo	<i>suj</i>	sujeito
<i>Exst</i>	existencial	<i>T</i>	papel Tema
<i>Exst.neg</i>	existencial negativo	<i>Tpo</i>	temporal
<i>f</i>	feminino	<i>Val</i>	valência
<i>fut</i>	futuro		
<i>Imp</i>	impessoal	<i>1</i>	primeira pessoa
<i>Int</i>	interrogativo	<i>2</i>	segunda pessoa
<i>Ind</i>	possuidor indefinido	<i>3</i>	terceira pessoa
<i>Loc</i>	locativo		
<i>m</i>	masculino	<i>esp.</i>	espécie
<i>Méd</i>	média	<i>Esp.</i>	espanhol
<i>Neg</i>	negação		
<i>Nmz</i>	nominalizador		

RESUMO

A tese apresenta uma descrição lingüística da língua indígena Mocovi (família Guaicurú), falada nas províncias de Chaco e Santa Fe (Argentina). No Capítulo II, dedicado à Fonologia, apresenta-se uma descrição da alofonia, restrições seqüenciais, neutralizações e morfofonêmica, e uma interpretação com embasamento nas teorias fonológicas Não-lineares. No que diz respeito à Gramática, são apresentadas um conjunto de características gramaticais, como marcação de caso, ordem dos constituintes e esboço da sintaxe (Capítulo III); estrutura do sintagma nominal e morfossintaxe do Nome, os Classificadores e os elementos lexicais que exprimem conceitos "adjetivais" (Capítulo IV); estrutura do sintagma verbal e morfossintaxe do Verbo, Advérbios e Partículas (Capítulo V). O marco teórico básico na descrição é o modelo Funcional-Tipológico.

Palavras chave: língua indígena, fonologia, gramática.

Capítulo I

Introdução

1. Mocovi: o povo e a língua

1.1. O povo *Mocovi*

1.1.1. História

Os aborígenes conhecidos como Mocovi integram o grupo etno-lingüístico Guaicuru (Guaycurú), conjuntamente com os grupos Toba, Pilagá, Kadiwéu e os extintos Payaguá, Mbayá e Abipón. Quando da chegada dos europeus, os grupos Guaicurus povoavam o chamado Grande Chaco, região que se estende ao leste até os rios Paraguai e Paraná, ao norte até o planalto de Mato Grosso e Chiquitos, ao oeste até os limites orientais das serras subandinas e ao sul até os Pampas argentinos. No Chaco Central (entre os rios Pilcomayo e Bermejo), assentaram-se os tobas e pilagás; abipones e mocovis tiveram seu habitat no Chaco Austral, nas atuais províncias argentinas de Chaco e Santa Fe.

Os Mocovi, assim como os outros Guaicuru, eram essencialmente caçadores-coletores e historicamente apresentaram características de guerreiros semi-nômades. A organização social tinha sua base num grupo composto por um conjunto de famílias extensas, dirigido por um cacique e controlado por um conselho de idosos. Sabe-se que tinham territórios de caça e pesca reconhecidos e que as suas relações com os outros grupos da região, especialmente os mataco-mataguayos, realizavam-se fundamentalmente através da guerra e da captura de cativos. Após a chegada dos espanhóis, no século XVII adotaram o cavalo, transformando-se em guerreiros eqüestres. A posse do cavalo proporcionou-lhes a possibilidade de domínio de extensos territórios, nos quais se enfrentavam continuamente com outros aborígenes pedestres e com as populações hispanas.

Além da adoção do cavalo, a presença das Missões da Companhia de Jesus no território ocupado pelos Mocovis teve importância na história deles. A primeira e mais importante foi a Missão de San Francisco Javier, fundada em 1743. Nessa missão morou o Pe. alemão Florian Paucke que fornece, na sua obra "Hacia allá y para aquí", uma detalhada documentação etnológica acerca dos mocovis. Quando da expulsão da Companhia de Jesus, em 1767, grande parte dos indígenas que moravam nas missões fugiu para o mato, onde voltaram às suas práticas de povo semi-nômade, estabelecendo contatos esporádicos com a população espanhola e crioula.

Nas primeiras décadas do século XIX, sucederam-se vários confrontamentos armados e acordos não cumpridos entre as autoridades da república e os grupos guaicurus. Entre 1833 e 1835 foram realizadas incursões militares contra os mocovis pelo governo de Santa Fe que tiveram como resultado centenas de mortos (cf. Martínez Sarasola, 1992:176-184).

A conquista definitiva do Chaco austral pelo estado nacional argentino foi realizada entre 1870 e 1884 por meio de campanhas militares que atingiram os povos indígenas chaquenhos. Segundo Martínez Sarasola (op.cit.), entre 1821-1899 foram exterminados 12.335 indígenas, dos quais 549 mocovis, em confrontos militares.

No final do século XIX, o Chaco tinha-se convertido numa próspera área agro-pecuária, com um grande número de povoados crioulos. As pressões da sociedade nacional desencadearam contínuos enfrentamentos armados com os aborígenes. Isso aunado ao desenvolvimento de um movimento indígena messiânico, cujo epicentro esteve na antiga redução de San Francisco Javier, acaba em 1903 com a intervenção violenta do exército e dezenas de mocovis mortos e feridos. A repressão produz um novo êxodo para o Norte, para áreas ainda não ocupadas pelos crioulos. Em 1911 forma-se a Redução de Índios de Napalpi (hoje Colônia Aborígen Chaco), que se transforma numa importante área de mestiçagem aborígine. Em Napalpi gesta-se, no ano de 1924, um movimento milenarista que envolve mocovis e tobas, e acaba novamente em repressão armada pelas autoridades; posteriormente, em 1933, desencadeia-se um novo enfrentamento em El

Zapallar. Este tipo de movimentos milenaristas parece ser uma marca característica dos povos guaicuru e tem suscitado várias pesquisas de cunho antropológico e histórico.¹

Na segunda metade da década de sessenta, o Censo Indígena Nacional registra um número de 2.969 mocovis, excluindo aqueles que moravam na comunidade mista de Quitilipi e um número indeterminado de pessoas dessa etnia que se assentavam em pequenas cidades e povoados do norte da província de Santa Fe.

1.1.2. Situação atual

Atualmente, os mocovis habitam em comunidades localizadas no sul da província do Chaco e no norte e centro da província de Santa Fe (Argentina). Não existem dados confiáveis acerca do número total de pessoas dessa etnia. Em Klein (1985) estima-se uma quantidade entre 2.900 (segundo o Censo Indígena Nacional) e 5.718 pessoas (segundo Mary R. Key, 1979). Segundo Saizar (1989) há um total de aproximadamente 5.000 mocovis. O Censo Indígena Provincial do Chaco (1985) registra, nessa província, 1.931 mocovis. O Mocovi é o grupo aborígene mais reduzido do Chaco e se concentra no centro sudoeste da província. (cf. Mapas, no Apêndice)

O meio natural da região ocupada pelos mocovis se caracteriza por ter um regime hídrico subtropical semi-árido, com deficiências de água, e vegetação de mato baixo. Até finais do século passado, foi uma área de "quebracho colorado" (árvore semelhante à aroeira) e de extração de tanino. Atualmente, a atividade econômica principal é a cultura e comercialização de algodão. Os contatos dos mocovis com a sociedade crioula são permanentes, com diferentes graus de articulação social e/ou individual. Os meios de subsistência básicos são as tarefas de capinar e colher algodão, como peões estacionais, tarefa na que normalmente intervém o grupo familiar na sua totalidade e que determina, em muitos casos, a migração temporal para outras regiões próximas às suas

¹ Veja-se, entre outros:

Bartolomé, Leopoldo. 1972. "Movimientos milenaristas de los aborígenes chaqueños entre 1905 y 1933". **Suplemento Antropológico**, vol.7. Universidad Católica de Asunción.

Miller, Elmer S. 1979. **Los tobas argentinos. Armonía y disonancia en una sociedad**. Siglo Veintiuno.

Ubertalli, Jorge Luis. 1987. **Guaycurú-tierra rebelde**. Buenos Aires:Editorial Antarca.

comunidades. Além disso, desempenham-se como "bóia-frias" na extração florestal, e na elaboração e comercialização de artesanato de barro, atividade esta tipicamente feminina. Nos últimos anos, estabeleceu-se um sistema de migração complementar nas épocas do ano que não são dedicadas às tarefas no algodão, para as províncias de Santa Fe, na estação de colheita do morango, e de Buenos Aires, especificamente para a região do Delta do rio Paraná, onde são empregados na colheita de vime.

No que diz respeito aos mocovis de Santa Fe, carece-se de informação confiável e/ou atualizada. Segundo os meus próprios dados, há um número aproximado de uma dúzia de assentamentos semi-rurais e peri-urbanos, especialmente concentrados na região nordeste da província. A comunidade mais austral documentada localiza-se em Melincue. Há também um grande número de mocovis espalhados nas grandes cidades, como Santa Fe e Rosario. As comunidades mocovis de Santa Fe acham-se num grau de deculturização maior que no Chaco, apesar do que na última década está observando-se um processo de organização e revitalização da identidade étnica. Na província de Santa Fe, as principais atividades econômicas são como peões rurais, na cultura de algodão (no norte da província) e/ou na horticultura, e em trabalhos esporádicos nos centros urbanos.

1.2. A língua Mocovi

1.2.1. Classificação lingüística

A língua Mocovi faz parte da família lingüística Guaicuru, que inclui as línguas Toba (Argentina, Bolívia e Paraguai), Pilagá (Argentina), Kadiwéu (Brasil) e a extinta Abipón (Argentina). A inclusão na família das duas línguas, também extintas, Guachí (Brasil) e Payaguá (Paraguai) é controversa (cf. Loukotka, 1968; Tovar e Tovar, 1984; Greenberg, 1987). Em Tovar e Tovar (op.cit.) classifica-se internamente a família Guaicuru em três subgrupos: (1) línguas do Norte ou Mbayá, que incluem Kadiwéu e Payaguá; (2) línguas do grupo Toba, incluindo Toba e seus vários dialetos e Pilagá; (3) línguas meridionais, o Mocovi e o Abipón ou Callaga. Segundo Viegas (1993), as línguas Toba, Pilagá e Mocovi conformariam um "complexo de variedades" mais do que línguas independentes. De fato, as semelhanças formais e a possibilidade de inteligibilidade mútua entre os falantes destas línguas parece apontar para uma relação lingüística muito estreita. Em Ceria e Sandalo (1995), apresenta-se uma reconstrução do Proto-Guaicuru estabelecendo, com base nas correspondências fonológicas e gramaticais, a existência de dois subgrupos na família: o Mbayá-Kadiwéu e o Toba-Mocovi-Abipón. A inteligibilidade mútua entre Toba e Mocovi é sugerida por Klein (1985:695), e Miller (1979:26) menciona que o Toba está mais estreitamente ligado com a língua dos Pilagá que com a língua dos Mocovi. A escassez de estudos descritivos e/ou comparativos destas línguas impede, por enquanto, clarificar o grau de relação genética existente entre elas.

No que diz respeito à família Guaicuru e às suas relações com outros grupos lingüísticos, tem sido assinalada reiteradamente a sua filiação com as línguas Mataco-Mataguayas (Maká, Niwaklé ou Chulupí, Chorote e Mataco ou Wichi). Assim, Mason (1946) classifica as línguas guaicurus com as línguas mataguayas no "phylum" Macro-Guaycurú, e Greenberg (1987) inclui os grupos mataco e guaicuru no Macro-Panoan. Num trabalho recente de cunho histórico-comparativo (Viegas, 1993) explora-se a possibilidade de relação genética entre ambas as famílias lingüísticas chaquenhas. A comparação e reconstrução gramatical, lexical e fonológica conduzem o autor a concluir, com certas

ressalvas, pela existência de um conjunto de semelhanças formais entre ambos grupos de línguas que seriam produto de parentesco lingüístico.

Outras classificações externas propõem a existência de relação genética com as extintas línguas Charrua e Chaná, faladas em Uruguai, Argentina e Brasil (Suárez, 1988) , e inclusive com línguas patagônicas como Mapuche, Tehuelche, Alacaluf e Yamana (Swadesh, 1954).

1.2.2. Situação sociolingüística

A língua Mocovi mantém um aceitável grau de vitalidade de uso (cf. Klein, 1985:698-9), principalmente nas comunidades do Chaco. Segundo as nossas próprias observações nas estadas no campo, o comportamento lingüístico entre os mocovis não é homogêneo, podendo-se observar diferentes níveis de uso do vernáculo. Um dos fatores determinantes do comportamento lingüístico diz respeito ao grau de articulação socio-econômica das comunidades: em termos gerais, maior urbanização e inserção econômica na sociedade nacional, maiores as possibilidades de perda da língua vernácula. De fato, a ruralidade favorece a manutenção lingüística, mas nem sempre o isolamento geográfico condiciona maior preservação da língua; assim, por exemplo, o caso da Colonia Necochea que, embora relativamente isolada, apresenta uma perda evidente da língua vernácula, possivelmente pelas antigas e permanentes relações laborais e institucionais com a sociedade nacional.

Nas comunidades em que a língua mantém a sua vitalidade de uso (dentre elas, El Pastoril, cf. Trabalho de campo), é no domínio das relações familiares que a conservação do Mocovi se faz mais evidente, o que está ligado a fatores individuais como idade, sexo e religião. A idade parece ser o fator mais importante: são os adultos e idosos que mantêm o uso habitual da língua vernácula, ao passo que os jovens e crianças tendem a usá-la em menor grau. Contudo, nos últimos anos essa tendência parece ter minguado, especialmente nas comunidades que estão ou pretendem estar integrando o programa de Educação Bilíngüe Intercultural da província do Chaco. Este programa, desenvolvido pelo Centro de Investigación y Formación para la Modalidad Aborigen, visa a formação de recursos humanos, falantes nativos das línguas Mocovi, Toba e Wichi, para se

desempenhar como Monitores nas escolas estaduais que atendem uma população majoritariamente aborígine. Dentre as comunidades mocovis, apenas duas (La Tigra e El Pastoril) são sede de escolas de primeiro grau e pré-escolar adscritas ao programa de Educação Bilíngüe Intercultural.

O sexo também é uma variável importante, pois são as mulheres (especialmente nos assentamentos mais "castelhanizados") que conservam com maior proficiência e freqüência do uso do idioma. Entre os homens, pelo maior contato com a sociedade nacional através de relações laborais e/ou institucionais e, especialmente, do serviço militar obrigatório, desenvolve-se um uso maior do espanhol. A adesão religiosa tem, também, um papel importante no comportamento lingüístico individual já que o mocovi cumpre mais funções entre os evangélicos (pelo uso da língua nos serviços religiosos, conduzidos geralmente por "pastores" nativos, cânticos e leitura da Bíblia).

Em termos gerais, podem ser reconhecidas duas grandes áreas etno-lingüísticas mocovis: (1) o sul da província do Chaco, onde é maior a preservação lingüística e cultural; (2) a província de Santa Fe, onde teve lugar um rápido processo de deculturização e abandono do idioma vernáculo. Possivelmente a menor pressão da sociedade crioula numa província como Chaco, com altas percentagens de população aborígine, majoritariamente Toba, contribui para a preservação da identidade e traços culturais como a língua. Além disso, a existência de organizações religiosas e étnicas exclusivamente indígenas é de antiga data no Chaco, ao passo que em Santa Fe apenas na última década está se iniciando a organização dos povos indígenas. Cabe mencionar aqui o papel que o idioma nativo, apesar da sua baixa vitalidade de uso, tem nas reivindicações dos mocovis santafecinos: uma das prioridades assinaladas pelos dirigentes é a recuperação da língua, especialmente via projetos de educação bilíngüe. Isto parece confirmar o poder simbólico da linguagem como indicador de identidade étnica.

1.2.3. Estudos prévios

As línguas indígenas argentinas, em geral, tem recebido pouca atenção dos pesquisadores. Dentre as línguas da família Guaicuru, sem dúvida o Mocovi é a que menos estudos apresenta. Em Klein (1985) menciona-se que, embora a língua mantenha

sua vitalidade de uso, são escassos os estudos sobre ela. A carência de pesquisas antropológicas sobre os mocovis é, também, salientada por Tomasini (1987). A seguir, apresenta-se uma resenha bibliográfica dos principais trabalhos sobre a língua Mocovi. Como se observará, trata-se de descrições de antiga data ou artigos breves com informação fragmentária.

A obra original e mais completa que existe sobre o Mocovi é a gramática do Pe. Tavolini, datada em 1856 e publicada no final do século passado em dois números da Revista do Museu de La Plata (Tavolini, 1890/91). Este trabalho possui as características das "Artes" sobre línguas indígenas escritas pelos religiosos desde a conquista, explicitando no subtítulo a intenção e conteúdo da obra:

"Reglas para aprender á hablar la lengua moscovítica. Que usan mucha parte de los indios del Chaco, por el Norte de Santa-Fé. Se apunta despues una buena cantidad de los términos, que ellos usan, particularmente los que mas necesita, que sepan los que quieren instruirlos en la religión católica."

Nesta obra, apresentam-se aspectos da gramática da língua, geralmente sob a forma de paradigmas e com base nas categorias dos modelos latinos de descrição, incluindo também um vocabulário básico e sentenças breves.

Com base na obra de Tavolini, e dados espalhados em outras fontes, o pesquisador de línguas indígenas argentinas Samuel Lafone Quevedo publica vários artigos sobre gramática (1890/91/92, 1893), gramática comparativa (1893) e um vocabulário bilíngüe (1893). Posteriormente, o Pe. Ducci (1911) publica um breve artigo sobre os pronomes em Toba e Mocovi.

Já na década dos 40, aparecem os trabalhos de Wernicke e Zapata Gollan. O artigo de Wernicke (1947) baseia-se na obra do Pe. Paucke e apresenta um vocabulário bilíngüe espanhol-mocovi-espanhol. Zapata Gollan publica três vocabulários bilíngües, com dados coletados pessoalmente junto aos mocovis de San Javier (Santa Fe), sobre zoonímia e fitonímia (1945), termos relacionados ao campo eqüestre (1947) e ao corpo humano (1948).

O primeiro trabalho lingüístico "strictu sensu", e aliás o único até os nossos, deve-se a Bucca (1981) que, num breve artigo, apresenta um conjunto de dados coletados na

comunidade mocovi de Colonia Dolores (Santa Fe), analisados com base na lingüística descritiva estruturalista.

Nos últimos anos, o missionário menonita Buckwalter, que havia publicado no início da década dos 80 uma gramática e vocabulário da língua toba, publicou uma apostila com aspectos gramaticais (basicamente paradigmas) do Mocovi (1985) e um vocabulário bilíngüe mocovi-espanhol-mocovi (1994).

Além dos meus próprios trabalhos, recentemente duas publicações apresentam dados lingüísticos do Mocovi. Em Ceria e Sandalo (1995) apresenta-se uma reconstrução histórico-comparativa do Proto-Guaicuru, registrando dados coletados pela primeira autora na comunidade mocovi de El Pastoril (Chaco). Em Martínez Croveto (1996), publicam-se os arquivos deste pesquisador sobre etno-zoologia indígena, incluindo dados do Mocovi de Santa Fe.

Na qualidade de fontes para a pesquisa lingüística, pode ser mencionado um pequeno número de textos em língua mocovi. Assim, por exemplo, uma tradução do Novo Testamento e várias apostilas de conteúdo religioso, publicadas pela Sociedade Bíblica Argentina, e dois contos breves, em versão bilíngüe, publicados pelo Centro de Investigación y Formación para la Modalidad Aborigen.

2. A Tese

2.1. Metodologia

2.1.1. A pesquisa de campo

Os dados base deste trabalho foram coletados pessoalmente junto a falantes nativos da língua em várias pesquisas de campo ² entre 1989 e 1996, fundamentalmente na comunidade mocovi Colonia El Pastoril. A comunidade El Pastoril é um assentamento rural de 200 has. , localizado na Colonia Juan José Paso, departamento de Mayor L.J. Fontana, província de Chaco (Argentina), distante 7 km. da cidade de Villa Angela. Nele

² A maioria destas pesquisas de campo teve financiamento do Conicet (Consejo Nacional de Ciencia y Tecnología-Argentina).

habitam aproximadamente 700 pessoas da etnia Mocovi. Do ponto de vista lingüístico, a totalidade dos habitantes é bilíngüe mocovi-espanhol, com diferentes graus de competência em ambas línguas. Na comunidade há uma escola de primeiro grau que faz parte do programa de educação bilíngüe-intercultural desenvolvido pelo Conselho Estadual de Educação, onde lecionam quatro “auxiliares docentes” (monitores) formados no Centro de Investigación y Formación para la Modalidad Aborigen situado na cidade de Presidente Sáenz Peña (Chaco).

Entre os anos de 1989 e 1991 foram realizadas três pesquisas de campo direcionadas para a coleta de dados lingüísticos em El Pastoril, uma breve visita à comunidade mocovi do bairro Recreo (Santa Fe) e uma viagem pelas comunidades mocovis chaquenhas de La Tigra, San Bernardo, Colonia Aborigen (Quitilipi), bairro Isla Soledad e Lote 8 (Pres. Sáenz Peña), Villa Berthet e El Pastoril, visando coletar informação sociolingüística. Posteriormente, em 1994 e 1996, foram testadas hipóteses e coletados dados complementares em duas breves estadas em El Pastoril. Cada estada no campo foi breve, no máximo um mês, em razão das dificuldades principalmente financeiras para desenvolver as mesmas. Ao total, completou-se um período de aproximadamente 4 meses de trabalho de campo.

A pesquisa lingüística de campo foi desenvolvida principalmente com os seguintes falantes de Mocovi: Estanislao Joaquín, Juan Nicolás, Roberto Ruiz, Luisa Salteño e Valentín Salteño. Circunstancialmente, coletaram-se dados com outros falantes. Todos eles são bilíngües mocovi-espanhol, nativos da comunidade de El Pastoril e de diferentes faixas etárias.

Nos trabalhos de campo iniciais, coletou-se material lingüístico direcionado para o estudo fonológico e morfológico na forma de questionários contendo listas de palavras, paradigmas e frases breves, assim como textos orais espontâneos. Posteriormente, foram sendo testadas as primeiras hipóteses sobre a língua, transcritos e analisados (parcialmente) os textos e ampliado o corpus lingüístico. O material foi registrado em transcrição fonética direta e em gravações magnetofônicas.

As obras metodológicas de referência para a pesquisa de campo incluíram os seguintes textos: Bouquiaux e Thomas (1976), Comrie e Smith (1977) e Kibrik (1977).

2.1.2. A análise

A análise dos dados partiu de uma perspectiva taxonômica tentando-se a identificação de fonemas e sua alofonia, dos morfemas e as categorias gramaticais marcadas morfologicamente, assim como aspectos relacionados com alomorfia. Inicialmente, partindo da forma chegou-se a hipóteses sobre a função dos formativos identificados. Logo após, com base nas observações empíricas e as leituras teóricas feitas, começou-se a organização, análise e interpretação dos dados partindo das funções.

2.2. Objetivos

O objetivo desta tese é apresentar uma descrição lingüística do Mocovi, língua da família Guaicurú falada no Chaco argentino. Especificamente, pretende-se apresentar um esboço descritivo da fonologia, morfologia e sintaxe visando preencher o vazio existente de trabalhos sobre esta língua. Em face a tais objetivos, a presente tese não pretende: (a) defender uma perspectiva teórica específica; (b) estudar um componente específico. Apesar disso, alguns aspectos da língua receberam especial atenção pela relevância que os mesmos têm, seja para as colocações das teorias, seja para a lingüística Guaicurú.

2.3. Justificativa

O estudo das línguas indígenas sul-americanas, assim como de qualquer língua, é da maior importância para as teorias lingüísticas. Estas dependem necessariamente de descrições adequadas das línguas particulares a partir das quais é possível abstrair e/ou verificar propriedades comuns que levem à descoberta e/ou confirmação de universais lingüísticos e princípios da Gramática Universal. A documentação e descrição das línguas ainda não estudadas fica, portanto, evidente para o avanço da ciência lingüística.

Como ficou colocado em 1.2.3., o Mocovi não tem sido objeto de descrição lingüística sistemática, diferentemente das outras línguas da família Guaicurú. Perante essa carência, esta tese pretende também aportar dados indispensáveis para os estudos de

cunho comparativo que permitam chegar a hipóteses mais consistentes sobre as relações genéticas internas e externas à família Guaicuru, assim como sobre o desenvolvimento histórico dessas línguas.

Além da importância científica, o estudo das línguas sul-americanas tem grande relevância socio-política já que pode contribuir para a solução de problemas dos povos falantes delas. No caso dos Mocovi, a língua é uma marca importante de identidade étnica e a revitalização lingüística uma das reivindicações levantadas pelos falantes em suas propostas de organização. O valor simbólico da língua está ligado com a instalação de programas educativos que contemplem o uso e estudo de língua e cultura nativas no sistema de educação formal. Tal uso da língua nativa levanta algumas questões práticas, entre elas a necessidade de materiais educativos adequados. Uma descrição lingüística do Mocovi fornecerá subsídios de indubitável relevância prática para professores e alunos mocovis, permitindo colaborar com a solução de questões práticas dessa sociedade.

A estrutura e conteúdo desta tese pretendem, portanto, estabelecer a relação entre os objetivos acadêmicos e práticos. A profusão de dados, assim como a apresentação de hipóteses não totalmente desenvolvidas, têm como objetivo deixar em aberto futuras pesquisas de terceiros.

2.4. Organização da tese

Neste capítulo apresentou-se uma introdução contendo informações gerais sobre o povo e a língua Mocovi e sobre a pesquisa desenvolvida (metodologia, objetivos e justificativa).

O capítulo II contém a descrição da fonologia da língua e a interpretação dos principais fenômenos fonológicos com base em teorias Não-lineares.

No capítulo III apresenta-se um esboço da sintaxe da sentença: aspectos tipológicos (ordem dos constituintes e marcação de caso); tipos de sentenças segundo a natureza do predicado, a modalidade e a complexidade estrutural; negação; passivização.

No capítulo IV trata-se do sintagma nominal: estrutura e constituintes; elementos lexicais que fazem parte do sintagma nominal, processos de flexão e derivação e características morfossintáticas dos Nomes, Classificadores e conceitos “adjetivais”.

O capítulo V dedica-se ao sintagma verbal: constituintes; morfologia do Verbo e a classe das Partículas e Advérbios.

Inclui-se, também, bibliografia e apêndices contendo mapas de localização das comunidades.

Capítulo II

Fonologia

1. Esboço descritivo

Sendo o Mocovi uma língua que não foi descrita até o momento, acho pertinente apresentar um esboço descritivo da fonologia da língua, que será a base da discussão teórica na seção 2.

1.1. Os fonemas

Nos quadros seguintes, apresentam-se os fonemas consonânticos e vocálicos da língua.

Consoantes	<i>Ponto</i>	<i>labial</i>	<i>alveolar</i>	<i>palatal</i>	<i>velar</i>	<i>uvular</i>	<i>glotal</i>
	Modo	sd sn	sd sn	sd sn	sd sn	sd sn	
Obstruintes	Oclusivo	p	t d	c j	k g	q ɢ	ʔ
	Fricativo		s	s			h
Soantes	Tepe		r				
	Lateral		l	ʎ			
	Nasal	m	n	ɲ			
	Glides	w		y			

Vogais	Anterior		Central		Posterior	
	breve	longa	breve	longa	breve	longa
Alta	i	i:				
Média	e	e:			o	o:
Baixa			a	a:		

A seguir, apresenta-se um conjunto de pares mínimos constituídos a partir de segmentos suspeitos de serem alofones pelo critério de semelhança fonética, que sustentam minha proposta dos segmentos distintivos do Mocovi.¹ Visto que o acento não é distintivo e

¹ Acho relevante apresentar as correspondências existentes entre os fonemas postulados e o alfabeto mocovi utilizado na escrita da língua em razão do objetivo subsidiário de contribuir para o uso prático desta tese. Desse modo, tanto os próprios falantes quanto os agentes envolvidos em projetos de planificação e implementação educativa e pesquisadores de outras áreas poderão se servir das nossas análises com maior facilidade.

ocorre regularmente na última sílaba da palavra, será registrado apenas nas transcrições fonéticas e nos casos irregulares.

1.	<i>p / m</i>	lap	"a boca"	lam	"dinheiro"
		peʔ	"avô (vocativo)"	meʔ	"avó (vocativo)"
	<i>p / q</i>	lap	"a boca"	laq	"ele dorme"
	<i>t / l</i>	laʔat	"a carne"	laʔal	"a sombra"
	<i>t / n</i>	naʔit	"(ele) brinca"	naʔin	"peixe"
	<i>k / q</i>	kaʔ	"então, ai"	qaʔ	"pedra"
		-kom	"barriga"	qom	"pessoa, gente"
	<i>k / ʔ</i>	lakat	"a respiração"	laʔat	"a carne"
		natak	"ave (esp.)"	nataʔ	"(ele) se casa"
	<i>q / ʔ</i>	qam	"porém, mas"	ʔam	"enguia"
		laq	"(ele) dorme"	laʔ	oi! (cumprimento)"
	<i>ʔ / Ø</i>	laʔ	"oi!"	la	"semente"
		loʔlo	"a ponta"	lolo	"cascalho,pedra"

O alfabeto mocovi em uso, criado a partir de motivações religiosas, basicamente a tradução da Bíblia, tem uma base fonêmica, porém não totalmente, como se verá a seguir.

No seguinte quadro, organizado de modo semelhante aos quadros fonológicos para efeitos de estabelecer as correspondências, apresentam-se os grafemas do alfabeto:

Consoantes	<i>Ponto</i>	<i>labial</i>		<i>alveolar</i>		<i>palatal</i>		<i>velar</i>		<i>uvular</i>		<i>glotal</i>
	Modo	sd	sn	sd	sn	sd	sn	sd	sn	sd	sn	
Obstruintes	Oclusivo	<i>p</i>		<i>t</i>	<i>d</i>	<i>ch</i>	<i>y</i>	<i>c/qu</i>	<i>g/gu</i>	<i>q</i>	<i>x</i>	'
	Fricativo			<i>s</i>		<i>sh</i>						<i>j</i>
Soantes	Tepe			<i>r</i>								
	Lateral			<i>l</i>		<i>ll</i>						
	Nasal	<i>m</i>		<i>n</i>		<i>ñ</i>						
	Glides	<i>w/hu/v</i>				<i>y</i>						

Vogais	Anterior		Central		Posterior	
	breve	longa	breve	longa	breve	longa
Alta	<i>i</i>	<i>ii</i>				
Média	<i>e</i>	<i>ee</i>			<i>o</i>	<i>oo</i>
Baixa			<i>a</i>	<i>aa</i>		

Como pode ser observado, o alfabeto adota em grande medida os grafemas do espanhol, inclusive certas incongruências sincrônicas desse alfabeto. Assim, as velares apresentam diferentes grafemas segundo a classe das vogais seguintes: <c> e <g> se seguidas por <a> ou <o>, mas <qu> e <gu> se seguidas por <i> ou <e>. No caso do glide labial, além do uso de <hu>, como no espanhol, em inicial de palavra, o alfabeto afasta-se da fonêmica incluindo <v>, alofone ante vogais anteriores. As vogais longas são grafadas como <VV>. Além dos sons da língua, inclui-se também o grafema <h> correspondendo a hiato entre vogais que, de outro modo, formariam ditongos.

	peʔ	"avô (vocat.)"	pe	"noite"
	kaʔ	"então, ai"	ka	(classificador)
<i>m / n</i>	maʔle	"quando, então(fut)"	naʔle	"quando, então (pass)"
	čim	"amargo, picante"	čin	"ave (esp.)"
	ʔom	"apaga-se"	ʔon	"(ele) se casa"
<i>n / l</i>	naʔle	(advérbio pass.)	laʔle	"a saliva"
	nagi	"hoje"	lagi	"quando?"
<i>n / d</i>	na	(classificador)	da	(classificador)
<i>ñ / ĵ</i>	ñi	(classificador)	ĵi	(classificador)
<i>i / e</i>	norik	" <i>quebracho blanco</i> " ²	norek	"fogo"
<i>e / a</i>	le	"espinho (de planta)"	la	"semente"
	pele	"veado"	pela	"carrapato"
	lawe	"o cabelo, o pêlo"	lawa	"a asa"
<i>e / o</i>	se	"não"	so	(classificador)
	le	"espinho"	lo	"cinza"
	nešite	"brinco"	nošite	"chaguar" (planta, esp.)
<i>a / o</i>	la	"semente, fruto"	lo	"cinzas"
	laq	"(ele) dorme"	loq	"a comida"
	ʔam	"enguia"	ʔom	"apaga-se"
	qam	"mas, porém"	qom	"pessoa, gente"
	lasoq	"a mandíbula"	losoq	"tijolo"
<i>a / a:</i>	yalek	"homem"	ya:lek	"filho"
<i>o / o:</i>	ʔom	"apaga-se"	ʔo:m	"frio"

A oposição entre alveolares e palatais atesta-se em 1.3.1. (exs. 27 e 34). Cabe mencionar que não foram registrados pares mínimos desta oposição em monomorfemas, mas apenas em casos que envolvem derivação morfológica (cf., por exemplo, a marcação de primeira pessoa vs. terceira pessoa de Posse Alienável e Média)

1.2. Alofonia

Nesse ponto, apresentam-se aspectos da alofonia, entendendo por tal as formas fonéticas superficiais não distintivas mas predizíveis pelo contexto e que não são produto de neutralização de oposições que, como se verá logo, são freqüentes na língua. Dessa alofonia, alguns casos têm relevância fonológica ao passo que outros fazem parte do nível da implementação fonética.

² As glossas em itálicas indicam itens lexicais em espanhol, para os quais não foi possível encontrar um equivalente em português.

Levando em conta, quando possível, classes de segmentos, apresento a seguir a alofonia da língua em termos taxonômicos, que será retomada posteriormente na discussão teórica.³

(1) As oclusivas surdas / p /, / t /, / k / e / q / têm alofones aspirados [p^h], [t^h], [k^h] e [q^h], respetivamente, quando em final absoluto de palavra.

1. a.	[láp ^h]	“a boca”
b.	[lakíp ^h]	“a sede”
c.	[l:qaʔit ^h]	“o rabo”
d.	[rasót ^h]	“(ele) dança”
e.	[tók ^h]	“vermelho”
f.	[majík ^h]	“avestruz, ema”
g.	[lák ^h]	“ele dorme”
h.	[tʃinaq ^h]	“formiga”

(2) As consoantes sonoras velar / g / e uvular / ɣ / apresentam variantes contínuas [ɣ] e [ɣ̃], com ou sem fricção, em contexto intervocálico e quando seguidas por consoante. Quando precedidas por consoante, realizam-se foneticamente como oclusivas.

2. a.	[nesoxé]	“peixe (esp.)”
b.	[piɣím]	“céu”
c.	[pexét]	“prato”
d.	[seɣtetá]	“está rasgado”
3. a.	[ʃiʔgé]	“já”
b.	[loʔgiʃí]	“abóbora”
4. a.	[noʔo:maɣá]	“o frio”
b.	[pjoxá]	“cadela”
5. a.	[laʔɣaɣá]	“freio (do cavalo)”
b.	[qoʔɣójk]	“velho”

Quando precedidas por glotal em sílaba inicial, há alternância fonética entre pre-glotalizadas e pre-nasalizadas:

6. a.	[ʔgijí]	~	[ⁿ gijí]	“sul”
b.	[ʔɣójk ^h]	~	[ⁿ ɣójk ^h]	“muito”
c.	[ʔɣajá]	~	[ⁿ ɣajá]	“ele (o) ouve”

³ Na transcrição fonética dos exemplos uso o Alfabeto Fonético Internacional (IPA).

(3) A alveopalatal sonora / ʝ / realiza-se foneticamente como [ʒ] fricativa quando em posição intervocálica. Em alguns falantes, também em inicial absoluto ocorre o alofone fricativo, em alternância com [dʒ] africado:

7. a. [pɪʒiʔloʋoloʋó] “rã”
 b. [kiʒím] (partícula)
8. a. [dʒi] ~ [ʒi] (Classificador)
 b. [dʒaʒ] ~ [ʒaʒ] “rápido, veloz”

Quando precedida por consoante, articula-se como africada:

9. a. [qomdʒipí] “pessoas (pl)”
 b. [loʔdʒaʋaná] “bonita, bela”

(4) O tepe articula-se, facultativamente, como vibrante [r] quando em posição inicial de palavra. Tal variação pode ser considerada como uma interferência do espanhol que, nessa posição, tem apenas róticas vibrantes.

10. a. [roqoró] ~ [roqoró] “*carau* (ave, esp.)”
 b. [raʎím] ~ [raʎím] “pato (esp.)”
 c. [rena:tʃíʔ] ~ [rena:tʃíʔ] “a tua unha”

(5) A nasal alveolar / n / apresenta alofones velar [ŋ] e uvular [N] quando seguida por consoantes nesses pontos.

11. a. [naʔdaʋaŋqaté] “garfo”
 b. [ne:Nqaʃaʋawá] “xará”
 c. [ŋ:kelá] “orelha”
 d. [βe:taŋgí] “está dentro”

(6) As soantes / l /, / r / e / n / e as obstruintes / ʝ / e / s / podem ocupar posição inicial absoluta seguidas por consoante. Nesses casos, articulam-se com maior duração:

12. a. [ʒ:qopátʰ] “estou com fome”
 b. [s:piʔtʃíʋí] “eu sopro”
 c. [l:qajá] “o seu irmão”

- d. [r:qajaéʔ] “o teu irmão”
 e. [N:qoté] “o seu olho”

(7) O glide labial / w / quando seguido por vogal anterior apresenta alofones consonânticos contínuos bilabial [β] e , especificamente em posição inicial absoluta, labiodental [v] se seguido por [i]:

13. a. [naβék^h] “(ele) puxa”
 b. [laβiɲí] “o meio”
 c. [koβiɲiɲík^h] “pomba (esp.)”
14. a. [virsé] “estrela da tarde”
 b. [viraɲí] “você cai esbarrando”

(8) A vogal média anterior / e / apresenta um alofone alto aberto [ɪ] nos seguintes contextos:

a. Quando em sílaba fechada por velar:

15. a. [norík^h] “fogo”
 b. [neβík^h] “selvagem, arisco”
 c. [naʔtík^h] “bosta, excremento”

b. Em variação com [i] quando é produto dos processos de epêntese de / e / e harmonia vocálica desencadeada por [i] (cf. seção 2, *Harmonia vocálica*)

16. a. [limík] ~ [limík] “o nariz dele”
 b. [nipjæʔ] ~ [nipjæʔ] “pé”
 c. [siʔjaván] ~ [siʔjaván] “eu cavo”

(9) Quando tautossilábicas com uvulares, as vogais / a / e / o / apresentam alofones posteriores baixos [ɑ] não arredondado e [ɔ] arredondado, respectivamente. Note-se nos exemplos (17.c) e (18.a) que o abaixamento articulatorio não opera quando a vogal fica em contato com palatais ou velares.

17. a. [laqáʔ] “o queixo”
 b. [qaʔaláq^h] “guará”
 c. [nepovojaβá] “suor”

- | | | |
|--------|----------|----------|
| 18. a. | [qɔʔɔój] | “velha” |
| b. | [losóqʰ] | “tijolo” |
| c. | [ʔɔɔráj] | “pobre” |

(10) A vogal central / a / realiza-se como anterior baixa [æ] quando em contato com glide palatal.

- | | | |
|--------|------------|---------|
| 19. a. | [nɪpjæʔ] | “pé” |
| b. | [kelæjólé] | “lebre” |

(11) A vogal posterior arredondada / o / tem um alofone [u] alto aberto quando adjacente a consoantes palatais, velares e/ou labial.

- | | | |
|--------|--------------|----------------------|
| 20. a. | [mukʰ] | “zorzal (ave, esp.)” |
| b. | [naβɔɾlená] | “carruagem” |
| c. | [kɔtʃɔʔkíʔ] | “pequeno” |
| d. | [kɔjɔɾlatéʔ] | “chinelos” |

1.3. Restrições seqüenciais, morfofonêmica e neutralizações

As seguintes restrições fonotáticas, que operam na língua como condições de estrutura morfofonêmica desencadeando certos processos fonológicos, serão retomadas a posteriori, na discussão das neutralizações e processos em geral:

1. * [ti] , * [di]
2. * [e (C) i]
3. * [uvular+vogal anterior]
4. * [alveolar-alveolar]
5. * obstruintes sonoras em final absoluto
6. * velar/uvular sonoras em inicial absoluto

A existência de um grande número de neutralizações, condicionadas pelas estruturas silábica e/ou morfológica, é uma característica da língua. A seguir apresento uma descrição dos problemas de morfofonêmica e neutralização de oposições encontrados,

que serão retomados sob a perspectiva das teorias fonológicas Não-lineares na seção 2. desde capítulo.

1.3.1. As palatais

Os segmentos (alveo)palatais do Mocovi neutralizam-se com os alveolares em contexto de vogal alta. Seguindo a afirmação de Ladefoged (1971:40) sobre a irrelevância fonológica da distinção entre alveopalatal e palatal, considerarei os segmentos nesses pontos de articulação como fazendo parte da classe natural das “palatais”, sem levar em consideração o detalhe articulatorio visto que não é pertinente para a discussão dos fenômenos da língua.

Como foi mencionado, na variedade chaquenha de Mocovi não há seqüências *[ti] nem *[di]. Na variedade Sul ⁴, essas seqüências existem e correspondem diretamente a [tʃi] e [dʒi] na variedade Norte.

	<i>A. Norte</i>	<i>B. Sul</i>	
21.a.	čirit	tirit	“coruja”
b.	qalači	qalati	“cebola”
c.	ǰi	di	(Classificador)
d.	naʒjik	naʔdik	“caminho, estrada”

Considerando processos desencadeados por afixação, encontramos a mesma correspondência entre ambas as variedades. Nos seguintes exemplos, a afixação de um morfema contendo [i] desencadeia a palatalização das alveolares na variedade chaquenha, contrariamente ao que acontece no mocovi do Sul:

⁴ Os dados da variedade Sul foram colhidos pessoalmente no bairro comunal de Recreo (província de Santa Fe), em 1991, junto a falantes nativos de mocovi migrantes de comunidades rurais situadas no norte da província.

	<i>A. Norte</i>	<i>B. Sul</i>	
22.a.	lenat		“a sua unha”
b.	renači?	renati?	“a tua unha”
c.	rasot		“ele dança”
d.	rasoči?	rasoti?	“você dança”

Contudo, tanto no sul quanto no norte, há também ocorrências de alveopalatais africadas⁵ em contexto de vogais não altas:

23. a.	čo?	“ <i>alguacil</i> (inseto, esp.)”
b.	čalo	“muitos”
c.	kočo?ki?	“pequeno”
d.	loĵak	“beleza”
e.	laĵoragay	“tamandua”

Bucca (1981), com base em dados colhidos em 1979 no norte da província de Santa Fe, registra tais palavras como seqüências fonéticas de palatal-glide-vogal:

24.a.	[tʃjalo]	“muitos”
b.	[kutʃju?ki?]	“pequeno”
c.	[lodʒjak]	“bonito”

Os empréstimos do espanhol que contêm seqüências fonéticas [tja] e [dja] mostram a reformulação fonológica que opera no Mocovi, re-estruturando tais seqüências como segmentos palatais:

25.a.	[santʃagi]	←	[santjaxeño]	“santiaguenho”
b.	[médʒa]	←	[médja]	“média”
c.	[madʒóka]	←	[mandjóka]	“mandioca”

O exemplo de derivação morfológica em (26) evidencia que a alveopalatal em contexto de vogal baixa é produto de coalescência com [i]:

26.a.	ʔo:či	“mato”
b.	loʔo:čaga	“o matagal”

⁵ Segundo Ladefoged (op.cit.:41) as oclusivas palatais tendem a se articular como africadas (com distensão fricativa) em razão das dificuldades mecânicas próprias da retração instantânea de articulações em uma área extensa como é o palato.

A hipótese que levanto, com base nesses dados, diz respeito à fonologização, no Mocovi do Chaco, de segmentos palatais africados, resultante de um processo de palatalização de alveolares quando seguidas por [i]. O glide palatal é absorvido pela consoante, produzindo-se assim seqüências de palatais seguidas por vogais /a/ e /o/. Do ponto de vista dos pressupostos da fonêmica, assumo a existência, no inventário fonológico da língua, de fonemas oclusivos africados alveopalatais em face à oposição com as alveolares em contexto de vogais não altas, como se observa nos seguintes dados:

27.a.	taqaq	“chajá (ave, esp.)”	čaqái	“e (conj.)”
b.	ta:ñi	“começa”	ča:ñi	“vidro”
c.	tok	“vermelho”	čo?	“alguacil (inseto, esp.)”
d.	tapiñik	“tatu (esp.)”	čawik	“palmeira (esp.)”
e.	dagaraq	“peru”	ǰaq	“rápido”

Por conseguinte, a oposição alveolar/alveopalatal neutraliza-se quando o segmento fica em contexto de uma vogal alta, contexto em que opera um processo de assimilação dos traços vocálicos na consoante.

Na classe das oclusivas a neutralização é categórica. Já no caso da contínua e das soantes, os fatos são mais complexos pois há ocorrências de alveolares seguidas por [i], assim como de palatais seguidas por vogais não altas⁶.

Assumo que as palatais precedendo [i], são também derivadas por um processo de palatalização desencadeado pela vogal:

28.a.	širit	“planta (esp.)”
b.	širaigo	“lua”
c.	nošite	“chaguar (planta, esp.)”
d.	ñilo	“verme”
e.	ñik	“corda”
f.	loñi	“gelo, gelada”
g.	šik	“verdade”
h.	našin	“peixe”

⁶ Na variedade Sul segue-se o padrão mencionado para as oclusivas: alveolares diante de [i] e palatais apenas no contexto de vogais não altas. Porém, há variação no caso da fricativa quando em posição interna de palavra:

- | | | |
|-----|-----------------------|---------------|
| i. | [laʃik] ~ [lasik] | “a cara dele” |
| ii. | [iʃiripi] ~ [isiripí] | “cavalos” |

i. ʌi:ʌi “pato *siriri*”

Em processos de afixação, as alveolares também se manifestam como palatais quando seguidas por [i]:

- | | | |
|--------|------------|----------------|
| 29. a. | kos | “porco” |
| b. | koši? | “dois porcos” |
| 30. a. | pokenal | “duas mãos” |
| b. | pokenaʌipi | “muitas mãos” |
| c. | nesal | “ele vomita” |
| d. | resaʌi? | “você vomita” |
| 31. a. | rewaragan | “ele costura” |
| b. | waragañi? | “você costura” |
| c. | sowagan | “eu bato” |
| d. | sowagañigi | “eu lenho” |

Os empréstimos do espanhol mostram a palatalização de / s / quando seguido por [i]:

- | | | | | |
|-------|-------------|---|-------------|-------------|
| 32.a. | [iʃiɾóro] | ← | [isiðóro] | “Isidoro” |
| | [biʃikléta] | ← | [bisikléta] | “bicicleta” |

Até aqui, os exemplos evidenciam a existência de um processo de Palatalização de alveolares condicionado por uma vogal alta anterior.

Contudo, a existência de seqüências fonéticas de alveolares e vogais altas atesta-se nos seguintes exemplos, em que há a alternância fonética [i]~[ɪ] já mencionada na seção sobre alofonia:

- | | | | | | |
|-------|---------|-----------|---|------------|----------------|
| 33.a. | siʎagan | [siʎaβán] | ~ | [siʎʝaβán] | “eu cavo” |
| b. | sičaɣ | [sitʃaɣ] | | | “eu corto” |
| c. | ničaɣ | [nitʃaɣ] | | | “ele corta-se” |
| d. | nimik | [nimík] | ~ | [nimíʎk] | “nariz” |
| e. | limik | [limík] | ~ | [limíʎk] | “o seu nariz” |
| f. | liči | [litʃi] | | | “a sua perna” |

Em todos estes casos o segmento alveolar é um morfema prefixado a raízes que contêm uma vogal alta ou uma consoante palatal. A hipótese que desenvolverei na seção 2 diz respeito à interrelação existente entre o fato de alveolares ocorrerem em contexto de [i] e os processos de epêntese vocálica (condicionada pela estrutura silábica) e harmonia vocálica . A alternância fonética [i] ~ [ɪ] é produto de um processo alofônico, não neutralizante, que envolve o alçamento articulatorio de uma vogal / e / epentética.

Há ainda palatais seguidas pelas vogais / a / e / o /, contexto que determina o estatuto fonêmico desses segmentos e, por conseguinte, a existência de neutralização condicionada pelo contexto fonológico. Nos seguintes exemplos, atesta-se a oposição alveolar/palatal:

34.a	magaso	“calça”	wašo	“potro jovem”
b.	nala:ki	“rede”	naʎak	“ombro”
c.	činaq	“formiga”	piñái	“gafanhoto”

A hipótese mencionada para a derivação de alveopalatais em contexto de vogais não altas, a partir de coalescência da alveolar com os segmentos condicionantes de palatalização evidencia-se nos seguintes exemplos de derivações morfológicas:

35.a.	qoñogoyk qoni-ogoik	“baio (pelagem de cavalo)”
b.	ʎa:lek l-ya:lek	“o seu filho”
c.	ñogoki n-yogoki	“cesta”
d.	ʎogoki l-yogoki	“a sua cesta”

Observe-se, também, o contraste entre as formas de 1ª pessoa / n -/ e 3ª pessoa /n-/. Na minha análise das marcas de pessoa (cf. *Marcação pronominal*) proponho interpretar a 1ª pessoa Posse/Média como a coalescência [in] → [n].

36.a.	ñoqote in-qote	“o meu olho”	noqote n-qote	“o olho dele/ela”
b.	ñatoq in-atoq	“eu cuspo”	natoq n-atoq	“ele/ela cuspe”
c.	ñikiyo in-kiyo	“eu me lavo”	nikiyo n-kiyo	“ele/ela lava-se”

Resumindo o exposto sobre as palatais:

(1) Segmentos (alveo)palatais têm estatuto fonêmico, opondo-se a segmentos alveolares em contexto de vogais não altas.

(2) Existe neutralização entre ambos os pontos de articulação quando seguidos por [i]. Nesse contexto a vogal desencadeia um processo assimilatório no nível morfofonêmico que opera na variedade Mocovi Norte, mas não na Sul. Nesse aspecto fonológico o Mocovi chaquenho é inovador, possivelmente pelo estreito contato em uma mesma área geográfica e socioeconômica com a língua toba, onde a palatalização é um traço fonológico que opera em forma semelhante.⁷

1.3.2. As vogais anteriores

Como foi mencionado, não há seqüências de sílabas em que o núcleo da primeira seja vogal anterior média e o da seguinte anterior alta. Quando processos morfológicos criam tais seqüências existe neutralização de altura, como se atesta nos exemplos seguintes:

37.a.	letese	“a sua sobrinha”
b.	ričišii? r-tese-i?	“a tua sobrinha”

⁷ A variedade Sul apresenta similitudes com o Mocovi descrito, em meados do século passado, pelo Pe. Tavolini, em que não se observam mudanças fonológicas devidas à palatalização das alveolares: no Mocovi do século XIX registram-se (alveo)palatais em contato com vogais não anteriores e apenas /s/ em contexto de [i]. Contudo, Lafone Quevedo (1893), no seu vocabulário mocovi-espanhol baseado nos trabalhos de Tavolini, faz as seguintes observações:

“Ch es una letra bastante curiosa en América porque parece que es mudanza casual de t̄ y no de c̄. En Abipon es regla que la t̄ se vuelva ch̄ al herir la i. En Mocoví á veces se encuentra t̄ y otras ch̄, pero más bien se inclina á este otro recurso ct̄.” (p.176)

“La combinación de N con i produce muchas veces el ñiñeo de la N, ó sea la letra Ñ.” (p.191)

c.	nawek	“ele puxa”
d.	nawiki? n-awek-i?	“você puxa”
e.	yale	“homem”
f.	yaʎiripi yale-ripi	“homens (pl.)”
g.	lawelese?	“as tripas”
h.	rawiʎišiči? r-awelese-d-i?	“as tuas tripas”

Esses exemplos evidenciam a existência de um processo pelo qual / e / → / i / quando na sílaba seguinte o núcleo é / i /. Assumo que trata-se de um processo de harmonia vocálica que produz contexto para a palatalização das alveolares. Tal processo é categórico sempre que o segmento desencadeante faz parte de um sufixo e as vogais médias de uma raiz. Mas note-se nos seguintes exemplos a opcionalidade quando a vogal tem estatuto epentético (cf. *Epêntese* na seção 2.), caso em que há alternância fonética [e] – [ɪ] – [i] e, além do mais, não é “input” para a palatalização das alveolares.

38.a.	[nemik ~ nɪmɪk ~ nimik]	“nariz”
b.	[nepja? ~ nɪpja? ~ nɪpja?]	“pé”
c.	[nepjateripi ~ nepjatɪripi]	“pés (pl)”

No ex. (c) a vogal [e] é inserida entre a raiz e o sufixo por exigências de estrutura silábica, não sendo atingida pela harmonia vocálica e, portanto, também não condicionando palatalização da alveolar.

1.3.3. A alveolar sonora

A alveolar sonora / d / neutraliza-se, em diferentes contextos fonológicos e morfológicos, com a alveolar surda / t /, a tepe / r / e a laríngea oclusiva / ʔ /, e com a palatal sonora / j / quando seguida por [i]. (Cf. *Palatalização*)

De início analisarei a neutralização existente entre alveolar oclusiva sonora, tepe e laríngea oclusiva. A seguir apresentam-se exemplos que atestam a oposição existente entre esses segmentos na posição inicial absoluta:

39.a.	damek	“garça”	raʕim	“pato (esp.)”	ʔam	“enguia”
b.	delek	“ilha”	redagak	“tartaruga”	ʔe:leʔ	“louro”
c.	doʔo	“chapéu”	roqoro	“carau (ave. esp.)”	ʔom	“apaga-se”

Embora /d/ e /r/ se oponham em início absoluto (oclusiva em interior de palavras monomorfêmicas é infreqüente), há evidências da existência de complementariedade entre ambos os segmentos em outros contextos fonológicos⁸. Nos seguintes exemplos, a marca de Tema (cf. *Morfologia verbal*) apresenta dois alomorfes: a forma regular com a grande maioria dos verbos é /r-/, sendo que apenas com os dois verbos indicados em (40.a) e (40.b) foi registrada a forma com oclusiva:

40.a	deragan	“ele/ela escreve”
b.	danagan	“ele/ela semeia”
c.	rewaragan	“ele/ela costura”
d.	raqatagan	“ele/ela colhe”
e.	riʔyagan	“ele/ela cava”

⁸ A relação fonológica existente entre /d/ e /r/ em Mocoví pode ser apoiada, também, por evidências “externas” como a reformulação de empréstimos, os dados históricos e a comparação com línguas aparentadas.

Nos seguintes exemplos, a obstruinte coronal vozeada do espanhol (língua que apresenta alofones contínuos na posição intervocálica) é reformulada nos empréstimos como tepe em Mocoví:

i.	[koɲara]	<	[kuɲáða]	“cunhada”
ii.	[iʃiróro]	<	[isiðóro]	“Isidoro”
iii.	[móro]	<	[múðo]	“mudo”

Nas fontes do Mocoví dos séculos XVIII e XIX as observações dos autores levam a considerar a inexistência de oposição entre tais segmentos. Assim, o P. Paucke (1942:177) menciona que “[...] En todo su idioma no tienen ninguna *f* ni *r*.”, apontando que em certos contextos (como queda vocálica) uma < d > “[...] ha de sonar sólo en forma como si hubiera en ellos una *r* aunque esa no existe como indica la voz escrita.” (p.178). Já Lafone Quevedo (1893:176) escreve: “La D es una de las letras más curiosas del habla Mocoví: representa la R suave del Abipon, y probablemente esa R suave de los quichuas que los españoles oían como L ex.gr. Lima por Rimac [...] Es una D língu palatal. Llamar á la D una letra dental es tomar lo accidental como causa de origen. La D es siempre lingual pero puede ser língu labial, língu dental ó língu palatal [...]”. Da comparação com línguas geneticamente aparentadas nota-se que nessas línguas (Toba, Pilagá, Kadiwéu) [d] e [r] acham-se em distribuição complementar, seja no interior de uma variedade ou entre variedades (cf. p.ex. Manelis Klein, 1981; Braggio, 1981; Messineo, 1992; Sandalo, 1995). As reconstruções histórico-comparativas do Proto-Guaicuru (Viegas, 1993; Ceria e Sandalo, 1995) reconhecem apenas um proto-segmento oclusivo */d/ como origem das atuais oclusiva vozeada e tepe nas línguas da família.

Além disso, observa-se entre ambos os segmentos complementariedade fonologicamente condicionada, como nos exemplos seguintes onde a oclusiva ocorre quando precedida por consoante, e o tepe, em posição intervocálica. Em (41) o contexto é produto de um processo de metátese (optativo na 2ª pessoa), ao passo que em (42) o plural apresenta duas formas: [dʒipi], quando precedida por consoante soante, e [ripi], em contexto intervocálico:

- | | | | |
|-------|------------|-------------|-------------------|
| 41. | nogoñirek | ~ nogoindek | “você sai; saia!” |
| 42.a. | lawaripi | | “as asas” |
| b. | lenačiripi | | “as unhas” |
| c. | yačiripi | | “homens” |
| d. | qomǰipi | | “pessoas” |
| e. | rakomǰipi | | “barrigas” |
| f. | napalǰipi | | “cemitério” |

Note-se que, como já foi mencionado, o tepe, à diferença das outras alveolares, não modifica sua articulação em contexto de [i]. A complementariedade existente nesses exemplos entre [d] e [r] diz respeito ao contexto fonológico: oclusiva ocorre quando precedida por soante, e o tepe, quando em posição intervocálica ou seguida por consoante. Nos exemplos seguintes, observa-se a realização da marca de Paucal em diferentes contextos fonológicos:

- | | | |
|-------|-------------|------------------|
| 43.a. | inogon-d-ek | “eles saem” |
| b. | nenan-ǰ-iñi | “eles deitam-se” |
| c. | yapo-r-gi | “eles fecham” |

Em todos os casos, o afixo de número ocupa a posição morfológica anterior a um sufixo Direcional e manifesta-se como oclusiva se precedido por consoante ([j] e a vogal seguinte for [i]), ou como tepe, se precedido por vogal. Contudo, na posição final absoluta de palavra, o Paucal realiza-se como laríngea oclusiva:

- | | | |
|-------|---------------|------------------|
| 44.a. | kiyo-ʔ | “eles lavam” |
| b. | piʔgilogol-eʔ | “eles molham-se” |

Visto que nem [d] nem [r] ocorrem em posição final absoluta, proponho que as alveolares sonoras neutralizam-se com a laríngea oclusiva em final absoluto. Tal neutralização pode ser atestada em outros casos em que operam processos morfológicos adjungindo sufixos a temas que terminam em [ʔ].

Exemplos:

45.a.	nowiʔ	“ele chega”
b.	ñowir-aq	“nós chegamos”
c.	nowir-i:	“vocês chegam”
46.a.	newaʔ	“ele costura”
b.	ñiwar-aq	“nós costuramos”
c.	newar-i:	“vocês costuram”
d.	rewar-agan	“ele costura (intr)”
e.	lewar-egsek	“costurado”
47.a.	napiʔ	“avô”
b.	napiiril	“avôs (poucos)”

Até aqui, apresentei dados que apontam para a existência de distribuição complementar entre [d], [r] e [ʔ]. Uma vez que tais segmentos opõem-se em outros contextos fonológicos, assumo o carácter neutralizante dos processos que dão conta dessas complementariedades.

Contudo os fatos são mais complexos porquanto atesta-se neutralização desses segmentos também com a coronal oclusiva surda / t /. Assim, com certos sufixos manifesta-se como [t]. Exemplos:

48.a.	nowiʔ	“ele chega”
b.	nowit-eʔ	“eles chegam”
c.	nowič-iʔ	“você chega”
49.a.	koñiʔ	“ele amarra”
b.	koñit-eʔ	“eles amarram”
c.	koñič-iʔ	“você amarra”
50.a.	laʔaʔ	“o seu lar”
b.	laʔat-eʔ	“o lar deles/os seus lares”
c.	raʔač-iʔ	“o teu lar”

51.a.	lapia?	“o pé dele”
b.	lapi:t-e?	“o pé deles/os pés dele”
c.	qapia:č-i?	“o teu pé”
d.	qapia:č-iri	“os pés de vocês”

Observe-se, nos seguintes exemplos, a existência de oposição entre /t/ e /ʔ/ em posição final absoluta, o que aponta para a existência de oposição nessa posição:

52.a.	laʔat	“a carne”	laʔa?	“o lar”
b.	pit	“inseto (esp.)”	napi?	“avô”

Se se assumir que a laríngea em final absoluto deriva da oclusiva vozeada, a neutralização nessa posição diz respeito à oposição quanto ao traço [voz]. Na seção 2. retomo esses fenômenos visando uma interpretação teórica que leve em conta tanto as condições segmentais quanto a estrutura silábica e morfológica.

1.3.4. A laríngea aspirada

A laríngea aspirada / h / tem baixa frequência de ocorrência nos dados, e os únicos casos em que a aspirada opõe-se claramente às outras consoantes são a partícula afirmativa ahaʔa “sim” e o sufixo demonstrativo / -ho / (por exemplo, em daho “esse, aí”). Na maioria dos casos, foi registrada em contextos de derivação morfológica em alternância com a alveolar surda / t /.

Exemplos:

53. a	naqah-šigim	“ele/ela (o) tira (para cima)”
b.	naqah-ñi	“ele/ela (o) pega (para baixo)”
c.	naqat-[a]G-[a]ñi	“nós (o) pegamos (para baixo)”
d.	naqat	“ele/ela tira”
54. a	yopilagač-ñi	“ele/ela (o) devolve (para baixo)”
b.	yopilagač- [i]gi	“ele/ela (o) devolve (dentro)”
c.	yopilagat	“ele/ela (o) devolve”
55. a	renoh-lek	“ele/ela monta”
b.	renoh-šigim	“ele/ela sobe a bordo”
c.	renot-ek	“ele/ela desmonta”

d. renot “ele/ela pula”

Como se observa nos exemplo anteriores, / h / ocorre quando seguida por um afixo Derecional-locativo começado por consoante coronal, ao passo que / t / aparece nos outros contextos: final absoluto ou seguido por afixos que contêm consoantes velar ou uvular.⁹

Note-se também a complementariedade nos seguintes dados em que a marca verbalizadora / -n / parece condicionar a ocorrência de / h / , ao passo que quando a raiz é seguida por sufixos com uvular, a consoante realiza-se / t / :

56. a	naʔmahan	“ele/ela mente”
b.	ʔma:t-qayk	“mentiroso”
c.	yaʔahan	“ele/ela olha”
d.	yač-[ya]gan	“ele/ela mostra (faz olhar)”

Já nos exemplos seguintes, as laríngicas oclusivas, que como foi dito alternam com / d / , também se realizam como / h / no mesmo contexto fonológico:

57. a	rañih-ta	“está duro”
b.	rañiʔ	“é duro”
c.	yowih-šigim	“ele/ela chega (em cima)”
d.	yowih-ta	“ele/ela chega (no outro lado)”
f.	yowiʔ	“ele/ela chega”

Todos esses dados parecem evidenciar, de um lado, que o estatuto fonêmico de / h / é duvidoso, e do outro lado, a existência de uma proibição de co-ocorrência de segmentos coronais adjacentes. Na seção 2. estes fatos são interpretados com base no Princípio de Contorno Obrigatório.

⁹ Os segmentos entre colchetes são epentéticos (cf. *Epênteses*)

1.3.5. As velares e uvulares

As velares e uvulares fazem parte de uma classe natural no que diz respeito ao seu comportamento fonológico. Como já foi mencionado, o Mocovi apresenta fonemas velares e uvulares surdos e sonoros. Nos seguintes exemplos observa-se a oposição existente em vozeamento nos pontos velar e uvular:

53.a.	nesoge	“peixe (esp.)”	pokena	“mão”
b.	pigim	“céu”	rišiki	“ele diverte-se”
c.	širaigo	“lua”	ikolaq	“azul”
d.	latogot	“lagoa”	kokon	“pomba (esp.)”
54.a.	toGóe	“cacto (esp.)”	poqo	“brasa”
b.	paGakik	“árvore (esp.)”	taqaq	“ave (esp.)”
c.	pijiʔlogologo	“rã”	pioqóin	“quero-quero (esp.)”

Na seção sobre alofonia, registrava-se a existência de alofones contínuos e oclusivos para as velares/uvulares vozeadas. Por razões de simetria do sistema, prefiro postular fonemas oclusivos vozeados, apesar de serem os alofones fricativos os que ocorrem em contextos fonológicos mais amplos. Mais adiante, retoma-se este aspecto sob o ponto de vista das propostas da teoria da sub-especificação, chegando-se à interpretação de que na realidade as obstruintes vozeadas estão inespecificadas, na base, para o modo de articulação.

Antes de entrar no tema da neutralização de vozeamento, é preciso mencionar dois aspectos fonológicos relacionados às uvulares:

a. Já foi mencionado que não há na língua seqüências de uvular e vogal anterior. Quando processos de afixação produzem tais seqüências, insere-se uma vogal não anterior para reparar a mal-formação fonotática:

58.a.	natoG[o]i:	“vocês cospem”
b.	natoG[o]eʔ	“eles cospem”
c.	čaG[a]igi	“vocês cortam”
d.	nemaG[a]i	“a esquerda de vocês”

b. A qualidade da vogal inserida é similar à da vogal da raiz. Isso tem a ver com um processo de Harmonia vocálica pelo qual as vogais adjacentes a segmentos uvulares são idênticas. Assim, ambas são [a] ou [o]. Veja-se nos exemplos seguintes como opera esse processo em casos de afixações de sufixos que contêm uvular:

59.a.	rewar-aG[a]n	“ele costura (intr.)”
b.	kiyo-G[o]n	“ele lava (intr.)”
60.a.	sela-q[a]čit	“eu (o) faço dormir”
b.	soʔo-q[o]čit	“eu (o) faço enfurecer”
61.a.	neparagan-q[a]ʔ	“lugar para caçar”
b.	nelaq-soq[o]ʔ	“lugar para dormir”
62.a.	nqopa-G[a]	“fome”
b.	npoq-OG[o]	“vergonha”

Minha hipótese, que será desenvolvida na seção 2 com base na fonologia não-linear, é a existência de um processo de Harmonia vocálica transgutural.

c. Há ainda um outro caso de epêntese, atestado no exemplo (61.b), quando duas uvulares ficam em contato em decorrência de um processo de afixação, pelo qual insere-se uma sílaba [so] entre ambas as consoantes. A vogal arredondada desencadeia harmonia vocálica.

Voltando à neutralização de vozeamento, velares e uvulares ocorrem sempre surdas em final absoluto, posição em que o desvozeamento é freqüente nas línguas. Nos seguintes exemplos atesta-se a complementariedade existente entre surdas e sonoras, determinada pela posição que o segmento ocupa: surdo quando em final absoluto, sonoro quando em posição intervocálica.

63.a.	mañik	“avestruz”
b.	mañiga	“avestruz (fem.)”
c.	mañigoʔ	“avestruzes (dual)”
64.a.	pioq	“cachorro”
b.	pioga	“cadela”

c.	pioGo?		“cachorros (dual)”
65.a.	nawek		“ele puxa”
b.	ñawegaq		“nós puxamos
c.	nawigi:		“vocês puxam”
d.	nawege?		“eles puxam”
66.a.	natoq		“ele cospe”
b.	ñatogaq		“nós cuspiamos”
c.	natogoi:		“vocês cospem”
d.	natogoe?		“eles cospem”
e.	natogogi		“ele cospe dentro”

Em codas internas, velares e uvulares apresentam variação livre entre surdo e sonoro. Se sonoras, realizam-se foneticamente como contínuas.

67.a.	ñiksaq	~	ñigsaq	“gambá”
b.	lošikmaga	~	lošigmaga	“o couro, a pele”
c.	sekteta	~	segteta	“está quebrado”
d.	lewareksek	~	lewaregsek	“(foi) costurado”
e.	nalaqtañi	~	nalagtañi	“ele perde (caus)”

Um processo de desvozeamento condicionado silabicamente será estudado mais detalhadamente no item dedicado à sílaba.

No que diz respeito ao fato distribucional de obstruintes sonoras não ocorrerem em posição inicial absoluta, ele deve ser interpretado como uma lacuna na distribuição, diacronicamente motivada. Em Mocovi é difícil sustentar empiricamente o desvozeamento em inicial absoluto¹⁰ como processo sincrônico porquanto, como é possível observar nos exemplos seguintes, uma consoante surda em inicial de morfema não muda se há prefixação:

68.a.	kiñoget		“ele embriaga-se”
b.	ʝikiñoget		“eu me embriago”

¹⁰ Uma possível evidência é a alternância surdo/vozeado entre os afixos cognatos marcadores de Possuidor e Objeto Dativo de 2ª sg e 1ª pl:

i. “o nosso nome”	qode:nagat	ii. “você gosta de nós”	rqocirogowa?
ii. “o teu nome”	qade:nagaci?	iii. “ele gosta de você”	nqociragawa?

Como se observa nos exemplos, as formas são fonologicamente similares: 2ª Possuidor /qa-/ e Objeto /-aGa-/, 1ª pl Possuidor /qo-/ e Objeto /-oGo-/. Porém, sincronicamente postulo a existência de dois morfemas diferentes, que pertencem a classes posicionais diferentes e com funções, embora relacionadas, também distintas. Cf. Capítulos IV e V, marcação de pessoa.

- | | | |
|-------|----------------|---------------------|
| c. | kaʔle:tawek | “ele está vivo” |
| d. | ʒikaʔle:tawek | “eu estou vivo” |
| e. | qarkaʔle:tawek | “nós estamos vivos” |
| 69.a. | qopat | “ele está faminto” |
| b. | ʒoqopat | “eu estou faminto” |
| c. | rqopačiʔ | “você está faminto” |

A oposição de vozeamento também neutraliza-se nas consoantes velares e uvulares diante de certos sufixos. Nos seguintes exemplos, há desvozeamento quando é sufixada a marca de 2^a pessoa singular, em contraste com outros sufixos:

- | | | |
|-------|------------|-----------------------|
| 70.a. | nawek | “ele puxa” |
| b. | nawik-iʔ | “você puxa” |
| c. | naweg-eʔ | “eles puxam” |
| d. | ñaweg-aq | “nós puxamos” |
| 71.a. | laʎa:k | “o ombro dele” |
| b. | raʎa:k-iʔ | “o teu ombro” |
| c. | laʎa:g-eʔ | “o ombro deles” |
| 72.a. | tak-iriñi | “você penteia” |
| b. | itag-iñi | “ele penteia” |
| c. | itag-iriñi | “eles penteiam” |
| 73.a. | natoq | “ele cospe” |
| b. | natoq-oiʔ | “você cospe” |
| c. | natoG-oi: | “vocês cospem” |
| d. | ñatoG-aq | “nós cuspiamos” |
| 74.a. | nemaq | “a esquerda dele” |
| b. | nemaq-aiʔ | “a esquerda de você” |
| c. | nemaG-ai: | “a esquerda de vocês” |
| d. | nemaG-aiʔ | “a esquerda deles” |

Como se observa nos exemplos anteriores, a oposição surdo/sonoro tem carácter distintivo, já que permite diferenciar a 2^a pessoa singular da 3^a paucal. Em (72.b) a velar da raiz é sonora devido à posição intervocálica, à diferença das consoantes dos outros exemplos na 3^a pessoa, em que ficam em posição final.

A marca de Narrativo /-oʔ/ também condiciona o desvozeamento de velares:

75.a.	šiʔge	“já”
b.	šiʔkoʔ ¹¹	“já (narrat)”
c.	sonogi	“eu desamarro”
d.	sonokyoʔ	“eu desamarrei”

Há ainda na língua um conjunto de alternâncias entre segmentos surdo/sonoro que não podem ser entendidas regularmente com base em uma análise fonológica linear. É o que ocorre com o sufixo derivativo de Causativo/Instrumental /-gat/ ~ /-qat-/.
Exemplos:

76.a.	sapal-agat	“eu borro (Causativo)”
b.	napal-qat-aganagat	“apagador”
c.	yašiwī-agat	“ele seca (Causativo)”
d.	našiwī-aqat-agat	“toalha”
77.a.	le:n-agat	“o nome dele”
b.	le:n-qat-eʔ	“os nomes dele (pc)”
c.	le:n-qat-eripi	“os nomes dele (pl)”
78.a.	lenagsogon-agat	“projétil (inst. masc)”
b.	lenagsogon-qat-e	“estilingue (inst. fem)”
79.a.	roʔo	“ele zanga-se”
b.	roʔo-qoč-it	“ele(o) faz zangar” (caus)

Nos exemplos (76-79) pode-se constatar que quando o sufixo está na última posição morfológica apresenta consoante vozeada, ao passo que quando é seguido por outro sufixo apresenta uvular surda. Note-se que o contexto fonológico não permite uma interpretação de tipo linear já que surda e vozeada ocorrem nos mesmos ambientes, por exemplo em (76.c,d) onde ambas as consoantes são precedidas por vogal. Portanto, o condicionamento parece ter a ver com a posição na estrutura morfológica ou métrica. Porém, nos exemplos seguintes o mesmo sufixo não ocupa a última posição, embora apresente uvular sonora:

¹¹ As quedas de /e/ são frequentes na língua. Nesse caso, a queda é condicionada por restrições silábicas: não há na língua ocorrências de /e/ seguida por sílaba sem onset. Cf. *Sílaba*.

80.a.	pal-agač-i?	“você borra”
b.	yapal-agat-e?	“eles borram”
81.a.	nelowek	“ele acorda”
b.	nelo-got-ek ¹²	“ele faz acordar”
c.	ǰilo-goč-irek	“você me faz acordar”
82.	qade:nagač-i?	“o teu nome”

Levando em consideração a estrutura morfológica desses exemplos, pode ser observado que a o desvozeamento opera nos casos claros de derivação (ex.76-79) e não quando os sufixos são flexionais (ex. 80-82).

A alternância surdo/vozeado observa-se também no interior de certas raízes verbais. Esses casos não mostram regularidades que possam ser interpretadas por regras fonológicas segmentais. Um desses verbos é “falar”(intr.) , que apresenta uvular surda quando em sílaba final e, vozeada quando em sílaba não final:

83.a.	setaqa	“eu falo”
b.	retaqa	“ele fala”
c.	taga-i?	“você fala”
d.	setaga-yaq ¹³	“nós falamos”
e.	taga-i:	“vocês falam”
f.	retaga-i?	“eles falam”

Quando o verbo é transitivizado pela sufixação da marca de objeto /-a/ (“falar a, repreender a”), a uvular fica sempre em sílaba não final, sendo portanto sonora.

84.a.	setaga-ya	“eu lhe falo”
b.	retaga-ya	“ele lhe fala”

Outro verbo em que há alternância semelhante é “ouvir” (intr.):

85.a.	sa?qa:	“eu ouço”
b.	?qa:	“ele ouve”
c.	?ga-?	“você ouve”

¹² O glide do sufixo direcional / -wek / cai por razões de estrutura silábica. Cf. *Silaba*.

¹³ Existe na língua epêntese de glide [y] por requerimentos silábicos em seqüências de duas vogais homorgânicas emergentes de afixação, sendo condição a adjacência de consoante uvular. Cf. seção 2, *Epênteses*.

d.	saʔGa-yaq	“nós ouvimos”
e.	ʔGa-i:	“vocês ouvem”
f.	ʔGa-iʔ	“eles ouvem”

Na forma transitiva, apenas a 2^a pessoa apresenta uvular surda, o que evidencia um comportamento similar ao das raízes terminadas por uvular.

86.a.	ʔqa-ita	“você ouve”
b.	ʔGa-ita	“eles ouvem”

Outro verbo em que uma obstruinte, coronal neste caso, tem comportamento irregular a respeito do desvozeamento é “querer a, gostar de”

87.a.	nqoʔt-a	“ele (o)quer”
b.	rqoʔč-ita	“você (o) quer”
c.	rqoʔč-i:a	“vocês (o) querem”
d.	nqoʔd-eta	“eles (o) querem”
e.	nqoʔd-ataʔ	“eles se querem (Recíproco)”
f.	ñqoʔd-agataʔ	“nós nos queremos (Recíproco)”
g.	nqoʔj-i:ataʔ	“vocês se querem (Recíproco)”

Os dados apresentados, embora não exaustivos, são uma amostra das aparentes irregularidades no comportamento das obstruintes, que não podem ser interpretadas exclusivamente pela fonologia segmental, tendo-se que levar em conta aspectos da derivação morfológica e a sua interrelação com a fonologia da língua.

2. Fonologia Não-linear

A fonologia não-linear é um desenvolvimento da teoria fonológica atual que envolve várias teorias. A fonologia Autossegmental (ou Geometria de traços) diz respeito à representação dos segmentos e dos processos fonológicos. Além das representações, a teoria contém um módulo “gerativo” constituído por duas operações básicas, o espalhamento e o desligamento de traços, que permitem dar conta, respectivamente, dos processos de assimilação e redução. Duas condições de boa-formação das representações têm efeitos na fonologia: a Proibição de Cruzamento de Linhas e o Princípio de Contorno Obrigatório. (cf. Goldsmith, 1990). Já a sub-teoria da Subespecificação faz referência à quantidade de especificação subjacente dos segmentos, em termos de traços, partindo do princípio de que as especificações subjacentes são mínimas, sem redundância (cf. Kiparsky, 1982; Archangeli, 1984; Clements, 1988, entre outros). A teoria da Sílabas, por sua vez, parte da existência de um constituinte Sílabas, relevante como domínio e/ou como alvo de processos e condições fonológicas. A estrutura interna e a atribuição da sílabas, que é considerada uma propriedade não subjacente das palavras e/ou morfemas, são de interesse desta teoria (cf. Clements e Keyser, 1983; Blevins, 1995).

Uma outra vertente da fonologia atual é a fonologia Métrica, que lida com constituintes fonológicos hierarquizados maiores do que a sílabas e com a atribuição do acento nas línguas (cf. Hogg e McCully, 1987; Hayes, 1991).

A Fonologia Lexical é um desenvolvimento teórico que considera os fatos fonológicos em sua relação com a morfologia e a sintaxe. Reconhece a existência de níveis diferentes de interface entre os módulos fonológico, morfológico e sintático que determinam duas classes diferentes de regras fonológicas: regras lexicais, que interagem com a morfologia, e regras pós-lexicais, insensíveis à estrutura interna da palavra (cf. Kiparsky, 1982; Mohanan, 1986).

Com embasamento nas mencionadas abordagens, apresenta-se a seguir uma interpretação de alguns fatos fonológicos do Mocovi.

2.1. A representação dos segmentos

A representação não-linear dos traços distintivos é a base das teorias fonológicas atuais. Segundo Clements (1985:226) uma forma natural de representar os segmentos a partir dos traços é em termos de representações em camadas múltiplas (“multi-tiered”) e que os traços e agrupamentos de traços, dependentes de nós de classe abstratos, são atribuídos a camadas diferentes. O fato dos processos fonológicos geralmente operar em subconjuntos de traços distintivos evidenciam a existência de uma organização hierárquica em classes funcionalmente relacionadas, denominada Geometria de Traços. A seguir, apresenta-se uma proposta de representação dos segmentos do Mocovi com base na Geometria de Traços.

2.1.1. Os traços do nó Raíz

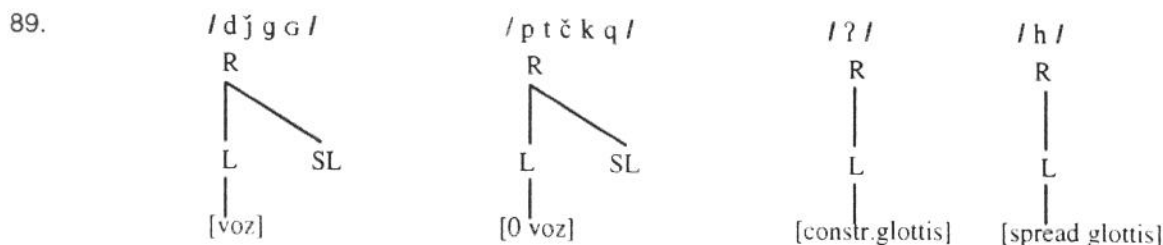
A Raíz (R), na árvore geométrica, está constituída pelos traços de classe maior [consonântico] e [soante]. Eles permitem definir as classes maiores de sons (cf. McCarthy, 1988):

88.	R	R	R	R
	[+cons, +soante]	[+cons, -soante]	[-cons, +soante]	[-cons, -soante]
	consoantes soantes	obstruintes	vogais/glides	laríngeas
	/ m n ñ l ʎ r /	/ p t ʧ d ʝ k g q ɣ /	/ i e a o u y w /	/ ʔ h /

2.1.2. Os traços do nó Laríngeo

Os traços do nó Laríngeo dizem respeito ao estado da laringe durante a articulação e incluem vozeamento, glotalização e aspiração. No modelo geométrico, a Raíz cinde-se em dois nós de classe: Laríngeo (L) e Supra-laríngeo (SL). Os traços [voz], [constricted glottis] e [spread glottis] são dependentes do nó L:¹⁴

¹⁴ Hualde (1988:221) propõe que a distinção entre [ʔ] e [h] seja feita pela especificação de [contínuo], traço que, no modelo desenvolvido pelo autor, é dependente direto de R.



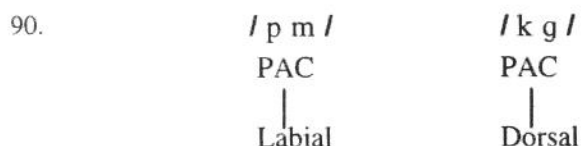
Os segmentos soantes (consoantes, vogais e glides) são redundantemente sonoros, portanto não especificados para [voz]. Assumindo que os traços no léxico são monovalentes (Lombardi, 1996), as consoantes surdas opõem-se às vozeadas pela ausência de especificação subjacente de vozeamento nas primeiras.

2.1.3. Os traços de Ponto de Articulação

O nó Ponto de Articulação (PA) depende diretamente do nó SL e domina os pontos de articulação consonânticos e vocálicos. Adoto aqui a abordagem em que os articuladores são considerados nós monovalentes que dominam traços específicos. Assume-se nas teorias não-lineares a existência de um único conjunto de articuladores para vogais e consoantes. Em Clements (1991) propõe-se um modelo em que os traços articulatorios de consoantes e vogais são separados em duas camadas diferentes (PAC e PAV), mas partilham o mesmo conjunto de traços, o que permite dar conta das interrelações existentes entre classes de vogais e classes de consoantes. A seguir apresenta-se a especificação das consoantes e vogais do Mocovi segundo os pontos de articulação.

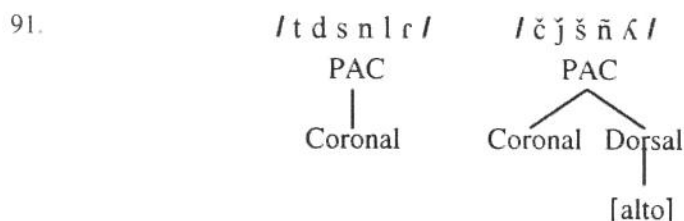
2.1.3.1. As consoantes

As consoantes *labiais* são representadas pelo traço Labial e as *velares*, por Dorsal:



Os segmentos *coronais* são definidos por Keating (1989) como “[...] segments produced with the blade (including the tip) of the tongue [...]” (p.30). As articulações coronais estendem-se desde os dentes superiores até o palato duro. Em Mocovi, as alveolares

/ t d s n l r /, as palato-alveolares / š č ž / e as pré-palatais / ñ ʎ / fazem parte da classe das Coronais. Assumindo com Ladefoged (1971:40) desnecessária, do ponto de vista fonológico, a distinção entre pré-palatais e palato-alveolares, considero que as coronais podem ser sub-classificadas “grosso modo” em alveolares e palatais. Adoto a representação geométrica proposta, entre outros, por Hualde (1988), Pulleyblank (1989), Broselow e Niyondagara (1991), na qual as palatais contêm um componente Dorsal: na nossa discussão acerca do processo de Palatalização, confirma-se esta proposta de representação dos segmentos palatais.



As *uvulares* são articulatoriamente mais baixas e mais posteriores que as velares e as línguas escolhem qual o parâmetro relevante na sua especificação (Keating, op.cit.). A representação das uvulares tem sido objeto de diversas propostas. Clements (1989) propõe uma representação que envolve a articulação Dorsal no PAC e uma articulação secundária [+aberto] no PAV. McCarthy (1988), por sua vez, argumenta em favor de um traço [faríngeo]. A dicotomia entre consoantes “guturais” (uvulares, faríngeas e laríngeas) e “não-guturais” pode ser interpretada, conforme o autor, por meio de uma geometria na qual o nó PA domina dois componentes: o nó Oral e o nó Faríngeo. Esta proposta é retomada por Rose (1996), quem inclui o traço [RTR] (retração da raiz da língua) como dependente do nó Faríngeo. Em Clements (1991) as uvulares são caracterizadas como dorso-faríngeas e especificadas pelos traços em PA [dorsal] e [faríngeo] (ou [radical]). Assumo aqui a representação de McCarthy (op.cit.) para as uvulares:



As *laríngicas* (glotais) são segmentos que não possuem ponto de articulação oral. Elas são representadas como carecendo do nó PA ou de SL (McCarthy, 1988; Clements e Hume, 1993). Rose (op.cit.) faz uma distinção entre laríngicas sem especificação de ponto de articulação e laríngicas especificadas como Faríngeo. Em Mocovi, as laríngicas apresentam as propriedades mencionadas pela autora que as definem como sem PA: elas agem como consoantes epentéticas para preencher requerimentos de onset, não desencadeiam abaixamento de vogais e fazem parte de um inventário fonológico que carece de contínuas faríngeas e/ou uvulares (lembre-se que em Mocovi as uvulares contínuas têm estatuto alofônico). As laríngicas, portanto, são segmentos especificados apenas para traços de Classe Maior ([-consonântico, -soante]) e Laríngeos.

93. / ? h /
 R
 |
 L

2.1.3.2. Os glides

Nos modelos não-lineares, considera-se que os *glides* adquirem a sua função consonântica pela posição na sílaba. Esta aproximação dispensa a necessidade do traço de classe maior [silábico] (Kaye e Lowenstamm, 1984; Clements e Keyser, 1983; Clements e Hume, 1993, entre outros). Assim, a distinção entre vogais e glides diz respeito ao fato de o segmento ser dominado ou não pelo núcleo silábico. Os glides, portanto, não têm representações diferenciadas em termos de traços na geometria.¹⁵ (cf. *Sílaba*)

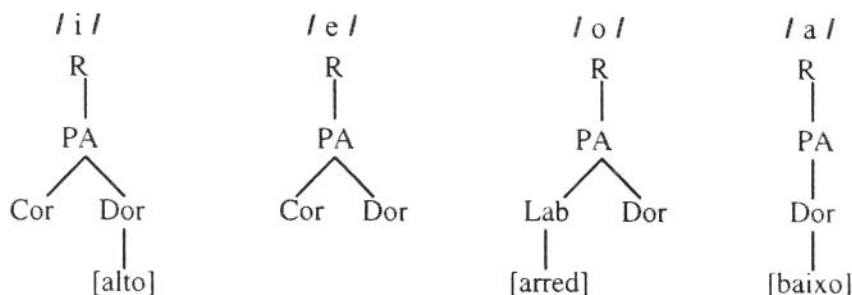
2.1.3.3. As vogais

Como já foi mencionado, a especificação das vogais é feita com base no mesmo conjunto de traços articulatorios das consoantes. Assumo que na representação de toda vogal há um componente de dorsalidade, visto que os sons vocálicos requerem necessariamente

¹⁵ Uma proposta diferente, que postula uma representação própria para os glides, apresenta-se em Dogil (1988). Este autor assume que tais segmentos, diferentemente das vogais, contêm traços de constrição, e diferentemente das consoantes, são especificados na Raíz como [-consonântico].

ação articulatória do dorso da língua (Sagey, 1986; Pulleyblank, 1989; Paradis e Prunet, 1989). Assim, as vogais do Mocovi podem ser representadas nos seguintes termos:

94.



Os traços exclusivamente vocálicos (com exceção de [arredondado]) são dominados pelo nó Dorsal. Como se verá mais adiante, o traço [alto] é pertinente para dar conta dos processos desencadeados por [i] (cf. *Palatalização*). O estatuto de vogal não marcada de [e] explica-se pelo fato de apresentar a representação mais simples (não contem traços dependentes). A especificação como Dorsal é previsível em razão da sua qualidade de vogal, e a articulação Coronal é inespecificada na representação subjacente (também nas vogais é o valor *défault* para PA), sendo inserida por regra. A adequação deste modelo para o Mocovi é sustentada mais adiante, na interpretação dos processos fonológicos.

A distinção entre vogais breves e vogais longas é representada pela ligação da Raíz da árvore com uma ou duas posições na camada do esqueleto (cf. 2.2. *A sílaba*):

95.



2.1.4. Os traços de Modo

Os traços de Modo de articulação dizem respeito à constricção consonântica. O lugar desses traços na estrutura arbórea é controverso. Deles, [contínuo] tem sido objeto de diversas propostas: dependente imediato do nó Raíz (Sagey, 1986; McCarthy, 1988), dominado pelos nós de classe Supra-Laríngeo (Levin, 1988), Modo (Clements, 1985), Cavidade Oral (Clements e Hume, 1993), "Air Flow" (Rice e Avery, 1991). Na representação dos segmentos contínuos do Mocovi, adoto a geometria que localiza o

traço [contínuo] como dominado diretamente por R. Assumindo que se trata de um traço monovalente no nível lexical, a oposição subjacente é [contínuo] vs. [0contínuo]: os segmentos [-cont] ficam inespecificados subjacentemente, sendo o valor negativo preenchido no nível Pós-lexical por regra.

96. $l s \check{s} r l$ $l p t k d g G l$
 R — [contínuo] R — [0 contínuo]

Os traços [nasal] e [lateral] também são motivo de controvérsia. O traço [nasal] é localizado como dependente do nó "Soft Palate" (dominado por SL) em Sagey (1986) e do nó Modo em Clements (1985), e como diretamente dominado por R em McCarthy (1988) e Clements e Hume (1993), entre outros. No caso de [lateral], duvida-se inclusive da sua necessidade (Spencer, 1984; van de Weijer, 1993). Nas geometrias que advogam pela sua existência, os autores não concordam entre si. Assim, Sagey (op.cit.:281) apenas menciona que deveria ser um dependente imediato de PA, SL ou R. Para Clements, estaria imediatamente dominado pelo nó Modo (1985) ou por Cavidade Oral (1991). Em Rice e Avery (op.cit.) é dominado pelo nó "Spontaneous Voice", assim como [nasal]. Nas propostas que aderem à chamada "hipótese coronal" (McCarthy, 1988; Levin, 1988; Clements e Hume, 1993), [lateral] depende de Coronal. Para a minha interpretação dos fatos do Mocovi, adoto aqui a hipótese coronal para [lateral] e as propostas que localizam [nasal] dominado imediatamente pela Raíz: o lugar desses traços na hierarquia não parece ser relevante para a interpretação dos fenômenos fonológicos da língua.

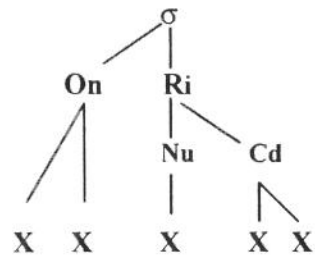
2.2. A sílaba

A sílaba é considerada como um constituinte hierarquicamente estruturado de organização do material fonológico. Tal estrutura permite dar conta de restrições fonotáticas assim como de um grande número de processos fonológicos, seja como domínio de aplicação das regras ou como fato condicionante das mesmas. Portanto, a estrutura silábica opera como uma condição de boa formação no curso da derivação fonológica.

A atribuição dos segmentos fonológicos à sílaba não é direta, mas através das posições Xs do esqueleto que representam unidades de tempo e dominam os nós R.¹⁶

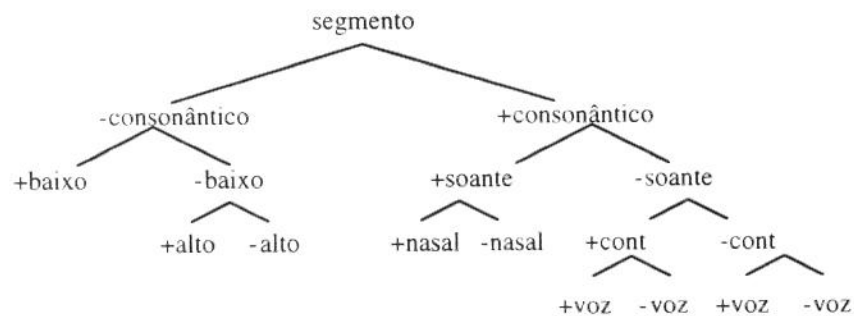
A estrutura interna da sílaba tem sido tradicionalmente considerada como contendo um Núcleo obrigatório, um constituinte Onset pré-nuclear, um constituinte Coda pós-nuclear e um constituinte Rima que domina Núcleo e Coda.

97.



A estrutura silábica não é uma propriedade da representação subjacente dos morfemas, mas é atribuída por um processo de silabificação baseado na relativa sonanticidade¹⁷ dos segmentos. O Princípio de Sonanticidade é uma condição que opera na silabificação básica e permite prever a ordem e pertença dos segmentos ao onset e à coda. Este princípio baseia-se na seguinte Escala Universal de Sonanticidade, na qual a ramificação da esquerda tem sempre maior sonanticidade do que a ramificação da direita (cf. Blevins, 1995:211)

98.



¹⁶ Em termos de Clements e Keyser (1983) o esqueleto estaria constituído por posições CV.

¹⁷ A sonanticidade é definida por Goldsmith (1990:110) como “[...] a ranking or a scale that reflects the degree of openness of the vocal apparatus during production, or the relative amount of energy produced during the sound [...]”.

Os segmentos da cadeia sonora são organizados em seqüências de sonoridade ascendentes e descendentes, e cada pico de sonanticidade, na qualidade de núcleo, define uma sílaba. A sonanticidade aumenta do onset para o núcleo e diminui deste para a rima. A silabificação, portanto, é o processo pelo qual a cadeia linear dos segmentos é associada, via o esqueleto, com a estrutura silábica.

As vogais são universalmente atribuídas a Núcleos, e a consoante pré-nuclear ocupa a posição de onset (Regra CV), resultando assim sílabas dos tipos V e CV. Nas línguas que possuem sílabas travadas, a consoante pós-nuclear incorpora-se em coda simples. Onset e coda complexos são constituídos, se for necessário, sempre obedecendo o Princípio de Seqüencialidade da Soanticidade conforme o qual a sonanticidade cresce do Onset para o Núcleo e diminui deste para a Coda.

No que diz respeito ao nível na derivação em que a silabificação opera, ele relaciona-se com a determinação dos domínios morfológicos e/ou fonológicos em que a sílaba é requerida. As línguas, portanto, diferem neste ponto. Em geral, o domínio da silabificação é a palavra, ou seja o nível Pós-cíclico ou nível da Palavra. Em Mocovi, há evidências de que a silabificação básica ocorre no componente cíclico (cf. *Desvozeamento*), ocorrendo ressilabificação no nível da palavra.

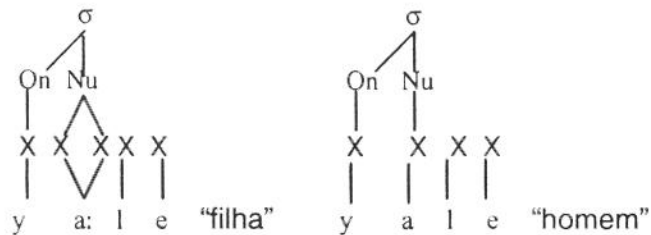
A sílaba básica em Mocovi é (C) V (C). A seguir apresenta-se uma análise da estrutura silábica da língua considerando-se as posições e os segmentos que podem ocupar as mesmas. As restrições são interpretadas com base no conceito de “Licenciamento prosódico” desenvolvido por Goldsmith (1990) segundo o qual todo segmento deve ser licenciado prosodicamente, pela sua pertença a uma sílaba ou a um nível mais alto da organização prosódica (p.e. a palavra prosódica).

2.2.1. O Núcleo

O Núcleo é o único constituinte obrigatório da sílaba: toda sílaba deve ter um núcleo. Os processos de epêntese são, tipicamente, desencadeados por esta condição universal.

Em Mocovi, o Núcleo pode estar associado com uma ou duas posições no esqueleto. Assumindo que as vogais longas são um conjunto de traços associado com duas posições X, o núcleo pode ser preenchido por vogais breves ou por vogais longas.

99.



Além das vogais, as consoantes soantes e estridentes podem ser atribuídas ao Núcleo, como um recurso de incorporação de segmentos extrassilábicos.

Em Mocovi, sílabas constituídas apenas por um Núcleo parecem ser não preferidas: quando os processos morfológicos constituem seqüências V.V, há uma tendência a evitar sílaba sem Onset, operando nesses casos a ressilabificação que deriva glides em onset ou a queda vocálica. Nos seguintes exemplos pode ser observada a queda de uma vogal em início absoluto que permite reparar uma sílaba sem Onset:

- | | | | | |
|-------|---------------|---|-----------|-----------------|
| 100.a | ayo | ~ | yo | “ele voa” |
| b. | n + adoʔo | → | nadoʔo | “o chapéu dele” |
| c. | adoʔo | → | doʔo | “chapéu” |
| d. | s + aseragan | → | saseragan | “eu fumo” |
| e. | aseragan + id | → | seragañiʔ | “você fuma” |

Vogais em posição inicial de palavra são encontradas apenas quando as mesmas fazem parte de um prefixo (cf. a marcação pronominal de 3ª pessoa, posse de 1ª pessoa, feminino dos Classificadores). Nos limites morfêmicos, atesta-se a queda da primeira vogal em seqüências que não podem ser propriamente silabificadas, como nos exemplos seguintes:

- | | | | | |
|-------|----------------|---|------------|----------------|
| 101.a | šiʔge + oʔ | → | šiʔkoʔ | “já (passado)” |
| b. | ke + añi | → | kañi | Oblíquo+CL |
| c. | naʔasa + oʔkiʔ | → | naʔasoʔkiʔ | “a menorzinha” |

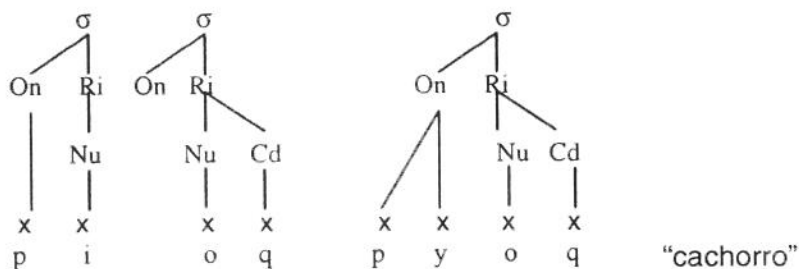
2.2.2. O Onset

No Onset ocorrem tanto consoantes quanto glides. Como já foi mencionado, os glides estão especificados para os mesmos traços que as vogais /i/ e /o/ e a diferença entre glides e vogais baseia-se na posição ocupada na sílaba. No processo de atribuição de estrutura silábica, a vogal com o traço [baixo] é silabificada em todos os casos como núcleo: por terem o maior grau de abertura, acham-se no extremo de maior sonoridade na escala. Já as vogais especificadas como [alto] e [Labial], são atribuídas a Onset quando seguidas por vogal, ou a Coda quando seguidas por consoante.

Não há restrições para a ocorrência das consoantes em Onset interno: qualquer consoante pode ser atribuída a um onset simples. Contudo, em onset inicial, não são licenciadas obstruintes vozeadas dorsais: /g/ e /g/ apenas ocorrem em interior de palavra.

No que diz respeito aos Onset complexos, foram registrados os grupos consonânticos tautossilábicos /kr/, /py/, /ky/ e /kw/ em apenas um pequeno conjunto de itens. Os Onset complexos que contêm glides são produto de ressilabificação de seqüências VV: foi atestada alternância vogal/glide em todos os casos.

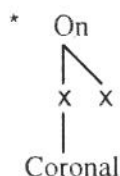
102.
Ressilabificação
de vogal [+alto]



A ressilabificação como onset complexo é determinada pela Regra CV e pela tendência a constituir o menor número possível de sílabas.

Há uma restrição na conformação de onsets complexos envolvendo os segmentos coronais: não existem onsets complexos que incluem uma consoante coronal:

103.
Restrição Coronal em
Onset complexo



Esta restrição opera como condição de boa-formação, desencadeando a queda de glide do sufixo / -wek / quando este é afixado a uma base terminada por Coronal.

104.a. neloid + wek → neloirek “você acorda”
b. nelogot + wek → nelogotek “ele o faz acordar”

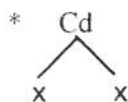
Cf. também a absorção de glide em *Palatalização*.

O estatuto da seqüência consonântica / kr / é pouco claro. Esse tipo de seqüência só foi registrada nos sufixos demonstrativos / -krawk / e / -krawm / que apresentam uma forma fonológica estranha aos padrões silábicos da língua, tanto no que respeita ao onset quanto à coda.

2.2.3. A Coda

Consistentemente nas línguas, a posição de coda apresenta menos contrastes do que o onset. Nessa posição freqüentemente ocorrem neutralizações de oposições. Em Mocovi, a coda superficial pode ser ocupada por no máximo dois segmentos, sendo um deles, o mais interno, um glide resultante de ressilabificação. Além disso, as codas complexas superficiais podem ser interpretadas como contendo um segmento extrassilábico: elas somente foram registradas em final de palavra. Assumo, portanto, que nas formas subjacentes não é possível uma coda complexa, ou seja, a Coda não domina mais do que uma posição no esqueleto:

105.
Restrição de
Coda complexa



As codas simples podem conter segmentos surdos, soantes ou laríngeas. Apenas um caso de / s / em coda foi registrado em uma palavra que poderia ser empréstimo: kos “porco”. A restrição de ocorrência de obstruintes vozeadas em coda (cf. *Desvozeamento*) pode ser interpretada com base no conceito de licenciamento. Conforme Goldsmith (1990:123), os autosegmentos podem ser licenciados, não apenas pelo nó Sílabas, mas também pela posição de Coda, que se constitui num licenciador secundário de traços. Em Mocovi, a Coda licencia traços de ponto de articulação e de modo, mas não [voz]. Daí que podem ocorrer em coda segmentos de diferentes pontos e modos de articulação, mas não segmentos que contêm especificação de voz. Lembre-se que as soantes são redundantemente sonoras, não especificadas para [voz] no léxico e, portanto, podem ocupar posição de coda.

2.3. Processos fonológicos

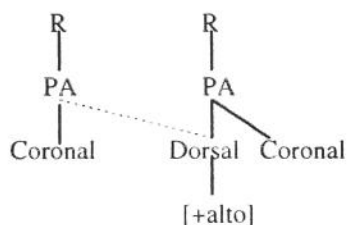
2.3.1. Palatalização

Entende-se por *palatalização* “... the addition of a high front tongue position like that in /i/, to another articulation.” (Ladefoged, 1975:207). O termo aplica-se não apenas para descrever uma articulação secundária, mas também para o processo que deriva um segmento mais palatal com mudança articulatória para a região palatal em certo contexto particular. Tipicamente, a palatalização é causada por uma vogal/glide anterior alta e o alvo é uma coronal. Tal é o caso em Mocovi, língua em que as consoantes alveolares mudam para palatais (palato-alveolares ou pré-palatais) quando seguidas por vogal/glide alta. (cf. 1.4.1. *As palatais*).

O processo de palatalização tem carácter assimilatório (cf. Clements, 1985) e é representado, na fonologia não-linear, como o espalhamento de traços vocálicos na consoante alvo. Clements (op.cit.) analisa os processos de palatalização desencadeados por vogais coronais como o espalhamento dos traços em PAV, assumindo que as vogais coronais contêm a especificação [-anterior], dependente de Coronal. Segundo o autor, [anterior] não é um traço relevante para as vogais e por isso ele atribui a elas o valor negativo. Contudo, essa interpretação não parece adequada para os fatos do Mocovi visto que é apenas a vogal coronal alta que desencadeia o processo. Fica, portanto, não

explicado qual é a relevância da abertura vocálica no processo: no modelo proposto por Clements o nó Vocálico domina os nós PA e Abertura. Os traços de altura vocálica são dependentes de Abertura; se toda vogal coronal é redundantemente [-anterior], e esse traço é o que se espalha produzindo uma palatal [coronal, -anterior], não fica claro porque apenas / i / desencadeia o processo. Parece mais apropriado, para dar conta dos fatos em Mocovi, o modelo que propõe uma interpretação da palatalização como processo de “dorsalização” (cf., entre outros, Hualde, 1988, e Broselow e Niyondagara, 1991). Assumindo que o traço relevante na palatalização é, em Mocovi, [+alto] e que ele é um dependente do nó Dorsal ¹⁸, a palatalização das alveolares pode ser representada como o espalhamento do PAV na consoante. Este produz uma configuração de articulação secundária [Dorsal, +alto]. Nos casos em que a palatalização produz mudança do ponto de articulação primário da consoante, o nó Dorsal, com o dependente [+alto] adjuge-se ao nó PAC produzindo assim um segmento dorso-coronal, ou seja segmento palatal.

106.



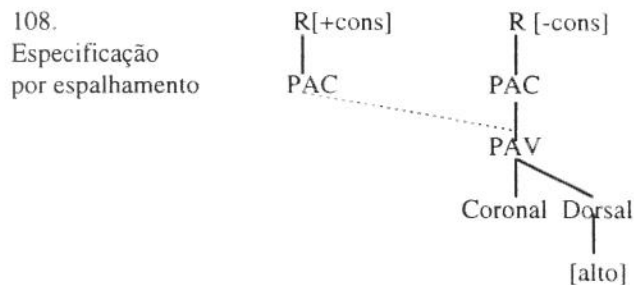
Nesse ponto, é relevante a discussão do estatuto das coronais no que diz respeito à teoria da Subespecificação. Os segmentos coronais apresentam, nas línguas em geral, propriedades específicas que segmentos em outros pontos de articulação não possuem. Assim, tem sido observado, por exemplo, que as coronais são as consoantes mais frequentes nas línguas, que elas apresentam maiores contrastes em ponto e modo de articulação e por isso são consideradas como as consoantes menos marcadas. Além disso, são os segmentos fonológicos mais propensos a sofrer processos de assimilação, ser infisíveis a certos processos fonológicos, ser transparentes em casos de harmonia vocálica, etc. (cf. Paradis e Prunet, 1991). Essas propriedades têm levado os fonólogos a considerar que o estatuto especial das coronais deve-se ao fato de elas carecerem de especificação subjacente para traços de Ponto de Articulação.

¹⁸ Lahiri e Evers (1991) propõem um nó Posição da Língua (“Tongue Position”), relevante para as vogais, que domina os traços de altura.

No modelo de subespecificação Radical, o ponto de articulação Coronal, devido a seu carácter não-marcado, é atribuído por uma regra de atribuição do valor “default”¹⁹ para PAC, visto que toda consoante deve possuir um ponto de articulação oral (Halle, 1992 apud Kenstowicz, 1994:663).



Por meio dessa regra, a toda consoante não especificada em PAC atribui-se o articulador Coronal com o seu dependente não-marcado [-anterior], produzindo assim a representação totalmente especificada correspondente às alveolares. A palatalização, neste modelo, nada mais é do que a especificação, por meio do espalhamento dos traços vocálicos, de um segmento inespecificado. Trata-se de uma regra do tipo “preenchimento de traço” (“feature-filling”)²⁰ que atinge um segmento inespecificado num lugar na derivação prévio à atribuição por regra de especificação.



No que diz respeito à africatação das oclusivas palatais, trata-se de um fato comum nas línguas. As obstruintes articuladas na região palatal frequentemente contêm um componente de fricção. Conforme Ladefoged (1971:41) isso deve-se às dificuldades mecânicas relacionadas à retração instantânea que as articulações, produzidas numa área extensa como é o palato, envolvem. Assumo aqui a interpretação de Rubach (1994)

¹⁹ Em termos da distinção feita por Mascaró (1987) para as regras de Especificação, trata-se de uma Regra de Complemento que preenche um valor não especificado para um traço contrastivo, ou seja um traço especificado com o valor contrário na representação subjacente de outro/s segmento/s. Já as Regras de Default especificam um segmento para um traço não contrastivo, ou seja redundante.

²⁰ Kiparsky (1992) aponta que, sempre que possível, as regras fonológicas são do tipo de construção de estrutura (“structure-building”), ou seja operações que preenchem traços não especificados.

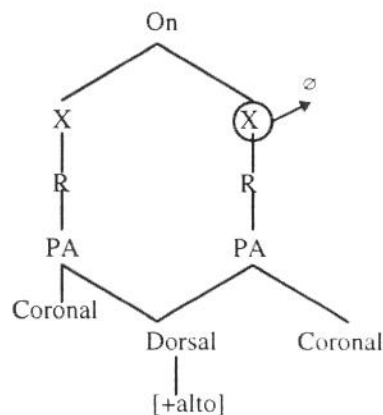
segundo a qual a africatação de oclusivas envolve, na fonologia, a inserção, por regra de Redundância, do traço [estridente] em dorso-coronais não soantes. A especificação [+contínuo] seria inserida posteriormente, por convenção, na implementação fonética.²¹

109. Regra de Redundância

$$\begin{array}{ccc} & [\text{Coronal, +alto}] & \rightarrow \quad [+estridente] \\ & | & \\ & [-soante] & \end{array}$$

A absorção de glide, que deriva segmentos palatais em onset de sílabas cujo núcleo está preenchido por uma vogal posterior, envolve o apagamento dum posição X quando há um nó Dorsal compartilhado em onset. Lembre-se que a língua não admite onset complexo cuja primeira posição esteja preenchida por uma Coronal. Assim, a interrelação entre o processo fonológico de Palatalização e as condições de estrutura silábica pode dar conta das palatais em contexto de vogal [-alto].

110. Absorção glide



Fica por resolver qual o estatuto do tepe, único segmento alveolar que não é atingido pela palatalização. Um caminho é considerar que a propriedade distintiva do tepe, face às outras coronais, diz respeito ao ponto de articulação. Tem sido observado que as vibrantes não contrastam com outros pontos de articulação e são sempre articuladas como coronais.²² Tal fato levou a considerá-las como universalmente inespecificadas para PAC (cf., por exemplo, Mester e Itô, 1989). Entretanto, se se considerar que elas não são atingidas pela palatalização por serem inespecificadas, haveria contradição com o fato

²¹ Em outras propostas (Sagey, 1986; Hualde, 1988; Clements) as africadas são representadas como Raízes que contêm especificações para ambos valores do traço [contínuo]. Nessas abordagens há controvérsia acerca da existência de ordenamento ou não dos valores [\pm contínuo] (cf. Kenstowicz, 1994:498ss.)

²² Contudo, Sloat e alii. (1978) observam que as róticas contêm uma constrição articulatória faríngea: “[...] the pharyngeal constriction is primary, the accompanying apical and uvular articulations being only of secondary importance [...]” (p.41)

dos segmentos subespecificados terem maior susceptibilidade à assimilação. Além disso, não seria possível assumir que o PAC coronal é sempre atribuído por regra, como supõe o modelo de subespecificação Radical. O segundo aspecto pode ser resolvido adotando-se a teoria de subespecificação Contrastiva: apenas o tepe estaria inespecificado no nível de aplicação da palatalização; as outras alveolares, já que se opõem a outros pontos de articulação, seriam especificadas subjacentemente como Coronal. Contudo se as regras que fazem referência a um traço dado aplicam-se após todos os segmentos que contêm esse traço serem especificados para ele, a regra de especificação que atribui Coronal deve ter sido aplicada previamente à palatalização. A minha hipótese é que o bloqueio da aplicação da regra de palatalização ao tepe diz respeito, não ao ponto de articulação, mas aos traços de Modo: o tepe contém alguma especificação no modo de articulação que o diferencia da classe das obstruintes e soantes nasal e lateral. Assumo, provisoriamente, que o traço relevante é [contínuo]. De fato, várias propostas acerca dos traços de Modo adotam a caracterização das róticas como [contínuo]: assim, van de Weijer (1993) atribui-lhes especificação como duplamente [contínuo], no nível das obstruintes e no nível das soantes²³; Rice e Avery (1999), na sua proposta da existência de um nó Voz Soante (presente em soantes e certas obstruintes), também especificam as róticas como contínuas.

Levando em conta as considerações feitas no parágrafo anterior, postulamos que a palatalização atinge todo segmento coronal [-soante] ou [+soante, -contínuo].

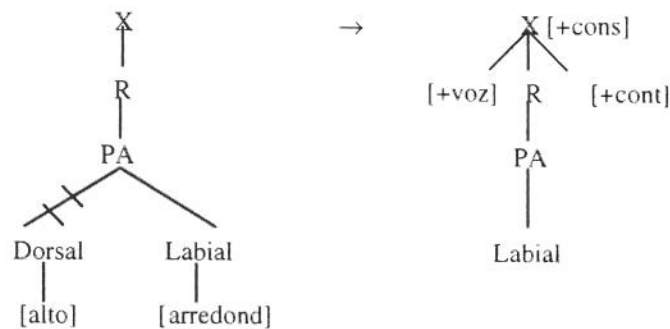
Visto que o estatuto das róticas é motivo de controvérsias, maiores estudos sobre estes segmentos são necessários para a melhor compreensão de suas propriedades fonéticas e fonológicas e que permita chegar a uma representação fonológica mais apurada das mesmas.

Um processo interligado com a palatalização de alveolares, é a consonantização de [w] quando em onset de sílaba cujo núcleo é Coronal. Como já foi mencionado em 1.2., /w/ apresenta os alofones [β] e [v] quando seguido por [i] ou [e]. Visto que os segmentos

²³ O autor apresenta uma geometria em que dois traços monovalentes [stop] e [contínuo], organizados em duas expansões (das obstruintes e das soantes) permitem dar conta das distinções entre obstruintes/soantes e entre

derivados não são distintivos, ou seja, têm estatuto alofônico, a regra que da conta deste processo deve operar no nível Pós-lexical. O processo pode ser representado pelo desligamento de Dorsal, derivando assim um segmento especificado apenas como Labial. Considerando que o nó Dorsal é propriedade de toda vogal/glide, a perda dessa articulação resulta numa consoante.

111.
Des-dorsalização
de Glide Labial



2.3.2. Epênteses

Os processos de epêntese operam, tipicamente, em contextos que não podem ser silabificados apropriadamente. Assim, na inserção de segmentos é relevante a estrutura silábica da língua. Segundo Clements e Hume (1993:64) as vogais epentéticas consistem de posições do esqueleto vazias cujo conteúdo é preenchido por regras tardias na derivação.

Nos modelos de silabificação “templatic” a epêntese faz parte do processo de silabificação, ao passo que nos modelos que assumem a silabificação em termos de regras, os segmentos epentéticos são inseridos por regra. Segundo Blevins (1995:226), estes últimos modelos apresentam a vantagem de dar conta melhor de fenômenos como o fato de os segmentos orfãos serem incorporados, por meio de epêntese, em inicial de palavra como Onset e em final como Coda, e o da sensibilidade que as regras de epêntese podem ter à estrutura morfológica. Visto que em Mocovi as epênteses são sensíveis à morfologia e que segmentos periféricos são resgatados por epêntese em Onset quando iniciais e em Coda quando finais, assumo o modelo de silabificação por regra.

laterais/tepes, excluindo da geometria os traços [soante] e [lateral]. Em Gualdieri (1994) apresentou-se uma interpretação do estatuto da tepe em Mocovi com base neste modelo.

Em Mocovi, as regras de epêntese são desencadeadas pela interação de dois tipos de fenômenos:

- (1) Restrições sequenciais que dizem respeito à representação em termos de traços dos segmentos (condicionamento segmental).
- (2) Violação dos princípios de silabificação, como os casos em que os segmentos não podem ser propriamente silabificados (condicionamento silábico).²⁴

2.3.2.1. Condicionamento segmental

As epênteses condicionadas segmentalmente operam quando, no curso da derivação, cria-se uma sequência mal-formada em termos das restrições da língua ou pela violação do Princípio de Contorno Obrigatório (PCO). A seguir apresentam-se as epênteses condicionadas por violação de restrições sequenciais. Note-se que existe interação com os princípios de boa-formação da sílaba, especialmente a chamada “regra CV” pela qual é preferida sempre uma sílaba com onset preenchido.

(1) Inserção de Glide : o glide menos marcado / y / insere-se para preencher onset em contextos que violam restrições de co-ocorrência ou a necessidade de Onset preenchido (Regra CV) envolvendo um segmento [faríngeo]

(a) nas seqüências [Coronal] + [Faríngeo] resultantes de derivação morfológica, insere-se uma sílaba cujo Onset é preenchido pelo glide menos marcado.

Exemplos:

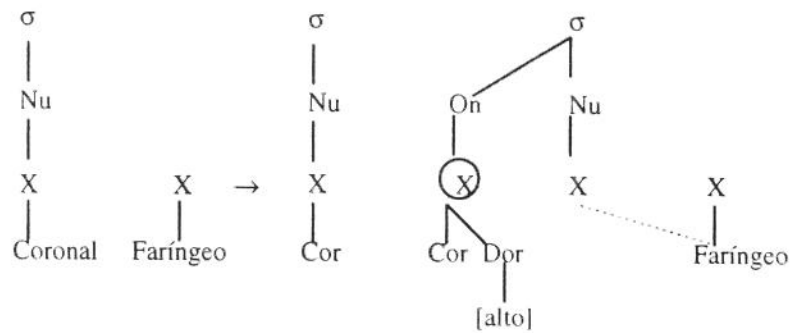
112.a	paʔe + aga	→	paʔyaga	“o calor”
b	keʔe + qad	→	kiʔyaqaʔ	“lugar onde se come”
c	- ame + gan	→	ramyagan	“presenteia”
d	- ewose + agak	→	newoʃagak	“cozinhar”

²⁴ Conforme Piggott e Singh (1985:446) apenas estes casos, condicionados pelo reajuste da estrutura métrica, podem ser considerados como epêntese. Outros tipos de inserções não seriam propriamente epênteses mas os segmentos inseridos deveriam ser considerados como parte da representação lexical dos morfemas.

Como pode ser observado nos exemplos, a vogal coronal é apagada, fato que pode ser interpretado como o desligamento do X que domina a vogal após ter espalhado o traço [alto] do glide (cf. *Harmonia*).

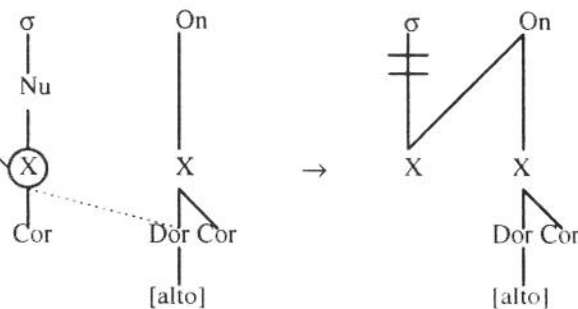
113.

Epêntese



114.

Apagamento de vogal e Ressilabificação

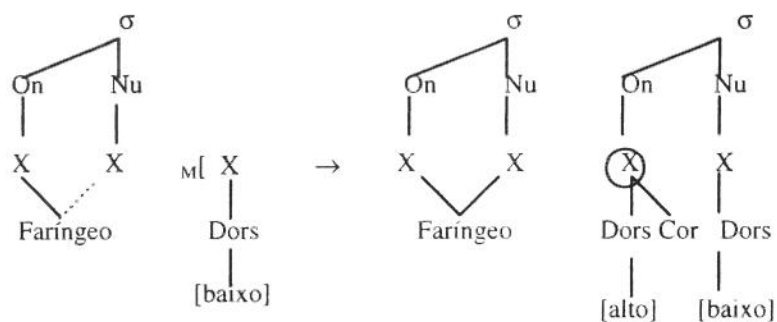


(b) nas seqüências [faringeo] V + [V, baixo] : insere-se um glide não marcado em onset se na sílaba anterior houver um segmento uvular no onset.

Exemplos:

115. -taga + a → retagaya “ele lhe fala”
 ?Ga + a → ?Gaya “ele o ouve”

116.



(2) **Inserção da sílaba / so /** : a epêntese de uma sílaba / so / é desencadeada pela violação do PCO na camada [Farángio]. Assim, é inserida quando no curso da derivação morfológica emergem seqüências [Farángio]+[Farángio].

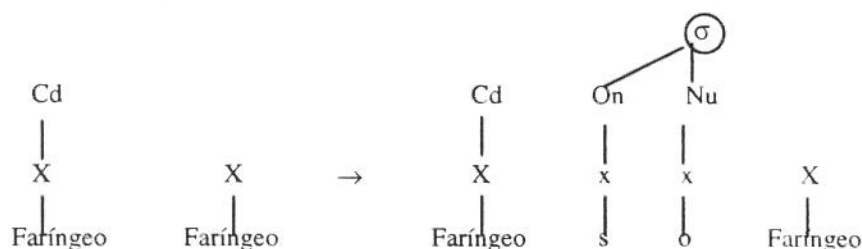
Exemplos:

- 117.a nqogog + gan > nqogogsoGon “ele beija”
 b. selag + g > selagsoq “nós dormimos”

Como pode ser apreciado em (a) a vogal da sílaba epentética desencadeia Harmonia do traço [arredondado] no sufixo (cf. *Harmonia*).

118.

Epêntese [so]



(3) **Inserção de vogal posterior** em contexto [Farángio] + [V, Coronal]

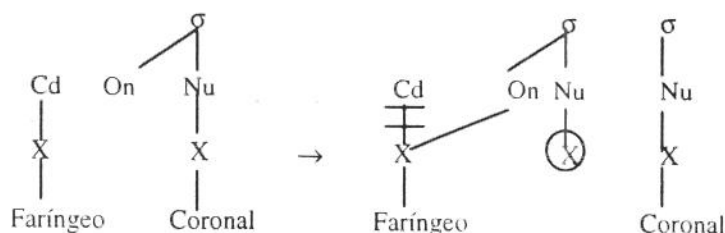
Nos processos de derivação morfológica que produzem seqüências de uvular e vogais coronais / i / e / e /, opera epêntese de vogal. Neste tipo de epêntese há interação entre as restrições segmentais da língua e a silabificação: assumindo a proibição de [Farángio] e [Coronal] tautossilábicos, pode ser interpretada como uma estratégia de reparação para os segmentos ficarem propriamente silabificados.

Exemplos:

- 119.a qanoG + id → qanoqoi? “a tua comida”
 b. natoG + id → natoqoi? “você cospe”
 c. nemaG + i: → nemaGai “a esquerda de vocês”
 d. natoG + ed → natoGoe? “eles cospem”

Como pode ser observado, a vogal epentética é atingida pelo processo de Harmonia transgatural se o núcleo da sílaba final do tema for vogal [arredondada]. Cf. também os exemplos (59-62) em 1.3.5.

120.

Epêntese vocálica
e Ressilabificação

2.3.2.2. Condicionamento silábico

Como já foi mencionado, a epêntese opera tipicamente desencadeada pelas discrepâncias entre segmentos subjacentes não silabificados completamente e a necessidade de todo material fonológico fazer parte da estrutura prosódica no nível da palavra fonológica. A seguir apresentam-se casos de epênteses que resgatam consoantes extrassilábicas que ocorrem na periferia da palavra. No interior da palavra, as vogais são inseridas nos limites morfêmicos, permitindo derivar uma estrutura da palavra otimamente bem formada, constituída por sílabas preferentemente mais simples, do tipo CV.

2.3.2.2.1. Segmentos extrassilábicos em início da palavra

Prefixos constituídos apenas por consoantes ficam extrassilábicos,²⁵ ou seja não silabificados na silabificação básica, em razão dos princípios de boa-formação da sílaba que obedecem à Hierarquia de Sonanticidade. O princípio de Sonanticidade prediz a ordem e pertença dos segmentos em Onset e Coda e é condição para a silabificação básica. Os segmentos que, levando em conta este princípio, não podem fazer parte de sílaba, ficam não silabificados. Tais segmentos podem ser incorporados, por regras tardias na derivação, em estruturas bem formadas por meio de epênteses vocálicas, ou podem ser apagados. Em Mocovi, os segmentos extrassilábicos em início de palavra são coronais soantes ou estridentes. Essas consoantes são incorporadas como Onset de

²⁵ Segundo Goldsmith (1990), os elementos extrassilábicos são licenciados pela palavra como Apêndices.

uma nova sílaba através da epêntese de uma vogal ou podem, opcionalmente, constituir elas próprias o Núcleo da sílaba, se não houver violação do PCO.

2.3.2.2.1.1. Suspensão de extrassilabidade por epêntese

Inserese uma vogal, criando uma nova sílaba, se o tema começar por consoante [Coronal]. A qualidade da vogal varia: nos casos não marcados é / e / , a vogal menos marcada, que pode ser atingida por Harmonia vocálica de [+alto] manifestando-se foneticamente como [i] ~ [ɨ] (cf. 1.2. *Alofonia e Harmonia vocálica*). Se a consoante extrassilábica for palatal, a vogal epentética é [i].

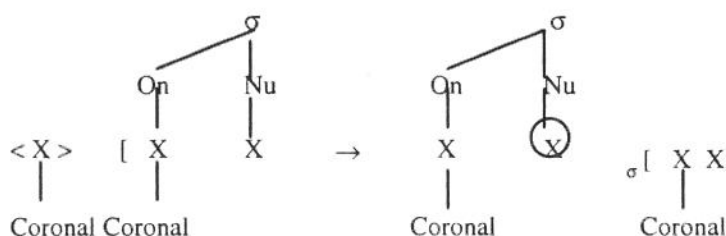
Exemplos:

121.a	s + taqa	→	setaqa	“eu falo”
b.	n + te:sqod	→	nĩte:sqoʔ	“o meu tio”
c.	n + te:sqod	→	nete:sqoʔ	“o seu tio”
d.	l + ci	→	lici	“a sua perna”
e.	r + taqa	→	retaqa	“ele fala”

A vogal poder ser / o / , harmonizando com o núcleo da sílaba seguinte se a mesma apresentar uma laríngea ou uvular no Onset (cf. *Harmonia*):

122.a	r + ʔo	→	roʔo	“ele zanga-se”
b.	n + qoʔpaq	→	noqoʔpaq	“a sua lenha”

123.
Suspensão de
extrassilabidade
por epêntese



A epêntese, portanto, resgata uma consoante não silabificada, operando obrigatoriamente a fim de impedir uma violação de PCO: a sequência *coronal-coronal. Como se observa a seguir, quando não há tal violação, a epêntese é opcional.

2.3.2.2.1.2. Suspensão de extrassilabidade por nuclearização

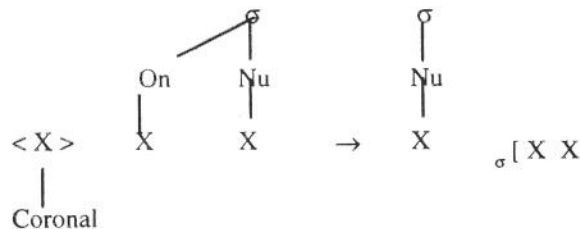
As consoantes extrassilábicas podem preencher Núcleo silábico se seguidas por obstruintes não coronais. Como já foi dito, as consoantes extrassilábicas que estamos considerando são soantes ou estridentes. Levando em conta a Hierarquia de Sonanticidade, as soantes são segmentos consonânticos com um alto grau de sonanticidade, fato que determina a possibilidade delas ocorrerem, como se atesta em diversas línguas, como Núcleo da sílaba. Dentre as obstruintes, as estridentes são também consoantes de maior sonanticidade na escala (cf. 98). Assim, tanto consoantes soantes quanto estridentes podem também ocupar posição de Núcleo silábico. Em Mocovi, quando silábicas estas consoantes são foneticamente longas.

Exemplos:

124.a	n + qote	→	nqote ~ noqote	“o seu olho”
b.	r + qayaed	→	rqayaeʔ	“o teu irmão”
c.	s + petagan	→	spetagan	“eu sopro”
d.	l + paʔa	→	lpaʔa	“a raiz”
e.	n + kiyo	→	nkiyo ~ nikiyo	“ele lava-se”
f.	ʃ + qopat	→	ʒqopat ~ ʒoqopat	“eu estou com fome”

125.

Suspensão de
extrassilabidade
por
nuclearização



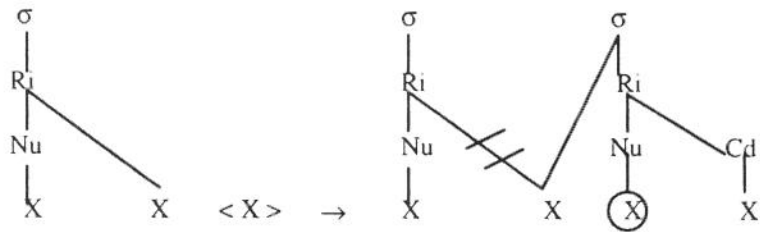
2.3.2.2.2. Segmentos extrassilábicos em final de palavra

Os segmentos extrassilábicos em final de palavra são sufixos constituídos por uma consoante que não foram silabificados em razão de serem afixados a bases acabadas por consoante. Eles são incorporados na estrutura prosódica como Coda de uma sílaba criada por epêntese vocálica. A qualidade da vogal diz respeito aos traços dos segmentos adjacentes.

- 126.a lekat + d > lekateʔ “a faca deles”
 b. piog + d > piogoʔ “cachorros”
 c. napid + l > napiril “avôs”
 d. soʔwe:t + G > soʔwe:taq “nós fazemos”

127.

Suspensão de
extrassilabidade
por epêntese

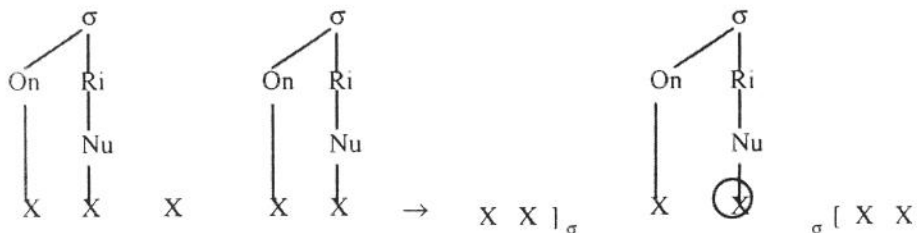


2.3.2.2.3. Epênteses no interior da palavra

As junturas morfêmicas em palavras derivadas nem sempre conformam estruturas prosódicas bem-formadas. Os morfemas geralmente não coincidem com sílabas. Assim, por meio de recursos, como a epêntese, a palavra adquire sua estrutura prosódica.

- 128.a saʔd + ni > saʔjiñi “eu prego”
 b. saʔd + G + ni > saʔdagañi “nós pregamos”
 c. paʔat + ta > paʔateta “está leve”
 d. ʔom + ta > ʔometa “está apagado”

129.
Silabificação de
segmento não
silabificado
por epêntese



A epêntese opera opcionalmente se a primeira consoante for soante coronal, fato que parece indicar que esses segmentos constituem Codas ótimas.

2.3.3. Harmonia vocálica

A Harmonia Vocálica é um fenômeno fonológico pelo qual as vogais em um domínio dado (tipicamente a palavra) harmonizam em um traço dado. A harmonia pode-se manifestar seja como uma condição fonotática sobre os morfemas, seja como uma regra fonológica de assimilação a distância.

Em Mocovi atestam-se dois tipos de harmonia vocálica, segundo os traços que a desencadeiam: (1) harmonia de [+alto] e (2) harmonia de [+arredondado].

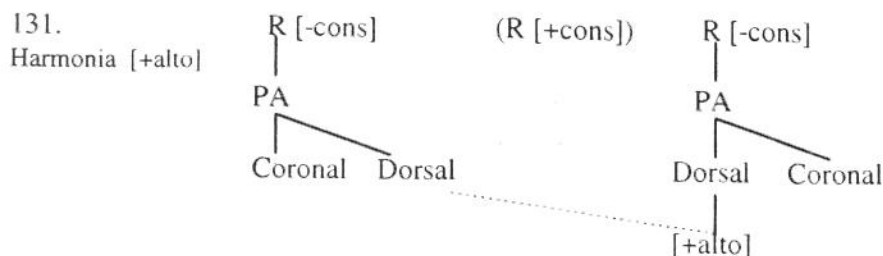
2.3.3.1. Harmonia de [+alto]

Este tipo de harmonia é desencadeado por uma vogal [+alto], que espalha tal traço sobre todas as vogais coronais, da direita para a esquerda, na palavra (Cf. 1.4.2. *As vogais anteriores*). Toda consoante age como segmento transparente para o espalhamento do traço e apenas as vogais posteriores são insensíveis. Este processo assimilatório pode ser entendido como uma estratégia de reparação de seqüências mal-formadas produto da derivação morfológica: lembre-se que no léxico não existem seqüências *[e (C) i].

Como pode ser observado nos exemplos seguintes, o processo proporciona contexto para a Palatalização de alveolares, e opera iterativamente até achar um segmento opaco no nível Lexical.

130.a	r+te:se+id	→	riči:ši?i?	“a tua sobrinha”
b.	r+awelese+d+id	→	raβiłišiči?	“as tuas tripas”

O processo pode ser representado como o espalhamento de [+alto] dependente de Dorsal, sendo as vogais coronais o alvo do espalhamento.



Como já foi mencionado, as vogais epentéticas assimilam [+alto] opcionalmente e não se constituem em “input” para a regra de palatalização de alveolares. A alternância fonética [e ~ ɪ ~ i] atestada nesses casos explica-se assumindo-se que a regra aplica também no nível Pós-lexical, considerando-se que tem como “output” um segmento que não faz parte do inventário fonêmico da língua, ou seja que viola o Princípio de Preservação de Estrutura. Além do mais, ela opera entre palavras.

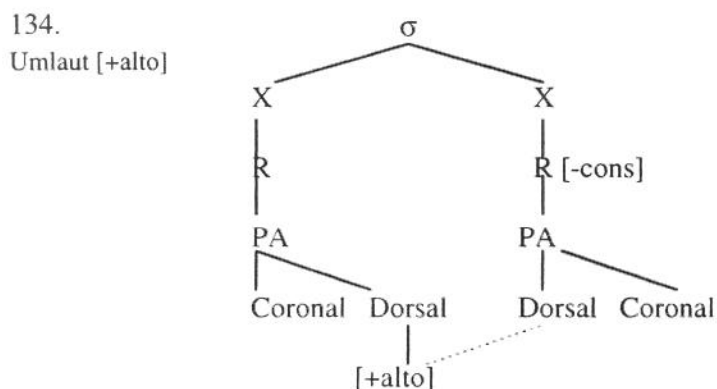
Exemplos

- 132.a n+mik [nemik ~ nimik ~ nimik] “o nariz”
 b. ke # yim [kɪ yim] (Obl+Pro.1)

Um processo semelhante, que tem correlação com a estrutura interna da sílaba, é a assimilação de [+alto] em contextos de prefixação:

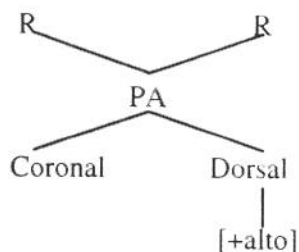
- 133.a i+e:nagat → yi:nagat “o meu nome”
 b. i+erek → yirek “o meu escrito”

Como pode ser observado nesses exemplos, trata-se de um processo assimilatório local (umlaut) cujo domínio é a sílaba e que opera da esquerda para à direita.



Em ambos os casos, resulta uma representação como a seguinte, que dá conta do fato dos segmentos coronais, em Mocovi, harmonizarem no traço [alto] (cf. também *Palatalização*):

135.



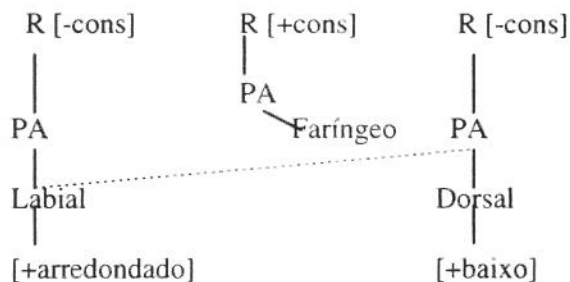
2.3.3.2. Harmonia de [+arredondado]

O traço vocálico [+arredondado], dominado por Labial, espalha-se bi-direcionalmente. O alvo do espalhamento é a vogal posterior e os segmentos transparentes, a laríngea [ʔ] e as uvulares. Lembre-se que as laríngeas não possuem traços de ponto de articulação oral e portanto tampouco bloqueiam o espalhamento de traços orais. No que diz respeito às uvulares, é conhecido o fato delas serem transparentes nos processos de harmonia vocálica, denominados “harmonia transgutural” (cf. Rose, 1996). Nos exemplos seguintes observam-se dados que apresentam este tipo de harmonia.

- | | | | | |
|-------|----------------|---|--------------|--------------------|
| 136.a | n+ʔwe:n | → | noʔwe:n | “ele canta” |
| b. | n+qote | → | noqote | “o seu olho” |
| c. | roʔo+qaçit | → | roʔoqoçit | “ele o faz zangar” |
| d. | nikiyo+gan+aga | → | nikiyogonaga | “lavadeira” |

137.

Harmonia
[+arredondado]
transgutural



Cabe mencionar aqui o processo Pós-lexical de abaixamento vocálico em contexto de uvular, que pode ser interpretado como o espalhamento do nó Faringeo com o seu dependente, relevante só para vogais, [RTR] (raiz da língua retraída) (Cf. 1.2. *Alofonia*).

O fato de as vogais posteriores, quando tautossilábicas com uma uvular, se realizarem foneticamente mais baixas e posteriores pode ser representado como uma estrutura em que o nó articulatório acha-se ligado a ambos segmentos. A presença duma consoante palatal, especificada [+alto], bloqueia a faringalização. Esta propriedade fonética aponta para a existência de um processo assimilatório que “neutraliza” dois traços incompatíveis articulatoriamente (Faringeo ou [RTR] e [alto]).

2.3.4. Desvozeamento

O desvozeamento em coda é um fato fonológico comum nas línguas. Como já foi mencionado, freqüentemente há menor número de contrastes nessa posição do que em onset. Conforme menciona Blevins (op.cit.:227), nem sempre é facilmente comprovável se as restrições em coda refletem condições fonológicas sincrônicas. Geralmente, tais restrições são representativas tanto dos perfis de sonanticidade preferidos quanto de resíduos de mudança histórica dos sons. Em Mocovi há evidência positiva da própria fonologia (alternâncias morfofonêmicas) de que os vazios em coda ocorrem na sincronia.

Tais fatos distribucionais têm sido interpretados seja como produto de uma regra (Rubach, 1990) que opera em Coda, seja como uma Condição de Licenciamento de Traços (Itô, 1986; Lombardi, 1996). Conforme Rubach (op.cit.) o Desvozeamento em Coda do Alemão deve-se à interrelação entre a atribuição da estrutura silábica e uma regra fonológica. O autor argumenta que a atribuição cíclica da estrutura silábica permite dar conta dos fatos do Alemão, assumindo a distinção entre um nível Cíclico e um nível Pós-cíclico no componente Lexical. O desvozeamento no interior de raízes e nos limites morfêmicos é explicado pela aplicação cíclica do algoritmo de silabificação, que opera continuamente através dos componentes Lexical e Pós-lexical sempre que houver contexto. Conclui que, em Alemão, a regra de desvozeamento condicionada pela atribuição cíclica da estrutura silábica permite dar conta da interrelação existente entre a

regra e a derivação morfológica. A regra CV cumpre a função de ressilabificar as codas, no componente cíclico, como onset de uma nova sílaba.

138. Regra de desvozeamento
(Rubach, 1990)

$$[-\text{soante}] \rightarrow [-\text{voz}] \quad / \quad \begin{array}{c} \text{N}'' \\ | \\ \text{X} \\ | \\ \text{—} \end{array} \quad ^{26}$$

Em Itô (1986), propõe-se um conjunto de Condições para a estrutura das sílabas em Japonês. A Condição de Coda da conta do “desvozeamento” em posição final:

139. Condição de Coda
(Itô, 1986)

$$\begin{array}{c} * \text{ C }]_{\sigma} \\ | \\ [+ \text{voz}, -\text{soante}] \end{array}$$

Lombardi (1996) argumenta que um dos traços monovalentes no Léxico é [voz] e analisa o desvozeamento e outros casos de neutralização laríngea em final de sílaba como resultado de uma Condição Positiva de Licenciamento segundo a qual o nó Laríngeo apenas é licenciado numa configuração como a seguinte:

140. Condição de Licenciamento
(Lombardi, 1996)

$$\begin{array}{c} \sigma \\ / \quad \backslash \\ [-\text{soante}] \quad [+ \text{soante}] \end{array}$$

No nível Pós-lexical, regras inserem o valor [-voz] em obstruintes não especificadas para vozeamento no Léxico.

Com base na Condição de Licenciamento de traços laríngeos, assumo que em Mocovi, os segmentos que ocupam coda final só podem ser surdos. A condição parece operar no nível da palavra (Pós-cíclico), visto que nesse nível ocorrem os processos que atingem as margens da palavra fonológica. Contudo, considerando, como se menciona mais abaixo, a possibilidade da atribuição da sílaba ocorrer ciclicamente, derivando assim obstruintes surdas em certos contextos morfológicos, o nível em que a condição opera não é claro.

Nas codas internas, o desvozeamento é opcional. Na maioria dos casos, é possível reconstruir um estágio na derivação em que tais obstruintes ocupam posição de onset e, após ter operado queda da vogal núcleo, são atribuídas à coda como resultado de ressilabificação. Assumo a existência duma regra de desligamento de [voz]. O traço desligado, poder ser apagado, resultando então uma consoante surda, ou pode ser reassociado, resultando uma consoante vozeada em coda (cf. Mascaró, 1987).

Mas, visto que nem sempre existe queda vocálica prévia, deve-se concluir que na coda interna a Condição de Licenciamento de [voz] é mais uma tendência do que uma restrição.

A análise do desvozeamento em Mocovi, contudo, é mais complexa visto que há alternâncias surdo/vozeado em posições superficiais de onset. Fica pendente a interpretação destes fatos. Um estudo aprofundado das interrelações entre a atribuição da estrutura silábica e a estrutura morfológica da palavra é necessário. A abordagem de Rubach antes mencionada, com base na atribuição cíclica da sílaba, poderia dar conta do fenômeno de alternância surdo/ vozeado em Mocovi.

2.3.5. Debucalização

A debucalização é um processo fonológico que pode ser descrito como a perda do ponto de articulação oral que produz segmentos laríngeos /ʔ/ e /h/. Nas teorias não-lineares é representado pelo desligamento do nó PAC ou do nó SL (McCarthy, 1988; Clements e Hume, 1993; Rose, 1996). Em Mocovi, a debucalização opera em segmentos coronais em Coda .

Como produto de debucalização, a Coronal sonora é reduzida a laríngea /ʔ/ em coda final, o que pode ser entendido como uma perda de estrutura ²⁷ que produz uma

²⁶ O autor assume a proposta de estrutura interna da sílaba baseada nos princípios da Teoria X-barrada da teoria sintática Gerativa. Nessa proposta, a Rima (N'') é uma primeira projeção do Núcleo, e a sílaba a projeção máxima (N''')

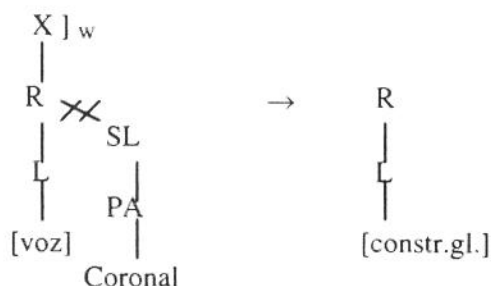
²⁷ Existem evidências comparativas de que a laríngea é produto diacrônico de perda de estrutura fonológica em Mocovi. Na comparação com outras línguas Guaicurú atesta-se tal mudança.

simplicação estrutural similar ao desvozeamento, porém mais radical. A debucalização pode ser interpretada como desencadeada por uma condição de licenciamento dos traços laríngeos (cf. *Desvozeamento*).

141.

Debucalização

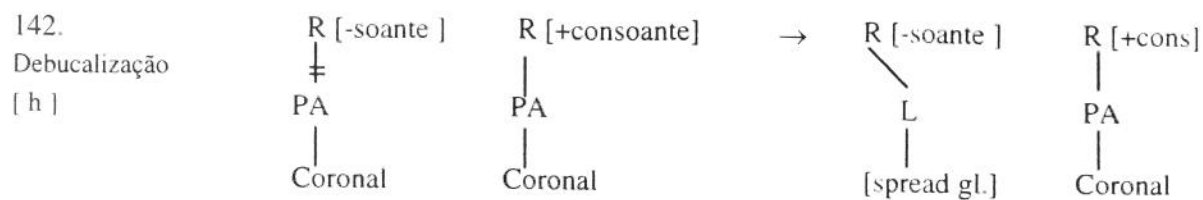
[ʔ]



Visto que é um processo que ocorre no limite da palavra e que neutraliza uma oposição, opera na fonologia Lexical, no nível Pós-cíclico (ou nível da Palavra).

Já a debucalização que produz /h/ a partir de coronais quando elas, na derivação morfológica, ocorrem adjacentes a outra coronal (cf. exs. em 1.3.4.) pode ser interpretada como efeito do PCO. O Princípio de Contorno Obrigatório proíbe a presença de segmentos adjacentes idênticos em uma certa camada da representação fonológica. Na derivação, o PCO não tem apenas o efeito de eliminar traços ou nós idênticos adjacentes por fusão deles ou por queda, mas também pode desencadear regras de dissimilação, como neste caso (cf. também *Epênteses*). O desligamento do nó SL repara, assim, uma sequência proibida.

<i>Mocovi</i>	<i>Mocovi Sul</i>	<i>Toba</i>	<i>Kadiwéu</i>	
ʔgini	ragini	tagini		“sul”
l-ateʔe		l-ateʔe	eder:de	“mãe”
ʔa:lo		ʔalo	iwal:o	“mulher”
ʔo:m		atom		“frio, fresco”
ʔGoraik		cogodaik		“pobre”
qaʔ		qaʔ	-aqad	“pedra”
l-oʔiʔ		l-ciʔ	-otidi	“leite”



Visto que o estatuto fonológico de / h / na língua não é claro, o nível em que a regra se aplica tampouco pode ser claramente determinado. Contudo, perante o fato do processo não ter sido registrado no nível pós-lexical (p.e. entre palavras), assumo que opera no Léxico, onde os processos são sensíveis à informação morfológica, como neste caso em que a debucalização apenas opera diante de certos prefixos.

Capítulo III

Generalidades sobre a gramática

1. Unidades Gramaticais.

Neste trabalho serão feitas referências a várias unidades gramaticais que são definidas a seguir. Tais definições são meramente operacionais e a descrição é feita em termos formais, levando em conta as possibilidades de combinação e ocorrência.

A **sentença** (*sentence*) é a unidade maior de descrição gramatical que não está incluída numa unidade maior e tem autonomia sintática. Além do critério distribucional, são relevantes na definição de sentença critérios fonológicos como a pausa potencial e a entoação. As sentenças podem ser simples ou complexas, quando constituídas por várias sentenças simples que são denominadas “oração”. A **oração**, portanto, é definida como “[...] *um grupo de palavras com sujeito e predicado próprios, se fizer parte de uma frase [sentença] maior.*” (Lyons, 1979:178). A seguir apresentam-se exemplos de sentenças simples (exs. 1.) e complexas (exs. 2.)

1. a qoʔpaq lasote qagek
 qopaG l-asote qag-wek
 árvore *3.pos-galho* *se.quebra-Dir*
 “o galho da árvore desprende-se” (quebra-se separando-se do tronco)

b. seʔgat lere kañi pagaginagaki
 s-eʔgat lere ke-a-ni pagagin-aga-ki
 1.suj-levar *livro* *Obl-f-CL* *transmitir.conhecimento-Nmz-Cl*
 “eu levo livros para a escola”

c. saʔahantak añi waqae
 s-ʔahan-tak a-ni waqae
 1.suj-olhar-Asp *f-CL* *galinha*
 “eu estou olhando a galinha”

Assim, as palavras podem ser identificadas numa emissão pela possibilidade de serem separadas por pausa e pelo fato de cada uma delas carregar um acento primário. Do ponto de vista *gramatical*, a palavra define-se pela sua coesão interna, sua distribuição externa e sua capacidade de ocorrer como “forma livre mínima” (Bloomfield, 1933). Uma palavra, então, pode ocorrer independentemente, constituindo uma unidade coesa em que não é possível inserir ou mudar a ordem dos segmentos, e com independência de movimento (pode ocorrer em posições diferentes). Dentre as palavras, é possível distinguir entre palavras lexicais e palavras funcionais. As palavras *lexicais* incluem as categorias lexicais maiores (nomes, verbos, advérbios) e podem ser definidas segundo os critérios antes mencionados. Já as palavras *funcionais* (determinantes, partículas) são itens que não podem ser enunciados isoladamente, apesar de não serem afixos e carregarem acento primário. Nos dados fornecidos em (1-3), são palavras lexicais, por exemplo, qoʔpaq, waqae, saʔahantak, deragan, e palavras funcionais so, kiʒim, qam, se.

Em Mocovi, as palavras podem ser formadas por uma raiz com ou sem afixos. Entende-se por **raiz** (*root*) a parte mínima da palavra uma vez retirados todos os afixos. Uma raiz combinada com afixos derivacionais (não flexionais) constitui um **tema**. Uma forma qualquer na que podem ser adjungidos afixos denomina-se **base**. A distinção de um constituinte base é necessária pelo fato de existirem afixos que podem somar-se tanto a raízes quanto a temas. Numa palavra como rewaragan a raiz é -ewad-, o tema -ewaragan

As unidades mínimas da análise gramatical são os **morfemas**. Os morfemas são unidades indivisíveis, seja de conteúdo semântico ou de função gramatical, que constituem as palavras. Os *lexemas*, ou morfemas lexicais, ocorrem no léxico e têm conteúdo semântico, ao passo que os morfemas gramaticais ocorrem na gramática. Morfemas que são também palavras são denominados de *morfemas livres*. Já aqueles que são partes constituintes de uma palavra são *morfemas presos*. Assim, por exemplo, nos dados oferecidos em (1-3) são lexemas qoʔpaq, yale, -ewad- e morfemas gramaticais kiʒim, qam, -tak, s-, -agan, -ake; são morfemas livres qoʔpaq, yale, kiʒim, qam, ni, se e morfemas presos -tak, s-, -agan, -ake, a-

2. Aspectos tipológicos

2.1. A ordem das palavras

A ordem dos constituintes é um dos critérios que permite fazer uma tipologia das línguas. Embora a maioria das línguas apresente variação, reconhece-se a existência de uma ordem básica ou "dominante" em cada uma delas (Greenberg, 1963:76). Steele (1978) propõe uma tipologia das variações possíveis para cada ordem básica com base em duas restrições (op.cit.:602-4) relacionadas com a posição do verbo e a posição de sujeito e objeto em relação com o verbo. Segundo a primeira restrição, uma língua em que a posição do verbo na ordem básica é inicial/final na sentença não pode ter variantes em que o verbo ocorra em final/inicial, respectivamente. Conforme a segunda restrição, não há uma variante na ordem em que o objeto precede e o sujeito segue o verbo.

O comportamento das línguas no que diz respeito a tais restrições permite classificá-las em línguas de "ordem rígida" (que não violam nenhuma restrição), línguas de "ordem livre" (que apresentam violação de todas as restrições) e línguas "mistas" (que violam apenas uma das restrições). Levando em consideração as propostas de Steele, o Mocovi pode ser caracterizado como uma língua SVO de ordem livre, semelhante, na amostra base da autora, com o Asteca Clássico (op.cit.:616, 618).

Em Mocovi, uma sentença declarativa simples transitiva apresenta a ordem menos marcada SVO, com variantes mais marcadas VOS e SOV ²:

4.a	añi	yate?e	newa?	magaso	SVO	
	a-ni	i-ate?e	n-ewad	maGaso		
	<i>f-CL</i>	<i>1.pos-mãe</i>	<i>3.Méd-costurar</i>	<i>calça</i>		
	"a minha mãe costura uma calça"					
b.	ya?gat	na?oge	naho	so	jesus	VOS
	i-a?gat	na-a?oge	na-ho	so	jesus	
	<i>3.suj-dizer</i>	<i>CL-Qnt</i>	<i>CL-Dem</i>	<i>CL</i>	<i>Jesus</i>	

² A ordem SOV apenas foi registrada em coleta induzida especificamente para testar variação de ordem (cf. ex.5.c.)

"...Jesus disse todo isto..."

Os seguintes exemplos mostram as possíveis variações gramaticais (a-c) e agramaticais (d,e) na ordem dos constituintes de uma sentença simples transitiva. Tais variações coincidem com as previsões feitas por Steele sobre as línguas SVO de ordem livre :

5.a.	yapogi	ñi	lasom	na	nonot	VOS
	i-apo-gi	ni	l-asom	na	nonot	
	<i>3.suj-fechar-Loc</i>	<i>CL</i>	<i>3.suj-porta</i>	<i>CL</i>	<i>vento</i>	
	"o vento fechou a porta"					
b.	na	nonot	yapogi	ñi	lasom	SVO
c.	na	nonot	ñi	lasom	yapogi	SOV
d.	*	ñi	lasom	yapogi	na	*OVS
e.	*	ñi	lasom	na	nonot	*OSV

Os exemplos seguintes mostram que um SN pré-verbal é interpretado como sujeito da sentença. Em (6.b) e (7.b) a agramaticalidade diz respeito ao papel de agente que o sujeito desses verbos carrega: os SNs em posição pré-verbal são interpretados como sujeitos e portanto devem ser semanticamente congruentes com o papel agentivo. Já em (8) a liberdade na posição do SN objeto é possível porquanto o verbo carrega a marca de concordância pronominal de sujeito 1ª pessoa, portanto não há ambigüidade possível.

6.a	nonot	yidagan	qo?paq	lasote	SVO	
	nonot	i-eda-gan	qo?paG	l-asote		
	<i>vento</i>	<i>3.suj-se.mover-Val</i>	<i>árvore</i>	<i>3.pos-galho</i>		
	"o vento move o galho da árvore"					
b.	*	qo?paq	lasote	yidagan	nonot	*OVS
7.a	re?leggano?	ji	kesagala?		VO	
	ø-r-?leggan-o?	ji	kes-aga-lad			
	<i>3.suj-T-varrer-Narr</i>	<i>CL</i>	<i>??-Nmz-Cl:loc</i>			
	"ele/a varreu o quintal"					
b.	*	ji	kesagala?	re?leggano?		*OV

- b. ñi lasom pogi SV
- 12.a reda na lasote VS
 ø-r-eda na l-asote
 3.suj-T-se.mover CL 3.pos-galho
 "o galho move-se"
- b. na lasote reda SV

No sintagma nominal, a ordem dos elementos é também relativamente livre. As construções genitivas apresentam como ordem não marcada Nome-Genitivo, mas há exemplos da ordem inversa: em (14) apresenta-se a variação registrada na estrutura de um sintagma nominal que expressa uma relação genitiva (cf. *Sintagma Nominal, Posse*). A diferença entre as construções em (14) não está clara ainda, visto que para os falantes parecem ser todas igualmente aceitáveis.

13. ka laši na iserepioki? N-G
 ka l-asi na ise-d-ipi-oki?
 CL 3.pos-chefe na animal-Pc-Pl-Dim.m
 "... a rainha dos animalzinhos ..."
- 14.a aso late?e so valentin N-G
 a-so l-ate?e so valentin
 f-CL 3.pos-mãe CL Valentin
 "a mãe do Valentin"
- b. so valentin aso late?e G-N
- c. aso valentin late?e G-N
- d. aso late?e valentin N-G

Conforme aponta Steele (op.cit.:614), há uma correlação entre a ordem livre e a existência de morfologia de concordância pronominal, muitas vezes formalmente semelhante aos pronominais independentes. Tais propriedades podem ser interpretadas, segundo a autora, como sendo duas manifestações do fato de que, nessas línguas, os sintagmas nominais sujeito e objeto têm um estatuto de constituintes em aposição à oração e, portanto, não necessitam de marcação morfológica de caso (cf. 2.2. *Marcação de caso*). Este conjunto de propriedades faz parte das características observadas nas

línguas chamadas de "não-configuracionais", "de argumento pronominal" e/ou "polissintéticas".³

Por outro lado, além de uma grande liberdade na ordem dos constituintes, este tipo de línguas apresenta construções "descontínuas": elementos léxicos ocorrem separados do constituinte de que fazem parte. Embora seja uma opção marcada e pouco freqüente, foram registradas em Mocovi ocorrências desse tipo de expressões :

15.a sawotake ʒaqaik ka šipegaq
 s-ao-ta-ake jaq-aik ka sipegac
 1.suj-querer-Asp-Des *veloz-Atr.m* *CL* *cavalo*
 "quero um cavalo veloz"

b. sawotake [ka šipegaq ʒaqaik]

16.a noyak yašiwiaġat piʔgilogolagaik na raʔa:sa lawaq
 n-oyak i-asiwi-gat piʔgilogol-aga-ik na raʔa:sa l-awaq
 roupa *3.suj-secar-Cau* *molhar-Nomz-Atr.m* *CL* *sol* *3.pos-raio*
 "a roupa molhada seca-se no sol (lit. a roupa molhada o raio do sol faz secar)"

b. [noyak piʔgilogolagaik] yašiwiaġat na raʔa:sa lawaq

17.a kaʔoge ñatenagit ka ñawoġagaripi
 ka-aʔoge i-n-aten-agit ka i-n-aot-yaga-d-ipi
 CL-Qnt *1.suj-Méd-achar-Or* *CL* *1.pos-Aln-querer-Nmz-Pc-Pl*
 "me encontrei com todos os meus amigos"

b. [kaʔoge ka ñawoġagaripi] ñatenagit

18.a ʔwi sawa ñatendaʔgita ñawoġagawaʔ
 ʔwe-i so-wa i-n-aten-d-aʔgit-a i-n-aot-yaga-wa-d
 Exst-Pc *CL-Pc* *1.-Méd-achar-Pc-?-Or-3.obj* *1.pos-Aln-querer-Nmz-Cl-Pc*
 "encontrei alguns (dos) meus amigos" (lit. há os meus amigos eu me encontrei)

b. [ʔwi sawa ñawoġagawaʔ] ñatendaʔgita

³ Cf. Baker (1996) para uma análise das propriedades deste tipo de línguas dentro da teoria gerativa de princípios e parâmetros.

19. nočita [kawa] roʔyogonsaʔpe [iseʔ]
 n-ocita ka-wa ø-r-ʔyogon-saʔpe ise-d
 3.Méd-ter.medo CL-Pc T-assobiar-Asp.3pc animal-pc
 “tem medo dos animais (que) estão assobiando”
20. napioʔta [na] ñikiyo:tapega [kiyogot]
 n-apioʔ-ta na in-kiyo-ta-pege-a kiyogot
 3.Méd-sujo-Asp CL 1.Méd-lavar-Asp-Asp-3.obj lavar-Nmz
 “está sujo o pano (lit. para lavar) com que me estou lavando”

Em (15) e (16) nominalizações em função de modificador atributivo ocorrem externas ao SN; em (17.a) o quantificador está separado do SN que quantifica; em (18), (19) e (20) o classificador ocorre descontínuo do nome, seja em construções existenciais que envolvem indefinitude (18), seja em construções relativas (19). Um estudo aprofundado da sintaxe da língua, por enquanto fora dos objetivos deste trabalho, poderá revelar qual o estatuto dos sintagmas nominais e com isso permitir uma melhor compreensão deste tipo de fenômeno sintático.⁴ Além disso, é necessária uma pesquisa direcionada para o estudo das funções comunicativas das sentenças e seus constituintes que permita entender a variação existente em aspectos sintáticos como a ordem livre e as construções descontínuas.

2.2. A marcação de Caso

Mocovi apresenta traços de língua de marcação de caso do tipo Ativo. Segundo Givon (1985) as línguas Ativas são sensíveis ao papel semântico dos argumentos, diferentemente dos sistemas Nominativo/Acusativo, em que é relevante o papel pragmático-discursivo dos SNs, e Ergativo/Absolutivo em que a marcação de caso se baseia na transitividade das orações. A marcação diferenciada dos participantes na morfologia de concordância pronominal é uma das características básicas dos sistemas Ativos. Assim, os sujeitos ativos transitivos/intransitivos diferenciam-se dos sujeitos

⁴ A hipótese proposta para esse fenômeno sintático (cf. Jelinek, 1984; Baker, 1996) diz respeito ao estatuto dos SNs que não ocupariam posições argumentais mas seriam adjuntos ou aposições (cf. também Steele, op.cit.). Assim, os elementos descontínuos seriam gerados independentemente, em aposição, o que explicaria a sua liberdade para ocorrer cindidos.

inativos intransitivos, estes últimos marcados morfossintaticamente como os objetos de verbos transitivos.⁵ A marcação dos argumentos, portanto, expressa o estatuto semântico do participante, sendo que a distinção básica é aquela entre Agente e Paciente⁶, papéis semânticos que permitem diferenciar os dois argumentos de uma construção transitiva típica. Já nas orações intransitivas, com um argumento único, há uma identificação entre relações gramaticais e papéis gramaticais que pode ser esquematizada como segue:⁷ $S_A = A$, $S_P = P$. Dessa maneira, pode-se falar de marcação “agentiva” e “pacientiva”: a primeira expressa participantes Agente (sujeitos transitivos ou intransitivos) e a segunda participantes Paciente (objetos transitivos ou sujeitos intransitivos). No capítulo V: 1.2.1. desenvolve-se o tema dos papéis semânticos em Mocovi.

Os parâmetros semânticos envolvidos na marcação de caso tipo Ativa são de dois tipos: o aspecto lexical e a agentividade (cf. Mithun, 1991) O *aspecto lexical* diz respeito à categorização dos verbos segundo os mesmos denotem eventos ou estados. Já o parâmetro da *agentividade* tem a ver com o estatuto semântico dos participantes, envolvendo traços como Causação, Controle e Afetação. Em Mocovi a distinção “agentivo/pacientivo” baseia-se no sub-parâmetro da Afetação: participantes afetados pelo evento/estado expresso no verbo são codificados como Paciente e participantes não-afetados carregam o papel Agente. Cabe mencionar aqui que a agentividade não é um traço da língua em sua totalidade, mas é restrito a certas categorias gramaticais e freqüentemente apresenta cisões baseadas principalmente na categoria de pessoa. Em Mocovi (cf. *Capítulo V*) a 1ª e 2ª pessoas apresentam um padrão de marcação diferente da 3ª pessoa. Além disso, como aponta Mithun, é freqüente encontrar lexicalização⁸

⁵ O fato dos sujeitos intransitivos apresentarem dois tipos diferentes de marcação, um deles isomórfico com as marcas de objeto à semelhança do que acontece nas línguas Ergativas, tem conduzido a considerar os sistemas ativos como “sistemas de ergatividade cindida com base semântica” (Dixon, 1979:80).

⁶ Assumo, como proposto por Foley e van Valin (1986), Dowty (1991), Palmer (1996), a existência desses dois “macro-papéis” gramaticais que expressam diferentes papéis nocionais. (cf. *Capítulo V.1.2.*) A diferença entre papéis *gramaticais* e papéis *nocionais* estabelecida por Palmer (op.cit.) é relevante para o estudo dos sistemas de marcação de caso. Os papéis *gramaticais* são a gramaticalização dos papéis nocionais e podem ser identificados claramente, o seu número é limitado e sua marcação específica para cada língua, ao passo que os *nocionais* são estritamente semânticos, portanto difíceis de enumerar e identificar.

⁷ Seguindo a notação de Palmer (op.cit.): S=argumento único de intransitivas, A=agente de transitivas, P=paciente de transitivas.

⁸ Segundo a autora, a lexicalização é “[...] a particularly powerful factor in active/agentive case systems [...]” (Mithun, op.cit.:540) pois esses sistemas codificam relações semânticas entre argumentos e verbos, e não o estatuto dos participantes na oração ou o discurso.

(combinações de predicado e caso que são usadas e aprendidas como uma unidade), o que determina a existência de certas inconsistências observáveis sincronicamente nas línguas. Assim, em Mocovi, o sistema apresenta certos verbos em que a escolha da marca pronominal não parece ter bases semânticas claras. Por exemplo, verbos como “doer” e “dormir” codificam os participantes como agentivos, apesar deles apresentar propriedades semânticas de afetados (cf. *Capítulo V: Marcação pronominal*).

Nos exemplos a seguir apresenta-se uma amostra das propriedades mencionadas em Mocovi: contraste-se a marcação dos participantes em um verbo bivalente em (21) com a morfologia de concordância nos verbos monovalentes (22) e (23).

21.a	sowagan s-wagan <i>1.A-bater</i>	“eu (o) bato”
b.	wagañi? wagan-id <i>bater-2.A</i>	“você (o) bate”
c.	sowagañi? s-wagan-id <i>1.A-bater-2.P</i>	“eu te bato”
d.	ǰowagañi? i-d-wagan-id <i>1.P-T-bater-2.A</i>	“você me bate”
22.a	sañip s-anip <i>1.S_A-procurar.lenha</i>	“eu procuro lenha”
b.	setaqa s-taqa <i>1.S_A-falar</i>	“eu falo”
c.	ñipi? anip-id <i>procurar.lenha-2.S_A</i>	“você procura lenha”

d.	taġai? taqa-id <i>falar-2.S_A</i>	“você fala”
23.a	ĵisal i-d-esal <i>1.S_P-T-vomitar</i>	“eu vomito”
b.	ĵoqopat i-d-qopat <i>1.S_P-T-estar.com.fome</i>	“eu estou com fome”
c.	resaġi? r-esal-id <i>T-vomitar-2.S_P</i>	“você vomita”
d.	rġopaċi? r-qopat-id <i>T-estar.com.fome-2.S_P</i>	“você está com fome”

Nesse ponto é também necessário observar que, no que diz respeito à marcação formal das relações gramaticais, o Mocovi é uma língua de marcação no núcleo (“head-marking”), diferentemente das línguas em que o caso marca-se nos sintagmas argumentais (“dependent-marking”). Assim, afixos pronominais e de papel semântico ocorrem no núcleo verbal/nominal e os SNs não apresentam marca. Em Mocovi, apenas constituintes oblíquos (cf. 3.1.1.) são marcados pelo clítico/afixo **ke**.⁹ Segundo Nichols (1986), nas línguas “head-marking” é freqüente a existência de marcação de caso Oblíquo (não nuclear) no dependente; inclusive noções como Locação/direção podem ocorrer indexadas no verbo. Também essa propriedade pode ser observada em Mocovi (cf. V.1.5. *Direcionais-locativos*).

⁹ O estatuto morfológico da forma **ke** não está ainda claro. Por um lado, ele comporta-se como um morfema livre pois pode ocorrer introduzindo constituintes pronominais, como em (i), e nesses casos mantém a sua independência fonológica:

(i) **ke yim**

Por outro, quando o SN contém um classificador, **ke** parece agir como um prefixo, sendo atingido pelos processos fonológicos que ocorrem ao interior da palavra, como o alçamento vocálico e a queda de [e]:

(ii) **ke+ni** > **kiñi**

(iii) **ke+aso** > **kas**

Visto que /**ke**/ marca o estatuto oblíquo de um SN completo, assumo aqui o caráter de “afixo frasal” deste morfema, deixando em aberto a possibilidade de ser interpretado como morfema livre ou clítico.

São também características das línguas Ativas a carência de uma categoria Adjetivo, a divisão dos nomes e dos verbos em ativos/inativos (Seki 1990). Em Mocovi, também essas características se cumprem, como pode ser observado na discussão sobre a marcação de pronominal de possuidor e o estatuto dos conceitos adjetivais (*Capítulo IV*) e, no capítulo V, acerca dos tipos de verbos e a marcação pronominal.

3. Esboço sintático

Neste ponto apresenta-se um esboço das principais características sintáticas do Mocovi relevantes para uma melhor compreensão dos capítulos seguintes. Brevemente, descrevem-se os diferentes tipos de sentenças com base na natureza do predicado, a modalidade e a complexidade. Logo após, trata-se da negação e das construções que cumprem a função da passiva.

3.1. Tipos de Sentenças

As sentenças podem ser classificadas levando em conta a natureza do predicado, a modalidade e a complexidade estrutural.

3.1.1. Pela natureza do predicado

Pela natureza do seu predicado, as sentenças em Mocovi podem ser classificadas em *transitivas, intransitivas, equativas e existenciais*.

As sentenças **transitivas** têm como núcleo do SV um verbo de dois lugares. Esses verbos subcategorizam um SN complemento que pode carregar papel temático não apenas de paciente mas também de locativo ou dativo. É relevante aqui a distinção entre as funções gramaticais de Complemento e de Adjunto. Os Complementos são constituintes obrigatórios e nucleares, ao passo que os Adjuntos são opcionais e extra-nucleares (cf. Lyons, 1979:365). Em Mocovi, a obrigatoriedade não é uma propriedade pertinente para a distinção pois é uma língua que marca no núcleo as relações gramaticais e, por conseguinte, permite a omissão dos SNs argumentais. Assumo, portanto, que em Mocovi a distinção pode ser feita com bases estritamente formais:

- c. [keso ñaGa] saqataGanaq waloq
 ke-so naGa s-qat-Gan-G walog
Obl-CL verão 1.suj-tirar-Val-Pl algodão
 “no verão colheitamos algodão”

26. ʔna:koʔ ka pagek qoʔGoyk keka yaleʔ
 ø-ʔnak-oʔ ka pagek qoʔ-Ga-ik ke-ka yale-d
 3.suj-dizer-Nar CL Adv velho-Nmz-Atr.m keka homem-Pc
 “... disse o mais velho dos homens ...”

Levando em conta os aspectos sintáticos formais, assumo que todo SV que subcategoriza um SN reto (ou seja, não marcado pelo oblíquo *ke*) deve ser considerado como transitivo do ponto de vista formal. Nas construções seguintes, o complemento expressa o papel Paciente, e elas são, portanto, construções transitivas típicas.

- 27.a salawat so kos “eu matei o porco”
 s-alawat so kos
 1.suj-matar CL porco
- b. kiyo na peget “ele lava o prato”
 Ø-kiyo na peget
 3.suj-lavar CL prato
- c. saʔik so laʔat “eu comi a carne”
 s-aʔik so l-aʔat
 1.suj-comer CL 3.pos-carne

As construções com SN locativos subcategorizados pelos sufixos Locativos, podem ser consideradas também como transitivas. Lembre-se que a língua não possui adposições, e são os afixos verbais que cumprem as funções ligadas a essa classe de itens lexicais.

- 28.a we:tangi ka wagayaq ka laʔoragay
 we:ta-ni-gi ka wagayaG ka laʔoragay
 estar-Asp-Dir-Loc CL água CL tamandua
 “...o tamandua estava dentro da água...”

- b. yireteḡñi lqa:taGanaGayk kaʒi lere
 i-er-tag-ni l-qa:t-gan-gaik ke-a-ji lere
 3.suj-escrever-Asp-Dir 3.pos-contar-Val-Nmz.m Obl-f-CL caderno
 “ele está escrevendo um conto no caderno”

Há verbos, chamados **bi-transitivos**, que apresentam dois SN-complemento. Nesses casos os SNs são regidos pelos afixos verbais, como em (29) em que os afixos marcam caso semântico Benefativo e objeto de 3ª pessoa.

- 29.a so juan yaʒgatema so pedro ka we:nataGayk
 so juan i-aʒgat-em-a so pedro ka we:nat-gaik
 CL João 3.suj-contar-B-3.obj CL Pedro CL ??-Nmz.m
 “o João lhe contou uma história ao Pedro”

- b. aso ʒa:lo ya:nema so piogripi so naʒik
 a-so ʒa:lo i-a:n-em-a so piog-d-ipi so n-aʒik
 f-CL mulher 3.suj-dar-B-3.obj CL cão-Pc-Pl CL Ind-comida
 “a mulher lhes dá comida aos cachorros”

Se o Beneficiário for um participante de 1ª ou 2ª pessoa, ocorre no verbo um afixo pronominal co-referente com o argumento beneficiário:

30. sa:nitema ana yači:ma
 s-a:n-id-em-a a-na i-aci:ma
 1.suj-dar-2sg-B-3.obj f-CL 1.pos-agasalho
 “eu te dou o meu agasalho”

Em (31) o verbo rege um complemento direto paciente e um complemento locativo subcategorizado pela presença do afixo Locativo. Formalmente, também este tipo de construção pode ser considerada como bi-transitiva:

31. siʒot na lai na lere
 s-lya-ot na l-ai na lere
 1.suj-pôr-Loc CL 3.pos-lado CL caderno
 “eu ponho o caderno contra a parede (apoio)”

No seguinte fragmento de texto, observa-se a ocorrência de SNs objeto paciente e locativo em construção com a mesma forma verbal:

32.	ka?	inaḡankyo?	[ka ni?ya] _{Loc}	ka:
	ka?	i-naḡan-gi-o?	ka n-i?a	ka:
	<i>Part.tp</i>	<i>3.suj-jogar-Loc-Nar</i>	<i>CL Ind-poço</i>	<i>Part</i>
	inaḡankyo?	[ka ñik] _{OD}		
	i-naḡan-gi-o?	ka nik		
	<i>3.suj-jogar-Loc-Nar</i>	<i>CL corda</i>		

“... então a jogou dentro do poço, jogou dentro a corda ...”

Nas sentenças **intransitivas** o núcleo do SV é um verbo que subcategoriza apenas um argumento.

33.a	nogtoki?	ʎipetak	“o menino está mamando”
	nogot-oki?	∅-lip-tak	
	<i>jovem-Dim.m</i>	<i>mamar-Asp</i>	
b.	ñi ni?ya	no?ḡa	“o poço encheu-se”
	ni n-i?ya	n-o?ḡa	
	<i>CL Ind-poço</i>	<i>3.Méd-se.encher</i>	
c.	?ḡoyk ske?e	“eu como muito”	
	?ḡoik s-ke?e		
	<i>Adv I.suj-comer</i>		

Dentre as sentenças não-verbais, reconhecem-se as *equativas* e as *existenciais/possessivas*. As sentenças **equativas** estabelecem uma relação entre um sujeito paciente de estado (cf. Givon, 1984) e um SN predicado por meio da simples justaposição de ambos os constituintes: em Mocovi não há verbo copulativo.

34.a	so	šipeḡaq	jaqayk	“o cavalo é rápido”
	so	sipeḡaq	jaq-aik	
	<i>CL</i>	<i>cavalo</i>	<i>rápido-Atr.m</i>	
b.	aso	?a:lo	yasoro	“essa mulher é a minha tia”
	a-so	?a:lo	i-asoro	
	<i>f-CL</i>	<i>mulher</i>	<i>1.pos-tia</i>	

- c. lateʔe ka soGonaGA "...a sua mãe é o trovão..."
 l-ateʔe ka soGonaGA
 3.pos-mãe CL trovão
- d. ñi ilo šipegaq laweragayk
 ni i-lo sipegaq l-awed-aga-ik
 CL 1.pos-animal cavalo 3.pos-preto-Nmz-Atr.m
 "o meu cavalo é preto"
- e. ka letaʔa yataGAM qom
 ka l-taʔa yataGAM qom
 CL 3.pos-pai Adv gente
 "...o seu pai é muito pessoa..." (totalmente humano)

Por sua parte, as sentenças **existenciais** estabelecem a existência de um argumento e são constituídas pelas palavras existenciais *ʔwe* "positivo" e *qaika* "negativo".¹¹ Essas mesmas palavras são utilizadas em construções **possessivas** que exprimem uma relação possuidor-possuído entre um SN-sujeito e um SN-objeto com marcação pronominal de possuidor correferente com o sujeito:

- 35.a ʔwe ʃi yamaGaso qoñi
 ʔwe ji i-amaGaso qoni
 Exst CL 1.pos-calça amarelo
 "eu tenho uma calça amarela" (lit. há a minha calça amarela)
- b. ʔwe ilagayk
 ʔwe i-lag-aik
 Exst 1.pos-dormir-Atr
 "eu tenho sono" (lit. há o meu sono)
- c. ñi ʔi:mek ʔwe lelaq dalagayk
 ni ʔi:mek ʔwe l-elaq dal-aga-aik
 CL casa Exst 3.pos-teto verde-Nmz-Atr
 "a casa tem teto novo" (lit. há o seu teto novo)

¹¹ O estatuto categorial desses itens lexicais não está claro. Eles apresentam características morfológicas tanto não-verbais quanto verbais, como a carência de flexão pronominal e de marcação de aspecto, morfologia de número paucal mas não plural (num caso formalmente similar aos nomes, no outro semelhante aos classificadores), co-ocorrência com sufixos Locativos (como os verbos) e com a marca de tempo narrativo (como todas as categorias exceto os nomes). Cf. *Capítulo V*.

a ordem básica dos constituintes é SVO nas sentenças transitivas, e SV alternando com VS nas intransitivas.

3.1.2.1. Sentenças interrogativas

As sentenças **interrogativas** são de dois tipos básicos: *polares* e *com palavra interrogativa*. As sentenças interrogativas **polares** são aquelas que exigem uma resposta positiva ou negativa (*sim/não*). Esse tipo de perguntas não apresenta marca morfológica: a construção é morfossintaticamente similar a uma sentença declarativa, sendo a modalidade interrogativa atribuída pelo padrão entoacional ascendente no final da sentença. Esse tipo de pergunta admite respostas expressas pelas partículas afirmativa *aha*: “sim” e negativa *ʔe*? “não”.

38. a nacindagit ka nawočaḡawai?
 n-aten-id-a-git ka n-aot-yaga-wa-id
 Mé-achar-2sg-?-Or *CL* *Aln-querer-Nmz-Cl-2sg*
 “você se encontrou com o teu amigo?”

b. aha: ñatenagit
 aha: in-aten-a-git
 Afirm *l.Mé-achar-?-Or*
 “sim, me encontrei (com)”

As perguntas **com palavra interrogativa** (*interrogativas-Qu*) solicitam informação. Como é de se esperar em uma língua SVO, as interrogativas em Mocovi não apresentam “Qu-in situ”: o item interrogativo ocorre sempre no início da sentença, seja qual for a função sintática do constituinte sobre o qual recai a interrogação.

Essas construções são formadas basicamente pela palavra-*Qu* *nige?* (~ *nege?*) “que, quem, qual”, que interroga sobre argumentos da oração. Além de ocorrer na posição inicial da oração, a palavra-*Qu* é seguida sempre por um classificador ou um pronome de 3ª pessoa, em uma construção semelhante às construções clivadas.¹²

¹² Na literatura sobre as línguas de argumento pronominal menciona-se que as construções que envolvem movimento-*Qu* (interrogativas e relativas) são, nessas línguas, um tipo de construção clivada (cf. Baker, 1996) que envolve ênfase focal.

- 39.a ñige? so?magare “quem é ele?”
 nige? so-?magare
 Int *CL-Pron*
- b. ñige? ka yalawat so kos
 nige? ka i-alawat so kos
 Int *CL* *3.suj-matar* *CL* *porco*
 “quem matou o porco?”
- c. ñige? ka wisake “o que você quer?”
 nige? ka ao-isa-ake
 Int *CL* *querer-2sg.Asp-Des*
- d. ñige? ka imen “o que ele vendeu?”
 nige? ka i-men
 Int *CL* *3.suj-vender*
- e. ñige? ka imenem ka do?o
 nige? ka i-men-em ka do?o
 Int *CL* *3.suj-vender-B* *CL* *chapéu*
 “a quem ele vendeu-lhe o chapéu?”
- f. ñige? ka?maq imenem ka do?o
 nige? ka-?mag i-men-em ka do?o
 Int *CL-Pron* *3.suj-vender-B* *CL* *chapéu*
 “quem que lhe vendeu o chapéu?”
- g. ñige? aka?maq yate?e
 nige? a-ka-?mag i-ate?e
 Int *f-CL-Pron* *1.pos-mãe*
 “...qual é a que é a minha mãe?...”

Na maioria dos casos, nas sentenças interrogativas ocorre o classificador **ka**, que expressa “ausência” e é semanticamente apropriado para a interrogação (cf. *Capítulo 4.2.2*). Contudo, é possível a ocorrência de outros classificadores segundo as características semânticas do nome interrogado, como pode ser observado nos exemplos seguintes:

- 40.a ñige? ĵi laqata “quem que está dormindo?”
 nige? ĵi ø-laq-ta
 Int *CL* *3.suj-dormir-Asp*
- b. ñige? da nowi? “quem chegou?”
 nige? da ø-n-owid
 Int *CL* *3.suj-Méd-chegar*

A interrogação sobre tempo, quantidade e causa/razão se faz por meio dos interrogativos lagi “quando”, yote? / yorete? “quanto/s” e či?nege? “por que”¹³.

- 41.a lagi nowi? “quando ele vai chegar?”
 lagi ø-n-owid
 Int *3.suj-Méd-chegar*
- b. lagi na? nowi? “quando ele chegou?”
 lagi na? ø-n-owid
 Int *Part.pdo* *3.suj-Méd-chegar*
- 42.a yote? kawa pa:ñi ñaqa ?wi: kaqamiri
 yote? ka-wa pan-i naq ?we-i ke-qamidi
 Int *CL-Pc* *pão-Pc* *Adv* *Exst-Pc* *Obl-Pro.2.pl*
 “...quantos pães vocês ainda têm? (lit. quantos pães ainda há de vocês)”
- b. yote? kawa nowite? “quantos vieram?”
 yote? ka-wa ø-n-owid-d
 Int *CL-Pc* *3.suj-Méd-chegar-Pc*
- 43.a či?nege? ma? nanaki?
 ci?nege? ma? n-nak-id
 Int *Part.cau* *Méd-vir-2sg*
 “por que você veio?”
- b. či?nege? nagi qayka ka širaygo
 ci?nege? nagi qaika ka siraigo
 Int *hoje* *Exst.neg* *CL* *lua*
 “por que hoje não há lua?”

¹³ A forma parece ser formada pela partícula či? “a toa, sem causa” e o interrogativo nege?.

A interrogação existencial é constituída pela partícula meka “há?”¹⁴ e admite respostas com os existenciais afirmativo ?we ou negativo qaika.

44.a	meka meka <i>Int.exst</i>	no?omaga n-?om-aga <i>Ind-ser.frio-Nmz</i>	“faz frio?”
b.	meka meka <i>Int.exst</i>	nogtoki? nogot-oki? <i>jovem-Dim.m</i>	“há meninos?”

3.1.2.2. Sentenças imperativas

As sentenças imperativas em Mocovi não apresentam diferenças formais com as correspondentes declarativas: a entoação e o contexto pragmático determinam a diferença entre ambas modalidades. Como se observa nos exemplos seguintes, são possíveis formas imperativas/exortativas na 2ª pessoa e na 1ª do plural:

45.a	nogoñiro nogoñ-id-o <i>entrar-2sg-Dir</i>	~ nogoindo	“entre!, você entra”
b.	nenanjiñi n-nan-id-ni <i>Méd-deitar-2sg-Dir</i>		“deite!, você deita”
46.	qolaq qolaq <i>ir.1pl</i>		“vamos!, nós vamos”

Há um conjunto de verbos que apresentam formas imperativas supletivas:

47.a	mo?e?	“vá embora!”
b.	kitot	“me dá!”
c.	?a	“pega!”

¹⁴ Essa forma parece derivar do classificador **ka** e o morfema **me**, que ocorre também nas formas negativas **mesqay** e **mese**. Cabe mencionar a existência em Kadiwéu (cf. Sandalo, op.cit.), do “complementizador” **me**, que poderia estar relacionado com estas formas em Mocovi.

3.1.3. Pela complexidade

As sentenças, segundo a complexidade, podem ser classificadas em *simples* ou *complexas*. As sentenças **simples** são aquelas constituídas por apenas uma oração. Elas possuem um verbo e, portanto, apenas um predicado (cf. os exemplos 23-31).

Já as sentenças **complexas** estão constituídas por mais de um verbo. Nas palavras de Lyons (1979:186) “[...] as sentenças complexas constam de um certo número de frases [sentenças] *simples*, que, quando são constituintes de frases [sentenças] maiores, são chamadas *orações*”. A relação existente entre as orações que constituem as sentenças complexas pode ser de *coordenação* ou *subordinação*.

3.1.3.1. Coordenação

As orações **coordenadas** são estruturalmente “irmãs”, ou seja gramaticalmente independentes, e estão ligadas por **partículas** coordenativas. A coordenação pode ser *conjuntiva*, *disjuntiva* ou *adversativa*.

A coordenação **conjuntiva** é expressa por meio da partícula *čaqai*, que liga constituintes sintáticos equifuncionais de diferentes níveis (orações, sintagmas):

- 48.a separagantak čaqay soqoinagantak
 s-paragan-tak caqai s-qoin-gan-tak
 1.suj-caçar-Asp *Conj* *1.suj-apanhar-Val-Asp*
 "estou caçando e pescando"
- b. aso ʔa:lo rewaragan čaqay roʔwanagan
 a-so ʔa:lo ø-r-ewad-gan caqai ø-r-ʔwan-gan
 f-CL *mulher* *3.suj-T-costurar-Val* *Conj* *3.suj-T-tecer-Val*
 "a mulher costura e tece"
49. so yale čaqay so noktokiʔ keʔetaʔpe
 so yale caqai so nogotokiʔ ø-keʔe-taʔpe
 CL *homem* *Conj* *CL* *menino* *3.suj-comer-Asp*
 "o homem e o menino estão comendo"

A coordenação conjuntiva pode também ser expressa pela justaposição dos constituintes, como nos exemplos seguintes:

- 50.a yoʔwe:toʔ na yaɡat nonot nawegelek
 i-ʔwe:t-oʔ na yaɡat nonot naweglek
 3.suj-fazer-Nar CL chuva vento nuvem
 "... fez chuva com vento e núvens ..."
- b. ʔwoʔ ana lenaɡsoɡonqate naqaʎigo naʎin
 ʔwe-oʔ a-na l-naɡ-soɡon-qate naqaligo nalin
 Exst-Nar f-CL 3.pos-atirar-Val-Nmz.f caracol peixe
 "... houve projéteis (lit. o que é para atirar) com caracóis e peixes ..."

A coordenação **disjuntiva** se expressa pelas partículas *loqoʔm* e *qoʔ* na posição prévia ao último constituinte coordenado:

51. retaɡayaʔɡit ka lateʔe loqoʔm ka letaʔa
 ø-r-etaɡ-ya-ɡit ka l-ateʔe loqoʔm ka l-etaʔa
 3.suj-T-falar-3.obj-Or CL 3.pos-mãe Conj CL 3.pos-pai
 "... contesta mal à mãe ou ao pai ..."
52. petaʔa regat qoʔ sawaɡayk lapiaʔ
 ø-pet-aʔa regat qoʔ sawaɡaik l-apiad
 3.suj-achar-?? Tigre Conj puma 3.pos-pé
 "... parece ser de tigre ou de puma a pegada ..."

As construções coordenadas **adversativas** são marcadas por *qalagam* ou *qam*

53. taokyoʔ ka ʔo:çi qam se yanatoʔ
 t-a-o-ɡi-oʔ ka ʔo:ci qam se i-anat-oʔ
 3.suj-ir-Dir-Loc-Nar CL mato Conj Neg 3.suj-achar-Nar
 ka nawanaganaga
 ka nawanaganaga
 CL girafa
 "... entrou no mato mas não achou a girafa ..."
54. se sapagagin deragan qam rewaraɡan
 se s-apagagin ø-d-er-ɡan qam ø-d-ewad-ɡan
 Neg 1.suj-ensinar 3.suj-T-escrever-Val Conj 3.suj-costurar-Val
 "não lhe ensino a escrever mas a costurar"

3.1.3.2. Subordinação

As orações **subordinadas** acham-se em relação de dependência com outra oração constituindo com ela uma sentença complexa. As subordinadas podem ser *complemento*, *relativas* ou *adverbiais*.

3.1.3.2.1. Orações complemento

As orações **complemento** cumprem a função sintática de argumentos do verbo principal e, em Mocovi, ocorrem pospostas ao verbo principal. Há duas estratégias gramaticais de complementação. Uma delas é a **justaposição** de predicados totalmente flexionados sem a ocorrência de partículas subordinativas ou marca alguma de subordinação. Este tipo de construções apresenta propriedades de *serialização verbal*.

Conforme Foley e Van Valin (1984:189), as construções de **verbos seriais** “[...] are constructions in which verbs sharing a common core argument are merely juxtaposed with no complementizers or intervening conjunction.” Podem ser diferenciados dois tipos básicos: (1) aquelas que apresentam um núcleo complexo formado por dois verbos com um único conjunto de argumentos; (2) aquelas em que cada núcleo verbal seleciona independentemente os seus argumentos, embora seja requerido que os atores sejam co-referenciais. Para Noonan (1985), a serialização verbal diferencia-se da parataxe pelo fato desta última envolver duas asserções que permitem, portanto, a ocorrência de cada uma das orações em forma independente sem por isso existir mudança de significado. Os seguintes exemplos parecem sugerir a existência de construções de verbos seriais em Mocovi. Neles o sujeito dos verbos é co-referente e não há marca de coordenação/subordinação entre ambas as orações.

55. nanayk kalo se išit taige da lawašigim
 nanaik kalo se i-sit t-a-ige da lawasigim
 cobra Neg 3.suj-poder 3.suj-ir-Loc CL oeste
 “... a cobra não pode ir para o oeste ...”

- 56.a sa:ñi skiyogon “comecei a lavar”
 s-a:ni s-kiyo-gan
 1.suj-começar *1.suj-lavar-Val*
- b. šiketalek so?we:nataGantak
 s-ik-ta-lek s-?we:nataGan-tak
 1.suj-andar-Asp-Loc *1.suj-trabalhar-Asp*
 “continuo trabalhando”
57. nogtoki? ya?awgan ke?e ma?le ka? laq
 nogotoki? i-?aw-gan ø-ke?e ma?le ka? ø-laG
 menino *3.suj-primeiro-Val* *3.suj-comer* *Adv.fut* *Part* *3.suj-dormir*
 “o menino dorme após comer (lit. primeiro come, depois quando dorme)”

Visto que uma das funções das construções de verbos seriais é a introdução de novos argumentos (Foley e van Valin, op.cit.:198), os exemplos em (58a,b) mostram o recurso à serialização verbal para introduzir argumentos benefativo e instrumental.

- 58.a ñado añi noGona sawa:ke qatoyaki?
 i-n-ado a-ni n-oGona s-aw-ake qad-oyak-id
 1.suj-Méd-carregar *f-CL* *Ind-vaso* *1.suj-usar-Des* *2.pos-pertence-2sg*
 “eu trouxe um vaso de cerâmica para você” (lit. o pertence de você)”
- b. ske?enogot aso lasote sawqate? ñik
 s-ke?en-G-ot a-so lasote s-aw-G-te? nik
 1.suj-enganchar-Pl-Loc *f-CL* *galho* *1.suj-usar-Pl-??* *corda*
 “nós enganchamos o galho com uma corda (lit. nós usamos uma corda)”

Nas construções *causativas* analíticas, que envolvem também justaposição, a ordem é inversa da observada nas outras construções complemento, fato que estaria indicando um outro estatuto deste tipo de construção verbal.

- 59.a so?wenagan nqa?en “ele me faz cantar”
 s-?wen-gan nqa?en
 1.suj-cantar-Val *3.suj.fazer*
- b. nesal nqaešin ñi nogtoki?
 n-esal nqaesin ni nogot-oki?
 3.suj-vomitar *1.suj.fazer* *CL* *jovem-Dim*

3.1.2.3.2. Orações relativas

As construções **relativas** consistem em um nominal núcleo e uma oração subordinada interpretada como modificador atributivo do nominal. Em Mocovi, as relativas ocorrem pospostas ao núcleo e envolvem vários mecanismos formais de marcação.

(a) Geralmente as orações relativas apresentam uma estrutura semelhante a uma oração declarativa simples, sem marca formal (morfológica ou léxica), e ocorrem em aposição à principal. Exemplos:

64.a sewanehlek aka qaiʔpe nalagtañi so qataʔiʔ
 s-ewaneh-lek a-ka qaiʔpe nala-gat-ni so qa-taʔa-id
 1.suj-achar-Loc *f-CL* *machado* *3.suj.Mé-perder-Cau-Dir* *CL* *2.pos-pai-2sg*
 “achei o machado que o teu pai perdeu”

b. sišohnagana qoʔolek roʔwenagan
 s-siohnagan-a qoʔolek ø-r-ʔwen-gan
 1.suj-comprar-3.obj *pássaro* *3.suj-T-cantar-Val*
 “comprei um pássaro que canta”

65. so ya:le ya:nem so noyak aso ʔa:lo rewošitak
 so ya:le i-a:n-em so n-oyak a-so ʔa:lo ø-r-ewose-tak
 CL homem *3.suj-dar-B* *CL Ind-roupa* *f-CL mulher* *3.suj-T-cozinhar-Asp*
 “o homem lhe deu roupa à mulher que está cozinhando”

(b) As orações relativas podem ser introduzidas por um classificador ou um pronome relativo (cf. *Capítulo IV*). Este tipo de relativas não apresenta núcleo externo e podem ser interpretadas como sem núcleo, preenchendo o papel de um nominal.

66. ka soʔmaq ʃaweketa ʔnaiken ...
 ka so-ʔmaG i-d-awek-ta ʔnak-ken
 Part *CL-Pron* *1.obj-T-conduzir-Asp* *dizer-Asp*
 “... então o que me conduzia dizia ...”

67. nepalasawek kaʔmaq roʔyogonsaʔpe
 ø-n-pala-sa-wek ka-ʔmaq ø-r-oʔyogon-saʔpe
3.suj-Méd-aproximar-Asp-Dir CL-Pron 3.suj-T-assobiar-Asp.Pc
 “... vinham saindo os que estavam assobiando ...”
68. qoya:nem so noyak aso rewošitak
 qa-i-a:n-em so n-oyak a-so ø-r-ewose-tak
Imp-3.suj-dar-B CL Ind-roupa f-CL 3.suj-T-cozinhar-Asp
 “deram-lhe roupa à que está cozinhando”
69. kaʔ ʃoʔčaʔa ka ñaʔGayagantañim
 kaʔ i-d-oʔci-aʔa ka i-n-ʔGa-yagan-ta-ni-m
Part 1.P-T-medo-3.obj? ka 1.suj-Mé-ouvir -Val-Asp-Dir-Ints
 “... então me assustou o que eu estava escutando ...”

3.1.2.3.3. Orações adverbiais

As orações subordinadas **adverbiais** modificam a oração principal de forma semelhante aos advérbios em relação ao verbo, o SV ou a oração (Thompson e Longacre, 1985:172). Conforme o papel semântico que cumprem, as orações adverbiais podem ser dos seguintes tipos: temporais, locativas e modais (todas elas podem ser substituídas por uma palavra), e finais, causais, circunstanciais, simultâneas, condicionais, concessivas, substitutivas, aditivas e absolutivas (não são substituíveis por uma palavra). Em Mocovi, distinguem-se os seguintes tipos de subordinadas adverbiais: temporais, condicionais, concessivas, causais, finais, consecutivas. Em geral, a subordinação é marcada por partículas (cf. *Capítulo V*) que introduzem a oração dependente, em alguns casos em correlação com outras partículas ou advérbios na principal.

As subordinadas **temporais** expressam uma relação temporal entre os eventos da oração principal e a subordinada. As partículas *maʔ* “futuro” e *naʔ* “passado” encabeçam a oração dependente, geralmente em co-relação com *kaʔ* , partícula temporal sem especificação dêitica, na oração principal.

Exemplos:

- 70.a maʔ somat ilegganagak kaʔ sewose
 maʔ s-omat i-leggan-gak kaʔ s-ewose
 Part.Tp *1.suj-começar* *1.pos-varrer-Nmz* *Part.Tp* *1.suj-cozinhar*
 “quando eu acabar de varrer vou cozinhar”
- b. naʔ somat ilegganagak kaʔ sewose
 naʔ s-omat i-leggan-gak kaʔ s-ewose
 Part.Tp *1.suj-começar* *1.pos-varrer-Nmz* *Part.Tp* *1.suj-cozinhar*
 “quando eu acabei de varrer cozinhei”
71. maʔ ʃalola kaʔ ʃikpegeʔ natarenataganaq
 maʔ i-d-alola kaʔ s-ik-pe-geʔ n-ataren-at-gan-ag
 Part.Tp *1.P-T-adoecer* *Part.Tp* *1.suj-ir-Asp-Al* *Ind-curar-?-Val-Nmz*
 “quando eu adoecer vou ir ao médico”
- 72.a kenaʔ ñowiʔ yagatetañi
 ke-naʔ i-n-owid yagat-ta-ni
 Obl-Part.Tp *1.P-Méd-chegar* *chuva-Asp-Dir*
 “quando eu cheguei estava chovendo”
- b. kenaʔ sañipetak sewaneʔta aso kelayole
 ke-naʔ s-anip-tak s-wan-eʔt-a a-so kelayole
 Obl-Part.Tp *1.suj-procurar.lenha-Asp* *1.suj-ver-?-3obj* *f-CL* *lebre*
 “quando eu estava procurando lenha vi uma lebre”

Como pode ser observado nos exemplos em (72), as orações introduzidas pelo Oblíquo *ke* não apresentam correlação com outro elemento temporal na principal. Os dados parecem indicar que estas são as subordinadas adverbiais “strictu sensu” já que ocorrem com a marca oblíqua dos constituintes adjuntos. As construções (70) e (71), pelo contrário, poderiam ser consideradas como em relação de aposição, sendo cada um dos membros da sentença complexa marcado por uma partícula temporal.

Na expressão de relações temporais não simultâneas há interrelação entre as partículas e advérbios que contêm especificações semânticas temporais:

73. naʔ saqaʔle yowiroʔ ka ʔa:lo ka ʔa:le
 naʔ saqa-ʔle i-owid-oʔ ka ʔa:lo ka l-ya:le
 Part.Tp Neg-Adv.Tp 3.suj-chegar-Nar CL mulher CL 3.pos-filha

šiʔkoʔ kiyogontak
 siʔge-oʔ ø-kiyo-gan-tak
Adv.Tp-Narr 3.suj-lavar-Val-Asp

“antes da mulher chegar a filha dela estava lavando” (lit. ainda não chegou a mulher a filha dela já estava lavando)”

74. šiʔge soʔwenagantak naʔ rewose ka yateʔe
 siʔge s-ʔwen-gan-tak naʔ ø-r-ewose ka i-ateʔe
 Adv.Tp 1.suj-cantar-Val-Asp Part.Tp 3.suj-T-cozinhar CL 1.pos-mãe
 “eu cantava antes da minha mãe cozinhar (lit. eu já estava cantando quando minha mãe cozinha)”

As **condicionais** exprimem uma condição prévia necessária para a ocorrência ou não do estado/evento expresso pelo verbo da oração principal. Em Mocovi, as subordinadas condicionais são marcadas pelas partículas *noʔm* e *keta*. Frequentemente co-ocorrem com a partícula *kaʔ* na principal.

- 75.a noʔm ʔalola kaʔ šiʔkpegeʔ natarenataganaq
 noʔm i-d-alola kaʔ s-ik-pe-geʔ n-ataren-atagan-ag
 Part.Tp 1.suj-T-adoecer Part.Tp 1.suj-ir-Asp-Or Ind-curar-Val-Nmz
 “se eu adoecer vou ir ao médico”

- b. noʔm se kiʔiʔ kaʔ soʔo
 noʔm se ke-id kaʔ s-ʔo
 Part.Cond Neg comer-2sg Part.Tp 1.suj-se.zangar
 “se você não comer eu vou me zangar”

- 76.a ketaʔ yim qoʔole kaʔ sayo
 ketaʔ yim qoʔole kaʔ s-ayo
 Part.Cond Pro.1 pássaro Part.Tp 1.suj-voar
 “se eu fosse pássaro eu voaria”

- b. keta? qažiweteno? ši?ket sišohnaganake yamagaso
 keta? qa-i-d-weten-o? si?ge-ket s-siohnagan-ake i-amagaso
Part.Cond *Imp-1.obj-T-pagar-Narr* *Adv.Tp-Obr* *1.suj-comprar-Des* *1.pos-calça*
 “se tivessem me pagado eu teria comprado uma calça”

As orações **concessivas** expressam uma concessão contra a qual a proposição da oração principal é contrastada (Thompson e Longacre, op.cit.:198) Em Mocovi este tipo de subordinadas é introduzido pelas partículas, formalmente relacionadas com as condicionais, ?enket e ?eno?m que co-ocorrem com elementos adversativos como qam “mas” e qaĵim “mesmo assim”.

- 77.a ?eno?m yagat qam ña:nak
 ?eno?m yagat qam i-n-a:nak
 Part.Conc *chuva* *Part.Advs* *1.suj-Méd-vir*
 “embora chova eu virei ”

- b. ?eno?m ĵowagañi? qam ĵoqo?čiragawa?
 ?eno?m i-d-wagan-id qam i-d-qo?t-id-aga-wa?
 Part.Conc *1.obj-T-bater-2sg* *Part.Advs* *1.suj-T-gostar-2sg-2.Dat-D*
 “embora você bata em mim eu gosto de você”

78. ?enket no?o:maga qaĵim ñačil
 ?enket n-?o:m-aga qaĵim i-n-acil
 Part.Conc *Ind-frio-Nmz* *Part.Advs* *1.suj-Méd-tomar.banho*
 “embora esteja frio mesmo assim eu tomo banho”

A leitura concessiva parece depender das palavras adversativas uma vez que as construções deste tipo podem também ser introduzidas por subordinantes condicionais em correlação com partículas adversativas.

Exemplos:

- 79.a no?m yagat nete?e qaĵim ñowirek
 no?m yagat nete?e qaĵim i-n-wid-wek
 Part.Cond *chuva* *amanhã* *Part.Advs* *1.suj-Méd-chegar-Dir*
 “embora amanhã chova mesmo assim eu vou vir (chegar)”

- b. noyantak ma? nahañi
 ø-n-oyan-tak ma? ø-nah-ni
 3.suj-Méd-chorar-Asp Part.Tp 3.suj-cair-Dir
 “ele está chorando porque caiu”

As orações **finais** expressam um fim ou propósito da ação/estado da principal e são introduzidas pela partícula *kijim* que ocorre também encabeçando orações complemento.

- 84.a ske?e kijim ñoqošigim
 s-ke?e kijim i-n-qo-sigim
 1.suj-comer Part 1.suj-Méd-aumentar-Dir
 “como para crescer”

- b. sal kijim nak
 s-al kijim ø-nak
 1.suj-convidar Part 3.suj-vir
 “convido ele para vir”

- c. yate?e ra?ñaqatagan kijim napaGagin
 i-ate?e ø-r-a?ni-gat-gan kijim ø-n-apaGagin
 1.pos-mãe 3.suj-T-ser.duro-Cau-Val Part 3.suj-Méd-transmitir.conhecimento
 “a minha mãe lhe dá uma força para que ele estude”

As subordinadas **consecutivas** expressam uma consequência da ação do verbo principal e são marcadas pela partícula *wičigiño?*. Exemplos:

- 85.a qažo?oqočit wičigiño? ?we da yagat
 qa-i-d-?o-gat-it wicigino? ?we da yagat
 Imp-1.P-T-se.zangar-Cau-Cau Part.Cons Exst CL chuva
 “... me fazem zangar por isso há chuva ...”

- b. ñigenta wičigiño? žqotewek
 i-n-genta wicigino? i-d-qotewek
 1.suj-Méd-correr Part.Cons 1.suj-T-estar.cansado
 “corri por isso estou cansado”

c.	se	qajšiweten	wičigiñoʔ	se	sišohnaganake	ka	naʔik
	se	qa-i-d-siweten	wiciginoʔ	se	s-siohnagan-ake	ka	n-aʔik
	<i>Neg</i>	<i>Imp-1.P-T-pagar</i>	<i>Part.Cons</i>	<i>Neg</i>	<i>1.suj-comprar-Des</i>	<i>CL</i>	<i>Ind-comida</i>
	“não me pagaram por isso não comprei comida”						

3.2. Negação

A negação sentencial marca-se basicamente pela presença dos advérbio de negação *se*, *saqay* e *mesqay* precedendo o verbo. Embora os condicionamentos de ocorrência desses marcadores não estejam evidentes no estado atual da pesquisa, a forma *mesqay* parece estar associada com a focalização do elemento negado: cf. exemplos (93), onde as construções apresentam semelhança com as construções clivadas, com o constituinte negado deslocado para o início da sentença.

86.a	se	soʔon		“eu não caso”
	se	s-ʔon		
	<i>Neg</i>	<i>1.suj-casar</i>		
b.	yim	se	kesaganagay	“eu não sou forte”
	yim	se	kesagan-aga-i	
	<i>Pro.1</i>	<i>Neg</i>	<i>ser.forte-Nmz-Atr.f</i>	
c.	se	qoʔolek	dataq	“... esse não é um pássaro ...”
	se	qoʔolek	da-taG	
	<i>Neg</i>	<i>pássaro</i>	<i>CL-Dem</i>	
87.a	mesqay	ʔoiʔ		“não se zangue!”
	mesqai	ʔo-id		
	<i>Neg</i>	<i>se.zangar-2sg</i>		
b.	mesqay	ʔwe	noʔo:maga	“não faz frio”
	mesqai	ʔwe	n-ʔo:m-aga	
	<i>Neg</i>	<i>Exst</i>	<i>Ind-frio-Nmz</i>	

A escolha da palavra de negação não está condicionada pela diferença no estatuto gramatical do verbo como principal ou dependente, fato que se atesta nos exemplos seguintes:

88.a saʔmagarenta se keʔe
 s-aʔmagaren-ta se ø-keʔe
 1.suj-permitir-Asp? *Neg* *3.suj-comer*
 “eu deixo que ele não coma”

b. se saʔmagaren keʔe
 se s-aʔmagaren ø-keʔe
 Neg *1.suj-permitir* *3.suj-comer*
 “eu não deixo que ele coma”

A seguir observa-se variação na ocorrência das palavras negadoras no mesmo contexto gramatical, sem mudança significativa na semântica das sentenças:

89.a ka nogtokiʔ mesqay naGanaGARayk
 ka nogotokiʔ mesqai naGanaGa-raik
 CL *menino* *Neg* *bondoso-Atr.m*
 “o menino não é bondoso”

b. ka nogtokiʔ saqay naGanaGARayk

90.a daho yale se itaʔa
 da-ho yale se i-taʔa
 CL-Dem *homem* *Neg* *1.pos-pai*
 “esse homem aí não é o meu pai”

b. daho yale mesqay itaʔa

Contudo, o uso de *mesqay*, como já foi mencionado, parece estar ligado ao foco comunicativo. A distribuição das palavras negadoras, portanto, pode ter sua explicação na função comunicativa do constituinte a que estão associadas, hipótese que poderá ser confirmada ou rejeitada por um estudo específico que está fora, por enquanto, dos alcances do nosso trabalho. Note-se os contrastes nos exemplos (91) e (92). Em (93)

observa-se o posicionamento do constituinte negado no início da sentença, seja qual for a sua função gramatical.

- | | | | | | | | |
|------|---|--|--|--|--|--|---|
| 91.a | saqa yagat
saqai yagat
<i>Neg</i> <i>chuva</i> | | | | | | "não chove" |
| b. | mesqay yagat
mesqai yagat
<i>Neg</i> <i>chuva</i> | | | | | | "não é chuva" |
| 92.a | so pioq se yalawat aso kelayole
so piog se i-alawat a-so kelayole
<i>CL</i> <i>cachorro</i> <i>Neg</i> <i>3.suj-matar</i> <i>f-CL</i> <i>lebre.f</i> | | | | | | "o cachorro não matou a lebre" |
| b. | mesqay so pioq yalawat aso kelayole
mesqai so piog i-alawat a-so kelayole
<i>Neg</i> <i>CL</i> <i>cachorro</i> <i>3.suj-matar</i> <i>f-CL</i> <i>lebre.f</i> | | | | | | "não foi o cachorro que matou a lebre" |
| 93.a | mesqay do?o ka imenem so ita?a
mesqai do?o ka i-men-em so i-ta?a
<i>Neg</i> <i>chapéu</i> <i>CL</i> <i>3.suj-vender-B</i> <i>CL</i> <i>1.pos-pai</i> | | | | | | "não foi um chapéu que ele lhe vendeu ao meu pai" |
| b. | mesqay so ita?a ka imenem ka do?o
mesqai so i-ta?a ka i-men-em ka ado?o
<i>Neg</i> <i>CL</i> <i>1.pos-pai</i> <i>CL</i> <i>3.suj-vender-B</i> <i>CL</i> <i>chapéu</i> | | | | | | "não foi ao meu pai que ele lhe vendeu o chapéu" |

3.3. Voz passiva

A categoria de **voz** é definida por Shibatani (1988:3) como "[...] a mechanism that selects a grammatically prominent syntactic constituent -subject- from the underlying semantic functions (case or thematic roles) of a clause." As construções passivas se caracterizam por conter um argumento não-Agente com função de tópico/sujeito da sentença, um Agente cuja identidade é suprimida e uma estrutura sintática de sentença detransitivizada ou estativa (Givón, 1981). Do ponto de vista estrutural, nas passivas o objeto direto do

verbo transitivo funciona sintaticamente como sujeito e o sujeito transitivo não é codificado ou assume um estatuto oblíquo.

Em Mocovi não existem formas morfossintáticas que possam ser entendidas como “passivas” típicas. Porém, assumindo que a função básica de uma forma passiva seja des-topicalizar o agente, existem recursos gramaticais que permitem “apagar”, em maior ou menor grau, um agente.

Uma das estratégias é o uso do morfema **{qa}** “impessoal”. Esta forma ocorre prefixada a verbos de qualquer classe semântica ou sintática flexionados na 3ª pessoa. Este é um recurso muito freqüente nos textos para topicalizar um argumento paciente.

94. kena ñaga qanaqat na waloq
 ke-na naga qa-n-aqat na waloq
 Obl-CL *verão* *Imp-Méd-tirar* *CL* *algodão*
 “o algodão é colhido no verão”

95. qaniya:magat na no?wegaga
 qa-n-iyam-gat na n-?weg-aga
 Imp-Méd-ferver-Cau *CL* *Ind-gordura.Nmz*
 “... ferve-se a gordura ...”

96. qoya:nemo? na liñiwa ¹⁶
 qa-i-a:n-em-o? na l-niwa
 Imp-3.suj-dar-B-Narr *CL* *3.pos-vinho*
 “... deram-lhe o vinho ...”

O agente pode ocorrer como um SN oblíquo, como nos exemplos seguintes.

97. ka noktoki? qanaqahñi keka yañiripi
 ka nogot-oki? qa-n-aqat-ni ke-ka yale-id-ipi
 CL *jovem-Dim.m* *Imp-Méd-tirar-Dir* *Obl-CL* *homem-Pc-Pl*
 “... o menino foi pego pelos homens ...”

¹⁶ A forma de Impessoal realiza-se como /qo/ quando seguida por uma glide.

98. qaǰiʔgat naʔle keka SOGonaGA
 qa-i-d-eʔgat naʔle ke-ka SOGonaGA
 Imp-1.P-T-leva *Adv.Tp* *Obl-CL* *trovão*
 “... eu fui levado pelo trovão ...”

Nos exemplos (98) e (99) observa-se que a forma verbal mantém as suas características formais transitivas manifestas na marcação da pessoa Paciente. As formas com / qa- / , portanto, são ativas e o verbo não apresenta modificação .

- 99.a qaǰaweketak
 qa-i-d-awek-tak
 Imp-1.P-T-conduzir-Asp
 “... estão levando-me ...” (alguém está levando-me)
- b. qaǰoʔoqoçit
 qa-i-d-ʔo-gat-it
 Imp-1.P-T-se.zangar-Cau-Cau
 “... me fazem zangar ...”

Outro recurso paralelo às construções passivas é a **nominalização**: a combinação dos sufixos /-ek/ “Nominalizador resultativo” e /-se(k)/ “marcador de classe feminino/masculino” derivam nomes que cumprem funções semelhantes às passivas. (Cf. *Capítulo IV*). Este tipo de formas foi registrado basicamente na coleta dirigida de dados. Como se observa nos exemplos (cf. também *Capítulo IV*) estas nominalizações apresentam concordância pronominal , marcada pelos afixos de pessoa possuidor, com o agente do verbo e concordância de gênero e número com o paciente.

- 100.a na magaso yiwaregse “a calça foi costurada por mim”
 na magaso i-ewad-ek-se
 CL calça *1.pos-costurar-Nmz-Cl.f*
- b. yim laʔgegse “eu fui mordida”
 yim laʔgekse
 Pro.1 *3.pos-morder-Nmz-Cl.f*

101. rkiyogšiki? pioq “o cachorro foi lavado por você”
 r-kiyo-ek-sek-id pioG
2.pos-lavar-Nmz-Cl.m-2sg cachorro

Se o agente for expresso por um SN, este ocorre marcado como oblíquo:

102. dawa yale? nowaganegse? keda nowataganaq
 da-wa yale-d n-wagan-ek-sek-d ke-da nowatagan-ag
CL-Pc homem-Pc Imp-hater-Nmz-Cl.m-Pc Obl-CL polícia.Nmz
 “os homens foram espancados pela polícia”

- 103.a so pioq kote:ta ma? nikiyogsek keka naqo?
 so pioG kote-ta ma? n-kiyo-ek-sek ke-ka n-aqo?
CL cão limpo-Asp Part. Ind-lavar-Nmz-Cl.m Obl-CL 3.Aln-patrão
 “o cachorro está limpo porque foi lavado pelo dono”

- b. so pioq kote:ta ma? keka naqo? lkiyogšek
 so pioG kote-ta ma? ke-ka n-aqo? l-kiyo-ek-sek
CL cão limpo-Asp Part. Obl-CL 3.Aln-patrão 3.pos-lavar-Nmz-Cl.m

Nos exemplos (103) observa-se a marcação do agente pelos afixos de posse de 3^a pessoa e Indefinida (Cf. *Capítulo IV*). A co-variação existente entre a posição sintática do sintagma oblíquo que expressa o agente e a marcação diferenciada do participante no núcleo parece se relacionar com a recuperação da referência específica necessária na 3^a pessoa: em (103.b) o SN oblíquo funciona como antecedente da referência de 3^a pessoa, ao passo que em (103.a) o agente é indefinido e o SN oblíquo fica como um adjunto sintático sem relevância para a definitude do referente pronominal.

Uma hipótese que pode ser esboçada aqui é a de que o Mocovi possui um sistema de voz Direta/Inversa.¹⁷ Nas situações inversas, o paciente tem maior topicalidade do que o agente da sentença, contrariamente ao esperado. Há, portanto, uma divergência entre a saliência sintática e a saliência semântico-pragmática de um referente. As construções Inversas, diferentemente das Passivas (que também têm a função de topicalizar um argumento não-Agente) permanecem sintaticamente transitivas e a identidade do agente não necessariamente deve ser suprimida ou ocorrer como constituinte oblíquo (cf. Payne,

¹⁷ Agradeço a Francisco Queixalós (c.p.) por ter chamado a minha atenção para a possibilidade do Mocovi apresentar um sistema Inverso.

1994) Tanto a marcação através de /qa-/ quanto as nominalizações resultativas apresentam traços semelhantes aos achados nos sistemas Inversos. Embora em ambos casos o agente tenha estatuto oblíquo se for lexical, também em ambos casos ele ocorre marcado na concordância pronominal no núcleo: a identidade do agente, portanto, não é totalmente suprimida. Aliás, a marcação pacientiva também parece fazer parte de um sistema de voz Inversa (cf. *Capítulo V*). Esta hipótese deverá ser testada em futura pesquisa direcionada especificamente para este tema.

CECILIA BEATRIZ GUALDIERI

Mocovi (Guaicuru)
Fonologia e morfossintaxe

Vol. I

CECILIA BEATRIZ GUALDIERI

Mocovi (Guaicuru)
Fonologia e morfossintaxe

Vol. II

Este exemplar é a redação final da tese
defendida por Cecilia Beatriz Gualdieri

e aprovada pela Comissão Julgadora em
16, 02, 1998.

Prof. Dra. Lucy Seki

CECILIA BEATRIZ GUALDIERI

Mocovi (Guaicuru)

Fonologia e morfossintaxe

Volume II

Tese apresentada ao curso de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Lingüística

Orientadora: Profa. Dra. Lucy Seki

Campinas
Unicamp
1998



Capítulo IV

O Sintagma Nominal

O sintagma nominal é constituído por um nome (cf. *Nome*) e seus modificadores. A ordem dos elementos é relativamente livre (cf. *Capítulo III: 2.1.*). Contudo, classificadores, demonstrativos, quantificadores e numerais sempre ocorrem precedendo o núcleo. Os nomes que funcionam como adjetivos atributivos (cf. 3. *Conceitos Adjetivais*) podem posicionar-se livremente com respeito ao núcleo e entre eles próprios.

1. a ʔwe [ʔi yamaɣaso qoñi ladokayk]
 ʔwe ji i-amaɣaso qoni ladok-aik
 Exst CL 1.pos-calça amarelo comprido-Atr.m
 "tenho uma calça comprida amarela"
- b. ʔwe ʔi yamaɣaso ladokayk qoñi
2. a sawotake [ka šipeɣaq ʔaqayk]
 s-ao-ta-ake ka sipeɣaq jaq-aik
 1.suj-querer-Asp-Des CL cavalo rápido-Atr.m
 "um cavalo rápido"
- b ka ʔaqayk šipeɣaq
- c ʔaqayk ka šipeɣaq
3. kaʔ so jesus yakonalo [sawa sinko pa:ñiʔ]
 kaʔ so jesus i-kon-alo so-wa sinko pan-d
 Part CL Jesus 3.suj-pegar-3.obj.pc CL-Pc cinco pão-Pc
 "...então o Jesus pegou cinco pães ..."
4. [saʔoge so qomʔipi] keʔe
 so-aʔoge so qom-d-ipi ø-keʔe
 CL-Qnt CL pessoa-Pc-Pl 3.suj-comer
 "... todas as pessoas comeram ..."

7. a pokena lenat "unha da mão"
 pokena l-enat
 mão 3.pos-unha
- b. pioq lapagat "pulga canina"
 pioq l-apagat
 cachorro 3.pos-pulga

Nos exemplos a seguir observa-se que a construção funciona como uma unidade também no que diz respeito a marcação de posse.

8. a ñate lail "minhas nádegas"
 i-n-ate l-ai-l
 1.pos-Aln-bunda 3.pos-lado-Pc
9. a. skoñiriñi [ipela? leket]
 s-konid-ni i-pelad l-ket
 1.suj-amarrar-Dir 1.pos-sapato 3.pos-corda
 "amarro o cadarço do meu sapato"
- b. skoniriñi [ipelate? leke:te?]
 s-konid-ni i-pelad-d l-ket-d
 1.suj-amarrar-Dir 1.pos-sapato-Pc 3.pos-corda-Pc
 "eu amarro os cadarços dos meus sapatos"

Em (8) e (9) observa-se a ocorrência da concordância de número em ambos membros da construção, fato que apoia a hipótese de considerá-la como um tipo de composto formado após a ocorrência da morfologia de número. Aliás, o estatuto da categoria de número em Mocovi não é claro: há evidências que parecem demonstrar que não é uma categoria flexional, mas derivacional. Assim, a posição morfológica em que as marcas de número ocorrem no nome é mais interna do que, por exemplo, o morfema Diminutivo, tipicamente derivacional (cf. 1.1.2.)

1. O NOME

Os nomes funcionam na gramática como argumentos ou núcleos de argumentos. Em Mocovi, eles também cumprem função de predicados em construções equativas que, como já foi mencionado, não apresentam cópula expressa. Esta característica, além de outras peculiaridades morfossintáticas, parece indicar que nessa língua a distinção “universal” (cf. Dixon, 1977) nome/verbo não pode ser claramente estabelecida.² Contudo, assumo como membros da classe dos Nomes aquelas palavras que carregam especificações, na morfologia e/ou na sintaxe, para número, gênero/classe e definitude. A categoria de Caso, tipicamente atribuída aos nomes, não é marcada neles, mas no núcleo (o verbo, para os Casos nucleares; o nome possuído, nas construções genitivas).

Diferentemente dos verbos, os nomes apresentam, em Mocovi, uma distinção tripartida de número expressa morfologicamente: singular, dual/paucal e plural/coletivo. O gênero feminino/masculino é marcado morfossintaticamente por afixos de classe, pela concordância nos classificadores nominais e por sufixos exclusivamente de gênero. As classes nominais são marcadas seja por sufixos, que expressam outras funções além da classe, seja pelos itens analisados como classificadores nominais. Estes classificadores também contribuem para a especificação de definitude. A seguir apresenta-se a análise morfossintática dos Nomes. Logo após, serão tratados os modificadores adnominais: Classificadores, Demonstrativos e Quantificadores (cf. 2. *Os classificadores nominais*) e conceitos atributivos e Numerais (cf. 3. *Conceitos adjetivais*).

1.1. Morfologia Flexional

1.1.1. Posse

Uma das categorias marcada morfologicamente no nome é o Possuidor. Nesse sentido, o Mocovi comporta-se como uma típica língua “head-marking” (cf. Nichols, 1986) em que as relações gramaticais são marcadas no núcleo do constituinte. Na relação Genitiva o

² Diversos autores (por exemplo Kinkade, 1983; Thomason e alii., 1994) têm mencionado o fato de existirem línguas que carecem de uma distinção lexical clara entre N e V. Nessas línguas, a presença de certos afixos ou de operadores sintáticos (p.e. determinantes) define o estatuto categorial das palavras.

núcleo do sintagma apresenta afixos de concordância com o possuidor de primeira, segunda e terceira pessoas singular/plural e possuidor Indefinido.

Dentre os nomes, há um conjunto que faz referência a objetos da natureza que são não-possuíveis, como por exemplo: pigim “céu”, nonot “vento”, ʔo:çi “mato”, raʔa:sa “sol”, širaigo “lua”. Os nomes referentes a animais domésticos, quando possuídos, ocorrem acompanhados por um lexema classificador³ que carrega a flexão de posse:

10.a.	lalo	pioq	“o cachorro dele/ela”
	l-lo	pioq	
	<i>3.pos-Cl</i>	<i>cachorro</i>	
b.	ilo	pioq	“o meu cachorro”
	i-lo	pioq	
	<i>1.pos-Cl</i>	<i>cachorro</i>	

Em sua maioria os nomes em Mocovi podem ser possuídos. Os nomes possuíveis são sub-classificados em duas classes: na classe I a relação de dependência com o possuidor é estabelecida diretamente pela marca de pessoa, ao passo que na classe II ocorre o prefixo / n- / mais os marcadores de pessoa. Essa marca parece se originar numa distinção semântica entre posse alienável/inalienável, até hoje mantida no Kadiwéu: segundo Sandalo (1995) nessa língua o conceito de alienabilidade expressa-se nos nomes por meio do classificador /n-/ precedido pelas marcas de pessoa. Cf. 1.1.1.2.

1.1.1.1. Marcação Pronominal

Os nomes que pertencem a campos semânticos como partes do corpo e parentesco apresentam, na sua maioria, a marcação de posse diretamente por afixos pronominais. Também nomes derivados de verbos ocorrem nesse padrão, expressando concordância com possuidor co-referente com o sujeito do verbo base (cf. *Nominalizações*).

O possuidor de **primeira pessoa** singular é codificado pelo morfema { i } (~ /y-/ ~ /i:-/)

³ Segundo a tipologia de Aikhenvald (1994), tem características de classificador “genitivo” que caracteriza um objeto possuído em uma construção possessiva.

11. a i:taʔa “o meu pai”
 i-taʔa
 l.pos-pai
- b. yinagat “o meu nome”
 i-e:naɡat
 l.pos-nome
- c. i:piɑʔ “o meu pé”
 i-piad
 l.pos-pé
- d. yaqaya “o meu irmão”
 i-qaya
 l.pos-irmão
- e. yasoro “a minha tia”
 i-asoro
 l.pos-tia
- f. yoík “a minha direita”
 i-oik
 l.pos-direita

Nos seguintes exemplos, a marca de posse é absorvida fonologicamente pelo glide:

12. a yogoki “a minha cesta”
 i-yo-ga-ki
 l.pos-encher-Nmz-Cl
- b. ya:le “a minha filha”
 i-ya:le
 l.pos-filha

Em (12.a) e nos exemplos a seguir, as nominalizações deverbais apresentam marca de posse inalienável co-referente com o sujeito do verbo base:

13. sapaɡat ʃi yirek
 s-apał-ɡat ʃi i-er-ek
 l.A-escuro-Cau *Cl* *l.pos-escrever-Nmz*
 “eu apago o que eu escrevi”

14.	na?	somat	i?legganagak	ka?	sewo:se
	na?	s-omat	i-?leg-gan-gak	ka?	s-ewose
	<i>Prt.pdo</i>	<i>1.A-acabar</i>	<i>1.pos-varrer-Val-Nmz</i>	<i>Prt.tpo</i>	<i>1.A-cozinhar</i>
	“quando acabei de varrer, então cozinhei”				

A **segunda pessoa**, como acontece nos verbos, é sempre marcada pelos morfemas {id} (~ / -i? / ~ / -ir- /) e {i:} (~ / -i- /), singular e plural respectivamente.⁴ Estes sufixos marcam, em Mocovi, a presença de um participante de 2ª pessoa, seja qual for a função. Na marcação de possuidor os nomes apresentam uma cisão com reflexo na marca prefixada de possuidor que carregam: certos nomes (incluindo os deverbais) apresentam o prefixo / r- /, ao passo que outros / qa(d)- /. O condicionamento da ocorrência dessas duas marcas não parece ter a ver com classe semântica nominal mas com o tipo de relação gramatical de posse. Como se verá mais adiante, esta cisão em duas classes de nomes também tem reflexo na marcação de possuidor de 1ª pessoa plural.

15. a	rpi?ñiki?	“o teu osso”
	r-pi?nek-id	
	<i>2.pos-osso-2sg</i>	
b.	rqaiki?	“a tua cabeça”
	r-qaik-id	
	<i>2.pos-cabeça-2sg</i>	
16.a.	riči:ši?i?	“a tua sobrinha”
	r-ete:se-i?	
	<i>2.pos-sobrinha-2sg</i>	

⁴ A inexistência de distinção morfológica entre ouvinte singular e ouvinte plural atesta-se em Kadiwéu (cf. Braggio, 1981; Sandalo, 1995). Conforme Rodrigues (1983), nessa língua há uma extensão do uso do sufixo /-i/ de 2ª pessoa plural para a 2ª pessoa singular. Em Toba (Buckwalter, 1980; Klein, 1981) apenas a 2ª pessoa plural apresenta o sufixo /-i/. Em Mocovi, a forma fonológica da 2ª plural parece ser produto de reduplicação da forma /-i/ que derivou numa vogal longa /i:/. Por sua vez, a marca da 2ª singular /-id/ parece ser uma inovação do Mocovi com respeito às outras línguas Guaicurú. Cabe mencionar que, para alguns falantes, esta forma tem um estatuto sociolinguístico honorífico, expressando “respeito”, por oposição a /-i/ “sem respeito”, que seria usado entre iguais (p.e. entre irmãos). Certas ocorrências parecem evidenciar o caráter bimorfêmico / i + d /, por exemplo **noGo-i-n-d-ek** “você saiu”. Contudo, visando maior clareza na exemplificação e visto que nem todos os falantes parecem fazer tal distinção, analisarei esta forma como um morfema simples.

- b. riči:ši:
r-ete:se-i
2.pos-sobrinha-2pl “a sobrinha de vocês”
17. a. reʔgematagakiʔ
r-ʔgemat-gak-id
2.pos-sonhar-Nmz-2sg “o teu sonho”
- b. reʔgematagagi:
r-ʔgemat-gak-ii
2.pos-sonhar-Nmz-2pl “o sonho de vocês”
18. raʔačiʔ
r-aʔad-id
2.pos-lar-2sg “o teu lar”

O outro padrão de marcação de possuidor de 2ª pessoa apresenta o prefixo / qa(d)- /. Note-se também que, assim como nos exemplos 13-17 a marcação é similar à achada nos verbos inativos (cf. *Participante paciente*). Neste caso há isomorfismo com a marca verbal de participante dativo (cf. *Capítulo V, Participante dativo*).

- 19.a. qataʔeʔ
qad-taʔa-id
2.pos-pai-2sg “o teu pai”
- b. qataʔi
qad-taʔa-ii
2.pos-pai-2pl “o pai de vocês”
20. a. qapiačiʔ
qad-piad-id
2.pos-pé-2sg “o teu pé”
- b. qapelačiʔ
qad-pelad-id
2.pos-sapato-2sg “o teu sapato”

- 21.a. qade:nagači?
qad-e:nagat-id
2.pos-nome-2sg “o teu nome”
- b. qade:nagači:
qad-e:nagat-ii
2.pos-nome-2pl “o nome de vocês”
22. qačogoki
qad-yo-ga-ki
2.pos-encher-Nmz-CI “a tua cesta”
23. a. qača:ki?i?
qad-ya:le-id
2.pos-filha-2sg “a tua filha”
- b. qača:ki:
qad-ya:le-ii
2.pos-filha-2pl “a filha de vocês”

O possuidor de **primeira pessoa plural** marca-se por meio de prefixos. Como já se mencionou, também nesse caso nota-se a sub-classificação dos nomes observada na 2^a pessoa: nomes que recebem / r- / na 2^a apresentam / qar- / na 1^a plural; nomes que marcam a 2^a por / qa(d)- / marcam a 1^a plural com / qo(d)-/. De novo, pode ser observada aqui a similitude formal existente com a marcação verbal paciente e dativa, respectivamente.

24. a. qarqaya
qad-qaya
1pl.pos-irmão “o nosso irmão”
- b. qarpi?nek
qad-pi?nek
1pl.pos-osso “o nosso osso”
- c. qarqaik
qad-qaik
1pl.pos-cabeça “a nossa cabeça”

- | | | |
|-------|---|--------------------|
| d. | qarete:se
qad-te:se
<i>lpl.pos-sobrinha</i> | “a nossa sobrinha” |
| 25. a | qolo
qod-lo
<i>lpl.pos-animal</i> | “o nosso animal” |
| b. | qode:nagat
qod-e:nagat
<i>lpl.pos-nome</i> | “o nosso nome” |
| c. | qočoogoki
qod-yo-ga-ki
<i>lpl.pos-encher-Nmz-Cl</i> | “a nossa cesta” |
| d. | qoča:le
qod-ya:le
<i>lpl.pos-filha</i> | “a nossa filha” |
| e. | qopela?
qod-pela?
<i>lpl.pos-sapato</i> | “o nosso sapato” |

Em (26) nota-se a possibilidade de uso de ambos os padrões de marcação de possuidor de 1ª plural com a mesma raiz nominal expressando uma diferença na relação genitiva existente entre o possuidor e o possuído:

- | | | |
|--------|--|--------------------|
| 26. a. | qareta?a
qad-ta?a
<i>lpl.pos-pai</i> | “o nosso pai” |
| b. | qota?a
qod-ta?a
<i>lpl.pos-pai</i> | “o nosso pai Deus” |

Esses são os únicos registros, nos meus dados, de uso de ambas as marcas de possuidor com o mesmo radical.

O possuidor de **terceira pessoa** é marcado pelo prefixo / l- / . Como já se mencionou, a posse Indefinida de nominais inalienáveis marca-se por / n- / , que pode ser interpretada

como uma marca de Absolutivo. O plural do possuidor é expresso pelo sufixo paucal /-ʔ/ (< /-d/).

- | | | |
|--------|--|----------------------|
| 27. a. | λa:le
l-ya:le
<i>3.pos-filha</i> | “a filha dele/ela” |
| b. | λa:leʔ
l-ya:le-d
<i>3.pos-filha-Pc</i> | “a filha deles/elas” |
| c. | ña:le
n-ya:le
<i>Ind-filha</i> | “filha (de alguém)” |
| 28. a. | letaʔa
l-taʔa
<i>3.pos-pai</i> | “o pai dele/ela” |
| b. | netaʔa
n-taʔa
<i>Ind-pai</i> | “pai” |
| 29. a. | lqaya
l-qaya
<i>3.pos-irmão</i> | “o irmão dele/ela” |
| b. | lqayaʔ
l-qaya-d
<i>3.pos-irmão-Pc</i> | “o irmão deles/elas” |
| c. | nqaya
n-qaya
<i>Ind-irmão</i> | “irmão” |
| 30. | loík
l-oik
<i>3.pos-direita</i> | “a direita dele/ela” |
| 31. a. | lateʔe
l-ateʔe
<i>3.pos-mãe</i> | “a mãe dele/ela” |

- b. nateʔe “mãe”
 n-ateʔe
Ind-mãe

A diferença na vogal do prefixo nos seguintes exemplos parece ser idiossincrática de certos itens lexicais que ocorrem com [a] na 3ª pessoa e com a vogal “default” [e] na forma indefinida:

32. a. lapyʔ “o pé dele/ela”
 la-piad
3.pos-pé
- b. nipyʔ “pé; pegada”
 n-piad
Ind-pé
33. a. lawoʔ “a família dele/ela”
 la-wod
3.pos-família
- b. lawoteʔ “a família deles/elas”
 la-wod-d
3.pos-família-Pc
- c. newoʔ “família, parentes”
 n-wod
Ind-família
34. a. lapelaʔ “o sapato dele/ela”
 la-pelad
3.pos-sapato
- b. nepelaʔ “sapato”
 n-pelad
Ind-sapato
35. a. lalo “o animal dele/ela”
 la-lo
3pos-Cl.animal
- b. nello “animal doméstico”
 n-lo
Ind-Cl.animal

O quadro a seguir resume os afixos marcadores de possuidor:

	<i>Pro</i>	<i>Pro 2^a</i>	<i>Núm</i>
<i>1^a sg</i>	i-		
<i>2^a</i>	∅ -r- qa-d-	-id / ii	
<i>1^a pl</i>	qa -r- qo-d-		
<i>3^a</i>	l-		-d
<i>Indef</i>	n-		

1.1.1.2. Alienabilidade

Como já foi mencionado, o prefixo / n- / pode ser interpretado como um classificador nominal de alienabilidade. Em Mocovi, assim como nas outras línguas Guaicuru do ramo Sul, essa distinção não é transparente já que a ocorrência de / n- / não se correlaciona diretamente com a semântica de alienabilidade, mas parece ser determinada lexicalmente (nos nomes não derivados) ou gramaticalmente (nos nomes deverbiais): há nomes que fazem referência a objetos naturalmente possuídos (partes do corpo, termos de parentesco) que apresentam a marca / n- / . Contudo, cabe mencionar que tais nomes podem ocorrer sem marca alguma de posse (mantendo ou modificando levemente o seu significado), fato que parece indicar o estatuto de inalienabilidade deles. Aliás, no exemplo seguinte apresenta-se o único caso registrado em que uma mesma raiz nominal admite marcação como inalienável ou alienável, expressa pela ocorrência ou não da nasal:

36. a. yošigmaga “a minha pele, o meu corpo”
 i-osigmaga
 l.pos-pele
- b. ñošigmaga “o meu couro (de animal)”
 i-n-osigmaga
 l.pos-Aln-pele

A existência duma categoria morfológica de “alienabilidade” é contestada por Nichols (apud Svorou, 1994:201). Segundo esta autora, a distinção alienável/inalienável não é usada consistentemente nas línguas. As distinções morfológicas deste tipo refletem, na realidade, a frequência de uso: entidades usualmente consideradas como possuídas inalienavelmente são as que mais freqüentemente são possuídas, ao passo que as consideradas alienáveis são as menos freqüentemente possuídas. Assim, a marcação morfológica diferenciada pode ser vista como a expressão duma distinção entre morfologia genitiva originária (nas entidades mais freqüentemente possuídas) e marcas genitivas inovadoras, adjungidas aos nominais alienáveis. Possivelmente / n- / , em Mocovi, possa ser melhor entendido como um marcador genitivo que ocorre com nomes usualmente alienáveis. Porém, continuarei a considerar este prefixo como marca de “Alienável” tendo em vista fazer mais clara a leitura dos exemplos.

O prefixo / n- / ocorre na posição prévia ao nominal e vem precedido pelas marcas pronominais de possuidor. Na **primeira pessoa** singular há fusão do afixo pronominal e a nasal produzindo na superfície um segmento nasal palatal:

- | | | |
|-------|--|-----------------------|
| 37. a | ñoqopaʔ
i-n-qopa-d
<i>Isg.pos-Aln-sobrancelha-Pc</i> | “minhas sobrancelhas” |
| b. | ñoqote
i-n-qote
<i>Isg.pos-Aln-olho</i> | “o meu olho” |
| c. | ñite:sqoʔ
i-n-te:sqod
<i>Isg.pos-Aln-tio</i> | “o meu tio” |
| d. | ñimaq
i-n-maq
<i>Isg.pos-Aln-esquerda</i> | “a minha esquerda” |

Nos exemplos em (37) os nomes fazem parte de campos semânticos geralmente concebidos como inalienáveis (partes do corpo, termos de parentesco). Especialmente, compare-se (37.d) com o exemplo (11.f) : referentes pertencentes ao mesmo campo semântico são codificados, no caso da direita, como inalienável, e no caso da esquerda,

como alienável. Este tipo de exemplos parece desconfirmar a interpretação de / n- / como expressão de classificação nominal em termos de alienabilidade em Mocovi. Porém, esse é um aspecto sem dúvida estreitamente ligado com a percepção socio-cultural dos falantes, razão pela qual, para o observador externo à cultura, as motivações semânticas dos diversos sistemas classificatórios podem ficar pouco transparentes. Mas, note-se que nomes que podem ocorrer livres, sem marcação de possuidor, e que, portanto, são concebidos como semanticamente alienáveis, quando possuídos usam da marca / n- /:

- | | | |
|--------|---|-----------------|
| 38. a. | doʔo
(a)doʔo | “chapéu” |
| b. | ñadoʔo
i-n-adoʔo
<i>1sg.pos-Aln-chapéu</i> | “o meu chapéu” |
| 39. a. | pokena
(a)pokena | “mão, pata” |
| b. | ñapokena
i-n-apokena
<i>1sg.pos-Aln-mão</i> | “a minha mão” |
| 40. a. | qoʔpaq
qoʔpaG | “árvore” |
| b. | ñoqoʔpaq
i-n-qoʔpaG
<i>1sg.pos-Aln-pau</i> | “a minha lenha” |

O possuidor de **primeira pessoa plural** é marcado pelo prefixo / qa- / seguido pela marca de posse alienável.

- | | | |
|--------|---|------------------|
| 41. a. | qanadoʔo
qa-n-adoʔo
<i>1pl.pos-Aln-chapéu</i> | “o nosso chapéu” |
| b. | qanqoʔpaq
qa-n-qoʔpaG
<i>1pl.pos-Aln-pau</i> | “a nossa lenha” |

- c. qanelere
qa-n-lere
1pl.pos-Aln-livro “o nosso livro”
- d. qanemaq
qa-n-maG
1pl.pos-Aln-esquerda “a nossa esquerda”

O possuidor de **segunda pessoa** marca-se apenas por sufixos correspondentes a singular/plural:

42. a. nqoči?i?
n-qote-id
Aln-olho-2sg “o teu olho”
- b. nemaqai?
n-maG-id
Aln-esquerda-2sg “a tua esquerda”
43. a. nado?i?
n-ado?o-id
Aln-chapéu-2sg “o teu chapéu”
- b. nado?i:
n-ado?o-ii
Aln-chapéu-2pl “o chapéu de vocês”

A **terceira pessoa** não apresenta marca morfológica, sendo o possuidor plural de 3ª pessoa marcado pelo sufixo de Paucal.

44. a. nqote
n-qote
Aln-olho “o olho dele/ela”
- b. nemaq
n-maG
Aln-esquerda “a esquerda dele/ela”

45. a. niʔyoqoʔ “o sogro dele/ela”
n-ʔyoqod
Aln-sogro
- b. niʔyoqoteʔ “o sogro deles/elas”
n-ʔyoqod-d
Aln-sogro-Pc
46. a. lere “livro”
lere
- b. nelere “o livro dele/ela”
n-lere
Aln-livro
- c. nelereʔ “o livro deles/elas”
n-lere-d
Aln-livro-Pc

No quadro seguinte resume-se a marcação pronominal de possuidor com nomes alienáveis:

	<i>Pro</i>	<i>Aln</i>	<i>Pro 2^a</i>	<i>Num</i>
<i>1^a sg</i>	i	n- > ñ		
<i>2^a</i>	∅	n-	- id / ii	
<i>1^a pl</i>	qa	n-		
<i>3^a</i>		n-		- d

1.1.1.3. Aspectos morfossintáticos

Na marcação de Posse há evidências da relevância do papel temático que carrega o possuidor. Nos exemplos seguintes observa-se o uso das marcas de posse inalienável expressando um possuidor Origem ao passo que a marca de alienável expressa um possuidor Alvo/Beneficiário:

47. a ñāči ĵi yame
 i-n-aci ĵi i-ame
 1.suj-Méd-trazer *Cl* *1.pos-presente*
 “eu trouxe um presente”
- b. skoñigit ka ñime keka yateʔe
 s-kon-git ka i-n-me ke-ka i-ateʔe
 1.suj-pegar-Or *CL* *1.pos-Aln-presente* *Obl-CL* *1.pos-mãe*
 “eu recebi um presente da minha mãe”

Em (47.a) a marca de 1ª pessoa possuidor no nome é co-referente com um argumento Origem do presente. Já em (47.b) a 1ª pessoa é co-referente com um Beneficiário. O fato das nominalizações deverbais apresentarem marcas pronominais de concordância de posse inalienável, co-referentes com o sujeito do verbo base, parece ter relação com a distinção baseada no papel temático do possuidor.

Por outro lado, as cisões na marcação de possuidor de 1ª plural e 2ª pessoas parecem evidenciar uma distinção morfológica determinada por dois tipos de relação genitiva diferentes: uma delas pacientiva, com reflexo no uso de marcas isomórficas com às verbais de Paciente (qar- e r...-i?), e a outra Dativa (qo- e qa(d)-), que se serve de formas morfológicas cognatas das de participante verbal Dativo (Cf. *Participante Dativo*).⁵ A marcação de posse, portanto, reflete uma distinção nos nomes baseada no parâmetro da Agentividade, como proposto na literatura para as línguas Ativas (cf. Seki, 1991). O Dativo envolve algum grau de agentividade já que nocionalmente faz referência a entidades animadas indiretamente afetadas pela ação verbal. Já um Paciente prototípico é afetado diretamente.⁶

⁵ A semelhança existente entre a marcação pacientiva e as marcas nominais de possuidor diz respeito ao fato, apontado por Payne (1994:336), dos SNs possuídos serem orientados para o papel Paciente em razão de serem argumentos em estado de ficar em relação com o possuidor. Conforme a autora, há nos SNs genitivos uma divergência de “saliência”, paralela às construções transitivas inversas: o possuidor tem saliência semântico-pragmática ao passo que o possuído tem saliência sintática, pelo seu estatuto de núcleo da construção.

⁶ As formas de posse pacientiva parecem ser uma inovação no Mocovi. Em Kadiwéu as marcas pronominais de possuidor de 2ª /Gad:-/ e 1ª plural /God:-/ são cognatas com as formas de posse Dativa em Mocovi. Toba, por sua vez, apresenta formas cognatas /ʔar-/ 2ª singular, /qar-/ 1ª plural e /qar...i/ 2ª plural (Manelis Klein, 1981)

1.1.2. Número

Os Nomes em Mocovi apresentam marcação morfológica de Número, distinguindo singular, paucal e plural/coletivo. Esta distinção tripartida está presente apenas nos nomes: argumentos de verbos, possuidor e classificadores só expressam morfológica a distinção “singular/paucal”.

O número Paucal envolve a referência a dual, assim como a um número não maior a uma meia dúzia de indivíduos. O Plural indica uma quantidade maior que pode fazer referência a um conjunto desagregado de indivíduos se combinado com a marca de Paucal, ou a um conjunto indiferenciado, um coletivo, quando ocorre diretamente ligado ao tema nominal.

1.1.2.1. Dual/Paucal

Há duas marcas de Paucal cuja distribuição em Mocovi parece estar determinada por classes morfológicas de palavras, ou seja que não é condicionada nem fonologicamente nem por classes gramaticais ou semânticas de nomes.

Um conjunto de nominais marcam a flexão de Paucal pela sufixação do morfema { d } (~ / ? / ~ / V ? /).

- | | | |
|--------|---------------------|-----------------------------|
| 48. a. | lawa | “o braço, a asa (dele/ela)” |
| b. | lawa? | “as duas asas (dele/ela)” |
| | l-awa-d | |
| | <i>3.pos-asa-Pc</i> | |
| 49. a. | yale | “homem” |
| b. | yale? | “homens (vários)” |
| | yale-d | |
| | <i>homem-Pc</i> | |
| 50. a. | nipia? | “pé” |
| b. | nipiate? | “dois pés” |
| | n-piad-d | |
| | <i>Ind-pé-Pc</i> | |

51. a.	laʔaʔ	“o lar (dele/ela)”
b.	laʔa:teʔ l-aʔad-d <i>3.pos-lar-Pc</i>	“os lares (dele/dela)”, “o lar deles/elas”
52. a.	laʔat	“a carne (dele/ela)”
b.	laʔa:čiʔ l-aʔat-d <i>3.pos-carne-Pc</i>	“as carnes”
c.	laʔa:teʔ l-aʔat-d <i>3.pos-carne-Pc.3</i>	“a carne deles/elas”
53. a.	nenat	“unha”
b.	nenačiʔ n-nat-d <i>Ind-unha-Pc</i>	“unhas (várias)”
54. a.	lekat	“a faca (dele/ela)”
b.	lekačiʔ l-ekat-d <i>3.pos-faca-Pc</i>	“as facas (dele/ela)”
c.	lekateʔ l-ekat-d <i>3.pos-faca-Pc.3</i>	“a faca (deles/elas)”
55. a.	lawoʔ	“a família”
b.	lawotoʔ l-wod-d <i>3.pos-família-Pc</i>	“as famílias”
c.	lawoteʔ l-wod-d <i>3.pos-família-Pc.pos</i>	“a família deles/elas”

Embora haja semelhança formal com a marca de número Paucal de argumentos de 3ª pessoa sujeito verbal e possuidor, no exs. (52, 54 e 55) observa-se a distinção entre o número do nominal possuído e o número do possuidor expressa pela qualidade da vogal epentética. A vogal epentética na marca de número do possuidor é a vogal default [e] ao passo que na marcação do número nominal vai depender tanto da qualidade da

consoante final da raiz quanto do núcleo silábico precedente. Se a raiz terminar em coronal surda (exs.52, 53, 56) a vogal inserida é [i].

- | | | |
|--------|-----------------|-------------------|
| 56. a. | kos | “porco” |
| b. | koši? | “porcos (vários)” |
| | kos-d | |
| | <i>porco-Pc</i> | |

Compare-se com as raízes terminadas por laringea, produto de debucalização de coronal vozeada, em que a vogal inserida é [o], por harmonia vocálica se o núcleo da sílaba precedente for vogal arredondada, ou, em outros casos, pela vogal default [e]. Há um conjunto de raízes terminadas em segmentos velares ou uvulares que fazem o Paucal adicionando vogal epentética arredondada:

- | | | |
|--------|--------------------|----------------------|
| 57. a. | pioq | “cachorro” |
| b. | pioGo? | “cachorros (vários)” |
| | pioG-d | |
| | <i>cachorro-Pc</i> | |
| 58. a. | mañik | “avestruz” |
| b. | mañigo? | “avestruzes” |
| | manig-d | |
| | <i>avestruz-Pc</i> | |

A outra marca de Paucal é { l }, que ocorre com um conjunto mais reduzido de nominais e cuja escolha parece ser marcada no léxico porquanto não foi achado nenhum condicionamento, seja fonológico ou semântico.⁷

- | | | |
|--------|---------------|--------|
| 59. a. | pokena | “mão” |
| b. | pokenal | “mãos” |
| | pokena-l | |
| | <i>mão-Pc</i> | |

- | | | |
|--------|------|----------------------|
| 60. a. | liči | “a perna (dele/ela)” |
|--------|------|----------------------|

⁷ Para a língua Toba, Buckwalter (op.cit.) interpreta que a marcação do número por esses dois sufixos depende do gênero do nome: -d com masculino, -l com feminino. Já Klein (1981) apresenta um sistema mais complicado no qual a forma { l } marcaria plural “muitos”. Em Mocovi, a escolha do marcador para Paucal não está determinada pelo gênero: tanto nomes femininos quanto masculinos ocorrem com um ou outro marcador.

b.	ličil l-ici-l <i>3.pos-perna-Pc</i>	“as pernas (dele/ela)”
61. a.	neta?a	“pai”
b.	neta?al n-ta?a-l <i>Ind-pai-Pc</i>	“pais”
62. a.	nate?e	“mãe”
b.	nate?el n-ate?e-l <i>Ind-mãe-Pc</i>	“mães”
63. a.	ya:pi?	“o meu avô”
b.	ya:piril i-a:pid-l <i>1.pos-avô-Pc</i>	“os meus avôs”
64. a.	ñite:sqo?	“o meu tio”
b.	ñite:sqorol i-n-te:sqod-l <i>1.pos-Aln-tio-Pc</i>	“os meus tios”
65. a.	nqo?ge	“cotovelo”
b.	nqo?gel n-qo?ge-l <i>Ind-cotovelo-Pc</i>	“cotovelos”

1.1.2.2. Plural

O plural envolve uma quantidade de indivíduos que podem ser concebidos como um conjunto desagregado, ou como um conjunto não individuado, um coletivo. No primeiro caso, a marca de plural { -ipi } co-ocorre com uma das marcas de Paucal. Já no segundo caso, em se tratando de um conjunto não-individuado, ocorre sufixada diretamente à base nominal. A seguir apresentam-se exemplos de marcação morfológica de pluralidade no nome; compare-se com os respectivos exemplos da marcação de Paucal.

66. a. lawaripi
l-awa-d-ipi
3.pos-asa-Pc-Pl “as asas (muitas)”
- b. yałiripi
yale-d-ipi
homem-Pc-Pl “homens (muitos)”
- c. niriateripi
n-piad-d-ipi
Ind-pé-Pc-Pl “muitos pés”
- d. nenačiripi
n-enat-d-ipi
Ind-unha-Pc-Pl “muitas unhas”
- e. lawotoripi
l-awod-d-ipi
3.pos-familia-Pc-Pl “muitas famílias”
- f. piogripi
pioG-d-ipi
cachorro-Pc-Pl “muitos cachorros”
67. a. pokenałiripi
pokena-l-ipi
mão-Pc-Pl “muitas mãos”
- b. ličiłiripi
l-ici-l-ipi
3.pos-perna-Pc-Pl “muitas pernas”
- c. nateʔełiripi
n-ateʔe-l-ipi
Ind-mãe-Pc-Pl “muitas mães”
- d. ya:piriłiripi
i-a:pid-l-ipi
1.pos-avô-Pc-Pl “meus muitos avôs”
- e. te:sqorołiripi
te:sqod-l-ipi
tio-Pc-Pl “muitos tios”

Nos exemplos seguintes pode ser observada a marcação de plural em conjuntos não individuados.

68. a. lasotel “galhos (vários)”
 l-asote-l
3.pos-galho-Pc
- c. lasoteipi “galhos (muitos)”
 l-asote-ipi
3.pos-galho-Pl
69. laloipi “o gado”
 l-lo-ipi
3.pos-Cl:anim-Pl
70. qoʔoʔiʔipioʔkiʔ “muitos passarinhos”
 qoʔol-ipi-oʔkiʔ
pássaro-Pl-Dim.msc

No exemplo (70) observa-se que a marca de plural ocorre precedendo o sufixo de Diminutivo. A posição morfológica da marca de plural parece questionar o estatuto de categoria flexional do Número em Mocovi, se se assumir que a morfologia derivacional é sempre mais interna, na palavra, do que a flexional. Também em (71) nota-se que a categoria de número é marcada imediatamente após a raiz nominal e antes das marcas sufixais de Pessoa:

71. rkelač̣iʔ “as tuas duas orelhas”
 r-kela-d-id
pos-orelha-Pc-2sg

1.2. Morfologia Derivacional

Um conjunto de sufixos deriva nomes a partir de verbos ou de outros nominais. Em alguns casos, o estatuto deles como basicamente derivativos pode ser posto em dúvida: um conjunto desses afixos pode ser melhor analisado como marcadores de classe que, como atesta-se frequentemente nas línguas que apresentam este tipo de marcas, podem

também cumprir função derivativa.⁸ A seguir, apresentam-se em primeiro lugar os afixos cuja função básica é derivar nomes deverbais e logo após os afixos que parecem ter a função principal de constituir classes nominais em termos de parâmetros semânticos como gênero, animacidade e forma.

1.2.1. Nomes derivados de verbos

Segundo Comrie e Thompson (1985), nomes podem ser derivados a partir de bases verbais ou adjetivais. Esses nomes são de duas classes: (1) aqueles que fazem referência à denominação da atividade/estado ou nominalizações de ação/estado; e (2) os que referem a um argumento verbal; estes, por sua vez, apresentam várias sub-classes atendendo ao tipo de argumento referido. Seguindo a proposta desses autores, a seguir apresento os diversos recursos morfológicos de derivação de nomes deverbais em Mocovi.

1.2.1.1. { aga } “nominalizador de ação, não-processo”

Este sufixo ocorre em nomes derivados, principalmente de bases verbais não-agentivas, derivando nomes concretos. Segundo Comrie & Thompson (op.cit.:357) os nomes deverbais têm freqüentemente significados imprevisíveis, um dos casos mais comuns é a “concretização” dos nomes de ação, como nos exemplos a seguir.

72. a	lqopiaga l-qopi-aga <i>3.pos-castigar-Nmz</i>	“a ferida, a contusão”
b.	našiwiağa n-asiwi-aga <i>Ind-seco-Nmz</i>	“a seca”
c.	nenogoyaga n-nogo-yağa <i>Aln-suar-Nmz</i>	“o suor”
d.	qašilegaga qasileg-aga <i>brilhar-Nmz</i>	“brilho”

⁸ Cf. Vidal (1997) para uma análise similar dos afixos cognatos em Pilagá.

- e. noʔo:maga “o frio; o inverno”
 n-ʔo:m-aga
Ind-ser.frio-Nmz
- f. lpaʔyaga “o calor; o cio”
 l-paʔe-yaga
3.pos-ser.quente-Nmz
- g. lapalaga “a escuridão”
 l-pal-aga
3.pos-sumir-Nmz

O estatuto nominal das formas derivadas evidencia-se nos exemplos seguintes, seja pela ocorrência da marca pronominal de Posse, ou pela presença do Classificador nominal:

73. isaʔaga sesénta kÍlo
 i-sali-aga sesenta kilo
1.pos-ser.pesado-Nmz sessenta quilo
 “eu peso sessenta quilos (lit. o-meu-peso é 60 kg.)”
74. nowiʔ da lpaʔyaga
 n-owiʔ da l-paʔe-yaga
Méd-chegar Cl 3.pos-ser.quente-Nmz
 “chega o tempo do cio (lit. o-seu-calor)”
75. ʔwe yawigaga kena ñapokena
 ʔwe i-awig-aga ke-na i-n-apokena
Exst 1.pos-queimar-Nmz Obl-CL 1 pos-Aln-mão
 “tenho uma queimadura na mão” (lit. há minha-queimadura na minha-mão)
76. loʔo:čaga “o matagal”
 l-ʔo:ci-aga
3.pos-mato-Nmz

Este sufixo ocorre também obrigatoriamente com os classificadores Locativos de Forma / -ki/ e / -laʔ/ . Nesses casos, não necessariamente cumpre função deverbalizadora (cf. também ex. 76) pois pode-se adjungir a raízes nominais, fato que parece indicar uma função mais próxima da dos marcadores de classe. Klein (1981) analisa a forma cognata em Toba como um marcador de “objeto manufaturado”. Em Mocovi, não é evidente que /aga/ tenha tal conteúdo semântico quando ocorrendo com classificadores Locativos (cf. exs. 118.c. e 118.d. abaixo que se referem a partes do

corpo). Melhor, pode-se interpretar que este afixo expressa o estatuto nominal da palavra.

1.2.1.2. {agak} “nominalizador de ação, processo”

Nominais que se referem a processos são derivados a partir de verbos agentivos pela forma *lagakl*. Estas nominalizações deverbais são equivalentes aos Infinitivos das línguas românicas, mas apresentam marcas pronominais de Posse co-referentes com o sujeito do verbo, razão pela qual não pode ser dito que sejam formas verbais não finitas. Na realidade são predicados nominalizados que têm estrutura de sintagma nominal, por exemplo: ocorrem com Classificadores e com a marca de sintagma Oblíquo, e seus argumentos assumem uma relação genitiva com o predicado, expressa pela ocorrência de morfologia pronominal de Posse. Normalmente, cumprem função de complementos verbais.

77. somat yaqataganagak
 s-omat i-qat-gan-agak
 1.suj-acabar *1.pos-tirar-Val-Nmz*
 “acabei de colher”
78. mači? da rkiyogonagaki?
 omat-id da r-kiyo-gan-agak-id
 acabar-2sg *CL* *pos-lavar-Val-Nmz-2sg*
 “acabaste de lavar?”
79. sa?den i:raganagak
 s-a?den i-er-gan-agak
 1.suj-saber *1.pos-escrever-Val-Nmz*
 “eu sei escrever”
80. yomatetak li?yaganagak
 i-omat-tak l-?ya-gan-agak
 3.suj-acabar-Asp *3.pos-poço-Val-Nmz*
 “está acabando de cavar”
81. sapagagiñi? keda rewoşagaki?
 s-apagagin-id ke-da r-ewose-yagak-id
 1.suj-ensinar-2sg *Obl-CL* *pos-cozinhar-Nmz-2sg*
 “eu te ensino a cozinhar”

82. ǰoqoʔta yiwaraganagak
 i-d-qoʔt-a i-ewad-gan-agak
 Isg.P-T-gostar-3.obj *Isg.pos-costurar-Val-Nmz*
 “eu gosto de costurar”

No exemplo seguinte o nominal derivado funciona como núcleo de um sintagma nominal:

83. na naqataganagak waloq i:me kena širaigo agósto
 na n-aqat-gan-gak waloq ime ke-na siraigo agosto
 CL Méd-tirar-Val-Nmz *algodão* *acaba* *Obl-CL* *lua* *agosto*
 “a colheita de algodão acaba no mês de agosto”

1.2.1.3. { aG } “nominalizador agentivo”

Nomes que fazem referência ao ator da ação expressa no verbo são derivados pelo morfema { aG }. Sendo que o ator é tipicamente uma entidade [+animado], nas nominalizações agentivas faz-se distinção de Gênero masculino /-aq/ e feminino /-aga/, o que é esperável em se considerando que as nominalizações argumentais apresentam todas as propriedades dos nomes (Comrie & Thompson, op.cit.:349), e portanto as categorias tipicamente nominais como são Gênero e Número: no feminino o Plural marca-se com a forma /-l/ (cf. ex. 84c.); no masculino a uvular cai e afixa-se /-d/

84. a. neme:naganaq “vendedor, comerciante”
 n-eme:n-gan-ag
 Ind-vender-Val-Nmz
- b. neme:naganaga “vendedora, comerciante”
 n-eme:n-gan-ag-a
 Ind-vender-Val-Nmz-f
- c. neme:naganagal “vendedoras”
 n-eme:n-gan-ag-a-l
 Ind-vender-Val-Nmz-f-Pc
85. natarenataganaq “médico”
 n-ataren-ata-gan-ag
 Ind-curar-Val-Nmz

- | | | |
|--------|--|-------------------------|
| 86. a. | napagaginataGanaq
n-apaGagin-ataGan-aG
<i>Ind-ensinar-Val-Nmz</i> | “professor” |
| b. | napagaginataGanaGa
n-apaGagin-ataGan-aG-a
<i>Ind-ensinar-Val-Nmz-f</i> | “professora” |
| c. | napagaginataGanaripi
n-apaGagin-ataGan-aG-d-ipi
<i>Ind-ensinar-Val-Nmz-Pc-Pl</i> | “muitos professores” |
| 87. | nikiyogonaga
n-kiyo-Gan-aG-a
<i>Ind-lavar-Val-Nmz-f</i> | “lavadeira” |
| 88. a. | ñipaq
nip-aG
<i>procurar lenha-Nmz</i> | “o que procura lenha” |
| b. | ñipaʔ
nip-aG-d
<i>procurar lenha-Nmz-Pc</i> | “os que procuram lenha” |
| 89. a. | lawataq
l-awat-aG
<i>3.pos-matar-Nmz</i> | “a guerra” |

No exemplo (89), à diferença dos outros exemplos, o nome derivado tem um referente [-animado]. Segundo Comrie e Thompson (op.cit.) uma característica das nominalizações agentivas é não estar necessariamente em uma relação de participante “agente” como o verbo de que derivam.

Há um conjunto de nomes comuns que parecem conter o morfema { -aG } mas que não se derivam de bases verbais. Observe-se nos exemplos seguintes o comportamento morfológico similar com as nominalizações agentivas, no que diz respeito à marcação de gênero e número:

- | | | |
|--------|---------|---------------|
| 90. a. | qoʔp-aq | “árvore, pau” |
| b. | qop-aʔ | “dois paus” |

- | | | |
|--------|-----------|------------------|
| 91. a. | šipeg-aq | “cavalo” |
| b. | šipeg-aʔ | “vários cavalos” |
| c. | šipeg-aga | “égua” |

1.2.1.4. { Gat } “nominalização instrumental”

Objetos concebidos como instrumentos podem ser derivados de raízes verbais pelo sufixo / -gat /, cuja a forma feminina é / -gate / (< / gat-e /). Como no caso do nominalizador agentivo, o Gênero feminino marca-se pela adição de uma vogal, cuja qualidade fonológica parece harmonizar com os traços da consoante final do sufixo. (Cf. *Fonologia*, também para o desvozeamento da uvular). Note-se que o morfema nominalizador instrumental é fonologicamente idêntico ao sufixo verbal Causativo (cf. *Valência*). Tal similitude diz respeito à freqüente relação existente entre as expressões gramaticais de instrumento e causa (cf. p.e. a análise da língua Lakhota de Foley e Van Valin ,1984:43ss.) : instrumentos são instâncias de iniciadores semânticos e portanto codificados freqüentemente por meios gramaticais comuns com os causadores, os iniciadores típicos.

- | | | |
|--------|--|--------------------|
| 92. a. | newaraganagat
n-ewad-gan-gat
<i>Ind-costurar-Val-Nmz</i> | “linha de costura” |
| b. | napalqataganagat
n-apal-gat-gan-gat
<i>Ind-sumir-Cau-Val-Nmz</i> | “borrador” |
| c. | loqoinaganagat
l-qoin-gan-gat
<i>3.pos-apresar-Val-Nmz</i> | “o anzol dele/ela” |
| d. | našiwiaqatagat
n-asiwi-gat-gat
<i>Ind-se.secar-Cau-Nmz</i> | “toalha” |
| 93. a. | neʔlegganqate
n-ʔleg-gan-gat-e
<i>Ind-varrer-Val-Nmz-f</i> | “vassoura” |

- b. naʔdaʒanqate “garfo”
 n-aʔd-gan-gat-e
Ind-fincar-Val-Nmz-f
- c. takqate “pente”
 tag-gat-e
pentear-Nmz-f

A existência de oposição em gênero evidencia-se na concordância com o classificador, como no exemplo seguinte:

94. saʒiñi ana naʔdaʒanqate kena ʔlawa
 s-aʔd-ni a-na n-aʔd-gan-gat-e ke-na ʔlawa
 1.suj-fincar-Dir fem-CL *Ind-fincar-Val-Nmz-fem* *Obl-CL* *terra*
 “finquei um garfo na terra”

Buckwalter (op.cit.:507) analisa os sufixos cognatos em Toba como “instrumento comprido masculino” e “instrumento redondo feminino”, o que estaria evidenciando uma função classificatória desses formativos. A classificação genérica baseada no sexo, para referentes animados, estende-se freqüentemente para inanimados, em muitos casos combinando com outros parâmetros como Forma. Assim, por exemplo, o gênero masculino é atribuído a inanimados que denotam objetos compridos e finos ao passo que o feminino refere a objetos curtos, gordos e redondos na língua Alambank (cf. Foley e Van Valin, 1984:325). Em Mocovi, como se observa nos exemplos anteriores, não parece haver uma distinção semântica regular baseada no parâmetro de forma do referente que tenha correlação direta com gênero. Contudo, em (95) parece haver uma evidência de tal distinção: sobre a mesma base verbal, a forma masculina deriva um nome instrumental referido a um objeto cuja utilidade está diretamente relacionada com a forma comprida e com ponta, ao passo que o feminino expressa objetos que, embora possam ter forma comprida, a sua função instrumental não diz respeito a tal forma.

95. a. loʔgoʒonaʒat “a arma ou ferramenta (como machado, picareta, pau)”
 l-oʔgoʒon-gat
 3.pos-usar.como.arma-Nmz
- b. loʔgoʒonqate “a arma ou ferramenta (como escopeta, pá, enxada)”
 l-oʔgoʒon-gat-e
 3.pos-usar.como.arma-Nmz-fem

Nos exemplos seguintes a relação com o verbo base não é literalmente instrumental, característica dos processos de derivação.

96. a načišinaganagat “Cruzeiro do Sul”
 n-acisin-gan-gat
 Ind-marcar.com.cruz-Val-Nmz
- b. nqoʔgonagat “urina”
 n-qoʔgon-gat
 Ind-urinar-Nmz

No que diz respeito às propriedades morfossintáticas, além da marcação de gênero, os nominais instrumentais apresentam, como qualquer outro nome, flexão de Posse e de Número e ocorrem como núcleos de sintagma nominal:

97. so neraganagat we:tañi lames
 so n-ed-gan-gat we:ta-ni lames
 CL Ind-escrever-Val-Nmz estar-Asp-Dir mesa
 “o lápis está embaixo da mesa”
98. sišohnaganake naʔmenaganagat laweragayk
 s-siohnagan-ake n-aʔmen-gan-gat l-awed-aga-ik
 1.suj-comprar-Des Ind-pintar-Val-Nmz 3.pos-preto-Nmz-Atr
 “vou comprar tinta preta”

No seguinte exemplo, a interrogação sobre um constituinte da cláusula com função instrumental exige a nominalização com *I -gat I*:

99. ñigeʔ ka roʔwe:nataganagčiʔ
 negeʔ ka r-ʔwe:n-atagan-gat-id
 Int CL pos-fazer-Val-Nmz-2sg
 “com o que você o fez? (lit. que o teu instrumento para trabalhar?)”

1.2.1.5. { qad } “nominalizador locativo”

Nomes que expressam a noção de lugar são derivados pelo sufixo *I -qaʔ I* (< *I -qad I*). À diferença dos classificadores Locativos, as nominalizações locativas não fazem referência às características configuracionais do referente mas apenas ao fato de ser o lugar em que uma ação/evento acontece. Contraste-se(100.a.) com (100.b.)

100. a. napaGaginataGanqa? "escola (lugar onde se ensina)"
 n-apaGagin-ataGan-qad
Ind-transm.conhecim.-Val-Nmz
- b. napaGaginagaki "escola (prédio)"
 n-apaGagin-aga-ki
Ind-transm.conhecim.-Nmz-Cl
101. a. lašiwiaqa? "lugar seco"
 l-asiwi-qad
3.pos-se.secar-Nmz
- b. nalawataGanqa? "matadouro"
 n-alawat-Gan-qad
Ind-matar-Val-Nmz

A flexão de Posse é correferente com o sujeito do verbo base.

102. nege? ka rki?yaqači?
 nege? ka r-ke?e-yaqad-id
Int CL pos-comer-Nmz-2sg
 "onde você come? (lit. qual é o teu lugar de comer)"
103. iki?yaqa? ĵi ya?a?
 i-ke?e-yaqad ĵi i-a?ad
1sg.pos-comer-Nmz CL 1sg.pos-lar
 "como na minha casa (lit. o meu lugar de comer é minha casa)"

Em (104) observa-se o uso referencial do nominal em contraste com a forma verbal. Cf. também (105).

104. a. leparaganqa? ĵi ?o:či
 l-eparagan-qad ĵi ?o:ci
3.pos-caçar-Nmz CL mato
 "ele caça no mato (lit. o seu lugar de caçar é o mato)"
- b. reparagan kĵi ?o:či
 r-eparagan ke-ĵi ?o:ci
3.suj-T-caçar Obl-CL mato
 "ele caça nesse mato"
105. ĵi neparaganqa? šam yawik
 ĵi n-eparagan-qad sam i-awik
CL Ind-caçar-Nmz Adv 3.suj-arder
 "onde caça está ardendo (lit. o lugar de caçar quase se queima)"

1.2.1.6. { ek } ~ { a } “nominalizador resultativo”

Nomes que fazem referência a um resultado ou objeto típico da ação são derivados por / -ek /. Tais nominais apresentam marcação morfológica de Posse co-referencial com o sujeito do verbo base. O número Paucal marca-se pela forma / -qa /, como se observa em (106.c.). Este morfema “portmanteau” contém especificação tanto de Gênero quanto de Número: como se verá mais adiante (cf. *Marcadores de Classe*) este é o marcador de número paucal masculino dos nomes que contêm um dos sufixos que atribuem gênero [masculino] e que no singular apresentam uma velar.

- | | | |
|--------|---|--|
| 106.a. | lerek
l-er-ek
<i>3.pos-escrever-Nmz.m</i> | “o escrito dele (ele escreveu)” |
| b. | yirek
i-er-ek
<i>1sg.pos-escrever-Nmz.m</i> | “o escrito meu (eu escrevi)” |
| c. | lerqaipi
l-er-qa-ipi
<i>3.pos-escrever-Nmz.m.Pc-Pl</i> | “os escritos dele” |
| d. | sapalgat ħi yirek
s-apal-gat ji i-er-ek
<i>1.suj-sumir-Cau CL 1.pos-escrever-Nmz.m</i> | “apago o que escrevi (lit. o meu escrito)” |
| 107. a | naʔgek
n-aʔg-ek
<i>Ind-morder-Nmz.m</i> | “mordida de bicho” |
| b. | yanek
i-an-ek
<i>1.pos-semear-Nmz.m</i> | “a minha plantação” |
| c. | noʔwenek
n-ʔwen-ek
<i>Ind-cantar-Nmz.m</i> | “o canto” |

- d. naʔahanek “quadro, pôster; revista”
 n-ʔahan-ek
Ind-mirar-Nmz.m

Se o referente for categorizado como feminino, ocorre o sufixo / -a /. Nos exemplos seguintes observa-se o contraste em gênero expresso por ambos os sufixos:

108. a. rekonek “colher”
 re-kon-ek
 ?-pegar-Nmz.m
- b. rekona “concha”
 re-kon-a
 ?-pegar-Nmz.f
109. a. neme:nek “coisa para venda (masc)”
 n-me:n-ek
Ind-vender-Nmz.msc
- b. neme:na “coisa para venda (fem)”
 n-me:n-a
Ind-vender-Nmz.f

A existência da categoria gênero é determinada pela concordância com os classificadores, como se observa nos exemplos a seguir:

110. a. loGonek so mañik
 loGon-ek so manig
 3.pos-apresar-Nmz.m CL ema
 “ele pegou uma ema (lit. a sua presa macho é uma ema)”
- b. loGona aso mañik
 loGon-a a-so manig
 3.pos-apresar-Nmz.f f-CL ema
 “ele apresou uma ema fêmea (lit. a sua presa fêmea é uma ema)”
111. añi loʔGona we:tašigim
 a-ni loʔGon-a we:ta-sigim
 f-CL 3.pos-fabricar-Nmz.f estar-Asp-Dir
 “a cerâmica está em cima”

Em (112) o referente é masculino e portanto há concordância com a forma do sufixo resultativo:

112. yadonaganek “o meu genro”
 i-adon-gan-ek
 1sg.pos-casar-Val-Nmz.m

As nominalizações resultativas ocorrem como Nomes núcleos de sintagmas nominais: podem ser especificadas por um classificador, fazer parte de construções genitivas e cumprir funções argumentais.

113. a sapalagat ĵi nadenqatek
 s-apal-gat ĵi n-aden-gat-ek
 1.suj-sumir-Cau CL *Ind-copiar-Cau-Nmz*
 “eu apago o desenho”
- b. natarenataganaq ĵataren pioq la?gek
 n-ataren-ataGan-ag i-d-ataren pioG l-a?g-ek
 Ind-curar-Val-Nmz *1sg.P-T-curar* *cachorro* *3.pos-morder-Nmz*
 “o doutor me curou a mordida de cachorro”
- c. ñige? ka qadoGonki?
 nege? ka qad-ogon-ek-id
 Int CL *2.pos-apresar-Nmz-2sg*
 “o que você apresou (lit. que é a tu presa)?”

Em (114) pode-se observar o mesmo nominal resultativo em contextos e funções diferentes:

114. a. ma? somat ĵi yo?we:natek ka? ña:nak
 ma? s-omat ĵi i-?we:n-at-ek ka? i-n-a:nak
 Part.fut *1.suj-acabar* CL *1sg.pos-trabalhar-?-Nmz.m* *Part* *1.Méd-vir*
 “quando eu acabar o meu trabalho, então virei”
- b. so ?a:lo lo?we:natek nepo? lo?ĵaganek
 so ?a:lo l-?we:n-at-ek n-pod lo?ĵa-gan-ek
 CL *mulher* *3.pos-trabalhar-?-Nmz.m* *Aln-cobertor* *bonito-Val-Nmz.m*
 “a mulher fez um cobertor bonito”
- c. sišohnagana ma?le ĵi lo?we:natek nepo?
 s-siohnagan-a ma?le ĵi l-?we:n-at-ek n-pod
 1.suj-comprar-3.obj *Adv.fut* CL *3.pos-trabalhar-Nmz.m* *Aln-cobertor*
 “eu vou comprar depois o cobertor feito”

Em (114.c) a forma resultativa assemelha-se a um particípio, agindo como um modificador do nome. Em (115) apresento outros exemplos em que nominalizações resultativas têm função adjetival:

115. a.	naso:lek	naʔdek	“milho pisado”
	naso:lek	n-aʔd-ek	
	<i>milho.msc</i>	<i>Ind-fincar-Nmz</i>	
b.	laʔat	nelolek	“carne fritada”
	l-aʔat	n-lol-ek	
	<i>3.pos-carne</i>	<i>Ind-fritar-Nmz</i>	

1.2.2. Nomes derivados de nomes

Neste ponto apresento os recursos morfológicos derivacionais e/ou classificatórios do Mocovi. Todos esses morfemas têm em comum o fato de que codificam noções de Gênero, baseadas em sexo, animacidade e/ou forma, traços semânticos que acham-se na base dos sistemas de classificação nominal. Alguns desses sufixos exibem funções derivacionais expressando outras noções além das mencionadas. Em outros casos, sofreram lexicalização e a função parece ser apenas a de marcar a classe a que pertencem esses itens.

1.2.2.1. Sufixos Locativos de Forma

Estes sufixos ocorrem obrigatoriamente precedidos pelo nominalizador / -aga / . O fato das bases lexicais não pertencerem apenas à categoria verbal já foi mencionado em 1.1. Estes afixos expressam noções referentes a lugar da ação e forma de um referente inanimado.

1.2.2.1.1. { lad }

Expressa um objeto cujo referente é concebido como um lugar plano elevado. Segundo Buckwalter (op.cit.), em Toba a distinção de gênero /-laʔ / “masculino” e /-late / (< /-lad-e/) “feminino” diz também respeito à semântica de forma: “ masculino comprido” e “feminino

redondo”. Como já foi mencionado, a forma é um parâmetro relevante para a atribuição de gênero em um grande número de línguas que apresentam classes nominais. Os exemplos (118.a,b.) parecem indicar a existência dessa distinção em Mocoví.

- | | | |
|---------|---|----------------|
| 117. a | qa?Ganagala?
qa?Gan-aga-lad
<i>sentar-Nmz-Cl</i> | “assento” |
| b. | ki?yagala?
ke?e-yaga-lad
<i>comer-Nmz-Cl</i> | “mesa” |
| c. | neraganagala?
n-er-gan-aga-lad
<i>Ind-escrever-Val-Nmz-Cl</i> | “quadro negro” |
| 118. a. | no?pagala?
n-o?p-aga-lad
<i>Ind-??-Nmz-Cl</i> | “cama” |
| b. | no?pagalate
n-o?p-aga-late
<i>Ind-??-Nmz-Cl.fem</i> | “cadeira” |

Levando em consideração que em Mocoví os conceitos adjetivais que denotam a idéia de “grande” são expressos por dois itens lexicais independentes, *lodegat* com nomes masculinos e *late?oge* com nomes femininos, a concordância em Gênero dos nomes com o atributo evidencia-se nos exemplos a seguir:

- | | | | |
|---------|-------------|-----------------|------------------|
| 119. a. | no?pagala? | <i>lodegat</i> | “cama grande” |
| b. | no?pagalate | <i>late?oge</i> | “cadeira grande” |

1.2.2.1.2. { ki }

Este sufixo expressa a idéia de espaço fechado continente. Não há uma co-relação entre o parâmetro configuracional e o gênero: dentre os nomes que contêm este formativo há uns femininos e outros masculinos (cf. exs. 121).

- | | | |
|------|--|---------------------|
| 120. | nqoinaganagaki
n-qoin-gan-aga-ki
<i>Ind-apresar-Val-Nmz-Cl</i> | “tocaia para caçar” |
|------|--|---------------------|

121. a nelagsogoki lodegagat “dormitório grande (m.)”
 n-lag-soga-ki
Ind-dormir-Nmz-Cl
- b. newořagaki late?oge “cozinha grande (f.)”
 n-ewose-yaga-ki
Ind-cozinhar-Nmz-Cl
122. a naseraganagaki “cigarro (f.)”
 n-ased-gan-aga-ki
Ind-fumar-Val-Nmz-Cl
- b. łogoki “a sua bolsa, o seu cesto”
 l-yo-ga-ki
3.pos-encher-Nmz-Cl
- c. qa?ganagaki “cadeira”
 qa?gan-aga-ki
sentar-Nmz-Cl

Compare-se (122.c) com (117.a).

Como se observa nos exemplos em (118), a base não necessariamente deve ser um verbo (a,b), nem o referente é sempre um objeto manufaturado (c,d).

118. a lko?wičagaki “o ninho”
 l-ko?wed-yaga-ki
3.pos-ovo-Nmz-Cl
- b. lasotagaki “a faixa que segura a sela”
 l-asot-aga-ki
3.pos-cintura-Nmz-Cl
- c. nqo?gonagaki “bexiga”
 n-qo?gon-aga-ki
Ind-urinar-Nmz-Cl
- d. lko?ogoki “o útero”
 l-ko?o-aga-ki
3.pos-parir-Nmz-Cl

1.2.2.2. Marcadores de classe nominal

Estes sufixos são obrigatórios com certas raízes específicas e apresentam também funções derivacionais causando a mudança na classe de palavra. O estatuto deles como marcadores de classe não fica claro já que não apresentam todas as propriedades que têm sido mencionadas como características desses sistemas (cf. Dixon, 1986). Contudo, eles especificam os nomes para gênero, animacidade e/ou forma, o que semanticamente os aproxima desse tipo de morfemas.

1.2.2.2.1. { wa }

Ocorre sempre com nominais derivados por / -aga/ e contém a especificação semântica [+humano] do referente, se relacionando com a idéia de “parceiro”.

119. a	paʔgenagawa paʔgen-aga-wa <i>invejar-Nmz-Cl</i>	“inimigo”
b.	nawočağawa n-aot-yağa-wa <i>Aln-querer-Nmz-Cl</i>	“o amigo/namorado dele/ela”
c.	ñawegagawa i-n-aweg-aga-wa <i>Isg.pos-Aln-conduzir-Nmz-Cl</i>	“o meu companheiro de andanças”

Essa forma usa-se também como raiz independente com o significado de “esposo/a”:

120.	yowa i-wa <i>Isg.pos-parceiro</i>	“meu esposo/minha esposa”
------	---	---------------------------

Se a origem diacrônica dos marcadores de classe são os nomes (cf. Dixon, 1986), os usos de /- wa / como sufixo e como raiz parecem atestar sincronicamente a existência de um processo de gramaticalização de uma raiz independente em um sufixo.

1.2.2.2.2. { le } / { lek }

Essas formas, masculino / -(o)lek / e feminino / -(o)le / , codificam as noções de animacidade e sexo, como se observa nos exemplos a seguir:

121. a	qota?olek qo-ta?a-olek <i>lpl.pos-pai-m</i>	“Deus”
b.	pagryolek pagre-olek <i>padre-m</i>	“padre”
122. a	regatolek re-gato-lek <i>?-gato-m</i>	“gato (macho)”
b.	regatole re-gato-le <i>?-gato-f</i>	“gata (fêmea)”

Note-se nos exemplos seguintes o contraste entre a forma base e as formas derivadas, e a extensão da semântica de gênero para o tamanho em (124):

123. a.	kona:se	“anão (personagem mítico)”
b.	kona:š-ole	“anã (idem)”
124. a.	qo?o laweragay	“tordo (lit. pássaro preto)”
b.	qo?o:-lek	“pássaro (grande)”
c.	qo?o:-le	“pássaro (pequeno)”

Nos exemplos seguintes, as marcas fundem-se com a raiz em uma unidade única de significado, mantendo contudo as suas propriedades de atribuição de gênero:

125. a.	a?lolek	“doninha (macho)”
b.	a?lole	“doninha (fêmea)”
126. a.	ya:lek	“meu filho (msc.)”
b.	ya:le	“minha filha (fem.)”

130. a. lawit “a tarde”
 b. vīrse “a estrela vespertina”
 wit-se
131. a. neteʔe “manhã”
 b. neteʔese “a estrela matutina”
 neteʔe-se
132. a. ʔo:či “mato”
 b. ʔo:čisek “o ser que é do mato”
 ʔoci-sek
133. a. lqaik “a cabeça dele/ela”
 b. lqaigseʔ “buçal”
 l-qaig-se-d
3.pos-cabeça-Cl-Pc
134. yowe ñiñipse “o meu dente de cima”
 i-we i-n-nip-se
1sg.pos-dente 1sg.pos-Aln-bico-Cl.f

Nos seguintes exemplos de termos de parentesco pode ser notada a ocorrência de /-se / e /-sek / com raízes similares às que constituem os termos relativos a parentes da primeira geração ascendente, onde a idéia de pertença é relevante, levando em conta a relação parental existente entre os referentes:

135. a. lete:se “a sobrinha dele”⁹
 b. lete:sek “o sobrinho dele”
 c. nete:sqoʔ “o tio dele/ela”
136. a. laso:se “a sobrinha dela”
 b. laso:sek “o sobrinho dela”
 c. laso:ro “a tia dele/ela”

Há um outro uso dessas formas em que elas apresentam características derivacionais e expressam a noção de “passiva”. As línguas Guaicuru não têm expressão morfológica de voz passiva. Em Mocovi, os sufixos /-se / feminino e /-sek / masculino, adjungidos a uma forma resultativa derivam formas que se assemelham aos participios e que são

traduzidos, para o espanhol, como construções passivas. A concordância em Gênero e Número diz respeito ao argumento paciente, que pode ser animado ou inanimado, ao passo que os afixos de Posse concordam com o agente, que pode ser expresso sintaticamente como constituinte Oblíquo marcado por / ke / ou como um sintagma nominal reto.

137. a. yim nikiyogse keka yate?e
 yim n-kiyo-ek-se ke-ka i-ate?e
Pro.1 Ind-lavar-Nmz-f Obl-CL 1sg.pos-mãe
 “eu fui lavada pela minha mãe”
- b. rikiyogšiki? pioq
 r-kiyo-ek-sek-id pioG
pos-lavar-Nmz-m-2sg cachorro
 “o cachorro foi lavado (por você)”
138. a. la?at nelolegsek
 l-a?at n-elol-ek-sek
3.pos-carne Ind-fritar-Nmz-m
 “a carne está frita”
- b. la?at yilolegsek
 l-a?at i-elol-ek-sek
3.pos-carne 1sg.pos-fritar-Nmz-m
 “a carne foi frita (por mim)”
139. a. qomi? nowaganegse?
 qomid n-wagan-ek-se-d
Pro.1pl Ind-bater-Nmz-m/f.Pc
 “nós fomos surrados”
- b. so ña:lek se nqo?ta nowaganegsek
 so n-ya:lek se n-qo?t-a n-wagan-ek-sek
CL Ind-filho.m Neg 3.suj-gostar-3.obj Ind-bater-Nmz-m.sg
 “o filho não gosta de ser surrado”
- c. yim na?gegse ke pioq
 yim n-a?g-ek-se ke pioG
Pro.1sg Ind-morder-Nmz-f.sg Obl cachorro
 “eu fui mordida por um cachorro”

⁹ O Mocovi não faz diferenciação na terminologia de parentesco entre parentes por linha materna e paterna. Para facilitar a leitura dos exemplos, optei portanto por utilizar os termos do português que expressam as mesmas relações para as glossas.

140. a. naʔdeksek “ele foi apunhalado”
 n-aʔd-ek-sek
Ind-fincar-Nmz-m.sg
- b. yanegse “a minha planta”
 i-an-ek-se
1sg.pos-pôr-Nmz-f.sg

1.2.2.2.4. { ik } e { sat }

O sufixo / -ik / ocorre com nomes de árvores . Em vários casos é possível fazer o corte morfêmico claramente já que a raiz ocorre independentemente; em outros, a distribuição complementar com o morfema “coletivo vegetal” / -sat / permite determinar o estatuto classificatório dessas formas. A seguir apresentam-se exemplos.¹⁰

141. a. norik “*quebracho* branco (árvore, esp.)”
 b. roʔwik “*sauce, curupí* (árvore, esp.)”
 c. petekaik “*chañar* (árvore, esp.)”
142. a. pagak “fruto do *aromito*”
 b. pagakik “*aromito* (árvore, esp.)”
143. a. map “*algarroba* (fruto)”
 b. mapik “*algarrobo* (árvore, esp.)”
 c. mapsat “*algarrobal* (conjunto de algarrobos)”
144. a. kotap “outono”¹¹
 b. kotapik “*quebracho colorado*”
 c. kotapsat “*quebrachal* (conjunto de quebrachos)”
145. a. čawik “palmeira (esp.)”
 b. čawisat “palmeiral”
 c. le “espinho”
 d. le:sat “espinhos (conjunto)”

¹⁰ Os nomes em espanhol das árvores são apresentados em itálicas.

¹¹ No outono é que o **kotapik** dá frutos.

1.2.2.3. Morfemas avaliativos

1.2.2.3.1. Diminutivo

O diminutivo expressa-se por dois morfemas que codificam também gênero: / -oki? / “masculino” e / -o?li? / “feminino”. Além de expressar a idéia de tamanho físico, os diminutivos tem também uma conotação afetiva:

146. a.	nogtoki? nogot-oki? <i>jovem-Dim.m</i>		“menino”
b.	nogto?li? nogot-o?li? <i>jovem-Dim.f</i>		“menina”
147. a.	qo?goykoki? qo?goik-oki? <i>velho.m-Dim.m</i>		“velhinho”
b.	qo?goyo?li? qo?goi-o?li? <i>velha.f-Dim.f</i>		“velhinha”
148.	iwaloki? i-wal-oki? <i>Isg.pos-neto-Dim.m</i>		“o meu netinho”
149.	ñi qo?olkoki? ni qo?o-lek-oki? <i>CL pássaro-m-Dim.m</i>	ro?wenagantak r-?wen-gan-tak <i>T-cantar-Val-Prog</i>	“o passarinho está cantando”

O diminutivo é indiferente a animacidade, como se observa nos exemplos seguintes em que os referentes são inanimados:

150.a.	na?jikoki? na?jik-oki? <i>caminho-Dim.m</i>		“estradinha”
--------	---	--	--------------

- b. delkoʔliʔ “ilheta”
 delek-oʔliʔ
ilha-Dim.f

Note-se também que os morfemas diminutivos podem ser afixados a numerais, atribuindo uma conotação restritiva:

151. a. o: noʔliʔ noʔpagalate “apenas uma cadeira”
 o: no-oʔliʔ n-oʔp-aga-late
um-Dim.f *Ind.-Nmz-Loc.f*
- b. dosoʔliʔ jōa yamiʔ “tenho apenas dois pesos”
 dos-oʔliʔ ji-ōa i-am-d
dois-Dim.f *CL-Pc* *Isg.pos-dinheiro-Pc*

Nas formas lexicais utilizadas para exprimir conceitos como “pequeno, menor, curto”, a marca de diminutivo acha-se lexicalizada, apresentando concordância em gênero:

152. a. añi waqahñi kočōʔliʔ “a estrela é pequena”
 a-ni waqahni kocoʔliʔ
f-CL *estrela* *pequeno.Dim.f*
- b. ñik rawoškōiʔ “a corda é curta”
 nik rawosokiʔ
corda *curto.Dim.m*
- c. ʔwe añi loḡoki rawošoʔliʔ “tem um vestido curto”
 ʔwe a-ni lo-ḡoki rawosoʔliʔ
Exst *f-CL* *3.pos-vestido* *curto.Dim.f*

No exemplo seguinte observa-se que o gênero, expresso morfologicamente através do morfema diminutivo no atributo, permite desambiguar a referência do termo para “irmão/irmã” que, à diferença de outras relações de parentesco, não expressa distinção (morfológica ou lexical) para o sexo do referente, sendo interpretado como feminino ou masculino pelo contexto (lingüístico e/ou pragmático):

153. yaqaya naʔasoʔliʔ “a minha irmã menor”
 i-qaya naʔasa-oʔliʔ
Isg.pos-irmão *menor-Dim.f*

1.2.2.3.2. Aumentativo

À diferença do diminutivo, o aumentativo é expresso por morfemas lexicais independentes, adjuntos aos nomes. Nos ítems que indicam a idéia de tamanho existe distinção lexical co-relacionada com gênero e número. No singular, usa-se *lodegagat* para masculino e *lateʔogeʔ* para feminino. Já no Paucal/Plural, os termos de parentesco *letaʔa* “pai” e *lateʔe* “mãe” exprimem os conceitos de tamanho no masculino e feminino respectivamente, carregando a flexão de número:

154. a.	qoʔolek qoʔo-lek <i>pássaro.m</i>	lodegagat lodegagat <i>grande.m</i>		“pássaro grande”
b.	ñi ni <i>CL lua</i>	širaigo širaigo <i>grande.m</i>	¹²	“a lua é grande”
c.	añi a-ni <i>f-CL sol</i>	raʔa:sa raʔa:sa <i>grande.f</i>		“o sol é grande”
155. a.	noʔpagalaʔ n-oʔp-aga-lad <i>Ind-?-Nmz-Cl.m</i>	lodegagat lodegagat <i>grande.m</i>		“cama grande”
b.	noʔpagalate n-oʔp-aga-late <i>Ind-?-Nmz-Cl.f</i>	lateʔogeʔ lateʔogeʔ <i>grande.f</i>		“cadeira grande”
c.	noʔpagalateʔ n-oʔp-aga-lad-d <i>Ind-?-Nmz-Cl.m-Pc</i>	letaʔal l-taʔa-l <i>3.pos-pai-Pc</i>		“duas camas grandes”
d.	noʔpagalateʔ n-oʔp-aga-late-d <i>Ind-?-Nmz-Cl.f-Pc</i>	lateʔel l-ateʔe-l <i>3.pos-mãe-Pc</i>		“duas cadeiras grandes”

¹² Em Mocovi, a lua é atribuída ao gênero masculino, ao passo que o sol, ao feminino.

Nomes que expressam um referente somático e que possuem conotação pejorativa, são derivados pelo morfema { sag }. Uma vez que tipicamente referem a seres animados, apresentam distinção de gênero / -saq / “masculino” e / -saga / “feminino”:

- | | | |
|---------|--|------------------|
| 156. a. | lapeksaq
l-ap-ek-saq
<i>3.pos-boca-Nmz-Aum</i> | “bocudo” |
| b. | komeksaq
kom-ek-saq
<i>barriga-Nmz-Aum</i> | “barrigudo” |
| 157. a. | ʔwegagasaq
ʔweg-aga-saq
<i>grasa-Nmz-Aum</i> | “gordo” |
| b. | ʔwegagasaga
ʔweg-aga-saq-a
<i>grasa-Nmz-Aum.f</i> | “gorda” |
| 158. a. | qotaleksaq
qota-lek-saq
<i>olho-Nmz-Aum</i> | “olhudo” |
| b. | mañik ñipeksaq
manig nip-ek-saq
<i>ema bico-Nmz-Aum</i> | “a ema é bicuda” |

O uso desse sufixo tem se estendido para a derivação de nominais que não necessariamente referem a características corporais mas que mantêm a conotação pejorativa:

- | | | |
|------|---|--------------|
| 159. | lameksaga
l-am-ek-saq-a
<i>3.pos-dinheiro-Nmz-Aum.f</i> | “dinheiruda” |
|------|---|--------------|

2. OS CLASSIFICADORES

Nas línguas Guaicurú há um conjunto fechado de seis elementos lexicais cuja função gramatical básica é introduzir sintagmas nominais. Tais formas têm recebido diversas interpretações. Assim, por exemplo, são considerados em Toba como “partículas locativas” (Klein, 1981), “artigos determinados” (Buckwalter, 1980), “sistema dêitico” (Messineo e Wright, 1987); em Kadiwéu como “predicados locativos nominalizados” (Sandaló, 1995); e como “demonstrativos” em Proto-Guaicurú (Ceria e Sandaló, 1995). Segundo Klein (1979, 1981), as “partículas locativas” de Toba distribuem-se em duas categorias conforme a “presença/ausência do campo visual”, considerando apenas os primeiros como classificadores. Recentemente, Vidal (1997), retoma a proposta de Klein e demonstra que estes elementos, em Pilagá, constituem um sistema único, porém atípico, de classificadores nominais. Os dados do Mocovi apoiam a interpretação da existência, nessa língua, de um sistema estruturado de classificadores organizados semanticamente com base em parâmetros tanto referenciais quanto dêiticos. A seguir apresenta-se a análise morfossintática e semântica dos seis classificadores do Mocovi: *da*, *ji*, *ni*, *so*, *na*, *ka*. Logo após, apresentar-se-á o conjunto de categorias lexicais (quantificador, pronomes e demonstrativos) constituídas morfologicamente com base nos classificadores.

2.1. Morfossintaxe

Como já foi mencionado, os classificadores ocorrem basicamente introduzindo sintagmas nominais, na posição inicial do constituinte. Do ponto de vista morfológico, eles apresentam concordância com os nomes a que referem, em número Paucal e, opcionalmente, de gênero Feminino. A concordância em paucal marca-se pelo sufixo *-oa* / *-a* ao passo que o feminino é marcado pelo prefixo *fa-*. Os classificadores (e os pronomes deles derivados) são a única categoria lexical que apresenta marcação morfológica independente de Gênero. Um classificador não marcado para feminino pressupõe um referente nominal masculino, se não houver uma outra evidência (semântica ou morfológica) do gênero a que o nome pertence. A atribuição de Gênero

parece, portanto, se basear numa oposição “feminino/não-feminino”, sendo o feminino o gênero mais marcado.

160. a aṅi yateʔe ʒapaɣagin soʔGonaɣan
 a-ni i-ateʔe id-apaɣagin s-oʔGon-ɣan
 f-CL 1.pos-mãe 1.P-transmitir.conhecim. 1.suj-fabricar-Val
 “a minha mãe ensina-me fazer artesanato”
- b. ṅi qoʔGonaɣaki paʔatawo kaṅi paɣaɣinaɣaki
 ni qoʔGon-aga-ki paʔa-ta-wo ke-a-ni apaɣagin-aga-ki
 CL urinar-Nmz-CL:for estar-Asp -Dir Obl-f-CL trans.conhec-Nmz-CL
 “o banheiro está dentro da escola”
161. a ʒaʔGačim *dawa* nanatqa
 id-aʔGat-i-em da-oa n-anat-qa
 Isg.P-contar-1.dat-B CL-Pc Ind-costume-Nmz.Pc
 “me contou várias histórias”
- b. nanagroʔ *kawa* yaleʔ
 n-anag-d-oʔ ka-oa yale-d
 Méd-vir-3.Pc-Nar CL-Pc homem-Pc
 “... vieram os homens...”
- c. seʔgemačalo *kawa* yaqayaʔ
 s-eʔgemat-ya-lo ka-oa i-qaya-d
 1.suj-sonhar-3obj-Pl CL-Pc 1.pos-irmão-Pc
 “sonhei com os meus irmãos”
- d. ya:nemalo *sawa* noʔGonal
 i-a:n-em-a-lo so-oa n-oʔGon-a-l
 3.suj-dar-B-3.obj-Pl CL-Pc Ind-fabricar-Nmz.f-Pc
 “deu-lhes dois vasos de cerâmica”

Nos exemplos seguintes observa-se a inexistência de concordância com nomes em Plural: nesses casos o classificador apresenta a mesma forma que no singular.

162. a ya:nemalo *so* noʔGonaipi
 i-a:n-em-a-lo so n-oʔGon-a-ipi
 3.suj-dar-B-3.obj-Pl CL Ind-fabricar-Nmz.f-Pl
 “deu-lhes muitos vasos de cerâmica”
- b. ka noktokiʔ qanaqahṅi *keka* yaɣiripi
 ka nogot-okiʔ qa-n-aqat-ni ke-ka yale-d-ipi
 CL jovem-Dim.m Imp-Méd-tirar-Dir Obl-CL homem-Pc-Pl
 “... o menino foi pego pelos homens ...”

Em construções interrogativas os classificadores podem ocorrer sem um nome, como se observa nos exemplos seguintes. Nesse contexto sintático cumprem funções de pro-formas do argumento sobre o qual recai a interrogação.

163. yote? *kawa* nowite?
 yote? ka-oa n-wi?-d
 Int *CL-Pc* *Méd-chegar-Pc*
 “quantos chegaram?”
164. a ñige? *ka* wi:sake
 nege? ka ao-i-sa-ake
 Int *CL* *querer-2sg-Asp-Des*
 “o que você quer?”
- b. ñige? *ka* yalawat so kos
 nege? ka i-alawat so kos
 Int *CL* 3.suj-matar *CL* *porco*
 “quem matou o porco?”
- c. ñige? *ji* laqata
 nege? ji laq-ta
 Int *CL* *dormir-Asp*
 “quem é que está dormindo?”

Além disso, foram registradas freqüentes ocorrências de classificador nú em textos, onde evidencia-se o seu papel discursivo anafórico, como pro-formas de referentes específicos mencionados previamente.¹³

A omissão de classificador nos contextos sintáticos em que normalmente ocorre pode ter a sua explicação no fato, apontado por Denny (1986:301), de eles terem função quantificacional, assemelhando-se, nesse sentido, aos artigos. Assim, se a referência a indivíduos particulares for desejada, os classificadores são introduzidos; já no caso de tal referência não ser desejada ou necessária, são omitidos. Esse parece ser o caso em Mocovi, como se observa nos exemplos a seguir, em que a omissão do classificador ocorre em contextos existenciais ou quantificacionais.

¹³ As funções anafóricas dos classificadores são mencionadas freqüentemente na literatura (cf. p.e. Downing, 1986; Derbyshire e Payne, 1990)

165. a ñi ʔi:mek ʔwe lelaq dalaɣayk
 ni ʔimek ʔwe l-elag dal-aga-ik
 CL casa Exst 3.pos-teto verde-Nmz-Atr
 “a casa tem teto novo”

b. qayka lasom ñi ʔi:mek
 qaika l-asom ni ʔi:mek
 Exst.neg 3.pos-porta CL casa
 “a casa não tem porta”

166. a newaʔ magaso
 n-ewad magaso
 Méd-costurar calça
 “ele/ela costura uma calça”

b. nagi kočoʔkiʔ nawegelek
 nagi kocoʔkiʔ nawegelek
 Adv pequeno.m nuvem
 “hoje há poucas núvens”

c. dye: naʔgataʔ ñowiʔ
 die: naʔgad-d in-wid
 dez dia-Pc 1.Méd-chegar
 “cheguei há dez dias”

d. yoʔwe:toʔ ka yagat nonot nawegelek
 i-ʔwe:t-od ka yagat nonot nawegelek
 3.suj-fazer-Nar CL chuva vento nuvem
 “... fez chuva, vento, núvens...”

2.2. Semântica

O sistema de Classificadores em Mocovi organiza-se com base em dois diferentes tipos de parâmetros semânticos e apresenta uma mistura de propriedades relacionadas com diferentes tipos de sistemas classificatórios achados nas línguas. Fica evidente, apesar da sua atipicidade no que diz respeito à semântica, que se trata de um sistema gramatical único e coerente em que os membros de ambos os sub-conjuntos ocorrem em configurações sintáticas semelhantes e apresentam características morfológicas

similares. São apenas as suas propriedades semânticas que determinam o reconhecimento de uma sub-divisão interna à classe.

Como já foi mencionado, os dois sub-conjuntos de classificadores estão organizados semanticamente com base em parâmetros semânticos referenciais e dêiticos. A base semântica dos classificadores *Configuracionais* diz respeito aos parâmetros perceptuais de Forma e Locação (cf. Allan, 1977). Os traços de Forma referem à percepção das entidades como salientemente uni-dimensionais, bi-dimensionais e tri-dimensionais (objetos respectivamente compridos, chatos e redondos). Esses traços intersectam-se com a Locação, em termos da posição específica (estendido horizontal ou vertical). Com base nesses parâmetros, os classificadores do sub-conjunto *configuracional* do Mocovi especificam-se como segue:

da	“estendido vertical, uni-dimensional”
ʒi	“estendido horizontal, bi-dimensional”
ni	“não-estendido, tri-dimensional”

Os classificadores *dêiticos* fazem referência, não a propriedades inerentes dos referentes, mas a parâmetros semânticos que dizem respeito a um ponto de referência, normalmente o falante, e codificam traços como *distância relativa*, *visibilidade* e *movimento* do referente.

so	“em movimento se afastando, longe”
na	“em movimento se aproximando, perto”
ka	“não visível, longe”

A codificação de dêixis em parte do sistema, caracteriza a atipicidade semântica dos classificadores nas línguas Guaicuru. A seguir, apresenta-se a análise de ambos os sub-conjuntos.

1. Os classificadores **Configuracionais** permitem classificar os nominais em termos da sua posição canônica. As entidades são concebidas como tendo uma configuração inerente segundo a forma básica que exibem os membros da classe e é essa configuração que determina, nas escolhas não marcadas, qual o classificador com que o nome ocorre. Contudo, como menciona Denny (op.cit.), os classificadores têm um papel dual determinando o referente e as possíveis combinações com predicados, portanto a

menciona que em Jacalteco palavras abstratas que não referem a objetos materiais (como eventos e expressões temporais) ficam sem classificar, o que não acontece em Mocovi:

169. a pagek loʃak da lawalaʒak
 pagek lojak da lawala-ʒak
 Adv *lindo* *CL* *3.pos-gritar-Nmz*
 “...o seu grito é o mais lindo...”
- b. sapagagiñi? *keda* rewošagaki?
 s-apagagin-id ke-da r-ewose-yagak-id
 1.suj-ensinar-2sg *Obl-CL* *pos-cozinhar-Nmz-2sg*
 “eu te ensino cozinhar (lit. o teu cozinhar)”

Assim também com os pontos cardinais:

170. taige da lawašigim
 t-a-ige da lawasigim
 3.suj-ir-Or *CL* *oeste*
 “... vai para o oeste...”

O classificador *Ji* “estendido horizontal, bi-dimensional” ocorre com nomes cujos referentes acham-se em posição horizontal, como objetos espalhados no chão e humanos na posição deitada. O parâmetro da bi-dimensionalidade é relevante na classificação de objetos percebidos como superfícies planas. Ambos os parâmetros intersectam-se em muitos casos, mas há ocorrências em que se observa a pertinência de apenas um deles. Assim, nos exemplos em (171.d,f) os referentes são classificados pela posição, ao passo que em (171.e) a percepção como uma superfície, portanto bi-dimensional, prima (note-se que o referente acha-se em posição vertical, pendurado na parede):

171. a inoGondek *kji* ʔo:či
 i-noGon-d-wek ke-ji ʔo:ci
 3.suj-se.locomover-Pc-Dir *Obl-Cl* *mato*
 “... eles saíram do mato...”
- b. ʔom *ji* norek
 ʔom ji norek
 se.apagar *CL* *fogo*
 “apagou-se o fogo (a fogueira)”

- c. yireteglek *ǎji* lere
 i-er-tak-lek a-ji lere
3.suj-escrever-Asp-Loc f-CL caderno
 “ele está escrevendo no caderno”
- d. *ǎi* ñik laʔdoglek
 ji nik laʔdog-lek
CL corda ser.comprido-Loc
 “a corda é comprida”
- e. sapalagat *ǎi* neraġanagalaʔ
 s-pal-gat ji n-ed-gan-aga-lad
1.suj-sumir-Cau CL Ind-escrever-Val-Nmz-Cl
 “eu apago o quadro-negro”
- f. sapoʔlek *ǎi* ya:lek
 s-apo-lek ji i-ya:lek
1.suj-fechar-Loc CL 1.pos-filho
 “eu tapo o meu filho (ele deitado)”
- g. ʃoqoʔta ñačil *kǎi* lačiʔoge
 i-d-qoʔt-a in-acil ke-ji laciʔoge
1sg.P-T-gostar-3.obj 1.Méd-banhar Obl-CL rio
 “eu gosto de tomar banho no rio”

O classificador *ñi* “não estendido” marca a posição canônica de edifícios, de animais quadrúpedes e pássaros, estendendo-se para categorizar humanos sentados.

172. a. ñapagagin *kañi* pagaginaġaki
 i-n-apagagin ke-a-ni pagagin-aga-ki
1.suj.Méd-trans.conhec. Obl-f-CL trans.conhec.-Nmz-Cl
 “eu estudo na escola”
- b. qayame:n *ñi* ʔi:mek laí
 qa-i-ame:n ni ʔi:meg l-ai
Imp-3.suj-pintar CL casa 3.pos-lado
 “alguém pintou a parede da casa”
- c. qopiñisak *ñi* pioq
 qopin-i-sak ni piog
ferir-2sg-Asp CL cachorro
 “você está ferindo o cachorro”

- d. skepe koʔotak *ñi* waka
 s-ke-pe koʔo-tak ni waka
?-Obl-noite parir-Prog CL vaca
 “ontem à noite pariu a vaca”
- e. ñigeʔ ka le:nagat *añi* ʔa:lo
 negeʔ ka l-e:nagat a-ni ʔa:lo
Int CL 3.pos-nome f-CL mulher
 “qual é o nome dessa mulher (ela sentada)?”

Objetos cuja forma é percebida como tri-dimensional (como volume, portanto não-estendida) também ocorrem com este classificador:

173. a. *ñi* nkiʔyagalaʔ “a mesa”
 ni n-keʔe-yaga-lad
CL Ind-comer-Nmz-Cl:loc
- b. *ñi* qaʔganagaki “a cadeira”
 ni qaʔgan-aga-ki
CL sentar-Nmz-Cl:loc
- c. *ñi* niʔya “o poço”
 ni n-ʔya
CL Ind-poço
- d. *ñi* lasom “a porta”
 ni l-asom
CL 3.pos-porta
174. ñačiʔigi *ñi* latogot
 i-n-acil-gi ni latogot
1.suj-Méd-banhar-Dir CL lagoa
 “eu tomo banho na lagoa”

Os astros e certas partes internas do corpo são percebidos como volumes e por isso normalmente classificados por *ñi*

175. a. *ñi* širaygo “a lua”
 b. *añi* raʔa:sa “o sol”
- c. sewet *ñi* yaqaik
 s-ewet ni i-qaik
1.suj-doer CL 1.pos-cabeça
 “dói a minha cabeça (dentro)”

A re-classificação dos nominais é um fenômeno observado em Mocovi, que diz respeito à possibilidade dos nomes serem categorizados diferentemente e, portanto, de haver variação nos classificadores usados com um mesmo item lexical. Nos seguintes exemplos contrastam-se nominais ocorrendo com diferentes classificadores segundo as configurações com que são percebidos pelo falante. Em certos casos, a escolha do classificador diz respeito à posição temporária (o caso típico são os referentes humanos quando em posições deitada ou sentada), em outros há também uma mudança no significado do referente.

176. a. *ǰi* qoparsat “o arvoredo”
ji qopa-d-sat
CL *árvore-Pc-Col*
- b. sonogi *ǰi* ñoqopaq
s-ono-gi *ji* i-n-qopaG
1.suj-desatar-Loc *CL* *1.pos-Aln-árvore*
“... desatei a minha lenha ...”
177. *ǰi* ʔi:mqa “as várias casas”
CL *casa-Pc*
178. nenantalek *ǰi* wakałipi
ø-n-nan-ta-lek *ji* waka-l-ipi
3.suj-Méd-deitar-Asp-Loc *CL* *vaca-Pc-Pl*
“as vacas estão deitadas”
179. iotalek *ǰi* latogot
ø-io-ta-lek *ji* latogot
3.suj-voar-Asp-Loc *CL* *lagoa*
“está voando por sobre a lagoa”
180. a. so nałin we:tangi *ǰi* wagayaq
so nalin ø-we:ta-n-gi *ji* wagayaG
CL *peixe* *3.suj-estar-Asp-Dir-Loc* *CL* *água*
“o peixe está na água (do rio, lagoa, etc.)”
- b. spaʔyagat *da* wagayaq
s-paʔe-yagat *da* wagayaG
1.suj-ser.quente-Cau *CL* *água*
“eu esquento a água (na chaleira)”

Em (176.a) o referente é um coletivo de árvores, conseqüentemente percebido como uma superfície estendida horizontalmente. A mesma relação pode se observada em (177) em contraste com a classificação inerente como tri-dimensional do referente no singular (cf. ex. 172.b). Em (176.b) o nome muda levemente o seu significado, contribuindo o classificador para isso.

Em (178) a posição temporária do referente é deitado, contrariamente à posição inerente dos mamíferos (cf. ex. 172.d). Em (179) evidencia-se a pertinência da interpretação sobre a relação existente entre a função classificatória e a expectativa do falante sobre o predicado (cf. Denny, op.cit.:302ss): não apenas a semântica nominal, mas também o predicado na sua totalidade são relevantes na escolha dos classificadores. Assim, observa-se um mesmo referente sendo classificado segundo a sua configuração inerente em (174) ou com base no predicado (note-se a presença do Locativo “em cima” **-lek** no verbo) em (179). Em (180) também a água é concebida como espalhada horizontalmente, tendo portanto como referente um rio (180.a), ou vertical quando dentro de um recipiente (180.b). Nesse último exemplo ficam evidentes as bases em parte culturalmente determinadas dos sistemas classificatórios das línguas (cf. Denny, 1986; Lakoff, 1986, entre outros).

2. Os classificadores **Dêiticos** codificam conceitos como “movimento” e “proximidade”, com respeito a um ponto de referência que normalmente coincide com o falante, e “ausência” ou não visibilidade. **so, na e ka** não categorizam as entidades inerentemente já que qualquer referente, seja qual for a classe configuracional a que pertence, pode potencialmente se movimentar ou ficar ausente ou distante. O falante, através do classificador, expressa o seu ponto de vista sobre a entidade denotada, exprimindo as propriedades (inerentes ou temporárias) dos referentes, na sua perspectiva relevantes. Estes classificadores têm função dêitica pelo fato de trazerem informação sobre o contexto gramaticalizada neles. Esta função dêitica é atípica nos classificadores, o que levaria a questionar o estatuto destas formas como classificadores nominais. Contudo, como já foi mencionado as formas dêiticas pertencem claramente à mesma categoria morfossintática dos configuracionais, visto que ocorrem nos mesmos contextos morfológicos e sintáticos e com as mesmas funções, diferenciando-se apenas pelas propriedades semânticas.

A forma **so** codifica movimento de afastamento e distância relativamente longe e opõe-se, nesses sentidos, a **na** que, basicamente, carrega o significado de movimento de aproximação e de proximidade. O uso de **so** é muito freqüente na elicitación dirigida com referentes animados: normalmente seres animados são classificados por **so** quando em movimento. Esta parece ser a forma não-marcada para o parâmetro de “movimento”, que não necessariamente envolve afastamento ou distância física embora possa ser interpretado como codificação de uma perspectiva de afastamento metafórico (psicológico ou emocional) do falante pela situação de descontextualização relativa na entrevista de coleta dirigida de dados.

181. a *aso* *ʔa:lo* *rewošitak*
 a-so *ʔa:lo* *Ø-r-ewose-tak*
 f-CL *mulher* *3.suj-T-cozinhar-Asp*
 “a mulher está cozinhando”

b. *ʃaqayk* *so* *šipegaq*
 jaq-aik *so* *sipegaG*
 rápido-Atr *CL* *cavalo*
 “o cavalo é ligeiro”

Nos exemplos seguintes **na** envolve o falante como ponto de referência, seja como o ponto para onde se direciona o movimento ou pela noção de proximidade.

182. a *ʃinaqaiʔ* *kena* *qaʔ* *lolo*
 id-naq-id *ke-na* *qad* *l-olo*
 1.P-atirar-2sg *Obl-CL* *pedra* *3.pos-cascalho*
 “você atira em mim uma pedra”

b. *na* *lere* *paʔatašigim* *kena* *lames*
 na *lere* *ø-paʔa-ta-sigim* *ke-na* *lames*
 CL *caderno* *3.suj-estar-Asp-Dir* *Obl-CL* *mesa*
 “o caderno está em cima da mesa (perto)”

c. *spaʔatawo* *kena* *niʔya*
 s-paʔa-ta-o *ke-na* *n-ʔya*
 1.suj-estar-Asp-Dir *Obl-CL* *Ind-poço*
 “eu estou dentro do poço”

d. *spateno* *na* *lere* *kena* *ʔi:mek* *laí*
 s-paten-o *na* *lere* *ke-na* *ʔi:meg* *l-ai*
 1.suj-fixar-Dir *CL* *papel* *Obl-CL* *casa* *3.pos-lado*
 “eu fixo este papel na parede”

Compare-se a presença dos dêiticos em (182.c) e (182.d) com os exemplos (173.c) e (165.a), (165.b) e (177), respectivamente, em que os nomes co-ocorrem com classificadores configuracionais.

Nominais que referem a entidades atmosféricas como “vento”, “chuva” e o “céu”, ocorrem geralmente com este classificador.

183. a. *na* pigim koʔwit
 na pigim koʔit
 CL céu limpar
 “o céu limpa-se”
- b. *na* nonot kesaganaGayk
 na nonot kesagan-aga-ik
 CL vento forte-Nmz-Atr
 “o vento está forte”

O contraste no uso dos classificadores com base no parâmetro de distância relativa pode ser observado nos exemplos a seguir. O uso de *na* está contextualmente determinado pelo falante como ponto de referência da expressão de proximidade, diferentemente do uso de *so* em que não existe pressuposição de proximidade.

184. a. saʔčagan *na* nepelaʔ
 s-aʔah-yagan *na* n-pelad
 1.suj-mirar-Val *CL* Ind-sapato
 “eu mostro o sapato”
- b. yaʔčagan *so* lapelateʔ
 i-aʔah-yagan *so* l-pelad-d
 3.suj-mirar-Val *CL* 3.pos-sapato-Pc
 “ele/ela mostra os seus sapatos”

A extensão da idéia de movimento de aproximação para a relação de posse, em que os objetos apresentam uma relação semântica referente ao domínio humano (como as partes do corpo ou pertencas), parece também estar presente no uso dos classificadores em Mocovi, como apontado por Vidal (op.cit.) para Pilagá. Nos seguintes exemplos, esse parece ser o determinante da ocorrência de *na* com nominais do tipo mencionado:

185. a. skiyogi *na* yašik
 s-kiyo-gi *na* i-asik
1.suj-lavar-Loc *CL* *1.pos-rosto*
 “eu lavo o meu rosto”
- b. ?we yawigaga *kena* ñapokena
 ?we i-awig-aga *ke-na* i-n-apokena
Exst *1.pos-queimar-Nmz* *Obl-CL* *1.pos-Aln-mão*
 “tenho uma queimadura na minha mão”
186. a. *na* lašik *da* nogtoki? napio?čigi
 na l-asik *da* nogot-okì? ø-n-apio?cigi
 CL *3.pos-cara* *CL* *jovem-Dim.m* *3.suj-Méd-sujo-Asp.Loc*
 “a cara do menino está suja”
- b. nenogonšigim *na* leworipi
 ø-n-nogon-sigim *na* l-ewod-ipi
 3.suj-Méd-sair-Dir *CL* *3.pos-sangue-Pl*
 “sai-lhe (para cima) o sangue”

A forma **ka**, por outro lado, codifica não-proximidade, expressando ausência prévia ao momento da fala. Assim, geralmente relaciona-se com as intenções e crenças do falante sobre a realização do evento. Contraste-se o exemplo (167.c), onde o referente presume-se estar presente e por isso é classificado na sua categoria não-marcada, com o exemplo (187), onde não há presunção de presença e, pelo conteúdo do predicado, assume-se a ausência do referente.

187. sedantake *ka* yaqaya
 s-dan-ta-ake *ka* i-qaya
 1.suj-procurar-Asp-Des *CL* *1.pos-irmão*
 “estou procurando o meu irmão”

O referente pode estar fora da vista do falante e o ouvinte ou ser desconhecido, razão pela qual **ka** ocorre em construções interrogativas (cf. exs. 163, 164.a,b). Note-se, porém, que em (164) (repetido como 188) é o parâmetro configuracional que tem maior relevância, por causa da semântica do predicado :

188. ñige? *ǰi* laqata
 nige? *ǰi* laq-ta
 Int *CL* *dormir-Asp*
 “quem é que está dormindo?”

Os classificadores dêiticos apresentam também uma extensão metafórica do parâmetro de movimento para o sentido *temporal*: o movimento desde ou para o lugar da fala tem também uma extensão de movimento desde ou para o momento da fala. Assim, o classificador **so** é empregado quando o referente já não mais está presente mas esteve, classificando situações no passado recente. O uso temporal de **na** está ligado ao momento presente, ao passo que **ka** ocorre em contextos de ausência, indicando um passado remoto não atestado (por exemplo, nas narrações), e também futuro. Nos exemplos seguintes evidencia-se a função de localização temporal do evento referido que os classificadores dêiticos têm:

189. a. kepe ʔwe so loñi
 ke-pe ʔwe so loni
 Obl-noite Exst CL gelo
 “ontem à noite teve geada”
- b. neteʔe ʔwe ka loñi
 neteʔe ʔwe ka loni
 amanhã Exst CL gelo
 “amanhã vai ter geada”
190. nagi kena naʔgaʔa yatagam soʔwe:nataganaq keso skawit
 nagi ke-na naʔgaʔa yatagam s-ʔwe:natagan-G ke-so skawit
 Adv.tpo Obl-CL dia Adv.qnt 1.suj-trabalhar-Pl Obl-CL ontem
 “hoje, nesse dia, trabalhamos mais do que ontem”
191. a. saʔik so laʔat
 s-aʔik so l-aʔat
 1.suj-comer CL 3.pos-carne
 “comi a carne”
- b. saqa sičiʔ ʔkiʔ na laʔat
 saqa sit-id aʔik-id na l-aʔat
 Neg poder-2sg comer-2sg CL 3.pos-carne
 “você não pode comer carne”

Esta função de localização temporal da emissão é de grande relevância já que o Mocovi, assim como as outras línguas Guaicurú, carece de flexão de tempo, sendo a temporalidade inferida através da ocorrência dos classificadores assim como de partículas adverbiais (como em 189 e 190).

2.3. *Categorias derivadas dos Classificadores*

Os classificadores funcionam também como base para a formação morfológica de categorias lexicais que poderiam ser caracterizadas como pronominais.

2.3.1. *Pronomes pessoais*

Em Mocovi os pronomes pessoais de 1ª e 2ª pessoa têm formas livres independentes, similares às marcas afixais Dativas (cf. *Posse e Dativo*).

	<i>singular</i>	<i>plural</i>
<i>Primeira pessoa</i>	yim / ayim ¹⁴	qomi? < qomid
<i>Segunda pessoa</i>	qami? < qamid	qamiri < qamid-i

Dado que a língua apresenta marcação pronominal obrigatória nos núcleos, os pronomes livres apenas ocorrem para efeitos de desambiguação ou ênfase, preenchendo funções argumentais ou oblíquas.

Na 3ª **pessoa**, os pronomes pessoais são constituídos morfológicamente por um classificador, cuja escolha é determinada levando-se em consideração os parâmetros semânticos já mencionados, mais o morfema sufixal { ?magare }. Esses pronomes apresentam concordância de número e gênero, marcada na morfologia do classificador base:

192. a. ñige? so?magare
 nige? so-?magare
 Int *CL-Pro*
 “quem (é) ele?”

¹⁴ Para alguns falantes, a forma *ayim* codifica uma primeira pessoa feminina, possivelmente por analogia com a marcação de gênero nos classificadores. Porém, no uso sincrônico não há evidências da existência de uma oposição em gênero nos pronomes dêiticos. Assim, por exemplo, nas traduções de textos bíblicos o Cristo refere-se a si próprio com essa forma. Por outro lado, os dados diacrônicos (cf. Tavolini) indicam que os pronomes pessoais apresentavam, até o século passado, uma vogal inicial que, seguindo a tendência fonológica da língua, normalmente cai. Possivelmente a variação entre ambas as formas seja governada pelo estilo.

- b. *daʔmagare* *nača:tetañi*
da-ʔmagare *∅-n-acat-ta-ni*
CL-Pro *3.suj-Méd-se.parar-Asp-Dir*
 “ele está em pé”
191. a. *ʔoqočiçiʔ* *soaʔmagare*
ʔo-qat-it-id *so-oa-ʔmagare*
se.zangar-Cau-Cau-2sg *CL-Pc-Pro*
 “você faz eles se zangarem”
- b. *qoroʔyogonalo* *soaʔmagare*
qa-r-oʔyogon-a-lo *so-oa-ʔmagare*
Imp-T-assobiar-3.obj-Pl *CL-Pc-Pro*
 “...alguem assobiou para eles...”
192. *añiʔmagare* *čoʔqotage* *da* *luhan*
a-ni-ʔmagare *coʔqota-ge* *da* *luhan*
fCL-Pro *provir.de* *CL* *luján*
 “ela provem de Luján”

Um conjunto de itens lexicais que cumprem funções de pronominais anafóricos no discurso e em construções relativas e interrogativas são também constituídos morfologicamente com base nos classificadores. O estatuto categorial, assim como as funções discursivas específicas, não podem ser claramente identificados no estágio atual da minha pesquisa, razão pela qual apenas serão consignados exemplos ilustrativos. Um estudo aprofundado no nível do discurso poderá no futuro esclarecer o comportamento sintático e semântico-pragmático destes elementos.

Os pronomes constituídos por /-ʔmaq / são freqüentes nos textos e também ocorrem em sentenças elicitadas.

195. a. *ñigeʔ* *kaʔmaq* *načindaʔgit*
nigeʔ *ka-ʔmaq* *n-aten-id-aʔgit*
Int *CL-Pro* *Méd-encontrar-2sg-Or*
 “quem que você encontrou?”
- b. *negeʔ* *akaʔmaq* *yateʔe*
negeʔ *a-ka-ʔmaq* *i-ateʔe*
Int *fCL-Pro* *1sg.pos-mãe*

“...qual (é) a que é a minha mãe?...”

196. a. nepalasawek *ka?maq* ro?yoGonta?pe
 n-pala-sa-wek *ka-?mag* r-o?yoGon-ta?pe
Méd-se.aproximar-Asp.3.pc-Dir *CL-Pro* *T-assobiar-Prog.3.pc*
 “...estavam saindo os que estavam assobiando...”

- b. ?we *so?maq* ?aweketa
 ?we *so-?mag* id-awek-ta
Exst *CL-Pro* *1sg.P.1evar-Asp*
 “...havia um que me guiava...”

- c. so křısto *so?maq* qare?Goren
 so křısto *so-?mag* qar-e?Goren
CL *Cřısto* *CL-Pro* *1pl.P-amar*
 “...Cřısto (ele) nos ama...”

197. ?aqay *ana?maq* ?we na ?alqa nanaiqa
 caqai *a-na-?mag* ?we na l-ya:l-qa nanai-qa
Conj *f-CL-Pro* *Exst* *CL* *3.pos-filho-Pc.m* *cobra-Pc.m*

?aqana *ana?maq* se ko?o
 caqana *a-na-?mag* se ko?o
 ?? *f-CL-Pro* *Neg* *parir*

“...e as que têm como filhos cobras, são as mulheres estéreis (lit. a que não pare)...”

As formas constituídas pela prefixação de / ?e- / no masculino e / ?- / no feminino parecem ter a função de pronome resumptivo, em uns casos, e de predicativo em outros. Os exemplos a seguir são as ocorrências totais que tenho registradas, seja nos meus dados ou nos textos fonte.

198. a. ka? na ?o:čisek ?ena yokanak na qami?
 ka? na ?o:ci-sek ?e-na i-okanak na qamid
Part *CL* *mato-Der.m* *Pro-CL* *3.suj-perseguir* *CL* *Pro.2*
 “...então o ser do mato ele persegue você...”

- b. dataq *ʔeda* qom yoqaʔa qoʔ kona:sole ¹⁵
 da-taq *ʔe-da* qom yoqaʔa qoʔ kona:se-ole
CL-Dem *Pro-CL* *pessoa* *diferente* *Conj* *anão-f*
 “...esse, ele é pessoa estranha ou anã...”
- c. huan *ʔeso* ladokayk mesqay ʔnem so balentin
 huan *ʔe-so* ladok-aik me-sqai ʔnem so balentin
Juan *Pro-CL* *alto-Atr.m* *Neg* *parece* *CL* *Valentin*
 “João é mais alto do que Valentim (lit. João ele é alto não parece Valentim)”
199. a. *ʔeka* ka ya:lek “esse mesmo é meu filho”
 ʔe-ka ka i-ya:lek
 Pro-CL *CL* *1sg.pos-filho.m*
- b. so *ʔeso* yale “esse é um homem”
- c. so *ʔaso* ʔa:lo “essa é uma mulher”

2.3.2. Demonstrativos

Os demonstrativos são constituídos morfologicamente por um classificador, que aporta informação referente aos parâmetros configuracionais e dêiticos que ele expressa, e um morfema que expressa distância relativa¹⁶ da entidade específica: / -ho / “próximo”, / -krawk / “distante” e / -krawm /¹⁷ “muito distante”. Os demonstrativos funcionam como especificadores dos nomes tanto como proformas nominais quanto adverbiais. Esta associação entre classificadores e demonstrativos parece ser freqüente nas línguas indígenas americanas (cf. por exemplo, Payne, 1986, sobre Yagua, e Craig, 1986, sobre Jacalteco)

200. a. *ʔiho* qoʔoʔipi ne:tagi da qoʔpaq
 ji-ho qoʔole-ipi ne:ta-gi da qoʔpag
 CL-Dem *pássaro-Pl* *estar-Asp-Loc* *CL* *árvore*
 “esses pássaros estão na árvore”

¹⁵ O *kona:se* é uma personagem mítica que mora no mato e é concebido como um anão. Equivale ao “pombero” na mitologia popular argentina.

¹⁶ Buckwalter (1997) não registra as formas /*krawk*/ nem /*krawm*/, mas em compensação registra a ocorrência de /-seʔe/ ~ /heʔe/, que traduz como “aquele”. Nos meus dados não achei ocorrências dessas formas.

¹⁷ Esta forma apresenta variação fonológica /*kram*/ ~ /*krom*/ . Assumo que opera aqui um processo de monotongação que produz um segmento posterior [±arredondado], dependendo do falante.

- b. *ñači?* *naho* *yame*
 in-aci-id *na-ho* *i-ame*
 1sg.Méd-trazer-2sg *CL-Dem* *1sg.pos-presente*
 “eu te trouxe este presente”
- c. *daho* *yale* *mesqay* *itaʔa*
 da-ho *yale* *me-sqai* *i-taʔa*
 CL-Dem *homem* *Neg* *1sg.pos-pai*
 “esse homem não é o meu pai”
- d. *dakrom* *yale* *ne:tašigim*
 da-krawm *yale* *ne-ta-sigim*
 CL-Dem *homem* *estar-Asp-Dir*
 “aquele homem (longe) está em cima”
201. a. *ñikrawk* *ʔi:mek* *qaykagi*
 ni-krawk *ʔi:mek* *qayka-gi*
 CL-Dem *casa* *Exst.neg-Loc*
 “aquela casa lá está vazia (lit. não há-dentro)”
- b. *ñikram* *ʔi:mek* *qaykagi*
 ni-krawm *ʔi:mek* *qayka-gi*
 CL-Dem *casa* *Exst.neg-Loc*
 “aquela casa lá (muito longe) está vazia”
202. a. *wi:či?* *naho* “faça isto!”
 we:t-id *na-ho*
 fazer-2sg *CL-Dem*
- b. *daho* *resaʎi* “esse (pessoa) é pesado”
 da-ho *r-esali*
 CL-Dem *3.suj-T-ser.pesado*

Há também um conjunto de formas derivadas de classificadores que expressam aspectos dêiticos ligados a proximidade e que são acompanhados normalmente pela gestualidade (“assinalando”, segundo os próprios falantes). Esses demonstrativos, que funcionam

determinando os nomes e também como pronominais, são derivados por uma forma que apresenta variação fonológica de falante a falante: / -ta / ~ / -ta? / ~ / -taq /

203. a. *sota* *noɣtoki?* *reda:tak*
 so-ta *noɣot-oki?* *-r-da-tak*
 CL-Dem *jovem-Dim.m* *3.suj-T-se mover-Asp*
 “este menino está se mexendo muito”
- b. *ñíta* *ʔa:lo* *ʔon*
 ni-ta *ʔa:lo* *ʔon*
 CL-Dem *mulher* *casar*
 “esta mulher vai casar”
- c. *sota?* *yale* *na?a?* *ʃikram*
 so-ta *yale* *n-a?ad* *ji-kram*
 CL-Dem *homem* *Aln-lar* *CL-Dem*
 “esse homem mora lá (lit. o povo é lá)”
204. *se* *qo?olek* *data?* *ʔeda* *qom*
 se *qo?o-lek* *da-ta* *ʔe-da* *qom*
 Neg *pássaro-m* *CL-Dem* *Pro-CL* *pessoa*
 “...esse não é pássaro, ele é pessoa...”
205. a. *ñoata?* *no?ɣonal* *yatagam* *late?el*
 ni-oa-ta *n-o?ɣon-a-l* *yatagam* *l-ate?e-l*
 CL-Pc-Dem *Aln-fabricar-Nmz.f-Pc* *Adv* *3.pos-mãe-Pc*
 “estes vasos de cerâmica são grandes demais”
- b. *siʎagi* *raqaiki?* *ʃita?* *do?o*
 s-ʎa-gi *r-qaik-id* *ji-ta* *do?o*
 1.suj-colocar-Loc *pos-cabeça-2sg* *CL-Dem* *chapéu*
 “eu coloco na tua cabeça este chapéu”
206. *ñítaq* *ʔi:mek* *qaykagi* “esta casa está vazia”
 ni-taq *ʔi:meg* *qaika-gi*
 CL-Dem *casa* *Exst.neg-Loc*

2.3.3. Quantificador

O pronome quantificador “todo/s” está constituído por um classificador e o morfema sufixal / -aʔoge / que porta o significado quantificacional. O quantificador ocorre na sintaxe como adjunto de sintagmas nominais e como pronominal, em função argumental.¹⁸ O classificador base é sempre uma cópia daquele que introduz o sintagma quantificado e apresenta concordância de número Paucal/Dual expressa na forma do classificador flexionado e no sufixo / -ʔke /. O quantificador universal ocorre com nomes contáveis em plural/paucal e com nomes de massa em singular, exprimindo o significado “a totalidade de X”.

Na sintaxe, a posição não marcada é precedendo imediatamente ao sintagma que quantifica. Contudo, pode ocorrer separado do sintagma por outros constituintes.¹⁹

207. a. saʔik saʔoge so laʔat
 s-aʔik so-aʔoge so l-aʔat
 1.suj-comer CL-Qnt CL 3.pos-carne
 “comi toda a carne”

b. yaʔgat naʔoge naho so jesus
 i-aʔgat na-aʔoge na-ho so jesus
 3.suj-contar CL-Qnt CL-Dem CL Jesus
 “...o Jesus diz todo isto...”

¹⁸ Os sufixos quantificacionais /-aʔoge/ e /-aʔke/, além de fazerem parte do quantificador universal, foram registrados adjungidos aos pronomes de 1ª e 2ª pessoas (exemplos apud Buckwalter, 1995):

qomaʔoge	“todos nós, todas as pessoas”
qomaʔke	“nós dois, ambos os dois (eu e você, eu e ele/ela)”
qamiaʔoge	“todos vocês”
qamiaʔke	“todos vocês vários, ambos os dois (vocês)”
yimaʔoge	“eu totalmente”
qamiraʔoge	“você totalmente”

¹⁹ A “descontinuidade” de elementos pertencentes ao mesmo constituinte é uma das características das línguas de argumento pronominal, as que teriam uma estrutura sintática “não-configuracional”. A posição em que os quantificadores são gerados na sintaxe é uma das controvérsias nos estudos de cunho gerativo sobre esse tipo de línguas.

- c. ka saʔoge so qomʒipi keʔe čaqay saʔoge kemaʔ
 ka so-aʔoge so qom-d-pi keʔe caqai so-aʔoge kemad
Part CL-Qnt CL pessoa-Pc-Pl comer Conj CL-Qnt ficar satisfeito
 “...e todos os homens comeram e todos ficaram satisfeitos...”
208. nawaʔke nawa naʔgataʔ
 na-oa-ʔke na-oa naʔgaʔa-d
CL-Pc-Qnt.pc CL-Pc dia-Pc
 “cada um dos dias”
209. a. kaʔoge ka ñawočagaripi ñatenagit
 ka-aʔoge ka i-n-aot-yaga-d-pi in-atenagit
CL-Qnt CL 1sg.pos-Aln-querer-Nmz-Pc-Pl 1.suj-Méd-encontrar-Or
 “encontrei-me com todos os meus amigos”
- b. kaʔoge ñatenagit ka ñawočagaripi

Em um único caso, extraído de um texto narrativo, achamos a ordem inversa, no que parece ser um caso de topicalização:

210. ka qoʔoʔipi kaʔoge yošigim
 ka qoʔole-pi ka-aʔoge io-sigim
CL pássaro-Pl CL-Qnt voar-Dir
 “...os pássaros, todos voaram (para cima)...”

Nos exemplos anteriores pode ser observado que o quantificador, quando em função determinativa, pode ter escopo sobre um sintagma ou sobre um demonstrativo, concordando sempre nas formas dos classificadores em razão de fazer referência à mesma entidade.

3. CONCEITOS "ADJETIVAIS"

A classe dos "adjetivos" , num sentido restrito,²⁰ inclui aqueles itens lexicais que funcionam como modificadores do Nome, que nocionalmente denotam qualidades ou atributos e que podem funcionar, não apenas como modificadores adnominais, mas também como predicados (Schachter, 1985), excluindo portanto os modificadores não descritivos, como os determinantes, quantificadores (cf. *Classificadores*), numerais. Conforme já foi mencionado em Dixon (1977), nem toda língua contém uma classe de Adjetivos diferente, sintática e/ou morfologicamente, dos Nomes e/ou Verbos. Assim, os conceitos de propriedades (qualidades, atributos) podem ser expressos por meio de diferentes classes lexicais. Lehmann (1990:166) menciona que tais conceitos podem ser categorizados como estados ou processos, fazendo então parte da classe dos *verbos*, primariamente usados como predicados. Podem, também, ser tratados como abstrações, eventos ou objetos, fazendo nesse caso parte dos *nomes*, primariamente usados para referência. Ou podem, finalmente, ser tratados como um aspecto contingente de um objeto, e classificados como palavras cuja função primária é a atribuição, os *adjetivos*. Dixon (1991), levando em conta estes fatos, apresenta uma tipologia de línguas conforme a codificação que fazem dos conceitos de propriedades. O Mocovi parece fazer parte das línguas em que esses conceitos são codificados por palavras que apresentam propriedades de verbos descritivos (fato comum nas línguas de marcação no núcleo e que possuem sistemas Ativos) e por nominais derivados, fato que implica que não existe na língua uma classe "Adjetivos". A seguir apresenta-se a análise dos conceitos adjetivais com base nas propriedades morfossintáticas dos itens que os expressam.

²⁰ Dixon (1991) inclui na classe dos Adjetivos, num sentido amplo, não só os adjetivos descritivos mas, também, todo item lexical cuja função seja a modificação adnominal (por exemplo, determinantes, numerais, quantificadores). Os adjetivos descritivos, diferentemente dos outros tipos de modificadores, podem funcionar tanto como atributos quanto como predicados, o que faz que possam compartilhar propriedades morfossintáticas com verbos e nomes.

3.1. Verbos descritivos

Há um conjunto de itens lexicais que possuem características verbais e expressam conceitos semânticos de propriedades físicas, dimensões e cores. Eles ocorrem com sufixos verbais (p.e. Direcionais, Locativos, Durativo, Causativo) e podem ser nominalizados derivando nomes abstratos e nomes atributivos (cf. 2. *Nominalizações atributivas*). Como acontece com os verbos intransitivos em geral, estes verbos descritivos podem ocorrer tanto prepostos quanto pospostos ao SN.

Exemplos:

211. a ladok ada nanegse
 ladok a-da n-an-ek-se
 ser.comprido *f-CL* *Ind-pôr-Nmz-CLf*
 “a planta é alta”
- b. ĵi ñik ladoglek
 ji nik ladog-lek
 CL *corda* *ser.comprido-Loc*
 “a corda é comprida (lit. comprida na superfície)”
- c. ĵi ñik ladoglek račipi
 ji nik ladog-lek r-acipi
 CL *corda* *ser.comprido-Loc* *T-se.cortar*
 “a corda comprida cortou-se”
212. a kesagan na nonot
 kesagan na nonot
 ser.forte *CL* *vento*
 “o vento está forte”
- b. sotaq yale pagek kesagan
 so-taq yale pagek kesagan
 CL-Dem *homem* *Adv.ints* *ser.forte*
 “esse homem é mais forte”
- c. sotaq yale ʔeso pagek lkesaganaga ke yim
 so-taq yale ʔe-so pagek l-kesagan-aga ke yim
 CL-Dem *homem* *??-CL* *Adv.ints* *3.pos-ser.forte-Nmz* *Obl* *Pro.1*
 “esse homem ele é mais forte do que eu (lit. é mais a sua força)”

213. a da wagayaq paʔe
da wagayaq paʔe
CL água ser. quente
“a água está quente”
- b. ñikiyogi wagayaq paʔe
in-kiyo-gi wagayaG paʔe
1. Méd-lavar-Loc água ser. quente
“eu me lavo com água quente”
- c. ʔGoyk paʔyaga
ʔGoik paʔe-yaga
Adv. ints ser. quente-Nmz
“faz muito calor (lit. muito o calor)”
- d. yim ʔpaʔewek
yim id-paʔe-wek
Pro. 1 1.P-ser. quente-Dir
“eu estou com febre (lit. eu sou quente para fora)”
- e. spaʔyagat da wagayaq
s-paʔe-yagat da wagayaG
1. suj-ser. quente-Cau CL água
“eu esquento a água (lit. eu faço ser quente)”
214. a. na wagayaq ʔo:m
na wagayaG ʔo:m
CL água ser. frio
“a água está fria”
- b. ʔji wagayaq šam ʔo:m
ji wagayaG sam ʔo:m
CL água Adv. asp ser. frio
“a água está esfriando (lit. quase é frio)”
215. a. yim napyoʔ
yim n-apioʔ
Pro. 1 Méd-estar. sujo
“eu estou sujo”
- b. na noyak napyoʔ
na n-oyak n-apioʔ
CL Ind-pertence Méd-estar. sujo
“a roupa está suja”

- c. ʔGoyk na noyak napyoʔ
 ʔGoik na n-oyak n-apioʔ
Adv.ints CL Ind-pertence Méd-estar.sujo
 “há muita roupa suja”
- d. da noktokiʔ napyoʔgot lašik
 da nogot-okiʔ ø-n-apioʔ-gat l-asik
CL jovem-Dim.m 3.suj-Méd-estar.sujo-Cau 3.pos-rosto
 “o menino sujou o seu rosto (lit. fez estar sujo)”
216. a loʔgiʔi ničigaʔ
 loʔgili n-cigaʔ
abóbora Méd-estar.podre
 “a abóbora está podre”
- b. ka loʔgiʔi šam ničigaʔ
 ka loʔgili sam n-cigaʔ
CL abóbora Adv.asp Méd-estar.podre
 “a abóbora está apodrescendo (lit. quase está podre)”
217. a ʔwe aʃi yamagaso qoñi
 ʔwe a-ji i-amagaso qoni
Exst f-CL 1.pos-calça ser.amarelo
 “tenho uma calça amarela”
- b. qoñi aʃi yamagaso
 qoni a-ji i-amagaso
ser.amarelo f-CL 1.pos-calça
 “a minha calça é amarela”
218. naweʔ lowagse leket
 n-awed l-wag-se l-ket
Méd-ser.preto 3.pos-??-Cl.f 3.pos-corda
 “a pulseira do relógio é preta”

Os itens que expressam cores podem ocorrer com os sufixos verbais / lek / “por cima” e / wek / “para o exterior”. No primeiro caso (exemplos 219.) deriva-se a idéia de cor clara (“cor por cima”). No segundo caso (exemplos 220.), derivam-se verbos incoativos:

219. a qoñalek “amarelo fraco, amarelado”
 b. tokalek “cor de rosa”
 c. naweralek “marrom, cinza”

220. a. nqoniwek “tornar-se amarelo”
 b. netogek “tornar-se vermelho”
 c. nawerek “tornar-se preto”
- d. na?dalawek na no?we:naga
 n-a?dala-wek na n-o?we:naga
Méd-ser.verde-Dir *CL* *Ind-pampa*
 “a pampa verdeja (lit. é verde para fora)”

Nos seguintes exemplos há nominalização dos termos de cores, derivando nomes abstratos:

221. a. nawe? letogaga
 nawed l-tok-aga
ser.preto *3.pos-ser.vermelho-Nmz*
 “cor vermelho escuro, bordó (lit. o seu vermelho preto)”
- b. nawe? lekolaga
 nawed l-kola-aga
ser.preto *3.pos-ser.azul-Nmz*
 “cor azul escuro (lit. o seu azul preto)”

Nos exemplos anteriores, registram-se itens lexicais que ocorrem em funções atributivas assim como predicativas. A seguir, mostram-se exemplos de lexemas claramente verbais que apresentam marca morfológica Durativa e podem ser causativizados pelo sufixo / Gat /. Eles ocorrem sempre em função predicativa.

222. pa?ateta na waloq
 pa?at-ta na waloq
ser.leve-Dur *CL* *algodão*
 “o algodão pesa pouco (lit. está leve)”
223. a. wagayaq ko?teta
 wagayaq ko?t-ta
água *se.limpar-Dur*
 “a água está limpa”
- b. nonot ko?tagat na pigim
 nonot ko?t-gat na pigim
vento *se.limpar-Cau* *CL* *céu*
 “o vento limpou o céu (lit. faz se limpar)”

224.	na	newolek	ipeta
	na	n-ewolek	ipe-ta
	<i>CL</i>	<i>Ind-comida</i>	<i>se.esfriar-Dur</i>
	"a comida está fria"		

Até aqui, apresentaram-se evidências da existência de um conjunto de lexemas que exprimem os conceito tipicamente codificados por Adjetivos, mas que possuem propriedades morfológicas verbais, já que podem ocorrer com os mesmos afixos que outros verbos. A seguir, apresenta-se outro conjunto de evidências que apontam para a carência de uma classe independente de Adjetivos.

3.2. Nominais

Nominais atributivos, que podem funcionar tanto como modificadores adnominais quanto como predicativos, podem ser derivados, de bases nominalizadas pelo sufixo / *aga* /, pelos sufixos Atributivos / *-ai(k)* / e / *-rai(k)* /²¹. Tais palavras apresentam características semelhantes aos nomes, como a morfologia de concordância de gênero e número e a possibilidade de cumprir função de núcleo de SN.²² As formas masculinas são marcadas por / *-k* / no singular e / *-qa* / no paucal (cf. *Morfemas de classe nominal e Nominalizações Resultativas*). Em geral, este tipo de palavras faz referência a propriedades ou atributos de seres animados, mas também podem ocorrer modificando nomes cujos referentes são inanimados.

Exemplos:

225. a	neʔtagayk	"bêbado"
	n-eʔt-aga-ik	
	<i>Méd-beber-Nmz-Atr.m</i>	
b.	poʔgoyk ²³	"magro"
	poʔ-ga-ik	
	<i>emagrecer-Nmz-Atr.m</i>	

²¹ A distinção funcional entre essas duas formas ainda não é clara.

²² É possível interpretar estes nominais como orações relativas visto que, quando a raiz verbal é bivalente, apresentam marca pronominal de posse correferente como o sujeito do verbo base (cf. ex.26.b), hipótese que deve ser testada numa futura pesquisa específica.

²³ O nominalizador é atingido pelo processo de Harmonia transgutural que espalha o traço [arredondado] da vogal da raiz para a vogal do sufixo. Cf. também ex. (225.e).

- c. dalagayk “novo”²⁴
 dala-ga-ik
verde-Nmz-Atr.m
- d. ñipagayk “buscador de lenha”
 nip-aga-ik
buscar.lenha-Nmz-Atr.m
- e. koʔogoyk “o que tem muitos filhos”
 koʔo-ga-ik
parir-Nmz-Atr.m
- f. šitagarayk “pontudo”²⁵
 sitaga-raik
ponta-Atr.m

Nos seguintes exemplos, o nominal atributivo apresenta marca de Diminutivo, igualmente aos nomes:

226. a. qoʔgoykokiʔ “velhinho”
 qoʔgo-ik-okiʔ
velhice-Atr.m-Dim.m
- b. qoʔgoyoʔliʔ “velhinha”
 qoʔgo-i-oʔliʔ
velhice-Atr.f-Dim.f

A seguir registram-se exemplos que amostram as funções gramaticais atributiva e predicativa cumpridas por nominais atributivos. Nelas é possível observar a presença de marcação de concordância em gênero e número com o nome ao que modificam ou do que predicam um atributo:

227. a. naʔik loʔdagarayk
 n-aʔik loʔdaga-raik
Ind-comer doçura-Atr.m
 “a comida é gostosa”

²⁴ A raiz *-dala* inclui os sentidos “verde, imaduro, novo”.

²⁵ A base em (225.f) é um nominal abstrato derivado por /aga/ de uma raiz que não foi registrada independentemente. Cf. também os exemplos (226, 228) e (227).

- b. niʔet mate loʔdaGARay
 in-eʔt mate loʔdaGa-rai
1.Méd-beber chimarrão doçura-Atr.f
 “eu tomo chimarrão doce”
228. a ʔna:koʔ ka pagek qoʔGoyk keka yaleʔ
 ʔna:k-oʔ ka pagek qoʔGo-ik ke-ka yale-d
3.suj-dizer-Nar CL Ints velhice-Atr.m Obl-CL homem-Pc
 “... disse o mais velho dos homens ...”
- b. saʔmenaq paGaginagaki qoʔGoy
 s-aʔmen-G paGagin-aga-ki qoʔGo-i
1.suj-pintar-Pl ensinar-Nmz-Cl velhice-Atr.f
 “pintamos a escola velha”
229. a ʃoqoʔta na qom ʔnaganagarayk
 id-qoʔt-a na qom ʔnagan-aga-raik
1.P-gostar.de-3.obj CL pessoa presentear-Nmz-Atr.m
 “gosto das pessoas bondosas”
- b. yaqaya ʔnaganagaray
 i-qaya ʔnagan-aga-rai
1.pos-irmã(o) presentear-Nmz-Atr.f
 “a minha irmã é bondosa”
230. a yim ralolagay
 yim r-alola-Ga-i
Pro.1 T-adoescer-Nmz-Atr.f
 “eu estou doente”
- b. nataren waka ralolagay
 in-ataren waka r-alola-Ga-i
1.Méd-curar vaca T-adoescer-Nmz-Atr.f
 “eu curei a vaca doente”
231. yim ʔmanagay
 yim ʔman-aga-i
Pro.1 engravidar-Nmz-Atr.f
 “eu estou grávida”

A qualidade de atributo não contingente, que aproxima esses itens lexicais à propriedade de referencialidade dos Nomes, pode ser observada na comparação de (232.b), onde a glosa faz transparente um conteúdo de habitualidade, com a nominalização agentiva em (232.a). (Cf. também 234.a)

232. a so ñipaq yale
 so nip-ag yale
 CL buscar.lenha-Nmz homem
 “o homem que busca lenha”
- b. so yale ñipagayk
 so yale nip-aga-ik
 CL homem buscar.lenha-Nmz-Atr.m
 “o homem que sempre busca lenha (o buscador de lenha)”

Os nominais atributivos também podem ser derivados dos verbos descritivos, como nos exemplos a seguir:

233. ñi ilo šipegaq laweragayk
 ni i-lo sipegaq l-awed-aga-ik
 CL 1.pos-Cl:animal cavalo 3.pos-ser.preto-Nmz-Atr.m
 “o meu cavalo é preto”
234. a da ʔgiñisek nonot kesaganagayk
 da ʔgini-sek nonot kesagan-aga-ik
 CL sul-Cl.m vento ser.forte-Nmz-Atr.m
 “o vento do sul é forte (sempre)”
- b. sawotake ilo šipegaq kesaganagayk
 s-ao-ta-ke ilo sipegaq kesagan-aga-ik
 1.suj-querer-Asp-Des 1.pos-Cl:animal cavalo ser.forte-Nmz-Atr.m
 “eu quero um cavalo forte”
- c. yim se kesaganagay
 yim se kesagan-aga-i
 Pro.1 Neg ser.forte-Nmz-Atr.f
 “eu não sou forte” (ego feminino)

235. qom paʔatagarayk “pessoa ágil, leve”
 qom paʔat-aga-raik
 pessoa ser.leve-Nmz-Atr.m

Com certas raízes, possivelmente por fatores fonológicos (cf. *Capítulo II: Desvozeamento*), o nominalizador ocorre como uma uvular surda:

236. a nokqayk “ruim, máu”
 n-oki-ga-ik
 Ind-odeiar-Nmz-Atr.m

- b. qolonqayk “medroso”
 qolonqa-ik
medo-Atr.m
- c. ma:tqayk “mentiroso”
 mahan-Ga-ik
mentir-Nmz-Atr.m
- d. sawa yale? ma:tqaqa
 so-wa yale-d mahan-Ga-qa
CL-Pc homem-Pc mentir-Nmz-Pc.m
 “esses homens são mentirosos”

Como já foi mencionado, esses nominais podem ocorrer também cumprindo função de núcleo de SN, vale dizer como itens lexicais referenciais, como nos exemplos a seguir:

237. a. sapagagin no?le:ntaganagayk so nogtoki?
 s-apagagin n-o?le:ntagan-aga-ik so nogot-oki?
1.suj-ensinar Ind-contar.estórias-Nmz-Atr.m CL jovem-Dim.m
 “eu ensino uma estória ao menino”
- b. ĵoka:ntak keka i?gematagayk
 id-ka:n-tak ke-ka i-?gemat-aga-ik
1.P-perseguir-Asp Obl-CL 1.pos-sonhar-Nmz-Atr.m
 “... me estava perseguindo no meu sonho ...”
- c. ?wo? ka liya komitagayk
 ?we-o? ka l-ia komit-aga-ik
Exst-Nar CL 3.pos-outro competir-Nmz-Atr.m
 “... houve uma outra competição ...”

Em (237.a) o nominal ocorre em função de complemento direto. Em (237.b.c.) cumpre função de núcleo de SNs adjunto (ex.b) ou complemento (ex.c), introduzidos por um Classificador nominal.

Há um escasso número de casos em que os atributivos são derivados diretamente, sem presença de nominalizador:

Exemplos:

238. a. walayk “preguiçoso”
 wal-aik
ser.preguiçoso-Atr.m

- b. nataʔ noʔGona na pagek lekayk
 na-taq n-oʔGon-a na pagek lek-aik
CL-Dem *Ind-fabricar-Nmz.f* *CL* *Ints* *??-Atr.m*
 “esta cerâmica é a maior (lit. mais grande)”
- c. kiji ʔo:či ʔGoyk na qoʔpaq ladokayk
 ke-ji ʔo:ci ʔGoik na qoʔpaq ladok-aik
Obl-CL *mato* *Adv.qnt* *CL* *árvore* *ser.comprido-Atr.m*
 “no mato há muito árvore comprado”
- d. yim ladokay “eu sou alta”
 yim ladok-ai
Pro.1 *ser.comprido-Atr.f*

Há ainda um conjunto de palavras que expressam conceitos adjetivais, apresentando propriedades nominais, mas que não são derivados pelos sufixos atributivos.

Exemplos:

239. a pagek lojak da lawalagayk
 pagek lojak da l-awalaG-aik
Adv.ints *beleza* *CL* *3.pos-gritar- Atr.m*
 “... é mais bonito o seu grito ...”
- b. sawa roʔGonaeʔ ʔGoyk lojageʔ
 so-oa r-oʔGon-a-d ʔGoik lojag-d
CL-Pc *2.pos-fabricar-Nmz.f-Pc* *Adv.ints* *beleza-Pc*
 “as tuas cerâmicas são muito bonitas (é muita a sua beleza)”
240. a so qača:lkiʔ lojaganek
 so qad-ya:lek-id loja-gan-ek
CL *2.pos-filho.m-2sg* *beleza-Val-Nmz.m*
 “o teu filho é bonito”
- b. lojaganqa qapelačičiʔ
 loja-gan-qa qad-pelad-d-id
beleza-Val-Nmz.Pc *2.pos-sapato-Pc-2sg*
 “os teus sapatos são bonitos”

Em (239) a base é um nominal “a beleza” e apresenta concordância de número típica dos nomes. Em (240) o sufixo de valência / gan / deriva um verbo por sua vez nominalizado pelo Resultativo / ek /. Em (240.b) observa-se a marcação de número paucal das nominalizações.

Um outro conceito que é expresso por formas, diferenciadas para gênero, que parecem ser nominais é “grande”: lateʔogeʔ “feminino”, lodegagat “masculino”.

Exemplos:

- | | | | |
|--------|---------------------------------|---|-----------------------|
| 241. a | pyoq
pioG
<i>cachorro</i> | lateʔogeʔ
lateʔogeʔ
<i>grande.f</i> | “a cadela é grande” |
| b. | pyoq
pioG
<i>cachorro</i> | lodegagat
lodegagat
<i>grande.m</i> | “o cachorro é grande” |

Nesses exemplos pode-se observar que o nominal que expressa o conceito de dimensão permite recuperar o gênero (sexo, nesse caso) do nome.

No exemplo seguinte observa-se a ocorrência numa construção descontínua:

- | | | | | |
|------|-------------------------------------|--------------|-----------------------------------|-----------------|
| 242. | ka | yale | qayamagañoʔ | lodegagat |
| | ka | yale | qa-i-amagan-ni-oʔ | lodegagat |
| | CL | <i>homem</i> | <i>Imp-3.suj-empurrar-Dir-Nar</i> | <i>grande.m</i> |
| | “... empurraram o homem grande ...” | | | |

Cf. outros exemplos em 1.2.2.3.2. *Aumentativo* e em 1.2.2.3.1. *Diminutivo*.

A modo de conclusão, pode se dizer que os conceitos que em outras línguas são codificados na classe dos Adjetivos são, no Mocovi, expressos por verbos descritivos ou por nomes derivados. A determinação do estatuto destes nominais como orações nominalizadas (relativas) fica, por enquanto, em aberto.

3.3. Numerais

Os numerais cardinais em Mocovi são empréstimos do espanhol e apresentam características morfológicas nominais (marcação de gênero, número Paucal, diminutivo). Ocorrem no sintagmas prepostos ao núcleo. Parece não existir números ordinais, com

exceção de “primeiro” que tem propriedades verbais (pode ser nominalizado e ocorre com afixos de Aspecto, Valência e Direcionais).

Exemplos:

243. a ?o:no aji yam
 ?o:no a-ji i-am
 um *f-CL* *1.pos-dinheiro*
 “tenho um peso (lit. um o meu dinheiro)”
- b. do:so?i? a?owa yami?
 do:s-o?li? a-ji-oa i-am-d
 dois-Dim.f *f-CL-Pc* *1.pos-dinheiro-Pc*
 “tenho apenas dois pesos”
- c. sesenta kilo isa?aga
 sesenta kilo i-sali-aga
 sessenta *quilos* *1.pos-ser.pesado-Nmz*
 “eu peso sessenta quilos (lit. sessenta quilos o meu peso)”
- d. yakonalo sawa sinko p:añi? ?aqay sawa
 i-kon-a-lo so-oa sinko pan-d caqai so-oa
 3.suj-pegar-3.obj-Pc *CL-Pc* *cinco* *pão-Pc* *Conj* *CL-Pc*
 dos na?iñi?
 dos nalin-d
 dois *peixe-Pc*
 “... pegou os cinco pães e os dois peixes ...”

Na elicitación sem contexto, os numerais apresentam morfologia de Diminutivo Paucal masculino, como nos exemplos a seguir:

244. a do:solqai? “dois”
 dos-olqaid
 dois-Dim.m.Pc
- b. ?o:çolqai? “oito”
 ?o:co-olqaid
 oito-Dim.m.Pc

Capítulo V

O Sintagma Verbal

O sintagma verbal cumpre a função gramatical de predicado da sentença e está constituído por um verbo, seus complementos e modificadores. O núcleo do sintagma é o verbo; os complementos são os SNs co-referentes com argumentos internos (objetos e locativos subcategorizados pelo tema e/ou por afixos verbais); os modificadores podem ser SNs adjuntos, marcados por *ke*, advérbios ou partículas. A seguir apresentam-se exemplos de SVs.

1. aña yate?e [newa? [magaso] _{cd}] _{sv}
 a-ni i-ate?e n-ewad magaso
 f-CL *1.pos-mãe* *3.suj-Méd-costurar* *calça*
 “a minha mãe costura uma calça”

2. [se?gat [lere]_{cd} [kañi pa?aginagaki]_{Adj}] _{sv}
 s-?gat lere ke-a-ni apa?agin-aga-ki
 1.suj-levar *livro* *Obl-f-CL* *ensinar-Nmz-Cl*
 “levo livros para a escola”

3. so yale [we:tañot [ji lames] _{cloc}] _{sv}
 so yale we-ta-ni-ot ji lames
 CL *homem* *Estar-Asp-Dir-Loc* *CL* *mesa*
 “o homem está em baixo da mesa”

Acerca da ordem dos constituintes cf. *Capítulo III*, e sobre os advérbios e partículas a seção 2. neste capítulo. A seguir, apresenta-se a análise do verbo: características gerais, morfologia flexional e derivacional.

1. O VERBO

A determinação das classes lexicais em Mocovi, como já foi mencionado, apresenta dificuldades. A morfologia que a palavra carrega e/ou as funções sintáticas que ela cumpre definem a classe lexical já que, em muitos casos, as raízes parecem não apresentar propriedades categoriais lexicais que permitam fazer claramente a distinção “universal” (cf. Dixon, 1977) entre nomes e verbos. Assumo que fazem parte da classe dos verbos as palavras que cumprem função de predicado e que apresentam morfologia pronominal de pessoa e número, caso semântico e aspecto. Outras categorias verbais expressas morfologicamente no verbo são Direção e Locação, diátese Média, Reflexivo e Recíproco e modalidade Desiderativa. Além disso, temas verbais podem ser derivados pela sufixação de morfemas de Valência.

A estrutura altamente complexa dos verbos permite que eles possam, por si sós, constituir uma sentença: os participantes e as relações gramaticais são marcados na morfologia verbal, dispensando a presença de SNs argumentais. Esta característica, que aproxima o Mocovi das línguas “polissintéticas” (cf. também *Capítulo III*, onde se apresentam outras propriedades sintáticas de polissíntese), faz relevante a distinção entre transitividade e valência. Entendo por “transitividade” o conceito de ordem sintática que diz respeito às propriedades de subcategorização dos argumentos na sintaxe. Já “valência” faz referência às propriedades semânticas lexicais dos verbos que estabelecem o número e tipo de ligação que eles mantêm com o(s) seu(s) argumento(s). (cf. Thomason et alii., 1994). Em Mocovi, nem sempre valência e transitividade sintática coincidem num verbo dado. A valência verbal pode ser modificada pela presença de afixos (Médio, Reflexivo/Recíproco, Causativo, Incoativo-factitivo, Locativos e de papel semântico), como será apresentado em várias seções deste capítulo.

1.1. Classes de verbos

Segundo o número de participantes que o verbo subcategoriza, os verbos em Mocovi podem ser monovalentes (só um participante), bivalentes (dois participantes) e trivalentes (três participantes).

Os verbos *monovalentes* podem expressar estados temporários ou permanentes (estativos), mudanças de estado ou processos espontâneos (incoativos ou anticausativos) e ações (agentivos).

Exemplos:

4. a. Estativos	qopat	“está com fome”
	resaʎi	“é pesado”
	paʎe	“é quente”
b. Incoativos	roʎo	“zanga-se”
	niya:m	“ferve”
	ilew	“morre”
c. Agentivos	naʎit	“brinca”
	keʎe	“come”
	yowo	“anda, passeia”

Os verbos *bivalentes* tipicamente têm um participante agente (que cumpre a função gramatical de sujeito) e um participante paciente (que cumpre a função de complemento direto). Porém, há verbos de dois participantes que têm sujeito não agentivo (experienciador) e verbos que têm complementos dativos ou locativos. (Cf. 1.2.1. Os *papéis semânticos*).

Exemplos:

5. a.	yaseʎ	“(o) fuma”
	yalawat	“(o) mata”
	yaʎmen	“(o) pinta”
b.	nqoʎta	“gosta de (ele)”
c.	we:talek	“está em cima de”

Em (b) o sujeito é codificado como paciente ao passo que o complemento como dativo (cf. 1.2.2.2. *Participante Pacientivo* e 1.2.2.4. *Participante Dativo*) . Em (c) o complemento é um locativo, subcategorizado pelo sufixo /-lek/ (cf. 1.5. *Sufixos Direcionais-Locativos*)

Os verbos *trivalentes* possuem três argumentos: sujeito agente, complemento direto paciente e complemento indireto dativo ou locativo, estes expressos na morfologia verbal por afixos pronominais e de caso semântico ou por afixos locativos.

Exemplos:

- | | | |
|-------|--------|----------------------|
| 6. a. | ya:nem | “da algo a alguém” |
| b. | siłagi | “o coloco dentro de” |

Em (a) a raiz é bivalente e o sufixo /-em/ expressa a presença de um terceiro participante beneficiário ou recipiente. Em (b) o sufixo /-gi/ marca uma relação locativa com um terceiro participante.

1.2. Marcação pronominal

1.2.1. Os papéis semânticos

O Mocovi apresenta propriedades de marcação de caso Ativa, baseada no parâmetro semântico da Afetação. Segundo Mithun (1991) as línguas sensíveis, na marcação das relações gramaticais, ao papel semântico dos argumentos baseiam a distinção em dois tipos de parâmetros semânticos: o aspecto lexical (se os verbos denotam eventos ou estados) ou a agentividade dos participantes (incluindo os sub-parâmetros de instigação, controle e afetação). Em Mocovi é relevante na codificação de caso o grau de afetação dos participantes. Este parâmetro diz respeito à qualidade de Agente ou Paciente do participante na predicação.

Assumo aqui a proposta de Palmer (1994) de diferenciar os papéis nocionais (que têm um número indeterminado e expressam noções estritamente semânticas, por exemplo agente, paciente, objetivo, instrumental, meta, origem, locativo, experienciador, etc.) dos papéis gramaticais (gramaticalização dos papéis nocionais, são limitados em número, claramente identificáveis e cuja marcação gramatical é específica de cada língua). Os

dois papéis gramaticais básicos são Agente e Paciente ¹, distinção básica nas construções transitivas. Eles permitem também, nas línguas com sistemas Ativos de marcação das relações gramaticais, diferenciar dois tipos de verbos monovalentes: agentivos (com argumento único Agente) e pacientivos (com argumento único Paciente).

Dado que nos sistemas Ativos a relação semântica entre os argumentos e o verbo é de natureza semântica, é freqüente, nesses sistemas, a lexicalização (combinações de predicado e caso usadas e aprendidas como uma unidade) e/ou gramaticalização (por exemplo, nos afixos pronominais) da relação. Em Mocovi, a marcação pronominal do argumento único dos verbos monovalentes está determinada, parcialmente, pelo parâmetro de Afetação do participante. Já que a agentividade é um traço restrito a certas categorias gramaticais, a marcação agentiva/pacientiva apresenta, freqüentemente nas línguas, cisões em termos de animacidade, pessoa, morfologia nominal ou verbal, o que pode ser observado também em Mocovi.

Além de serem codificados na morfologia pronominal, os papéis semânticos são expressos por afixos verbais de Tema (ou Afetado) / d - /, Dativo / - wa? / e Benefativo / - em / e / - rom /. Os sufixos Locativos também parecem cumprir funções de marcação de caso semântico (cf. 1.5.).

O prefixo / d - / (~ / r - /) codifica pacientes de verbos transitivos típicos e argumentos únicos de verbos inativos na 1^a e 2^a pessoas (cf. 1.2.2.2.). Na 3^a pessoa ocorre com verbos incoativos (ou anticausativos) e verbos detransitivizados pelo sufixo de valência / - gan / (cf. 1.2.2. e 1.4.1.2.).

O sufixo / - wa? / “Dativo” ocorre sempre precedido pelas marcas pronominais dativas de 1^a e 2^a pessoas , com as que parece formar uma unidade morfológica (cf. 1.2.2.4.1.). Com a 3^a pessoa não há marcação específica de Dativo: um participante dativo de 3^a pessoa é codificado por meio dos sufixos de objeto (cf. 1.2.2.5.). O morfema Dativo ocorre marcando a presença de argumentos tipicamente humanos de verbos de

¹ Outros autores falam de Macro-papéis Agente/Afetado (Foley e van Valin, 1984) ou de Proto-papéis Agente/Paciente (Dowty, 1991).

percepção ou emoção, assinalando a menos afetação do participante, semanticamente um recipiente animado.

Os sufixos de “Benefativo” / - em / e / - rom / ocorrem com verbos trivalentes, expressando a presença de um argumento recipiente ou meta da ação, codificado pelas marcas pronominais dativas quando o beneficiário for uma pessoa dêitica. A forma / - rom / co-ocorre com os pronominais de 2ª singular e plural e 1ª plural, ao passo que / - em / , quando o beneficiário for 1ª singular ou 3ª. (cf. 1.2.2.4.2.).

A seguir, apresenta-se uma análise da morfologia pronominal verbal.

1.2.2. Morfologia pronominal

1.2.2.1. Participante Agentivo

Na **primeira pessoa** um participante agentivo é codificado pelo morfema { s- }, seja em cláusulas transitivas ou intransitivas. O plural de primeira pessoa marca-se pelo sufixo / -G / (~ / -q / ~ / -aga- /):

- | | | | | |
|-------|--|--|----------------------------|-------------------------|
| 7. a. | sase?
s-ased
<i>1.suj-fumar</i> | raseraganagaki?
r-ased-gan-aga-ki-id
<i>pos-fumar-Val-Nmz-Cl-2sg</i> | | |
| | | | | “eu fumo o teu cigarro” |
| b. | saseragan
s-ased-gan
<i>1.suj-fumar-Val</i> | | | “eu fumo” |
| c. | saseraganaq
s-ased-gan-G
<i>1.suj-fumar-Val-Pl</i> | | | “nós fumamos” |
| 8. | salawat
s-alawat
<i>1.suj-matar</i> | so
so
<i>CL</i> | kos
kos
<i>porco</i> | “eu matei o porco” |

9. a. sapogi ñi lasom “eu fecho a porta”
 s-apo-gi ni l-asom
1.suj-fechar-Loc CL 3.pos-porta
- b. sapogogi “nós fechamos”
 s-apo-G-gi
1.suj-fechar-Pl-Loc
10. a. soʔwet noʔGona “eu faço uma cerâmica”
 s-ʔwet n-oʔGon-a
1.suj-fazer Ind-fabricar-Nmz.f
- b. sewet yoqosot “me dói o pescoço”
 s-wet i-qosot
1.suj-doer 1.pos-pescoço
- c. sawotake selaq “eu quero dormir”
 s-ao-ta-ake s-laG
1.suj-querer-Asp-Des 1.suj-dormir
- 11.a. selaq ket “eu devo dormir”
 s-laG ket
1.suj-dormir Obr
- b. selagsoq “nós dormimos”
 s-laG-sog
1.suj-dormir-Pl
- c. setaqa “eu falo”
 s-taqa
1.suj-falar
- d. setagayaq “nós falamos”
 s-taqa-yaG
1.suj-falar-Pl
12. a. soʔo “eu me zango”
 s-ʔo
1.suj -se zangar
- b. soʔoq “nós nos zangamos”
 s-ʔo-G
1.suj -se zangar-Pl

- c. soʔoqočit “eu faço (ele/ela) se zangar”
s-ʔo-qat-it
1.suj-se zangar-Cau-Cau

A **segunda pessoa** é sempre marcada pela presença do morfema **{id}** (/-iʔ/ ~ /-ir-/) no singular e **{ii}** (/-i:/ ~ /-i/) no plural, seja qual for o papel gramatical. Quando Agente, não apresenta prefixo algum, como se observa nos exemplos a seguir:

13. a. seragañiʔ “você fuma”
ased-gan-id
fumar-Val-2sg
- b. poirigi “você fecha”
apo-id-gi
fechar-2sg-Loc
- c. wagañiʔ “você bate (nele/ela)”
wagan-id
bater-2sg
- d. pagagiñiʔ “você (lhe) ensina”
apagagin-id
transmitir conhecimento-2sg
- e. ʔwi:čiʔ “você faz”
ʔwet-id
fazer-2sg
14. a. ʔoiʔ “você zanga-se”
ʔo-id
se zangar-2sg
- b. ʔoqočičiʔ “você faz ele/ela se zangar”
ʔo-qat-it-id
se zangar-Cau-Cau-2sg
15. a. wagañi: “vocês batem (nele/ela)”
wagan-i
bater-2pl
- b. poigi “vocês fecham”
apo-i-gi
fechar-2pl-Loc

A terceira pessoa apresenta três padrões de marcação:

- (a) /i-/ (~ /y-/)
- (b) Ø
- (c) /r-/ (~ /d-/)

A primeira marca /i-/ ~ /y-/, expressa sujeito Agente de verbos bivalentes:

16.a. yalawat so kos "ele/ela matou o porco"
 i-alawat so kos
3.suj-matar CL porco

b. so letaʔa yotawan so ʔa:lek
 so l-taʔa i-otawan so l-ya:lek
CL 3.pos-pai 3.A-ajudar CL 3.pos-filho.m
 "o pai ajudou o filho"

c. so pioq yaʔik laʔat
 so piog i-aʔik l-aʔat
CL cachorro 3.suj-comer 3.pos-carne
 "o cachorro come carne"

d. yapogi ñi lasom
 i-apo-gi ni l-asom
3.suj-fechar-Loc CL 3.pos-porta
 "ele fecha a porta"

e. so ʔa:lo yoʔwe:tetak nepoʔ
 so ʔa:lo i-ʔwe:t-tak n-poʔ
CL mulher 3.suj-fazer-Asp Ind-cobertor
 "a mulher está fazendo um cobertor"

17.a. yapagagin "ele/ela (lhe) ensina"
 i-apagagin
3.suj-transmitir conhecimento

b. yowagan "ele/ela bate (nele/ela)"
 i-wagan
3.A-bater

18.a. iwet "lhe dói"
 i-wet
3.A-doer

- b. idanake
i-dan-ake
3.suj-procurar-Des “ele/ela (o) procura”
- 19.a. yašiwia_gat
i-asiwi-gat
3.suj-se secar-Cau “ele/ela (o) seca”
- b. yasegtagat
i-aseget-gat
3.suj-se quebrar-Cau “ele/ela (o) quebra”
- c. yoʔoqočit
i-ʔo-qat-it
3.A-se zangar-Cau-Cau “ele/ela (o) faz zangar”

Verbos ativos monovalentes, e alguns que podem ocorrer em cláusulas transitivas, não apresentam marca morfológica de sujeito:

20. kiyo so peget “ela lavou o prato”
Ø-kiyo so peget
3.suj-lavar CL prato
- 21.a. laq
Ø-la_g
3.suj -dormir “ele/ela dorme”
- b. ʔet
Ø-ʔet
3.suj fugir “ele/ela foge”
- c. keʔe
Ø-keʔe
3.suj -comer “ele/ela come (intr.)”
- d. ñip
Ø-anip
3.suj-procurar lenha “ele/ela procura lenha”

Verbos anticausativos com participante inanimado também não apresentam marca morfológica. Compare-se (16.d) e (19.b) com os exemplos (22.a) e (22.c) :

- 22.a. pogi lasom “a porta fecha-se”
 Ø-po-gi l-asom
3.suj fechar-Loc 3.pos-porta
- b. wačigi lasom “a porta abre-se”
 Ø-wat-gi l-asom
3.suj abrir-Loc 3.pos-porta
- c. seget “quebra-se”
 Ø-seget
3.suj -se quebrar

O uso de marca de Número plural de Objeto / -lo / indica que o participante único é concebido como sendo o objeto lógico da cláusula:

23. pogilo “fecham-se”
 Ø-po-gi-lo
3.suj-fechar-Dir-3.obj.pl

Também os verbos que indicam estado locativo carecem de marca morfológica de 3ª pessoa :

- 24.a. paʔatawek “está fora”
 Ø-paʔa-ta-wek
3.suj-estar-Asp-Dir
- b. we:tašigim “está em cima (para cima)”
 Ø-we-ta-sigim
3.suj-estar-Asp-Dir

O terceiro padrão de marcação de 3ª pessoa apresenta o prefixo / r-/ (~ / d /). Seguindo a hipótese de Sandalo, que propõe a existência de uma marca de papel semântico Tema /d:-/ em Kadiwéu, assumo que /r-/ em Mocovi também tem a função de marcar um participante Paciente, que pode ou não ser correferente com o sujeito dependendo da classe do verbo (cf. também 1.2.2.2.). Esta marca ocorre na 3ª pessoa com verbos ativos derivados por /-gan/, sufixo derivativo que tem um sentido incoativo e na sintaxe ocorre em construções similares às Antipassivas, de baixa transitividade ou totalmente intransitivas.

Exemplos:

25.a. raseragan “ele/ela fuma”

Ø-d-ased-gan
3.suj -T-fumar-Val

b. deragan kaĵi lere
Ø-d-er-gan ke-a-ji lere
3.suj -T-escrever-Val Obl-f-CL caderno
“ele escreve no caderno”

c. * deragan lqa:taganaġayk
Ø-d-er-gan l-qa:t-gan-ga-ik
3.suj T-escrever-Val 3.pos-contar-Val-Nmz-Atr.m
“ele escreve um conto”

Compare-se (25.b) e (25.c) com o exemplo (26) em que o verbo base ocorre, em uma cláusula transitiva, com um Direcional e com marcação de sujeito agente:

26. yireteġni lqa:taganaġayk kaĵi lere
i-er-tak-ni l-qa:t-gan-ga-ik ke-a-ji lere
1.A-escrever-Asp -Dir 3.pos-contar-Val-Nmz-Atr.m Obl-f-CL caderno
“ele está escrevendo um conto no caderno”

Outros verbos desta classe são, por exemplo:

27.a. roqoinagan “ele pesca”

Ø-d-qoin-gan
3.suj -T-pegar-Val

b. reparagan “ele caça”
Ø-d-epar-gan
3.suj-T-?? -Val

No exemplo (28), o verbo agentivo bivalente pode ocorrer em uma cláusula transitiva, mas note-se que o sintagma nominal objeto não admite classificador e tem, portanto, uma leitura indefinida, um dos parâmetros relevantes nas construções de baixa transitividade. (cf. *Valência*)

28. ralawatagan kos “ele vai abater um porco”
Ø-d-alawat-gan kos
3.suj-T-matar-Val porco

Verbos basicamente Anticausativos/Incoativos, também apresentam a marca de Tema na 3^a pessoa:

- | | | |
|-------|--|-------------------------------|
| 29.a. | reda
Ø-d-eda
<i>3.suj-T-se mover</i> | “ele/ela move-se” |
| b. | roʔo
Ø-d-ʔo
<i>3.suj-T-se zangar</i> | “ele/ela zanga-se” |
| c. | roqopi
Ø-d-qopi
<i>3.suj-T-se machucar</i> | “ele/ela machuca-se” |
| d. | rasahmata
Ø-d-asahmata
<i>3.suj-T-tossir</i> | “ele/ela tosse, está gripado” |
| e. | rašiwi
Ø-d-asiwi
<i>3.suj-T-se secar</i> | “ele/ela seca-se” |

Um verbo que também apresenta o mesmo padrão é “falar” na sua forma intransitiva:

- | | | |
|-----|--|----------------|
| 30. | ʔele retaqa
ʔele Ø-d-taqa
<i>louro 3.suj-T-falar</i> | “o louro fala” |
|-----|--|----------------|

Um padrão irregular de marcação da 3^a pessoa pelo prefixo / t . / observa-se num número reduzido de verbos de movimento translacional, o que parece ser produto de lexicalização:

- | | | |
|-------|--|---------------------------|
| 31.a. | ta:ni
t-a:ni
<i>3.suj-ir-Dir</i> | “ele/ela desce”, “começa” |
|-------|--|---------------------------|

- b. ta:lek “ele/ela vai (em cima de)”
 t-a:l-ek
 3.suj-ir-Loc
- c. ta:ige “ele/ela vai (para longe)”
 t-a:i-ge
 3.suj-ir-?-Or

No que diz respeito a categoria de **Número**, a 3ª pessoa apresenta marca morfológica apenas no caso de concordância com Paucal. Sintagmas nominais sujeito com flexão de Plural não desencadeiam concordância expressa no verbo, que ocorre na sua forma Singular. O Paucal é marcado pelo morfema {d} cuja forma fonológica varia entre /-ʔ/ (~ /-eʔ/ / - /-Vʔ/) e /-r-/ (~ /-Vr-/ / - /-d-/), alternâncias condicionadas fonologicamente (cf. *Fonologia*):

32. a. yapagagine? “eles/elas (lhe) ensinam”
 i-apagagin-d
 3.suj-transmitir conhecimento-Pc
- b. ralawataGane? “eles abatem, matam”
 Ø-d-alawat-gan-d
 3.suj-T-matar-Val-Pc
- c. kiyo? “eles/elas lavam”
 Ø-kiyo-d
 3.suj-lavar-Pc
- d. dawa?magare yalawate? so kos
 da-oa-?magare i-alawat-d so kos
 CL-Pc-Pro 3.suj-matar-Pc CL porco
 “eles matam o porco”
- 33.a. yaporgi “eles/elas fecham”
 i-apo-d-gi
 3.suj-fechar-Pc-Loc
- b. idandake “eles/elas procuram”
 i-dan-d-ake
 3suj-procurar-Pc-Des

Nos exemplos seguintes observa-se a falta de concordância verbal com argumentos plurais:

- 34.a. so ʔa:ʕipi retaqagi aɲi paɡaɡinaɡaki
 so ʔa:lo-ipi ∅-d-taqa-gi a-ni paɡaɡin-aɡa-ki
 CL *mulher-Pl* *3.suj-T-falar-Dir* *f-CL* *transmitir conhecimento-Nm-Cl*
 “as mulheres estão falando da escola”
- b. ka yaʕiriipi maʔle kiyo ka latogot
 ka yale-d-ipi maʔle ∅-kiyo ka latogot
 CL *homem-Pc-Pl* *Adv.fut* *3.suj-lavar* *CL* *lagoa*
 “os homens vão limpar a lagoa”

Resumindo, é possível dizer que as pessoas dêíticas (1^a e 2^a) apresentam marcação de concordância pronominal homogênea na classe dos verbos agentivos, ao passo que na 3^a pessoa observa-se uma cisão na marcação morfológica que parece indicar uma gradação na agentividade: Agentes típicos, de verbos bivalentes, marcados por /i-/ e Agentes de verbos intransitivos (com menor agentividade) marcados por ∅.

1.2.2.2. Participante Pacientivo

Na **primeira pessoa** a concordância com um participante pacientivo apresenta formas diferentes para singular e plural: /j-/ singular, /qad-/ (~ /qar-/) plural. Tanto o paciente de verbos bivalentes quanto o argumento único de verbos semanticamente inativos apresentam a mesma marcação morfológica.

Assumo que a forma do singular é produto de fusão fonológica das marcas de 1^a pessoa Afetada /i-/ e papel semântico Tema /d-/. Marcas de participante de primeira pessoa constituídas por um componente fonológico palatal observam-se na diátese Média, no sufixo de pessoa Dativa/Benefativa e na Posse, relações todas elas caracterizadas pelo parâmetro semântico de Afetação (cf. Mithun op.cit.).

- 35.a. jowagan “ele/ela batem em mim”
 i-d-wagan
 1.sg.P-T-bater

- b. qarowagan “ele/ela bate em nós”
 qa-d-wagan
1.pl.P-T-bater
- 36.a. ĵaweketak “ele/ela está me levando”
 i-d-awek-tak
1.sg.P-T- levar-Asp
- b. qaraweketak “ele/ela está nos levando”
 qa-d-awek-tak
1.pl.P-T- levar-Asp
- 37.a. ĵikiyo:tak yateʔe
 i-d-kiyo-tak i-ateʔe
1.sg.P-T-lavar-Asp 1.sg.pos-mãe
 “minha mãe está me lavando”
- b. ĵinaqaiʔ kena qaʔ lolo
 i-d-naq-id ke-na qad lolo
1.sg.P-T-atirar-2sg Obl-CL pedra cascalho
 “você me atira uma pedra”

No verbo “ensinar” o participante nocionalmente dativo é promovido a objeto direto e portanto codificado através da marcação pacientiva:

38. ĵapaqagiñiʔ “você me ensina”
 i-d-apaqagin-id
1.sg.P-T-transmitir conhecimento-2sg

Também o causado em verbos causativizados é codificado pela forma pacientiva:

- 39.a. ĵoʔoqočit “ele/ela faz me zangar”
 i-d-ʔo-qat-it
1.sg.P-T-se zangar-Cau-Cau
- b. qaroʔoqočit “ele/ela faz nos zangarmos”
 qa-d-ʔo-qat-it
1.pl.P-T-se zangar-Cau-Cau

Como já foi mencionado, o participante de verbos tipicamente inativos também é expresso pela marcação pacientiva. Esse fato sustenta a hipótese da existência de um sistema de marcação de caso baseado no parâmetro de Agentividade, que dá conta do tratamento diferente dado aos participantes únicos de verbos monovalentes.

Exemplos:

- | | | | | | | | | |
|-------|---|--|----|------|----|-----|----|-------|
| 40.a. | ĵisal
i-d-sal
<i>Isg.P-T-vomitar</i> | “eu vomito” | | | | | | |
| b. | qaresal
qa-d-sal
<i>Ipl.P-T-vomitar</i> | “nós vomitamos” | | | | | | |
| 41.a. | ĵilew
i-d-lew
<i>Isg.P-T-morrer</i> | “eu morro” | | | | | | |
| b. | qarelew
qa-d-lew
<i>Ipl.P-T-morrer</i> | “nós morremos” | | | | | | |
| 42.a. | ĵoʔči
i-d-oʔci
<i>Isg.P-T-ter medo</i> | “eu tenho medo” | | | | | | |
| b. | qaroʔči
qa-d-oʔci
<i>Ipl.P-T-ter medo</i> | “nós temos medo” | | | | | | |
| 43.a. | ĵiʔlogol
i-d-ʔlogol
<i>Isg.P-T-tremer</i> | “eu tremo” | | | | | | |
| b. | qareʔlogol
qa-d-ʔlogol
<i>Ipl.P-T-tremer</i> | “nós trememos” | | | | | | |
| 44.a. | ĵoqoʔta
i-d-qoʔt-a
<i>Isg.P-T-gostar-3.obj</i>
“eu gosto do arroz” | <table border="0"> <tbody> <tr> <td style="padding-right: 10px;">na</td> <td>ařo:</td> </tr> <tr> <td style="padding-right: 10px;">na</td> <td>aro</td> </tr> <tr> <td style="padding-right: 10px;">CL</td> <td>arroz</td> </tr> </tbody> </table> | na | ařo: | na | aro | CL | arroz |
| na | ařo: | | | | | | | |
| na | aro | | | | | | | |
| CL | arroz | | | | | | | |

- b. qarqoʻta qarasotaʻgak
 qa-d-qoʻt-a qad-rasot-gak
1pl.P-T-gostar-3.obj.D *1pl.pos-dançar-Nmz*
 “nós gostamos de dançar”

A **segunda pessoa** sujeito de verbos inativos é codificada por meio dos sufixos de participante 2ª singular/plural e o prefixo de papel semântico Tema:

- 45.a. resaʻiʻ? “você vomita”
 d-sal-id
T-vomitar-2sg
- b. resaʻi: “vocês vomitam”
 d-sal-i:
T-vomitar-2pl
- 46.a. riʻiwiʻ? “você morre”
 d-lew-id
T-morrer-2sg
- b. reʻlogoʻiʻ? “você treme”
 d-ʻlogol-id
T-tremar-2sg
- c. rʻqoʻčita “você gosta (dele/ela)”
 d-qoʻt-id-a
T-gostar-2sg-3.obj

O paciente segunda pessoa de um verbo bivalente marca-se pela co-ocorrência de sufixos com as marcas morfológicas agentivas do outro participante, se for 1ª pessoa.

- 47.a. sowagañiʻ? “eu bato em você”
 s-wagan-id
1.suj-bater-2sg
- b. soʻoqočiçiʻ? “eu faço você se zangar”
 s-ʻo-qat-it-id
1.suj-se zangar-Cau-Cau-2sg

- c. soʔoqočiči: "eu faço vocês se zangarem"
 s-ʔo-qat-it-i:
1.suj-se zangar-Cau-Cau-2pl

A interpretação da segunda pessoa como agente ou paciente depende, portanto, das outras marcas pronominais com que co-ocorre:

48. yim setakiriñi maʔle qamiʔ ʔitakiriñi
 yim s-tag-id-ni maʔle qamid i-d-tag-id-ni
Pro.1 1.suj-pentear-2sg-Dir Part.fut Pro.2 1sg.P-pentear-2sg-Dir
 "eu te penteio (e) depois você me penteia"

Se o agente for 3ª pessoa, o padrão de marcação é similar à expressão morfológica do sujeito de 2ª pessoa com verbos inativos, como pode ser observado no exemplo seguinte:

49. rowagañiʔ "ele/ela bate em você"
 Ø-d-wagan-id
3.suj-T-bater-2sg

A **terceira pessoa** pacientiva não é marcada: verbos bivalentes que expressam morfológicamente um Agente são sempre interpretados como envolvendo uma 3ª pessoa paciente, como pode ser observado nas glossas:

50. yalawat "ele/ela (o/a) mata"
 i-alawat
3.suj-matar
- 51.a. soʔoqočiʔeʔ "eu faço eles/elas se zangarem"
 s-ʔo-qat-it-d
1.suj-se zangar-Cau-Cau-Pc
- b. yoʔoqočiʔ "ele faz ele/ela se zangar"
 i-ʔo-qat-it
3.suj-se zangar-Cau-Cau
- c. ʔoqočičiʔ "você faz ele/ela se zangar"
 ʔo-qat-it-id
se zangar-Cau-Cau-2sg

A marcação morfológica de um sujeito de 3ª pessoa nos verbos inativos apresenta uma cisão que parece ser produto de lexicalização.² Assim, o participante terceira pessoa é expresso em uns casos pelo prefixo / i- / (Agentivo?), em outros por / n- / (cf. *Média*), nos verbos em que as pessoas dêiticas são codificadas por marcas pacientivas.

Exemplos:

52.	noʔci ø-n-oʔci <i>3.suj-Méd-ter medo</i>	“ele/ela tem medo”
53.a.	nesal ø-n-sal <i>3.suj-Méd-vomitar</i>	“ele/ela vomita”
b.	nesaleʔ ø-n-sal-d <i>3.suj-Méd-vomitar-Pc</i>	“eles/elas vomitam”
54.a.	nqoʔta ø-n-qoʔt-a <i>3.suj-Méd-gostar-3.obj</i>	“ele/ela gosta (dele/ela)”
b.	nasapteta ø-n-asapet-ta <i>3.suj.Méd-estar afim-Asp</i>	“ele/ela está afim”
c.	nkale:tawek ø-n-kale-ta-wek <i>3.suj.Méd-vivir-Asp-Dir</i>	“ele/ela está vivo”
55.a.	ilew i-lew <i>3.suj-morrer</i>	“ele/ela morre”
b.	ileweʔ i-lew-d <i>3.suj-morrer-Pc</i>	“ele/elas morrem”

² Nos sistemas Ativos é frequente a lexicalização da marcação de caso semântico já que neles codifica-se a relação semântica existente entre verbo e argumento(s) e não o estatuto dos participantes na sentença ou discurso (Mithun, 1991:540).

- c. iʔlogol “ele/ela treme”
i-ʔlogol
3.suj-tremer
- d. yočaq “ele/ela está gordo”
i-ocag
3.suj-Estar gordo
- e. yawalaq “ele/ela grita”
i-awalag
3.suj-gritar

Há ainda uns poucos verbos inativos que não apresentam marca alguma:

- 56.a. qopat “ele/ela está com fome”
ter fome
- b. kiñoget “ele/ela está bêbado/a”
ficar bêbado

1.2.2.3. Participante Médio

A marcação pronominal na diátese Média reflete, em Mocovi, o estatuto do participante sujeito como Afetado, porém ativo.

A **primeira pessoa** é marcada por / ñ- / , forma amalgamada de / i / “primeira pessoa Afetada” e / n / “média”: como no caso da 1ª pessoa Inativa, há fusão fonológica de ambos os segmentos. Mas, à diferença das formas Inativas, o plural de primeira pessoa apresenta o sufixo agentivo / -G / , evidenciando-se dessa maneira o estatuto agentivo, além de afetado, do participante sujeito, característica esta da semântica média (cf. 1.4.2. *Diátese Média*).

- 57.a. ñowiʔ “eu chego (aqui)”
i-n-wid
1.S-Méd-chegar
- b. ñowiraq “nós chegamos (aqui)”
i-n-wid-ag
1.S-Méd-chegar-Pl

58.a.	ñikiyo i-n-kiyo <i>1.S-Méd-lavar</i>	“eu me lavo”
b.	ñikiyoq i-n-kiyo-G <i>1.S-Méd-lavar-Pl</i>	“nós nos lavamos”
59.a.	ñinogonek i-n-nogon-wek <i>1.S-Méd-se movimentar-Dir</i>	“eu saio”
b.	ñinogonagawek i-n-nogon-G-wek <i>1.S-Méd-se movimentar-Pl-Dir</i>	“nós saímos”

A **segunda pessoa** é marcada pela presença dos sufixos pronominais de singular/plural, ao passo que a **terceira pessoa** não apresenta marca morfológica. Exemplos:

60.a.	ne?Gači? n-e?gat-id <i>Méd-transladar-2sg</i>	“você traz”
b.	ne?Gači: n-e?gat-ii <i>Méd-transladar-2pl</i>	“vocês trazem”
61.a.	neloirek n-elo-id-wek <i>Méd-acordar-2sg-Dir</i>	“você acorda”
b.	neloiwek n-elo-i-wek <i>Méd-acordar-2pl-Dir</i>	“vocês acordam”
62.a.	napagagiñi? n-apagagin-id <i>Méd-transmitir conhecimento-2sg</i>	“você aprende”
b.	napagagiñi: n-apagagin-i <i>Méd-transmitir conhecimento-2pl</i>	“vocês aprendem”

- 63.a. ne?gat "ele/ela traz"
 Ø-n-e?gat
 3.suj-Méd-trasladar
- b. ne?gate? "eles/elas trazem"
 Ø-n-e?gat-d
 3.suj-Méd-trasladar-Pc
- 64.a. nelowek "ele/ela acorda"
 Ø-n-elo-wek
 3.suj-Méd-acordar-Dir
- b. nelorek "eles/elas acordam"
 Ø-n-elo-d-wek
 3.suj-Méd-acordar-Pc-Dir
- 65.a. napagagin "ele/ela aprende"
 Ø-n-apagagin
 3.suj-Méd-transmitir conhecimento
- b. napagagine? "eles/elas aprendem"
 Ø-n-apagagin-d
 3.suj-Méd-transmitir conhecimento-Pc

Resumindo, no quadro seguinte observam-se as similitudes e diferenças formais na marcação de participantes Agentivos, Médios e Pacientivos.

	agentiva		agentiva+pacientiva			pacientiva		
	Pessoa	Pessoa+ Número	Pessoa	Média	Pessoa+ Número	Pessoa+ Número	Papel "Tema"	Pessoa+ Número
1ª sg	s-		i	n- > ñ		i	d- > j	
2ª	Ø	-id /-ii	Ø	n-	-id /-ii	Ø	d-	-id /-ii
1ª pl	s-	-G	i	n- > ñ	-G	qa	d-	

	Pessoa	Número Paucal	Pessoa	Média	Número Paucal	Pessoa	Papel "Tema"	Número Paucal
3ª	i- Ø (d-)	-d	Ø	n-	-d	Ø i- n-	Ø	-d

Como foi apontado por Klaiman (1988), a marcação Média diz respeito ao estatuto conceitual “afetado” relacionado com as situações denotadas pelo verbo, contrariamente aos papéis temáticos, que referem ao estatuto dos participantes na sua relação com o predador. Então, não necessariamente há coincidência entre o “afetado” e o Paciente. Em Mocovi, observando o padrão de marcação pronominal, no mínimo na 1ª pessoa aparece claramente a ocorrência da mesma marca pronominal Pacientiva (no sentido do macro-papel Paciente/Afetado) na forma do componente fonológico palatal nas formas Médias. A marcação da 1ª plural pelo sufixo agentivo, apoia a interpretação da Média como uma forma em que um participante agentivo é ao mesmo tempo afetado pela ação verbal.

Contudo, os exemplos seguintes são especialmente problemáticos para a hipótese da marcação pronominal ser determinada pelo estatuto de participante Afetado: o participante de 1ª pessoa, nesses casos, não é Afetado mas Agente (controlador ou fonte), mas mesmo assim é marcado por / n̄- /.

- 66.a. ñilogtek ǰi ʔa:lo
 i-n-elo-gat-wek ǰi ʔa:lo
 1.suj-Méd-dormir-Cau-Dir CL mulher
 “eu acordo a mulher”
- b. ñāčilagañi? “eu banho você”
 i-n-acil-gan-id
 1.suj-Méd-Val-2sg
- c. ñqoʔnagat na máte
 i-n-qoʔin-gat na mate
 1.suj-Méd-se mudar-Cau CL cuia
 “eu mudo de lugar a cuia”

Uma hipótese alternativa é interpretar a alternância / s- / ~ / i- / como um caso de alomorfia condicionada morfológicamente pela presença de / n- /. Essa parece ser, embora não explícita, a interpretação de Ceria e Sandalo (op.cit:176). Também a análise de Sandalo para o Kadiwéu sugere a existência de alomorfia, com condicionamento fonológico, na 1ª pessoa ativa: /i/ antes de coronais, /j/ nos outros contextos. (cf. também

Braggio, 1981). Uma análise similar poderia se estender à marcação da 1ª pessoa Inativa. De fato, há uns poucos verbos em que a 1ª pessoa é codificada por formas que contêm um componente fonológico palatal fundido com uma coronal inicial do tema verbal:

67.a.	ǰinot i-denot	“eu pulo”
b.	renoči? ∅-denot-id	“você pula”
c.	renot ∅-denot	“ele pula”
d.	ǰinotaq i-denot-G	“nós pulamos”
68.a.	ǰapil i-dapil	“eu volto (para aqui)” ³
b.	rapiɬi? ∅-dapil-id	“você volta”
c.	rapil ∅-dapil	“ele/ela volta”
69.a.	ɬači i-laci	“eu me mudo”
b.	lačii? ∅-laci-id	“você se muda”
c.	lači ∅-laci	“ele/ela se muda”

Sem dúvida, o recurso à alomorfa condicionada pela consoante coronal inicial da raiz pode explicar estes casos. Porém acho que uma análise baseada em condições fonológicas/morfológicas faz perder a generalização possível de se fazer para a primeira pessoa em face à marcação de Posse e de participante Dativo: uma interpretação com

3 Esta raiz verbal também ocorre com marcação agentiva, expressando uma idéia neutra a respeito do parâmetro direcional:

- | | | |
|------|-------|--------------|
| i. | sopil | “eu volto” |
| ii. | piɬi? | “você volta” |
| iii. | pil | “ele volta” |

Na realidade, não parece ser uma diferenciação direcional, mas um caso paralelo ao chamado “*se de interesse*” do espanhol: a glosa dos exemplos (68) nessa língua é “yo **me** vuelvo, él **se** vuelve, etc.”, fato que seria uma evidência a mais para apoiar a hipótese da afetação do sujeito.

base na relevância do parâmetro de Afetação tem maior poder explicativo para dar conta do isomorfismo existente nas marcas pronominais que carregam o estatuto de Afetado.⁴

Voltando aos exemplos em (66), o que eles parecem mostrar, na realidade, é a existência de uma forma amalgamada de 1ª pessoa+Média / in / que funciona como uma unidade.

1.2.2.4. Participante Dativo

No verbo *Mocovi* há marcação dos papéis semânticos Dativo / -wa? / e Benefativo / -em / (~ / -rom /). Os argumentos Dativos de 1ª pessoa singular e plural, e 2ª pessoa são marcados no verbo pelos sufixos / -i- /, / -ogo- / e / -aga- /, respectivamente. A similitude formal com as marcas pronominais de Posse é evidente. Se se assumir que a relação semântica entre possuidor e possuído é semelhante à relação de objeto indireto (Hofling, 1990), o isomorfismo entre os afixos pronominais de possuidor e participante dativo pode ser explicado levando em conta a similitude funcional.

As formas pronominais oblíquas co-ocorrem sempre com as marcas de papel semântico Dativo ou Benefativo, com as quais fazem parte de uma unidade que codifica tanto caso semântico quanto pessoa e que é sufixada ao verbo completamente flexionado. A dupla marcação de 2ª pessoa evidencia a adjunção da cadeia morfológica formada por pronominal + papel temático à forma verbal flexionada para participante de 2ª pessoa.

Cabe mencionar que a marcação pronominal oblíqua parece ter caído em desuso em *Mocovi*: segundo os próprios falantes, especialmente no caso do Benefativo, o uso dessas marcas pronominais é considerado um traço arcaico, da “fala dos velhos”. Além disso, a alternância registrada no recurso à marcação pacientiva em variação com dativa

⁴ Uma possível interpretação da marcação de 1ª pessoa nos exemplos (67-69) pode ser a reestruturação por analogia formal. Dado que o prefixo /i-/ ocorre, na sua função pacientiva, precedendo marcadores cuja forma fonológica é uma Coronal (/n-/ “Média” e /d-/ “Tema”), por analogia é usado quando a raiz começar por segmentos Coronais. O prefixo esvazia-se do seu conteúdo gramatical e ocorre condicionado fonologicamente.

mostra uma tendência à perda ou re-estruturação da distinção funcional, gramaticalizada na marcação pronominal, entre participante paciente e dativo.

A seguir apresenta-se uma descrição do uso das marcas morfológicas de participantes oblíquos.

1.2.2.4.1. Marcação Dativa

A marcação de papel semântico Dativo observa-se com verbos bivalentes cujo sujeito é semanticamente um experienciador ou paciente e o outro participante é animado ou não diretamente afetado. Se o participante dativo for uma das pessoas dêiticas, o afixo de caso semântico é /-wa?/ e ocorre, como já foi mencionado, sempre precedido por um pronominal oblíquo.

- | | | |
|--------|---|-------------------------|
| 70. a. | nqo?čiragawa?
n-qo?t-id-aga-wad
<i>3.S-gostar-2sg-2.dat-D</i> | “ele/ela gosta de você” |
| b. | joqo?čiaagawa?
i-d-qo?t-ii-aga-wad
<i>1.P-T-gostar-2pl-2.dat-D</i> | “eu gosto de vocês” |
| c. | nqo?togowa?
n-qo?t-ogo-wad
<i>3.S-gostar-1pl.dat-D</i> | “ele/ela gosta de nós” |
| d. | nqo?čiriwa?
n-qo?t-d-i-wad
<i>3.S-gostar-Pc-1sg.dat-D</i> | “eles gostam de mim” |
| e. | rqa?či:wa?
r-qo?t-ii-i-wad
<i>T-gostar-2pl-1sg.dat-D</i> | “vocês gostam de mim” |
| 71. a. | na?gayaganogowa?
∅-n-?Gaya-gan-ogo-wad
<i>3.suj-Méd-ouvir-Val-1pl.dat-D</i> | “ele nos escuta” |

- b. naʔGayagañiriwa? keda šinak
 Ø-n-ʔGaya-gan-id-i-wad ke-da s-inak
3.suj-Méd-ouvir-Val-2sg-1sg.dat-D *Obl-CL 1.suj-dizer*
 “me ouça o que eu digo!”
- 72.a. sewañiragawa? “eu te conheço”
 s-wan-id-aga-wad
1.suj-conhecer-2sg-2.dat-D
- b. wañiriwa? “você me conhece”
 wan-id-i-wad
conhecer-2sg-1sg.dat-D

No seguinte exemplo observa-se a marcação Dativa de um terceiro participante recipiente com um verbo bivalente de movimento direcional:

73. a. ñodoʔiragawa? ka naʔik
 i-n-do-id-aga-wad ka n-aʔik
1.suj-Méd-carregar-2sg-2.dat-D *CL Ind-comer*
 “eu te trago comida”
- b. nodoʔiriwa? ka naʔik
 Ø-n-do-id-i-wad ka n-aʔik
3.suj-Méd-carregar-2sg-1sg.dat-D *CL Ind-comer*
 “traga comida para mim!”

Um participante dativo de 3ª pessoa singular é marcado pelo sufixo */-a/* (~ */-ya/*). Número não singular marca-se pela forma */-lo/* (cf. 1.2.2.5. *Marcação de 3ª pessoa Objeto*)

74. a. ʃoqoʔta “eu gosto dele/ela”
 i-d-qoʔt-a
1.suj-T-gostar-3.obj
- b. ʃoqoʔtalo “eu gosto deles/elas”
 i-d-qoʔt-a-lo
1.suj-T-gostar-3.obj-Pl

Note-se a diferença na marcação dos participantes no verbo agentivo “amar”: o sujeito é codificado como Agente ao passo que o objeto como Paciente, sendo marcado apenas no caso de ser um argumento não singular por meio do sufixo de número Paucal:

75. a. seʔGoren “eu o/a amo”
 s-eʔGoren
 1.suj-amar
- b. seʔGoreneʔ “eu os/as amo”
 s-eʔGoren-ed
 1.suj-amar-Pc
- c. ʃiʔGoren “ele/ela me ama”
 i-d-eʔGoren
 1.P-T-amar

1.2.2.4.2. Marcação Benefativa

A marcação de Beneficiário */-em/* (*/ rom /*) ocorre com verbos de três lugares que envolvem um objeto direto (participante afetado diretamente, Tema) e um objeto indireto (participante recipiente animado e com menor grau de afetação pela ação, Beneficiário). Um verbo que tipicamente codifica um objeto indireto beneficiário é “dar”. Nos exemplos seguintes observa-se a marcação do papel semântico Benefativo, contrastando com a forma verbal não marcada.

76. a. so yale ya:nem noyak aso ʔa:lo
 so yale i-a:n-em n-oyak a-so ʔa:lo
 CL homem 3.suj-dar-B Ind-roupa f-CL mulher
 “o homem deu roupa à mulher”
- b. ya:n noʔGona
 i-a:n n-oʔGon-a
 3.suj-dar Ind-fazer. artesanato-Nmz.f
 “ele/ela dá vasos (vende vasos)”

Nos exemplos seguintes o participante beneficiário de 3ª pessoa é codificado no verbo pelas formas de objeto singular/paucal:

77. a. ya:nema sowa noʔGonal
 i-a:n-em-a so-oa n-oʔGon-a-l
 3.suj-dar-B-3.obj Cl-Pc Ind-fazer. artesanato-Nmz.fem-Pc
 “ela dá-lhe dois vasos de cerâmica”
- b. ya:nemalo so noʔGonaipi
 i-a:n-em-a-lo so n-oʔGon-a-ipi
 3.suj-dar-B-3.obj-Pc CL Ind-fazer. artesanato-Nmz.fem-Pl

“ela dá-lhes (a eles) vários vasos”

Os participantes beneficiários dêiticos são marcados pelos sufixos pronominais de primeira e segunda pessoa dativa. No verbo tipicamente di-transitivo “dar” é possível se observar vestígios do padrão de marcação originário nas línguas Guaicurú, que ainda se mantém em Kadiwéu (Sandaló, op.cit.) e, parcialmente, em Toba (cf. Buckwalter, 1980) ⁵, expresso pela cadeia /-aga-rom/ para a segunda pessoa, e /-ogo-rom/ para a primeira pessoa plural.

78. a. sa:ñiragarom “eu te dou”
 s-a:n-id-aga-rom
 1.suj-dar-2sg-2.dat-B
- b. sa:ñagarom “eu lhes dou (a vocês)”
 s-a:n-i-aga-rom
 1.suj-dar-2pl -2.dat-B
- c. sa:ñiragarom maʔle ana yaçi:ma
 s-a:n-id-aga-rom maʔ-le a-na i-aci:ma
 1.suj-dar-2sg-2.dat-B Part.fut f-CL 1.pos-blusa
 “eu vou te dar a minha blusa”
- d. sa:ñitema naʔle ana yaçi:ma
 s-a:n-id-em-a naʔ-le a-na i-aci:ma
 1.suj-dar-2sg-B-obj Part.pdo f-CL 1.pos-blusa
 “eu te dei a minha blusa”

Comparando os exemplos (78.c) e (78.d) observa-se a co-existência do padrão de marcação oblíqua em alternância com a marcação de tipo pacientivo de um participante de 2ª pessoa.

Quando o beneficiário é a 1ª pessoa, a base verbal apresenta a forma supletiva naña:n, que parece codificar uma distinção dêitica. Em Buckwalter (1995) registra-se a forma <nanan> como referindo-se a movimento para o falante : “se entrega, lo da, lo entrega (hacia el que habla)” (sic, p.84).

⁵ Em Pilagá parece não existir este padrão de marcação (Vidal, c.p.). Também não foi registrado para Toba por Klein (1981). Em Ceria e Sandalo (1995) apenas registra-se marcação de pessoa oblíqua para Kadiwéu.

79. a. naña:nīm
nana:n-i-em
dar-1.dat-B “ele/ela me dá”
- b. naña:nīrim
nana:n-id-i-em
dar-2sg-1.dat-B “você me dá”
80. a. naña:nīrogorom
nana:n-id-ogo-rom
dar-2sg-1pl.dat-B “você nos dá”
- b. naña:nōgorom
nana:n-ii-ogo-rom
dar-2pl-1pl.dat-B “vocês nos dão”
- c. naña:nogorom
nana:n-ogo-rom
dar-1pl.dat-B “ele/ela (eles/elas) nos dão”

Um outro verbo com que foi registrado este padrão de marcação foi “devolver”, derivado de “voltar”:

81. sopilagačiragarom
s-pil-gat-id-aga-rom
1.suj-voltar-Cau-2sg-2.dat-B “eu te devolvo”

Outros verbos de três lugares quando codificam morfologicamente um papel temático Benefativo apresentam concordância pronominal oblíqua ou pacientiva, como nos exemplos seguintes. Observe-se, também, que a omissão da expressão morfológica de Benefativo no verbo apenas permite um sintagma nominal oblíquo marcado por *ke+*.

82. a. ʃaʔčaganema so lapelate?
i-d-aʔcagan-em-a so i-pelad-ed
1.P-T-mostrar-B-3.obj CL 3.pos-sapato-Pc
“ele me mostra os seus sapatos”
- b. saʔčagañitem na ipelate?
s-aʔcagan-id-em na i-pelad-ed
1.suj-mostrar-2sg-B CL 1.pos-sapato-Pc
“eu te mostro os meus sapatos”

- c. yaʔčagañim “ele/ela me mostra”
 i-aʔcagan-i-em
 3.suj-mostrar-1sg dat-B
- d. saʔčagañiragarom “eu te mostro”
 s-aʔcagan-id-aga-rom
 1.suj-mostrar-2sg-2.dat-B
83. a. so noktokiʔ yaʔčagan so nelere kañi naʔqoro
 so nogot-okiʔ i-aʔcagan so n-lere ke-a-ni n-aʔqod-o
 CL menino-Dim.m 3.suj-mostrar CL 3.pos-caderno Obl-f-CL 3.pos-patrão-f
 “o menino mostra o seu caderno para a professora”
- b. imenem ka laʔat ka ʔa:lo
 i-men-em ka l-aʔat a-ka ʔa:lo
 3.suj-vender-B CL 3.pos-carne f.CL mulher
 “ele vende-lhe carne à mulher”

No exemplo (84), a forma especial do verbo admite a ausência da marca de Benefativo e pronominal oblíquo sem modificar o sentido básico.

84. yateʔe nañan ka lame
 i-ateʔe ∅-nana:n ka l-ame
 1.pos-mãe 3.suj-dar.1dat CL 3.pos-presente
 “a minha mãe me deu um presente”

1.2.2.5. Marcação de 3ª pessoa Objeto

Construções com objeto de 3ª pessoa, seja qual for o papel semântico, apresentam marca no verbo por meio do sufixo / -a / . O número Paucal é marcado por / -lo / . Estas marcas ocorrem em verbos que subcategorizam complementos cujos referentes são participantes Paciente ou Dativo. A marcação é optativa se o participante for Paciente.

Exemplos:

85. a. ʔqa: “ele/ela ouve”
 ∅-ʔqa
 3.suj-ouvir
- b. ʔGaya “ele/ela (o/a) ouve”
 ∅-ʔGa-ya
 3.suj-ouvir-3.obj

- c. ʔGayalo “ele/ela (os/as) ouve”
 Ø-ʔGa-ya-lo
 3.suj-ouvir-3.obj-Pc
- d. naʔGayagana “ele o/a escuta”
 Ø-n-ʔGa-yagan-a
 3.suj-Méd-ouvir-Val-3.obj
86. qoroʔyogonalo soaʔmagare
 qa-r-oʔyogon-a-lo so-a-ʔmagare
Imp-T-assobiar.Val-3.obj-Pc *CL-Pc-Pro*
 “...alguém assobiou para eles ...”

Nos exemplos (85, 86), os objetos são participantes Dativos (cf. também o exemplo em 77.a). Já em (87), trata-se de participantes Pacientes:

87. a sišohnaganalo doʔol
 s-sohnagan-a-lo adoʔo-l
1.suj-comprar-3.obj-Pc *chapéu-Pc*
 “compro dois chapéus”
- b. yapowa so šipigripi
 i-apo-a so sipeg-d-ipi
3.suj-fechar-3.obj *CL* *cavalo-Pc-Pl*
 “fecha os cavalos”
- c. yapowalo sawa šipegaʔ
 i-apo-a-lo so-oa sipeg-ad
3.suj-fechar-3.obj-Pc *CL-Pc* *cavalo-Pc*
 “fecha os dois cavalos”

Cf. também os exemplos (78.d) e (82.a).

1.3. Aspecto

Aspecto é uma categoria que diz respeito à constituição temporal interna duma situação, e pode ter expressão ou na morfologia flexional, ou por meio de perífrases. Limitar-me-ei aqui à expressão morfológica do aspecto em Mocovi. Nessa língua existe um conjunto de morfemas verbais cuja função é exprimir distinções aspectuais que podem ser consideradas dentro do aspecto Contínuo (ou Durativo). Comrie (1976) faz uma distinção no Contínuo entre Progressivo, restrito a verbos não estativos, e Não-progressivo. O Contínuo não-progressivo, que denominarei Durativo, por oposição ao Progressivo, expressa estados temporários. A relação existente entre durativo e progressivo baseia-se no sentido de duração envolvido em ambos casos: tanto os estados quanto as ações em progresso fazem referência explícita à estrutura interna de uma situação com duração em um certo período de tempo. Portanto, os estados são contínuos, assim como as situações dinâmicas quando progressivas. Isso pode ser claramente observado nas línguas que se servem da mesma morfologia para expressar estatividade e processo em progresso. Em Mocovi, esta relação tem reflexo na morfologia: as formas que marcam ação em progresso e estados temporários são formalmente semelhantes. Além da marcação dos aspectos Contínuos, a língua apresenta um sufixo aspectual que indica iteração.

1.3.1. Contínuo

O aspecto Contínuo, em Mocovi, apresenta a distinção, expressa morfológicamente, entre Progressivo e Não-progressivo ou Durativo. Como se observa a seguir, as formas do aspecto Contínuo são formalmente semelhantes, porém não idênticas.

1.3.1.1. Durativo

O contínuo durativo usa-se para expressar estados temporários, que envolvem duração não progressiva. Ocorre principalmente com verbos de mudança de estado (Incoativos), estado locativo e de mudança de posição. O morfema durativo apresenta vários alomorfes condicionados pela posição relativa na palavra e pela pessoa. Na seguinte tabela, apresentam-se tais alomorfes.

	1a sg/pl, 2a pl, 3a sg	2a sg, 3a pc ⁶
<i>precedendo outro sufixo</i>	- ta-	- sa-
<i>em posição final absoluta</i>	- ta	- teʔ

Exemplos:

88. a. spaʔatawek “eu estou fora”
s-paʔa-ta-wek
1.suj-estar.locado-Dur-Dir
- b. paʔisawo “você está dentro”
paʔa-i-sa-o
estar.locado-2sg-Dur-Dir
- c. paʔatasigim “ele/ela está em cima”
∅-paʔa-ta-sigim
3.suj-Estar.locado-Dur-Dir
- d. ñača:qatañi “nós estamos em pé”
in-aca:t-g-ta-ni
1.Méd-se parar-Pl-Dur-Dir
- e. nqaʔgañitañi “vocês estão sentados”
n-qaʔgan-i-ta-ni
Méd-se.sentar-2pl-Dur-Dir
- f. nkaʔle:sawek “eles/elas estão vivos”
n-kaʔle-sa-wek
3.suj-vivir-Dur-Dir
89. a. nenantañi “ele/ela está deitado”
∅-n-nan-ta-ni
3.suj-Méd-deitar-Dur-Dir
- b. nawatetagi “ele/ela está fechado”
∅-n-awat-ta-gi
3.suj-fechar-Dur-Loc

⁶ Visto que as marcas pronominais de 2a. sg e 3a. pc, em outros contextos morfológicos, contêm uma coronal / d /, pode-se interpretar que / -sa- / e / - teʔ / são formas condicionadas fonologicamente que expressam aspecto quando a pessoa pronominal contêm / d /. De fato, em / - teʔ / observa-se um componente laríngeo, realização em final absoluto de / d /.

- c. ĵikaʔle:tawek “estou vivo”
 id-kaʔle-ta-wek
1.P-vivir-Dur-Dir

Nos seguintes exemplos, o Durativo é sufixado a palavras que denotam fenômenos atmosféricos, atribuindo um sentido de duração.

90. a. yala:čigit “trovão”
 b. yala:tetagit “está trovoando”
 yala:t-ta-git
91. a. yaġat “chuva, chove”
 b. yaġatetañi “está chovendo”
 yaġat-ta-ni

Cf. também a co-ocorrência destas formas com o Iterativo.

A seguir apresentam-se exemplos do sufixo durativo em final absoluto. Note-se que as raízes verbais são, na maioria dos casos, semanticamente não ativas, derivando estados resultativos.

92. a. spaʔateta “estou leve”
 s-paʔat-ta
1.suj-ser.leve-Dur
- b. paʔaciteʔ “você está leve”
 paʔat-i-ted
ser.leve-2sg-Dur
- c. paʔateta “ele/ela está leve”
 Ø-paʔat-ta
3.suj-ser.leve-Dur
- d. saʔʎaqata “nós estamos fracos, moles”
 s-aʔli-G-ta
1.suj-ser.fraco-Pl-Dur
- e. paʔačita “vocês estão leves”
 paʔat-i-ta
ser.leve-2pl-Dur

- f. paʔateteʔ “eles/elas estão leves”
 Ø-paʔat-ted
3.suj-ser.leve-Dur

A seguir registram-se exemplos do Durativo com verbos incoativos ou espontâneos:

93. a. rašiwiita “está seco”
 Ø-r-asiwi-ta
3.suj-T-se.secar-Dur
- b. segteta “está roto”
 seget-ta
se.romper-Dur
- c. itereta “está podre”
 ited-ta
apodrescer-Dur
94. a. ji wagayaq ipe:ta “a água está fria”
 ji wagayaG ipe-ta
 CL água se.esfriar-Dur
- b. ji norek ʔometa “o fogo está apagado”
 ji norek ʔom-ta
 CL fogo se.apagar-Dur

Com certos verbos que são ativos do ponto de vista da marcação pronominal, estas formas são usadas para expressar um sentido de duração da ação, como nos seguintes exemplos:

95. a. yoʔGonta “ele/ela está nadando”
 i-oʔGon-ta
3.suj-nadar-Dur
- b. ʔGoñiteʔ “você está nadando”
 oʔGon-i-ted
nadar-2sg-Dur
- c. selaqata “estou dormindo”
 s-laG-ta
1.suj-dormir-Dur
- d. laqateʔ “eles estão dormindo”
 Ø-laG-ted
3.suj-dormir-Dur

96. ñiʔgateta loq “estou trazendo comida”
 in-ʔgat-ta loq
 1.Méd-trazer-Dur *3.pos-comida*

1.3.1.2. Progressivo

O aspecto Progressivo combina os sentidos de contínuo e não-estativo, expressando portanto uma ação em progresso. Os sufixos de progressivo ocorrem tipicamente com verbos semanticamente ativos e, como pode ser observado na tabela seguinte, apresentam semelhanças com as formas de Durativo.

	<i>1a sg/pl, 2a pl, 3a sg</i>	<i>2a sg</i>	<i>3a pc</i>	
<i>em posição final absoluta</i>	- tak	- sak	- sak	- taʔpe
<i>precedendo sufixo com coronal</i>	- teg-	- seg-	- teg-	
<i>precedendo sufixos objeto, direcionais-locativos</i>	- tapeg- ⁷	- sapeg-	- sapeg-	

Exemplos:

97. a. saseragantak “estou fumando”
 s-ased-gan-tak
 1.suj-fumar-Val-Prog
- b. kiyoisak “você está lavando”
 kiyo-i-sak
 lavar-2sg-Prog
- c. roʔotak “ele/ela está zangando-se”
 r-ʔo-tak
 3.suj-se.zangar-Prog

⁷ Klein (1981) menciona a existência em Toba de um sufixo / **pe** / que expressa movimento circular, sentido que se estende para a semântica de ações em progresso. Em Mocovi apenas tenho registrado um formativo independente semelhante no seguinte caso:

(i) **šikpege** “eu vou, estou indo para um lugar”

s-ik-pe-ge

1.suj-ir-Asp?-Or

Em Kadiwéu, o morfema cognato / - **bige** - / é analisado por Sandalo (1995) como um enclítico “intensivo”

- d. noyantak “ele/ela está chorando”
 Ø-n-oyan-tak
3.suj-Méd-chorar-Prog
- e. saqataGanqatak “nós estamos colhendo”
 s-qat-Gan-G-tak
1.suj-tirar-Val-Pl-Prog
- f. niya:magacitak “vocês (o/a) estão fervendo”
 n-ya:m-gat-i-tak
Méd-ferver-Cau-2pl-Prog

Há duas formas de aspecto Progressivo que envolvem participantes de terceira pessoa paucal. A forma / - sak / expressa agente de 3a pessoa paucal.

Exemplos:

98. a. ya?Gatesak “eles/elas estão falando (de algo) “
 i-a?Gat-sak
3.suj-falar.de-Prog.3pc
- b. yo?we:tesak “eles/elas (o) estão fazendo”
 i-?we:t-sak
3.suj-fazer-Prog.3pc
- c. noyensak “eles/elas estão chorando”
 Ø-n-oyen-sak
3.suj-Méd-chorar-Prog.3pc

A forma / -ta?pe / codifica pessoa e aspecto indicando ações em progresso em que estão envolvidos participantes de terceira pessoa sujeito (ex. 99) ou objeto (ex. 100).

99. a. ra?de:nataGanta?pe “eles/elas estão pensando”
 Ø-r-a?de:n-taGan-ta?pe
3.suj-T-saber-Val-Prog.3pc
- b. raqataGanta?pe “eles/elas estão colhendo”
 Ø-r-aqat-Gan-ta?pe
3.suj-T-tirar-Val-Prog.3pc

- c. jotawantaʔpe
id-otawan-taʔpe
1.P-ajudar-Prog.3pc “eles/elas estão me ajudando”
- 100.a. yotawantaʔpe
i-otawan-taʔpe
3.suj-ajudar-Prog.3pc “ele/ela os está ajudando”
- b. noyentaʔpe
∅-n-oyen-taʔpe
3.suj-Méd-chorar-Prog.3pc “eles/elas estão chorando, gritando”
- c. soʔwe:nqataʔpe
s-ʔwe:n-G-taʔpe
1.sj-cantar-Pl-Prog.3pc “nós os estamos cantando”

Note-se a possibilidade de uso de ambas marcas para expressar aspecto e pessoa sujeito com a mesma raiz verbal nos exemplos (98.c) e (100.b). Em (99.c) e (100.a) observa-se a interpretação como sujeito ou objeto dependendo da marcação pronominal que o verbo apresenta.

Quando seguido por sufixos que contêm uma coronal, o Progressivo apresenta uma mudança na vogal, que se realiza também como coronal / e /

- 101.a. rawakiteglek
∅-r-awaki-tak-lek
3.suj-T-fazer.barulho-Prog-Loc “ele está fazendo barulho”
- b. woisegeriʔ
wo-i-sak-riʔ
andar-2sg-Prog-Iter “você anda passeando”
- c. yowosegeriʔ
i-wo-sak-riʔ
3.suj-andar-Prog-Iter “eles andam passeando”
- d. yireteglek
i-er-tak-lek
3.suj-escrever-Prog-Loc “ele está escrevendo”

- e. ñowaganqatekta? “nós estamos brigando (um com outro)”
 in-wagan-G-tak-ta?
1. Méd-bater-Pl-Prog-Rec
102. aso ?a:ʎipi retaqatekta?
 a-so ?a:lo-ipi Ør-etaqa-tak-ta?
f-CL mulher-Pl 3.suj-falar-Prog-Rec
 “as mulheres estão falando (umas com as outras)”

Como pode ser observado nos exemplos a seguir, quando o Progressivo precede um sufixo começado por vogal ou que contém uma consoante não coronal, a forma utilizada é / - tapeg - / ou / - sapeg - /.

103. saʔde:ntapega ka yaqaya
 s-aʔde:n-tapeg-a ka i-qaya
1.suj-saber-Prog-3.obj CL 1.pos-irmão
 “estou pensando no meu irmão”
104. aso ?a:lo røʔotapega so ʎa:lek
 a-so ?a:lo Ør-ʔo-tapeg-a so l-ya:lek
f-CL mulher 3.suj-T-se.zangar-Prog-3.obj CL 3.pos-filho.m
 “a mulher está se zangando com o seu filho”
105. inogontapegek kiñi koletibo ⁸
 i-nogon-tapeg-wek ke-ni koletibo
3.suj-sair-Prog-Dir Obl-CL ónibus
 “ele está saindo do ônibus”
106. aso ?a:ʎipi retaqatapigi añi pagaginagaki
 a-so ?a:lo-ipi ø-r-etaqa-tapeg-gi a-ni apagagin-aca-ki
f-CL mulher-Pl 3.suj-T-falar-Prog-Loc f-CL ensinar-Nmz-Cl
 “as mulheres estão falando da escola”
107. ?Gaisapega na nonot
 ?Ga-i-sapeg-a na nonot
ouvir-2sg-Prog-3.obj CL vento
 “você está escutando o vento”

⁸ Do espanhol “colectivo”.

Observe-se nos exemplos seguintes a complementariedade no uso das formas de aspecto (cf. também os exemplos 98.c. e 104.):

- 108.a. soyagantak “estou chamando”
 s-oyagan-tak
1.suj-chamar-Prog
- b. soyagantapegalo “os estou chamando”
 s-oyagan-tapeg-a-lo
1.suj-chamar-Prog-3.obj-Pc

1.3.2. Iterativo

O aspecto Iterativo é marcado pelo sufixo *l - ri? l*, que co-ocorre com uma marca aspectual de Contínuo. O sentido iterativo (ou repetitivo) nem sempre é transparente, mas em todos os casos atribui um conteúdo semântico de atividade em processo.

Exemplos:

- 109.a. pitetari? “ele/ela está sorrindo”
 Ø-pit-ta-ri?
3.suj-sorrir-Dur-Iter
- b. ja?logontari? “estou suspeitando”
 id-a?logon-ta-ri?
1.P-suspeitar-Dur-Iter

Nos exemplos seguintes são contrastadas formas progressivas e iterativas:

- 110.a. ro?otak “ele/ela está se zangando”
 Ø-r-?o-tak
3.suj-T-se.zangar-Prog
- b. ro?otari? “ele/ela está zangado, nervoso”
 -r-?o-ta-ri?
3.suj-T-se.zangar-Dur-Iter

- 111.a. sowotak “estou passeando”
 s-wo-tak
l.suj-passear-Prog
- b. sowotegeri? “ando passeando”
 s-wo-tak-ri?
l.suj-passear-Prog-Iter

No exemplo seguinte, em (b) o conteúdo semântico é claramente de repetição: segundo o falante que forneceu o dado, “se me corta el canto” (sic):

- 112.a. soʔwenagantak “estou cantando”
 s-ʔwen-gan-tak
l.suj-cantar-Val-Prog
- b. soʔwenagantari? “canto repetidas vezes”
 s-ʔwen-gan-ta-ri?
l.suj-cantar-Val-Dur-Iter

1.4. Morfologia Derivacional

1.4.1. Sufixos de Valência

Em Mocovi, a valência verbal pode ser modificada pela presença do prefixo de diátese Média (cf. 1.4.2.) e por um conjunto de sufixos derivacionais. Valência é um conceito semântico que se refere aos participantes da ação verbal relevantes sintaticamente, os que são especificados lexicalmente para cada verbo. É pertinente fazer a distinção entre os participantes semânticos e os argumentos gramaticais. Os primeiros são os argumentos presentes na estrutura léxico-conceitual, que carregam os papéis semânticos da predicação, ao passo que os segundos são os argumentos sintaticamente expressos, que cumprem as funções gramaticais de sujeito, objeto direto, objeto indireto, etc. Em Mocovi, nem sempre os participantes semânticos ocorrem na sintaxe; eles podem ser codificados apenas na morfologia verbal flexiva ou derivativa, característica esta das línguas de marcação no núcleo. Portanto, é especialmente pertinente aqui fazer a distinção entre valência e transitividade: entendo *valência* como a relação do predador

com os participantes semânticos, e *transitividade* como a relação do predicador com os argumentos sintáticos (cf. Thomason et alii., 1994)

1.4.1.1. Causativos

Um dos recursos das línguas para o aumento da valência verbal é a **causativização**. A diátese causativa envolve a introdução de um novo participante que pode ter uma interpretação agentiva ou instrumental (Bybee, 1985:19). Em Mocovi, a identidade formal entre o morfema causativizador e o nominalizador instrumental expressa tal ambigüidade (cf. 1.2.1.4. *Nominalizador instrumental*)

Nos exemplos seguintes observa-se a derivação de construções causativas pelo morfema { gat }.⁹ As bases verbais são monovalentes, ou seja semanticamente possuem apenas um participante, e o sufixo adiciona um novo participante, o “causador”, que pode ser expresso como agentivo ou como médio; o argumento original da raiz, agora o “causado”, passa a ser codificado como paciente, podendo ter um referente inanimado. Tais propriedades são mencionadas como características da chamada “causação manipulativa” (Shibatani, 1975)

- | | | | | | |
|-------|--------------------------|---------------------|-----------------------------|-----------|---------------------|
| 113.a | ɟipiʔgilogol | | | | “eu me molho” |
| | i-d-piʔgilogol | | | | |
| | <i>1.P-T-se.molhar</i> | | | | |
| b | ka | ʔa:lo | piʔgilogolagat | na | noyak |
| | ka | ʔa:lo | ∅-piʔgilogol-gat | na | n-oyak |
| | <i>CL</i> | <i>mulher</i> | <i>3.suj-se.molhar-Cau</i> | <i>CL</i> | <i>Ind-pertence</i> |
| | “a mulher molha a roupa” | | | | |
| c. | ɟipiʔgilogolagat | | | | “ele/ela me molha” |
| | id-piʔgilogol-gat | | | | |
| | <i>1.P-se.molhar-Cau</i> | | | | |
| 114.a | na | noyak | napyoʔ | | |
| | na | n-oyak | ∅-n-apioʔ | | |
| | <i>CL</i> | <i>Ind-pertence</i> | <i>3.suj-Méd-Estar.sujo</i> | | |

⁹ No Capítulo III:3.1.3.2.1. apresentam-se exemplos de construções causativas analíticas.

“a roupa está suja”

- b. da nogtoki? napyo?GOT lašik
 da nogot-okí? ø-n-apio?-gat l-asik
CL jovem-Dim.m 3.suj-Méd-Estar.sujo-Cau 3.pos-rosto
 “o menino sujou o seu rosto”

- 115.a na?la:ñi “ele se perde”
 ø-n-a?la-ni
3.suj-Méd-se.perder-Dir?

- b. se na?aqčirañi na qadami?
 se n-a?la-gat-id-ani na qad-am-id
Neg Méd-se.perder-Cau-2sg-Dir CL 2.pos-dinheiro-2sg
 “não percas o teu dinheiro”

- 116.a ĵapo?ta “estou magro”
 id-apo?-ta
1.P-ser.magro-Asp

- b. ñapo?GOT “eu emagreci”
 in-apo?-gat
1. Méd-ser.magro-Cau

- 117.a ñik račipi “a corda corta-se”
 nik r:acipi
corda T-se.cortar

- b. yačipyagat “ele (o/a) corta”
 i-acipi-gat
3.suj-se.cortar-Cau

- 118.a so wagayaq niya:mtak
 so wagayaq n-iam-tak
CL água Méd-ferver-Asp
 “a água está fervendo”

- b. niya:maqtetak so wagayaq
 n-iam-gat-tak so wagayaq
Méd-ferver-Cau-Asp CL água

“ele está fervendo água”

O morfema { gat } ocorre em combinação com { it } na forma fusionada / qačit / que deriva predicados causativos a partir de verbos semanticamente inativos. O causador é codificado como agente, ao passo que o causado, como paciente.

- 119.a ĵiʔlogol “eu tremo”
 id-ʔlogol
1.P-tremer
- b. seʔlogolqačit “eu faço ele tremer”
 s-ʔlogol-gat-it
1.suj-tremer-Cau-Cau
- c. na noʔo:maga iʔlogolqačit da yale
 na n-ʔo:m-aga i-ʔlogol-gat-it da yale
CL Ind-ser.frio-Nmz 3.suj-tremer-Cau-Cau CL homem
 “o frio faz o homem tremer”
- 120.a ñoyan “eu chorei”
 in-oyan
1.Méd-chorar
- b. ĵoyanqačit so yale “o homem me fez chorar”
 id-oyan-gat-it so yale
1.P-chorar-Cau-Cau CL homem
- 121.a yočaq “ele/ela está gordo”
 i-ocag
3.suj-Estar.gordo
- b. yočaqqačit kos “ele engorda o porco”
 i-ocag-gat-it kos
3.suj-Estar.gordo-Cau-Cau porco
- 122.a lalagaq “branco”
 l-alag-ag
3.pos-ser.branco-Nmz

b.	yalakqačit i-alag-gat-it <i>3.suj-ser.branco-Cau-Cau</i>	“ele (o/a) embranquece”
123.a	selaq s-lag <i>1.suj-dormir</i>	“eu durmo”
b.	selaqačit s-lag-gat-it <i>1.suj-dormir-Cau-Cau</i>	“eu (o/a) faço dormir”
c.	ĵilaqačit id-lag-gat-it <i>1.P -dormir-Cau-Cau</i>	“ele/ela me faz dormir”
124.a	roʔo Ø-r-ʔo <i>3.suj-T-se.zangar</i>	“ele/ela se zanga”
b.	qaroʔoqočit qar-ʔo-gat-it <i>1pl.P-se.zangar-Cau-Cau</i>	“ele/ela nos faz nos zangarmos”

1.4.1.2. Factitivo-incoativo

O morfema derivacional { gan } apresenta um conjunto de propriedades semânticas e gramaticais singulares. Nas diferentes aproximações às línguas Guaicuru tem recebido tratamentos distintos. Klein (1981), por exemplo, analisa a forma cognata em Toba como “acusativo factivo” e “aspectual incoativo”¹⁰. Buckwalter (1980) identifica a forma {agan} com causativo. Por sua vez, Censabella (c.p.) a analisa como um “factitivo”. Em Kadiwéu, a forma cognata é interpretada por Sandalo (1995), no marco da semântica de decomposição lexical, como um sufixo de valência que atribui o traço [+become] .

¹⁰ Na realidade a autora interpreta este morfema como a forma / aGa / , assumindo a existência de um morfema de aspecto “puntual” / n / . Em Mocovi, / n / ocorre fechando o tema verbal com certos verbos, mas a sua função parece ser apenas a de marca de categoria Verbo.

Em Mocovi o morfema { gan } ocorre com bases verbais e também nominais. Conforme o tipo de base, deriva temas verbais especificados como causativos factitivos ou como aspectualmente incoativos (mais propriamente, inceptivos).

Os verbos derivados por este sufixo apresentam marcação agentiva de sujeito. Na 3ª. pessoa, ocorre a marca de papel Tema / r - /, o que parece estar explicitando o fato do verbo, embora intransitivo ou de baixa transitividade na sintaxe, envolver um participante pacientivo (ou seja, um argumento interno) na sua semântica argumental. A seguir apresentam-se exemplos de raízes verbais bivalentes nas quais o sufixo deriva verbos intransitivos e com conteúdo aspectual incoativo/inceptivo.

- | | | | | | |
|--------|------------------------|-----------------------------------|--------------|-------------------|-------------------------------|
| 125.a. | salawat | so | kos | | "eu matei o porco" |
| | s-alawat | so | kos | | |
| | <i>1.suj-matar</i> | <i>CL</i> | <i>porco</i> | | |
| b. | salawatagan | | kos | | "vou matar um porco" |
| | s-alawat-gan | | kos | | |
| | <i>1.suj-matar-Val</i> | | <i>porco</i> | | |
| 126.a. | saʔmen | na | ʔi:mek | lai | |
| | s-aʔmen | na | ʔi:mek | l-ai | |
| | <i>1.suj-pintar</i> | <i>CL</i> | <i>casa</i> | <i>3.pos-lado</i> | |
| | | | | | "pinto a parede da casa" |
| b. | saʔmenagan | | | | "vou pintar, pretendo pintar" |
| | s-aʔmen-gan | | | | |
| | <i>1.suj-pintar</i> | | | | |
| 127.a | saseʔ | raseraganagakiʔ | | | "eu fumo teu cigarro" |
| | s-ased | r-ased-gan-aga-ki-id | | | |
| | <i>1.suj-fumar</i> | <i>2.pos-fumar-Val-Nmz-Cl-2sg</i> | | | |
| b. | naʔle | saseragan | | | "antes eu fumava" |
| | naʔle | s-ased-gan | | | |
| | <i>Adv.tpo</i> | <i>1.suj-fumar-Val</i> | | | |

- 128.a so yale yoka:ntak aso ?a:lo
 so yale i-okan-tak a-so ?a:lo
 CL homem 3.suj-perseguir-Asp f-CL mulher
 “o homem está perseguindo a mulher”
- b. rokanagan aso ?a:lo
 Ø-r-okan-gan a-so ?a:lo
 3.suj-T-perseguir-Val f-CL mulher
 “a mulher (o/a) persegue”
- 129.a yo?wen da no?wenek “ele canta uma canção”
 i-?wen da n-?wen-ek
 3.suj-cantar CL Ind-cantar-Nmz
- b. ro?wenagantak ñi qo?olkoki?
 Ø-r-?wen-gan-tak ni qo?o-lek-oki?
 3.suj-T-cantar-Val-Asp CL pássaro-Cl.m-Dim.m
 “os passarinho está cantando”

Nos exemplos (a) as raízes verbais ocorrem em construções transitivas com sintagmas nominais retos. Já em (b), o tema derivado é intransitivo, ou de baixa transitividade (cf. ex. 125.a. em que o SN tem interpretação indefinida)¹¹. A função detransitivizadora deste sufixo lembra os casos de construções antipassivas nas línguas ergativas: conforme Givon (1985:417), a antipassiva tem o efeito de demover o objeto direto ficando assim a construção intransitiva.

Na glosa dos exemplos seguintes observa-se claramente o sentido aspectual incoativo/inceptivo dos verbos derivados por / Gan /

130. ka? rewanagano? ka nawanaganaga
 ka? Ø-r-wana-gan-o? ka nawanaganaga
 Part 3.suj-T-ver-Val-Nar CL girafa
 “... então a girafa começou olhar ...”

¹¹ Conforme Hopper e Thompson (1985), um dos parâmetros envolvidos na gradação de transitividade é a definitude: objetos mais definidos fazem a construção com maior transitividade, ao passo que objetos indefinidos reduzem a transitividade da sentença.

131. iyagogi na peget lodegagat ka? kiyogon
 i-yag-gi na peget lodegagat ka? Ø-kiyog-an
3.suj-encher-Loc *CL* *prato* *grande.m* *Part* *3.suj-lavar-Val*
 “enche a bacia e então começa lavar”

Em (132) observa-se a complementariedade entre o morfema de valência, com função detransitivizadora, e os morfemas locativos que subcategorizam complementos e direcionais com temas transitivos. A detransitivização do verbo evidencia-se na agramaticalidade da ocorrência de SNs complemento:

- 132.a yireteglek aji lere
 i-er-tak-lek a-ji lere
3.suj-escrever-Asp-Loc *f-CL* *caderno*
 “ele está escrevendo no caderno”
- b. deragan kaaji lere
 ø-d-er-gan ke-a-ji lere
3.suj-T-escrever-Val *Obl-f-CL* *caderno*
 “ele escreve no caderno”
- c. * deragan aji lere
- d. yiretegni lqa:taganagayk
 i-er-tak-ni l-qa:t-gan-agaik
3.suj-escrever-Asp-Dir *3.pos-contar-Val-Nmz.atr*
 “ele está escrevendo um conto”
- e. * deragan lqa:taganagayk

Com certos verbos bivalentes ocorre a forma / - atagan /, cujo condicionamento e função específica não estão claros. Exemplos:

- 133.a. so?we:t “eu faço”
 s-?we:t
1.suj-fazer
- b. so?we:natagan “eu trabalho”
 s-?we:n-atagan
1.suj-fazer-Val

- 134.a yaʔde:n “ele sabe”
i-aʔde:n
3.suj-saber
- b. raʔde:natagan “ele pensa”
r-aʔde:n-atagan
3.suj-saber-Val
- 135.a. yapagagin leraganagayk so nogtoki?
i-apagagin l-er-gan-aga-ik so nogot-oki?
3.suj-ensinar 3 pos-escrever-Val-Nmz-Atr.m CL jovem-Dim.m
“ele (lhe) ensina a escrever ao menino”
- b. rapagaginatagan neraganagayk so nogtoki?
ø-r-apagagin-atagan n-er-gan-aga-ik so nogot-oki?
3.suj-T-ensinar-Val Ind-escrever-Val-Nmz-Atr.m CL jovem-Dim.m
“o menino ensina a escrever”

Até aqui, os exemplos atestam a função detransitivizadora do sufixo quando afixado a bases bivalentes. Contudo, bases verbais monovalentes do tipo incoativo, que envolvem um sujeito logicamente afetado e codificam tal propriedade pela presença do prefixo de Tema na 3ª pessoa, quando sufixam / Gan / apresentam características de construção causativa: marcação agentiva do sujeito, acréscimo de um participante, construção sintática transitiva e semântica causativa.

Exemplos:

- 136.a reda na lasote
ø-r-eda na l-asote
3.suj-T-se.mexer CL 3.pos-galho
“o galho move-se”
- b. yidagan na lasote
i-eda-gan na l-asote
3.suj-se.mexer-Val CL 3.pos-galho
“ele move o galho”
- 137.a roqopi “fere-se”
ø-r-qopi
3.suj-T-se.ferir

- b. roqopinagan "ele o faz ferir"
 Ø-r-qopi-n-gan
3.suj-T-se ferir-??-Val
- 138.a resaʎi so nogtoki?
 ø-r-sali so nogot-oki?
3.suj-T-ser.pesado CL jovem-Dim.m
 "o menino é pesado"
- b. isaʎagano? ka ʎa:lek
 i-sali-gan-o? ka l-ya:lek
3.suj-ser.pesado-Val-Nar CL 3.pos-filho.m
 "... o seu filho lhe era pesado ..."
- 139.a riʂiki na yaqaik "a minha cabeça coça"
 r-siki na i-qaik
T-coçar CL 1.pos-cabeça
- b. iʂikyagan "ele faz cócegas (em alguém)"
 i-siki-gan
3.suj-coçar-Val
- Também verbos médios adquirem semântica causativa pelo acréscimo deste sufixo. Nos exemplos seguintes, o agente é codificado pelas formas pronominais médias. O causado expressa-se por meio da marcação pacientiva:
- 140.a ñi?tagan "eu faço beber"
 in-e?t-gan
1. Méd-beber-Val
- b. qaǰi?tagañigi "me fazem bebé-lo"
 qa-id-e?t-gan-gi
Imp-1sg.P-beber-Val-Loc
141. pyoq kote:ta ma? qanačilagan
 piog kot-ta ma? qa-n-acil-gan
cachorro limpo-Asp Part Imp-Méd-tomar.banho-Val
 "o cachorro está limpo porque o banharam (fizeram ele tomar banho)"

- 142.a ñinanñi “eu deito”
 in-nan-ni
 1.Méd-deitar -Dir
- b. aso ʔa:lo ʃinanaganñi “a mulher me faz deitar”
 a-so ʔa:lo id-nan-gan-ni
 f-CL mulher 1sg.P-deitar-Val-Dir

Outros exemplos de verbos derivados por / gan / nos quais o sufixo atribui sentido causativo a raízes verbais ativas intransitivas apresentam-se a seguir:

- 143.a nogtokiʔ ʌipetak “o menino está mamando”
 nogot-okiʔ ø-lip-tak
 jovem-Dim.m 3.suj-mamar-Asp
- b. ka nateʔe iʌipagan ka ʌa:lek
 ka n-ateʔe i-lip-gan ka l-ya:lek
 CL Ind-mãe 3.suj-mamar-Val CL 3.pos-filho.m
 “a mãe lhe dá de mamar ao seu filho”
- 144.a skeʔe maʔle “eu vou comer depois”
 s-keʔe maʔle
 1.suj-comer Adv.tpo
- b. skiʔyagañiʔ “eu te dou de comer”
 s-keʔe-yagan-id
 1.suj-comer-Val-2sg
- c. añi ʔa:lo kiʔyagan ñi ʌa:lek
 ani ʔa:lo ø-keʔe-yagan ni l-ya:lek
 f-CL mulher 3.suj-comer-Val CL 3.pos-filho.m
 “a mulher dá de comer ao seu filho”

Com bases nominais, que também são monovalentes, deriva verbos que envolvem a idéia de “fazer ser X”:

145. a niʔya “poço”
 b. riʔyagan “ele/ela cava (faz poço)”
 ø-r-iʔa-gan
 3.suj-T-poço-Val
- 146.a lame “o seu presente”
 b. ramyagan “ele/ela presenteia (faz presente)”
 ø-r-ame-yagan
 3.suj-T-presente-Val

Finalmente, apresento a seguir exemplos em que o sufixo pode ocorrer recursivamente, derivando temas causativos a partir de bases detransitivizadas pela primeira derivação:

- 147.a. ʃalawataganagan “ele/ela me faz matar” (cf.ex. 125)
 id-alawat-gan-gan
 1.P-matar-Val-Val
- b. yoʔwe:nataganagan “ele/ela o emprega, o faz trabalhar”
 i-ʔwe:natagan-gan
 3.suj-trabalhar-Val

Resumindo o exposto:

- 1) O sufixo derivacional / **-Gan** / modifica a valência da raiz.
- 2) Com raízes monovalentes (verbais ou nominais) deriva temas bivalentes com semântica causativa.
- 3) Com raízes bivalentes, deriva temas intransitivos (ou de baixa transitividade) semanticamente inceptivos.

Os fatos analisados apontam para a necessidade de um estudo dos fenômenos de valência interagindo com as propriedades temáticas e aspectuais dos predicadores,¹² por enquanto fora dos alcances deste trabalho.

¹² Por exemplo, nas aproximações de autores como Jackendoff, Dowty, Franchi, Grimshaw, etc.

1.4.2. Diátese Média, Reflexivo e Recíproco

A diátese Média é uma categoria semântica verbal que envolve um participante ativo afetado pela ação. No estudo tipológico da voz Média desenvolvido por Klaiman (1988), faz-se uma distinção entre os estatutos conceituais de “controlador” e “entidade afetada” e os papéis semânticos Agente (Actor) e Paciente (Undergoer). Os primeiros são expressos por meio da voz verbal e pertencem às situações denotadas pelo verbo, ao passo que as relações temáticas são papéis de caso subjacente e fazem parte das propriedades dos verbos individuais. O estatuto de “afetado” diz respeito, não a relações gramaticais ou temáticas, mas a um estatuto conceitual que pode ser atribuído a argumentos que carregam papéis temáticos Agente ou Paciente: é o participante percebido como mais afetado pela ação, não apenas por sofrer a ação mas também, em certos sistemas, por executar certas ações. Para a autora, a diátese seria um mecanismo de codificação do conceito de “controle” por meio de alternâncias formais na morfologia verbal.

Retomando essa proposta, Kemmer (1993) define a semântica Média codificada na morfologia verbal como a expressão de situações/eventos que contêm um participante Agente também Afetado. As situações Médias caracterizam-se por um baixo grau de distinção dos participantes e eventos, propriedade que permite dar conta do fato de se utilizarem freqüentemente recursos gramaticais similares para a expressão de Reflexivos, Recíprocos, Passivos e Médios (como é o caso típico do Grego Clássico). Em todas essas funções, há um sujeito atingido de algum modo pela ação expressa pelo predicador. Se nas formas Passivas a afetação é total pela ação de um agente não especificado, nas outras formas existe uma confluência no mesmo participante de propriedades tanto de Agente quanto de Paciente (Afetado). Na hipótese de Kemmer o parâmetro do grau de distintividade dos participantes e dos eventos permite dar conta da diferença existente entre eventos Reflexivos/Recíprocos e Médios. Os primeiros envolvem dois participantes co-referentes: nos Reflexivos o sujeito age sobre si próprio, ao passo que nos Recíprocos é afetado pelo objeto sobre quem está agindo. Pelo contrário, nos eventos Médios há identidade semântica entre agente e afetado: o participante ativo é , por sua vez, afetado semanticamente pela ação.

No item seguinte, apresentam-se evidências que sustentam a existência, no Mocovi, de uma categoria semântica de diátese Média, codificada na morfologia verbal no prefixo verbal /n-/. Formas cognatas nas outras línguas Guaicuru têm recebido diferentes interpretações. Assim, para Toba, Buckwalter (1980), Klein (1981), Bigot (1994), interpretam tal marca como um amálgama de pessoa e direção da ação (“ação que se aproxima do falante ou na que o ator participa”, “movimento ad-corpóreo”, “orientação centrípeta em relação ao sujeito agente”, respectivamente). Sandalo (1995) postula, para o Kadiwéu, dois afixos isomórficos /n-/ “reflexivo” e “hither” (sic) que ocorrem ambos na posição imediatamente anterior à raiz verbal. Em Ceria e Sandalo (1995) essa marca é interpretada, para as línguas da família, como um direcional (“hither”).

No entanto, uma aproximação aos fatos do Toba com base no conceito de “voz média” é defendida por Censabella (1993, 1997), que conclui pela existência de um parâmetro semântico de afetação do agente expresso por formas amalgamadas de pessoa e voz. Os dados de Mocovi apóiam tal interpretação mostrando, numa linha de argumentação parcialmente similar, que nesta língua Guaicuru as formas verbais marcadas por /n-/ dizem respeito à existência de uma categoria semântica Média. Além disso, o reconhecimento dessa categoria apóia a minha interpretação da marcação pronominal como gramaticalização dos papéis semânticos e a qualidade de língua com um sistema Ativo de marcação das relações gramaticais baseado no parâmetro da Afetação.

1.4.2.1. Diátese Média

Em Mocovi, a diátese Média, marcada pela presença de /n-/, relaciona-se com os campos semânticos apontados por Kemmer como relevantes para a compreensão dessa categoria, como se mostra a seguir.

(a) Arrumação do corpo

São ações tipicamente efetivadas pelo participante sobre si próprio.

- | | | |
|--------|------------------------|-------------------|
| 148.a. | nikiyo | “ele/ela se lava” |
| | Ø-n-kiyo | |
| | <i>3.suj-Méd-lavar</i> | |

- b. ñāčil “eu tomo banho”
i-n-acil
1.suj-Méd-tomar banho
- c. netagiñi “ele/ela se penteia”
Ø-n-tag-ni
3.suj-Méd-pentear-Dir

A maioria desses verbos admitem também formas ativas que envolvem dois participantes.

Exemplos:

- 149.a. kiyo na peget “ele lava o prato”
Ø-kiyo na peget
3.suj-lavar CL prato
- b. setagiñi ñi ya:lek “eu penteio o meu filho”
s-tag-ni ni i-ya:lek
1.suj-pentear-Dir CL 1.pos-filho
- c. setakiriñi “eu penteio você”
s-tag-id-ni
1.suj-pentear-2sg-Dir

(b) Mudança na postura do corpo

São ações que se referem a uma mudança da posição do corpo em relação a um ponto fixo:

- 150.a. nqa?Ganñi “ele/ela se senta”
Ø-n-qa?Gan-ni
3.suj-Méd-sentar-Dir
- b. nenanñi “ele/ela se deita”
Ø-n-nan-ni
3.suj-Méd-deitar-Dir
- c. nača:tetañi “ele/ela está em pé”
Ø-n-aca:t-ta-ni
3.suj-Méd-parar-Asp-Dir

(c) Ações em próprio benefício

Também chamadas de “média indireta”, são ações que o agente realiza normalmente no seu próprio benefício.

151. naʕit “ele/ela brinca”
 Ø-n-alit
 3.suj-Méd-brincar

Nos seguintes exemplos observa-se uma oposição semântica determinada pelo uso de marcação média vs. agentiva. No primeiro caso, a ação envolve benefício do agente ao passo que na segunda é orientada para um outro participante.

- 152.a. napaɡagin “ele/ela aprende”
 Ø-n-apaɡagin
 3.suj-Méd-transmitir conhecimento
- b. yapaɡagin “ele/ela (lhe) ensina”
 i-apaɡagin
 1.suj-transmitir conhecimento

O verbo de ingestão “beber” também é codificado como Médio:

153. neʔet “ele/ela bebe”
 Ø-n-ʔet
 3.S-Méd-beber

Os seguintes exemplos evidenciam o estatuto semântico, não gramatical, da marca Média já que os verbos médios podem ocorrer em orações transitivas. Daí se segue que */n-/* não é um recurso de detransitivização, mas basicamente uma categoria semântica:

- 154.a. ñapaɡagin moqoyt laqa:tqa
 i-n-apaɡagin moqoit l-qa:t-qa
 1.suj-Méd-transmitir mocovi 3 pos-contar-Nmz.Pc
 conhecimento
 “eu aprendo o idioma mocovi”

- b. ñiʔet máte čim
 i-n-ʔet mate cim
 1.suj-Méd-beber *chimarrão* *amargo*
 “eu bebo chimarrão amargo”

(d) Eventos espontâneos

A marca Média usa-se também em situações que envolvem mudança de estado, mas sem codificação de um agente volicional. Dizem respeito a processos fisiológicos não controlados pela vontade, assim como a mudanças físico-químicas ou na forma, cor, tamanho, etc.

155. a. naʔa “ela menstrua”
 Ø-n-ʔa
 3.suj-Méd-menstruar
- b. nelowek “ele/ela acorda”
 Ø-n-elo-wek
 3.suj-Méd-acordar-Dir
- c. nqoʔgon “ele/ela urina”
 Ø-n-qoʔgon
 3.suj-Méd-urinar
- d. nenovoñi “ele/ela sua”
 Ø-n-noq-ni
 3.suj-Méd-suar-Dir
156. a. skeʔe kiʃim ñoqoñišigim ¹⁴
 s-keʔe kijim i-n-qon-sigim
 1.suj-comer *Part* *1.suj-Méd-agrandar-Dir*
 “eu como para crescer”

14 O verbo “crescer” também foi registrado, apenas na primeira pessoa, com marcação Inativa:

- (i) joqonetasigim “eu estou crescendo”
 id-qon-ta-sigim
 1.P-T-aumentar-Asp-Dir

Essa alternância na marcação evidencia a relevância do parâmetro semântico de Volição: se tal parâmetro envolve subjetividade, sendo perceptível apenas para quem é atingido pela ação (cf. Klaiman, op.cit.), à diferença do Controle, que é objetivamente observável, é consistente que apenas o falante possa determinar em si próprio tal distinção.

- b. neʔqa:ni noktoki?
 Ø-n-eʔqa-ni nogot-oki?
 3.suj-Méd-nascer-Dir jovem-Dim.m
 “nasce um menino”
- c. loʔgiʔi ničiga?
 loʔgili n-cigad
 abóbora 3.suj-Méd-apodrescer
 “a abóbora apodresce”
- d. so wagaqaq niya:mtak
 so wagaqag n-ya:m-tak
 CL água 3.suj-Méd-ferver-Asp
 “a água está fervendo”
- e. nadalawek na noʔwe:naga
 n-adala-wek na noʔwe:naga
 3.suj-Méd-verde-Dir CL campo
 “o campo verdeja”
- f. noʔo:mtaṅi “está esfriando (o clima)”
 n-ʔo:m-ta-ni
 3.suj-Méd-frio-Asp-Dir

Um verbo codificado como Médio, portanto concebido como espontâneo (não volicional), é “perder-se”:

157. nala:ni “ele/ela perde-se”
 Ø-n-ala-ni
 3.suj-Méd-se perder-Dir?

A forma Média permite derivar verbos de estrutura temática diferente do verbo base em que o agente não é expresso e o sujeito corresponde ao objeto lógico. Assim, sendo que em Mocovi não existe voz passiva, enunciados em que o agente é desfocalizado¹⁵ (Medio-Passivas) são concebidos como espontâneos:

158. a. napogi lasom
 Ø-n-apo-gi lasom
 3.suj-Méd-fechar-Loc 3.pos-porta
 “a porta fecha-se”

15 Outros recursos para a desfocalização do agente em Mocovi são o uso de nominalizações resultativas e a presença da marca de Impessoal (agente desconhecido) /qa-/ (cf. *Capítulo III*)

- b. napotagi lasom
 Ø-n-*apo-ta-gi* l-*asom*
 3.suj-Méd-fechar-Asp-Loc *3.pos-porta*
 “a porta está fechada”

(e) Domínio mental

Verbos que denotam eventos mentais, em que o participante sujeito é um experienciador afetado pela ação, podem nas línguas apresentar marcação Média. Estes verbos envolvem ações relacionadas com os campos semânticos da cognição, emoção e percepção. Em Mocovi, alguns desses verbos codificam um participante totalmente afetado através das formas Inativas. Há ainda outros em que o participante é codificado como agentivo. Kemmer (op.cit.) menciona que, especialmente nesse tipo de verbos, há grande variação nas línguas no que diz respeito à marcação Média, segundo a ênfase colocada na maior ou menor afetação do experienciador. Nos exemplos (159) e (160) observa-se essa variação:

159. a. saʔden yiraganagak
 s-aʔden i-er-gan-gak
 1.suj-saber *1.pos-escrever-Val-Nmz*
 “eu sei escrever”
- b. ñaʔdentak saige raʔačiʔ
 i-n-aʔden-tak s-a-ige r-aʔad-id
 1.suj-Méd-saber-Asp *1.suj-ir-Or* *2.pos-lar-2sg*
 “eu estou pretendendo ir para a tua casa”
160. a. ʔGaya “ele/ela ouve”
 Ø-ʔGa-ya
 3.suj-ouvir-3.obj
- b. naʔGayagan “ele/ela escuta”
 Ø-n-ʔGaya-gan
 3.suj-Méd-ouvir-Val

Outros verbos de cognição, percepção e emoção codificados como Médios:

161. a. noyantak “ele/ela está chorando”
 Ø-n-oyan-tak
 3.suj-Méd-chorar-Asp

- b. naloqočin “ele/ela conta (números)”
 Ø-n-aloqocin
 3.suj-Méd-contar
- c. noʔwenege “ele/ela lembra-se”
 Ø-n-ʔwen-ge
 3.suj-Méd-lembrar-Loc?
162. ñimeten yiraganagak
 i-n-meten i-er-gan-gak
 1.suj-Méd-gostar 1.pos-escrever-Val-Nmz
 “eu gosto de escrever”

(f) Movimento translacional

Com verbos de movimento translacional o comportamento da marcação Média é singular, tanto no Mocovi quanto nas línguas Guaicuru em geral, pois parece se basear no parâmetro da direcionalidade tendo como ponto de referência dêitico o falante. Tal característica determinou a interpretação, como já foi mencionado, da marca Média como expressão de movimento direcional de aproximação.

163. a. maʔ neteʔe ña:nak
 maʔ neteʔe i-n-anak
 Prt.fut amanhã 1.suj-Méd-vir
 “virei amanhã”
- b. ñāci ʃi yame
 i-n-aci ji i-ame
 1.suj-Méd-trazer CL 1.pos-presente
 “trouxe um presente”

Há um conjunto de raízes verbais que envolvem movimento translacional e podem ocorrer seja com marcas Agentivas, seja como formas Médias. Na maioria dos casos, as formas agentivas têm um carácter direcional neutro, ao passo que com marcação Média apresentam um sentido dêitico de aproximação para o “locus” do falante:

164. a. ñodo naʔik
 i-n-odo n-aʔik
 1.suj-Méd-transladar Ind-comer
 carregando
 “eu trago (carregando) comida”

- b. sodo na losoq kĩji ya?a?
s-odo na losoq ke+ji i-a?ad
1.suj-transladar CL tijolo Obl+CL 1.pos-lar
carregando
“eu levo (carregando) tijolos para a minha casa”
165. a. ñi?gat ni?iri:
i-n-e?gat n-ler-i-i
1.suj-Méd-transladar AIn-livro-2pl
“eu trago os livros de vocês”
- b. se?gat lere kañi paGaginagatki
s-e?gat lere ke-a-ni paGagin-gat-ki
1.suj-transladar livro Obl-f-CL transmitir conhecimento-Nmz.Inst-CL
“eu levo livros para a escola”
166. a. nowi?
Ø-n-owid
3.suj-Méd-chegar
“ele/ela chega (aqui)”
- b. yowi?
i-owid
3.suj-chegar
“ele/ela chega (em outro lugar)”
167. a. nenogoñirek
n-nogon-id-wek
Méd-se.movimentar-2sg-Dir
“saia!” (para aqui fora)
- b. nogoñirek
nogon-id-wek
se.movimentar-2sg-Dir
“saia!”
- c. so yale inogonek kañi tamlagaki
so yale i-nogon-wek ke-a-ni tamla-ga-ki
CL homem 3.suj- se movimentar-Dir Obl-f.CL ??-Nmz-CL
“o homem sai da igreja”

Nos seguintes exemplos, tirados de um texto narrativo, observa-se o uso dêitico da marca Média por oposição à marcação agentiva neutra no verbo:

168. a. mašigi nepalasa-wek ka?maq ro?yogonta?pe
masigi Ø-n-pala-sa-wek ka-?mag Ø-r-?yogon-ta?pe
Adv 3.suj-Méd-se aproximar-Asp.3pc-Dir CL-Pro 3.suj-T-assobiar-Asp.3pc
“... já iam saindo (para a beira do mato, para aqui) os que estavam assobiando...”

- b. ka liya ipalasawek
 ka l-ia i-pala-sa-wek
CL 3.pos-outro 3.suj-se aproximar-Asp.3pc-Dir
 “... outra vez iam chegando (na beira)...”

1.4.2.2. Reflexivos e Recíprocos

Reflexivos e recíprocos são formas que envolvem a detransitivização de verbos agentivos e cuja função prototípica é a marcação de co-referencialidade. Nos Reflexivos típicos agente e paciente são co-referentes, envolvendo uma diferenciação conceitual do referente em duas sub-partes. Nos Recíprocos há dois participantes, cada um deles agente e afetado. Kemmer propõe interpretar a diferença entre formas Médias e Reflexivos/Recíprocos com base no grau maior de distintividade dos participantes (no caso dos reflexivos) e dos eventos (no caso dos recíprocos). Nas línguas que apresentam morfologia Média é freqüente a existência de marcas “pesadas” do ponto de vista fonológico (constituídas por maior número de segmentos) nas formas reflexivas e, especialmente, recíprocas. Em Mocovi, Reflexivos e Recíprocos típicos são marcados pelos sufixos / -al-ta? / e /-ta?/, respectivamente. Em ambos os casos, exige-se a marca prefixal Média.

- 169.a. nalawatalta? “ele/ela suicida-se”
 Ø-n-alawat-al-tad
3.suj-Méd-matar-Rfx-Rec
- b. nalawatetekta? “eles/elas estão brigando (um com o outro)”
 Ø-n-alawat-tak-tad
3.suj-Méd-matar-Asp-Rec
- 170.a. ne?Gorenalta? “ele/ela ama-se (a si próprio)”
 Ø-n-?Goren-al-tad
3.suj-Méd-amar-Rfx-Rec
- b. ne?Gorenta? “eles/elas amam-se (um a outro)”
 Ø-n-?Goren-tad
3.suj-Méd-amar-Rec

171. nkoñiralta? "ele/ela amarra-se (a si próprio)"
 Ø-n-konid-al-tad
 3.S-Méd-amarrar-Rfx-Rec
- 172.a. notawanta? "eles/elas ajudam-se (um a outro)"
 Ø-n-otawan-tad
 3.S-Méd-ajudar-Rec
- b. ñowaganqatekta? "nós estamos nos batendo (um a outro)"
 i-n-wagan-g-tak-tad
 1.suj-Méd-bater-Pl-Asp-Rec

1.4.2.3. Média e transitividade

A marcação de um verbo pela forma Média não se correlaciona diretamente com a transitividade da oração. Verbos com marca Média podem ocorrer em cláusulas transitivas, como nos exemplos a seguir:

- 173.a. naqat aso lači:ma
 Ø-n-aqat a-so l-aci:ma
 3.suj-Méd-tirar f-CL 3.pos-blusa
 "ele tirou a sua (própria) blusa"
- b. ñi?et wagayaq
 i-n-?et wagayaq
 1.suj-Méd-beber Água
 "eu vou beber água"
- c. ñi ʔa:lo nqoGoq ñi ka:lek
 ni ʔa:lo Ø-n-qoGoq ni l-ya:lek
 CL mulher 3.suj-Méd-beijar CL 3.pos-filho-m
 "a mulher beija o filho (dela mesma)"
- d. ñi yate?e newa? magaso
 ni i-ate?e Ø-n-ewad magaso
 CL 1.pos-mãe 3.S-Méd-costurar Calça
 "a minha mãe costura uma calça"

A ocorrência em construções transitivas mostra, portanto, que a Média é basicamente uma categoria semântica estreitamente ligada à base verbal e não um recurso gramatical de detransitivização.

A estreita relação entre a marca Média e a raiz verbal pode ser observada na derivação através dos afixos de valência /-gan/ e /-gat/: embora estes sufixos derivativos modifiquem a valência verbal, continua se mantendo a marcação no padrão médio:

- 174.a. niya:maġtetak so wagayaq
 Ø-n-ya:m-gat-tak so wagayaġ
3.suj-Méd-ferver-Cau-Prog *CL* água
 “ele está fervendo a água”
- b. se na?laqčirañi na qadami?
 se n-a?la-gat-id-ni na qa-d-am-id
Neg Méd-se perder-Cau-2sg-Dir *CL* 2.pos-T?-dinheiro-2sg
 “não percas o teu dinheiro!”
- c. pioq kote:ta ma? qanačilagan
 pioġ kote-ta ma? qa-n-acil-gan
cachorro limpo-Dur Part Imp-Méd-tomar banho-Val
 “o cachorro está limpo porque banham ele”
175. na? yim kočo?ki? nacilaġantaken yim
 na? yim koc-o?ki? Ø-n-acil-gan-tak-ken yim
Prt.tpo Pro.1 ??-Dim.m 3.S-Méd-tomar banho-Val-Asp-Hab Pro.1
- aso yate?e
 a-so i-ate?e
fCL 1.pos-mãe
 “quando eu era pequeno a minha mãe banhava-me”

Como se observa em todos os exemplos anteriores, a marcação do sujeito no verbo continua sendo no padrão Médio.

1.5. Sufixos Direcionais-Locativos

Muitos dos verbos do Mocovi não estão especificados lexicalmente para movimento direcional, sendo a direção da ação expressa por meio do prefixo Médio (cf. 1.4.2.1 *Diátese Média*) e de um conjunto de sufixos verbais que expressam conteúdos ligados às relações espaciais direcionais-locativas. Nas línguas Guaicuru os morfemas que exprimem orientação e locação no espaço têm recebido a atenção dos pesquisadores, razão pela qual existem trabalhos específicos sobre os mesmos. Klein (1981) analisa a expressão de locação, direcionalidade e movimento na morfologia verbal do Toba. Além das subclasses de prefixos pronominais, apresenta duas subclasses de sufixos: (1) sufixos de movimento/não-movimento do sujeito durante a ação; (2) sufixos que expressam a direção da ação ou o movimento do objeto para o sujeito. Tais subclasses semânticas correlacionam-se com classes posicionais morfológicas. Na mesma língua, Bigot (1994) distingue as seguintes classes de sufixos espaciais: (1) Diretivo-posicionais, que se articulam em dois eixos de oposições: espaço circunscrito-dentro/espaço não-circunscrito-fora e em cima/em baixo; (2) Posicionais, que expressam posições referidas ao processo ou ao objeto do processo; (3) Orientacionais, que fazem referência à orientação centrípeta/centrífuga do objeto em relação ao sujeito. A autora assinala, também, as possibilidades de co-ocorrência dos morfemas das duas primeiras classes.

Os sufixos Direcionais-Locativos em Mocovi apresentam propriedades de derivacionais, porquanto eles modificam e/ou contribuem, drasticamente em alguns casos, com o significado do tema verbal. Contudo, o fato deles ocuparem uma posição morfológica periférica, logo após de morfemas flexivos (sufixos de pessoa argumental e aspecto), é atípico para os elementos derivativos, o que coloca um problema teórico com respeito ao componente gramatical onde os processos de Derivação e Flexão ocorrem. Porém, visto que morfemas com conteúdos claramente semânticos possuem uma expressão formal mais transparente e periférica com respeito ao tema verbal (Bybee:138), e que são os morfemas derivacionais os que carregam tipicamente informações semânticas, assumo que estas formas fazem parte da morfologia derivacional.

Distinguem-se dois conjuntos de sufixos semanticamente relacionados: ambos os conjuntos mudam o significado conceitual da base verbal, mas o conteúdo semântico e as propriedades sintáticas são diferentes. Como se analisará a seguir, na sintaxe a diferença diz respeito ao tipo de construção em que os verbos ocorrem: os sintagmas nominais locativos são em um caso oblíquos, encabeçados por **ke+**, e no outro retos, o que assinalaria aqui um funcionamento similar às adposições que regem SNs complemento. No que diz respeito à semântica, os primeiros têm conteúdos ligados a *direcionalidade* da ação/evento expressa pela raiz verbal, ao passo que os segundos referem a parâmetros de *locação e orientação* dos referentes argumentais.

Na análise desse conjunto de morfemas baseio-me no trabalho sobre a gramática do espaço de Svorou (1994). Conforme o autor, nos eventos locativos há uma entidade a ser locada (“trajector”) e uma entidade com respeito à qual o “trajector” é locado (“landmark”). Levando em conta esses dois constituintes necessários, define-se a Direcionalidade como uma relação espacial dinâmica, e a Locação como uma relação espacial estática entre eles. A direcionalidade é inerente à deslocação e, em geral, a base da percepção da direção é antropocêntrica. Contudo, também fatores do ambiente jogam um papel importante, por exemplo, a gravidade para o eixo “para cima-para baixo”. Os pontos de referência (“landmark”) podem ser concebidos como alvo-destino final ou como origem-ponto de partida, se houver deslocamento, ou como entidades estáticas, no caso da locação. Toda entidade pode ser concebida como possuindo regiões interior/exterior ou ser percebida como região com limites físicos nos limites das interações sociais. Por outro lado, as entidades podem ser consideradas simétricas ou assimétricas (com sub-regiões como em cima/em baixo, posterior/anterior, esquerda/direita) não apenas pela sua configuração física, mas também pela maneira em que os membros de uma cultura interagem com elas. Portanto, a codificação dos conceitos que referem a espacialidade, além de ter uma base cognitiva, é em grande medida definida culturalmente.

1.5.1. Sufixos Direcionais

Estes sufixos, que se encontram em distribuição complementar com raízes verbais que envolvem deslocamento, expressam a direção da ação. Já com verbos de processo ou estado, localizam o evento. O conteúdo semântico é estritamente espacial e articula-se com base nos eixos “interior/exterior” e “em cima/em baixo”. Há um terceiro parâmetro de

tipo “substancial” (cf. Messineo e Wright, 1989) que expressa se a ação tem como destino um lugar com água.¹⁶ Os verbos que contêm estes morfemas ocorrem em construções que admitem um SN-locativo com estatuto de adjunto oblíquo marcado por **ke**.

Os seguintes são os morfemas direcionais e seus conteúdos semânticos:

{ wek } “para o exterior”

{ o } “para o interior”

{ ni } “para baixo”

{ sigim } “para cima”

{ ta } “para um limite”

{ agasom } “para a água”

1.5.1.1. { wek } “para o exterior”

Com verbos de deslocamento, expressa direção para fora de um ponto de referência percebido como continente, que pode ser codificado num SN oblíquo.

- | | | | | |
|-------|---|-----------------|------------------|----|
| 176.a | senogonagawek | kena | ʔi:mek | |
| | s-nogon-ag-wek | ke-na | ʔi:mek | |
| | <i>1.suj-se.movimentar-Pl-Dir</i> | <i>Obl-CL</i> | <i>casa</i> | |
| | “nós saímos da casa” | | | |
| b. | nogoñirek | | “saia!” | 17 |
| | nogon-id-wek | | | |
| | <i>se.deslocar-2sg-Dir</i> | | | |
| c. | so yale inogonek | kañi | tamlagaki | |
| | so yale i-nogon-wek | ke-ani | taml-aga-ki | |
| | <i>CL homem 3.suj-se.deslocar-Dir</i> | <i>Obl-f-CL</i> | <i>??-Nmz-Cl</i> | |
| | “o homem sai da igreja” | | | |
| 177. | ka liya ipalasawkoʔ | | | |
| | ka l-ia i-pala-sa-wek-od | | | |
| | <i>CL 3.pos-outro 3.suj-se.aproximar-Asp-Dir-Nar</i> | | | |
| | “...outra vez eles estavam chegando (para fora, na beira do mato)...” | | | |

¹⁶ Em Mocovi não tenho registro de um morfema cognato do Toba /-**waq**/ “direção para o fogo”.

¹⁷ O glide do sufixo é apagado quando precedido por consoante como estratégia de reparação de um Onset silábico complexo. Cf. *Silaba*.

Em (176.a), (176.b) e (177) observa-se a posição morfológica periférica, seguindo os morfemas de pessoa e aspecto.

Com verbos que não envolvem deslocamento, diz respeito a movimento metafórico envolvido no próprio processo, como no exemplo seguinte, em que o sufixo faz parte do significado nuclear do verbo:

- | | | | |
|--------|----------------------------|--|------------------|
| 178. a | nelowek | | “ele/ela acorda” |
| | n-lo-wek | | |
| | <i>Méd-acordar.Dir</i> | | |
| b. | neloirek | | “você acorda” |
| | n-lo-id-wek | | |
| | <i>Méd-acordar-2sg-Dir</i> | | |

No exemplo seguinte, o sufixo deriva, a partir de uma raiz descritiva, um verbo inativo que poderia ser traduzido literalmente como “estar quente para fora”:

- | | | | | |
|------|--------------|-------------------------|--|----------------------|
| 179. | yim | žpa?ewek | | “eu estou com febre” |
| | yim | i-d-pa?e-wek | | |
| | <i>Pro.1</i> | <i>1sg-T quente-Dir</i> | | |

Com verbos que referem a estado locativo, atribui sentido de locação relativa exterior a um ponto de referência expresso por um SN oblíquo:

- | | | | | | |
|------|----------------------------|-----------------|----------------------------|---------------|-------------|
| 180. | ji | nawalate | pa?atawek | kiñi | ?i:mek |
| | ji | n-awalate | Ø-pa?a-ta-wek | ke-ni | ?i:mek |
| | <i>CL</i> | <i>Aln-sela</i> | <i>3.suj-estar-Asp-Dir</i> | <i>Obl-CL</i> | <i>casa</i> |
| | “a sela está fora da casa” | | | | |

Uma extensão semântica observa-se na derivação de verbos que exprimem incoatividade a partir dos termos que referem a cores:

- | | | | |
|--------|-----------------------------|--|-----------------------------------|
| 181.a. | nqoñiwek | | “torna-se amarelo” |
| | n-qoni-wek | | |
| | <i>Méd-ser.amarelo-Dir</i> | | |
| b. | nawerek | | “torna-se preto, escurece-se” |
| | n-awed-wek | | |
| | <i>Méd-ser.preto-Dir</i> | | |
| c. | netogek | | “torna-se vermelho, avermelha-se” |
| | n-tog-wek | | |
| | <i>Méd-ser.vermelho-Dir</i> | | |

182. nadalawek na noʔwe:naga “o campo verdeja”
 n-dala-wek na noʔwe:naga
 Méd-verde-Dir *CL* *campo*

1.5.1.2. { o } “para o interior”

Este sufixo envolve movimento direcional para dentro de um espaço com região interior e contrasta semanticamente com o anterior. Nos exemplos seguintes apresentam-se verbos de diferentes tipos que contém este morfema: em (183) um tema de estado locativo, em (184) um verbo ativo que não envolve deslocamento, em (185) e (186) verbos de deslocamento. Como se pode observar, em certos casos o contraste com a forma /wek/ é transparente.

183. ñi qoʔgonagaki paʔatawo kañi pagaginagaki
 ni qoʔgon-aga-ki ø-paʔa-ta-o ke-ani pagagin-aga-ki
 CL *urinar-Nmz-Cl* *3.suj-estar-Asp-Dir* *Obl-f.CL* *ensinar-Nmz-Cl*
 “o banheiro fica dentro da escola”
184. qayapowo keka ʔi:mek
 qa-i-apo-o ke-ka ʔi:mek
 Imp-3.suj-fechar-Dir *Obl-CL* *casa*
 “...fecharam-no na casa...”
185. ñowiro kiʃi yaʔaʔ
 in-wid-o ke-ji i-aʔad
 1.Méd-chegar-Dir *Obl-CL* *1.pos-lar*
 “cheguei na minha casa”
186. senogono kiñi ʔi:mek
 s-nogon-o ke-ni ʔi:mek
 1.suj-se movimentar-Dir *Obl-CL* *casa*
 “eu entro na casa”

Freqüentemente este sufixo co-ocorre com o Locativo /gi/, cujo conteúdo básico é “no interior” (cf. 1.5.2.1.)

1.5.1.3. { ni } “para baixo”

Com verbos de movimento /ni/ expressa a direção para baixo, em direção à fonte da gravidade; já com verbos de estado locativo diz respeito à locação numa região inferior, tipicamente perto do chão (cf. ex. 190). Há um conjunto de temas verbais que necessariamente ocorrem com este morfema pois ele faz parte dos seus significados inerentes (cf. exs. 187-189).

Exemplos:

- | | | | | | |
|-------|--|--------------------------------|------------------------------|--|--|
| 187.a | nqaʔGanñi
n-qaʔGan-ni
<i>Méd-sentar-Dir</i> | | | | “ele/ela senta-se” |
| b. | ñāqaʔGantañi
in-qaʔGan-ta-ni
<i>1. Méd-sentar-Asp-Dir</i> | kena
ke-na
<i>Obl-CL</i> | lawa
lawa
<i>terra</i> | | “estou sentado no chão” |
| 188.a | setagiñi
s-tag-ni
<i>1. suj-pentear-Dir</i> | | | | “eu penteio” |
| b. | j̄itakiriñi
id-tag-id-ni
<i>1. P-pentear-2sg-Dir</i> | | | | “você me penteia” |
| 189.a | ñinanagañi
i-n-nan-ag-ni
<i>1. Méd-deitar-Pl-Dir</i> | | | | “nós deitamos” |
| b. | ianñi
i-an-ni
<i>3. suj-pôr-Dir</i> | | | | “ele/ela semeia” |
| c. | šim nahanñi
sim n-ahan-ni
<i>Adv Méd-cair-Dir</i> | | | | “ele/ela está caindo (lit. quase cai)” ¹⁸ |
| 190. | lpaʔa paʔatañi
l-paʔa Ø-paʔa-ta-ni
<i>3. pos-raiz 3. suj-estar-Asp-Dir</i> | kena
ke-na
<i>Obl-CL</i> | lawa
lawa
<i>chão</i> | | “a raiz está em baixo da terra (chão)” |

¹⁸ O advérbio **sam** alterna com **sim**. Cf. *Advérbios*.

Nos exemplos seguintes atesta-se o contraste entre formas verbais derivadas com /ni/ e verbos não especificados para movimento direcional:

- 191.a saʔjiñi “eu prego”
 s-aʔd-ni
1.suj-fincar-Dir
- b. saʔdagan “eu esfaqueio”
 s-aʔd-gan
1.suj-fincar-Val
- 192.a ka sogonaga yawigiñoʔ ka yale keka wagayaq
 ka sogonaga i-aweg-ni-oʔ ka yale ke-ka wagayaq
CL trovão 3.suj-conduzir-Dir-Nar CL homem Obl-CL água
 “...o trovão fez cair o homem na água (lit. levou para baixo)...”¹⁹
- b. yawek “ele/ela o leva, conduz”
 i-aweg
3.suj-conduzir

Em (193) e (194) pode ser observado o contraste com /wek/ : a presença de /ni/ explicita a orientação direcional do evento verbal no eixo espacial “de cima para baixo” . As formas com /wek/ podem ser interpretadas como “não-marcadas” semanticamente para esses verbos.

- 193.a samagañi “eu (o/a) empurro (e cai)”
 s-mag-ni
1.suj-empurrar.Dir
- b. samagawek “eu (o/a) empurro”
 s-mag-wek
1.suj-empurrar.Dir
- 194.a ñinoqoñi “eu suo (pingando)”
 in-noq-ni
1.Méd-suar-Dir

¹⁹ Nesse texto, o trovão (**soGonaGa**) é uma personagem mítica que seqüestra um homem para casar.

- b. nenoqowek “ele/ela sua”
 n-noq-wek
Méd-suar-Dir

O sentido metafórico de movimento descendente nota-se na derivação de fenômenos climáticos, como nos exemplos seguintes:

- 195.a ʔo:mñi “esta frio (o clima)”
 ser.frio-Dir
- b. paʔiñi “está quente (clima)”
 ser.quente-Dir
- 196.a napalčigiñi “está escurecendo”
 n-pal-teg-ni
Méd-apagar-Asp-Dir
- b. yagatetañi “está chovendo”
 yagat-ta-ni
chuva-Asp-Dir

1.5.1.4. { sigim } “para cima”

Este morfema contrasta com /ni/ e faz parte obrigatoriamente de verbos que denotam um sentido inerente de direção para cima, como “subir”, “levantar”, etc.

- 197.a šikšigim keda qoʔpaq
 s-k-sigim ke-da qoʔpaq
1.suj-ir-Dir Obl-CL árvore
 “eu subo na árvore”

- b. nelagšigim “ele/ela levanta-se (da posição deitado)”
 ø-n-lag-sigim
3.suj-Méd-dormir-Dir

A direcionalidade pode estar determinada pelo contexto. No exemplo seguinte, o sujeito está dentro da água (num rio ou lagoa) tomando banho, portanto a saída envolve movimento para cima. Cf. os exemplos (176) e (186) em que a mesma raiz verbal apresenta direcionalidade para o exterior e para o interior, respectivamente.

- 198.a ñinogonšigim kījī waɣayaq
 in-nogon-sigim ke-ji waɣayaɣ
 1. Méd-se.movimentar-Dir *Obl-CL* água
 “eu saio da água (rio, lagoa)”

A mesma conotação pode ser observada no exemplo seguinte:

- b. raʔasa nenogonšigim “sai (para cima) o sol”
 raʔasa n-nogon-sigim
 sol *Méd-se.movimentar-Dir*

Outros exemplos de verbos que explicitam orientação da ação para cima:

199. ñaqašigim kañi niʔya
 in-qat-sigim ke-ani n-iʔya
 1. Méd-tirar-Dir *Obl-f.CL* *Atn-poço*
 “eu o tiro do poço”

200. skeʔenašigim “eu engancho em cima (penduro)”
 s-keʔen-sigim
 1.suj-enganchar-Dir

Com verbos locativos, a forma expressa locação em um lugar alto. Um referente assimétrico, percebido como possuindo uma região superior, funciona como ponto de referência.

201. ñi qoʔolek we:tašigim keda qoʔpaq
 ni qoʔo-lek Ø-we:ta-sigim ke-da qoʔpaɣ
 CL pássaro-m *3.suj-Estar-Dir* *Obl-CL* *árvore*
 “o pássaro está em cima da árvore”

202. ka noktokiʔ ne:tašigim keka nawanaganaga
 ka nogot-okiʔ Ø-ne:ta-sigim ke-ka nawanagan-aga
 CL jovem-Dim.m *3.suj-estar-Asp-Dir* *Obl-CL* *girafa*
 “...o menino está montado (em cima) na girafa...”

1.5.2. Sufixos Locativo-orientacionais

Há um conjunto de sufixos que expressam locação relativa do processo/estado e/ou dos argumentos verbais e orientação do objeto com respeito ao sujeito. Além de se diferenciar dos Direcionais no conteúdo semântico, do ponto de vista morfológico ocupam uma classe posicional distinta, mais periférica, fato evidenciado na co-ocorrência de ambos os tipos de marcas (cf. exs. 215-216). Por outro lado, na sintaxe ocorrem em construções com sintagmas objeto retos, que têm a função de ponto de referência. Esta característica sintática permite esboçar a hipótese desses sufixos serem produto de gramaticalização de adposições - lembre-se que em Mocovi não existem, atualmente, esta classe de elementos lexicais- que cumprem funções de marcação no núcleo de casos locais.

1.5.2.1. Locativos

1.5.2.1.1. { gi } “no interior”

Usualmente co-ocorre com os Direcionais */ni/* e */ol/*, devido à compatibilidade semântica entre eles, e expressa locação no interior de uma entidade precebida como possuindo uma região interior.

208. siyogogi na peget lodegagat
 s-yog-gi na peget lodegagat
 1.suj-carregar-Loc *CL* *prato* *grande*
 “encho a bacia (lit. carrego dentro)”

209. skiyogi na yap
 s-kiyo-gi na i-ap
 1.suj-lavar-Loc *CL* *1.pos-boca*
 “eu lavo a minha boca (dentro)”

210. nitaq ʔi:mek qaykagi
 ni-taq ʔi:meg qaika-gi
 CL-Dem *casa* *Exst.neg-Loc*
 “essa casa aí está vazia (lit. não há dentro)”

211. yawigogí na waqapí
 i-awig-gi na waqapí
 3.suj-queimar-Loc *CL* *grama*
 “queima-se a grama”

Nos seguintes exemplos atesta-se o contraste semântico entre uma forma verbal que contem o sufixo e uma forma não marcada ou que apresenta outra marca direcional:

- 212.a. $\tilde{n}i\tilde{?}\check{c}igi$ $lataga$
 $i-n-e\tilde{?}t-gi$ $lataga$
 1.suj-Méd-beber-Loc *vinho*
 “eu bebo vinho (estou bebendo, o líquido já está dentro)”
- b. $\tilde{n}i\tilde{?}et$ $wagayaq$
 $i-n-e\tilde{?}t$ $wagayaq$
 1.suj-Méd-beber *água*
 “eu vou beber água (ainda não está dentro)”
- 213.a. $sonogi$ \check{ji} $\tilde{n}oqo\tilde{?}paq$
 $s-no-gi$ \check{ji} $i-n-qo\tilde{?}paq$
 1.suj-desamarrar-Loc *CL* *1sg.pos-Aln-árvore*
 “...desamarro a minha lenha...” (desamarrar espalhando o conteúdo)
- b. $sonowek$ $ipela\tilde{?}$ $leket$
 $s-no-wek$ $i-pelad$ $leket$
 1.suj-desamarrar-Dir *1sg.pos-sapato* *3.pos-cordão*
 “desamarro o cordão do meu tênis”

Os verbos que denotam as ações de “fechar” e “abrir” também ocorrem obrigatoriamente com esta marca.

- 214.a $sapogi$ $lasom$ “fecho a porta”
 $s-apo-gi$ $l-asom$
 1.suj-fechar.Loc *3.pos-porta*
- b. $yawa\check{c}igi$ $lasom$ “ele/ela abre a porta”
 $i-wat-gi$ $l-asom$
 3.suj-abrir.Loc *3.pos-porta*

Nos seguintes exemplos há co-ocorrência com os sufixos Direcionais *l-ol* “para o interior” e *l-nil* “para baixo”. O Direcional expressa a direção da ação, ao passo que o Locativo rege o complemento locativo:

- 215.a $si\check{L}aogi$ $\tilde{n}i$ $\tilde{?}i:mek$
 $s-\check{L}a-o-gi$ ni $\tilde{?}i:meg$
 1.suj-por-Dir-Loc *CL* *casa*
 “ponho dentro da casa”

- b. taokyo? ka ?o:či
 t-a-o-gi-o? ka ?o:ci
3.suj-ir-Dir-Loc-Nar *CL* *mato*
 "...entrou no mato..."
- c. ke:tawgi ?o:či
 ø-ke-ta-o-gi ?o:ci
3.suj-ir-Asp-Dir-Loc *mato*
 "ele vai através do mato" (por dentro)
216. ñačiŋingi aňi latogot
 in-acil-ni-gi a-ni latogot
 1.Méd-banhar-Dir-Loc *f.CL* *lagoa*
 "eu tomo banho na lagoa"

1.5.2.1.2. { lek } "em cima"

Este morfema expressa uma ação/estado que se realiza sobre uma superfície, com ou sem contato físico. O complemento locativo ocorre como SN reto.

Exemplos:

217. siŋalek lames
 s-ŋa-lek lames
 1.suj-pôr-Loc *mesa*
 "(o) ponho em cima da mesa"
218. so šipegaq renotalek ĵi ni?yak
 so sipegaG ø-renot-lek ĵi n-i?ya-k
 CL *cavalo* *3.suj-pular-Loc* *CL* *Aln-poço-m*
 "o cavalo pulou por cima da sarjeta"
219. ĵi neraganagat we:talek aĵi lere
 ĵi n-eragan-gat ø-we-ta-lek a-ĵi lere
 CL *Aln-escrever-Nmz* *3.suj-estar-Asp-Loc* *f.CL* *caderno*
 "o lápis está em cima do caderno"
220. sentalek so šipegaq
 s-n-ta-lek so sipegaG
 1.suj-estar-Asp-Loc *CL* *cavalo*
 "estou (montado) no cavalo"

A função derivativa na criação de um neologismo pode ser observada em (221). O conceito de "ler" é expresso pelo verbo "falar" e a idéia de superfície do escrito.

221. setaqalek “eu leio”
 s-taqa-lek
1.suj-falar-Loc

Note-se que a perspectiva do falante com respeito à ação muda segundo o uso de /ni/ ou /lek/ nos exemplos seguintes:

- 222.a yiretegni lqa:taGanagayk kaji lere
 i-er-tak-ni l-qa:t-gan-aga-ik ke-aji lere
3.suj-escrever-Asp-Dir 3.pos-contar-Val-Nmz-Atr.m Obl-f.CL caderno
 “ele está escrevendo um conto no caderno”
- b. yireteglek aji lere
 i-er-tak-lek a-ji lere
3.suj-escrever-Asp-Loc f.CL caderno
 “ele está escrevendo no caderno”

Em (222.a) o morfema Direcional faz referência à própria ação de escrever concebida como um movimento descendente. Nesse caso, o predicado é transitivo, com um objeto direto (o tema) e um SN locativo oblíquo. Já em (222.b) o morfema Locativo rege um objeto locativo reto. Do ponto de vista semântico, a ênfase está colocada no argumento locativo, não na própria ação, e é agramatical uma construção com SN tema.

Com termos do campo das cores, /-lek/ deriva formas que semanticamente expressam a idéia de cor clara ou fraca, possivelmente por extensão do conceito de superfície que o morfema contém. O fato dos itens que exprimem cores ocorrer com afixos verbais (cf. também os exs. 6 e 7) é uma das evidências que permitem propor a hipótese deles terem estatuto verbal (cf. *Capítulo IV: 3. Conceitos adjetivais*).

- 223.a ikolaqalek “cor celeste, azul claro”
 ikolag-lek
ser. azul-Loc
- b. tokalek “cor de rosa”
 tok-lek
ser. vermelho-Loc
- c. naweralek “cor cinza”
 nawed-lek
ser. preto-Loc

227. ke:toʔot so naʃik
 ø-ke-ta-ʔot so najik
3.suj-ir-Asp-Loc CL caminho
 “ele vai pela beira do caminho”

1.5.2.2. Orientacionais

1.5.2.2.1. { ge } “alativo”

Este sufixo expressa a orientação para um lugar determinado, razão pela qual pode ser entendido como uma marca de “alativo”. Como se observa nos exemplos, o destino é expresso como complemento.

228. šikpege ʃi laʔa
 s-ik-pe-ge ʃi l-aʔa
1.suj-ir-Asp-Or CL 3.pos-casa
 “eu estou indo para a casa”
- 229.a. se iʃit taige da lawaʃigim
 se i-sit t-a-ige da lawasigim
Adv.neg 3.suj-poder 3.suj-ir-Or CL oeste
 “... não pode ir para o oeste ...”
- b. yim saige laʔa ka huan
 yim s-a-ige l-aʔa ka huan
Pro.1 1.suj-ir-Or 3.pos-casa CL Juan
 “eu vou para a casa do João”

A forma *l-geʔl* contém também a especificação do destino como numa distância relativamente longe:

230. kepegeʔ aka namenaganagaki
 ø-k-pe-geʔ a-ka n-men-gan-aga-ki
3.suj-ir-Asp-Or f-CL Ind-vender-Val-Nmz-Cl
 “... ele ia para o armazem ...”

1.5.2.2.2. { git } “enfrentado”

A forma / -git / apresenta as propriedades da relação denominada por Svorou (op.cit.) “Opposite”. Esta envolve dois participantes, geralmente animados, confrontados um com o outro e que estabelecem uma relação de contato, intercâmbio ou encontro.

Exemplos:

231. skawit ñatenagit aso qači?i?
 skawit in-aten-git a-so qa-ate?e-id
 Adv.tpo *1.Méd-encontrar-Or* *f-CL* *2.pos-mãe-2sg*
 “ontem me encontrei com a tua mãe”

232. sašiŕirigit “eu caso com você”
 s-asil-id-git
 1.suj-casar-2sg-Or

233. keka yate?e skoñigit ka lame
 ke-ka i-ate?e s-kon-git ka l-ame
 Obl-CL *1.pos-mãe* *3.suj-pegar-Or* *CL* *3.pos-presente*
 “recebi um presente da minha mãe”

- 234.a. ñi qogonagaki reloqotagit añi pagaginagaki
 ni qogon-aga-ki ø-r-loqo-ta-git a-ni apagagin-aga-ki
 CL *urinar-Nmz-Cl* *3.suj-T-localizar-Asp-Or* *f-CL* *ensinar-Nmz-Cl*
 “o banheiro está em frente da escola”

- b. seloqoisagit “eu estou em frente de você”
 s-loqo-i-sa-git
 1.suj-localizar-2sg.Asp-Or

1.6. Sufixo Verbalizador

Em verbos derivados de temas nominais registra-se o morfema / n / (/ in / ~ / en /) que ocorre como verbalizador. A alomorfia está condicionada fonologicamente: / -en / com bases acabadas por coronal, / -in / com bases acabadas por vogal baixa e / -n / com bases acabadas por vogal alta.

Exemplos:

- | | | |
|--------|---|-------------------------------|
| 235.a. | lowa
l-wa
<i>3.pos-esposo(a)</i> | “o seu esposo/a sua esposa” |
| b. | rowainagan
Ø-r-wa-in-gan
<i>3.suj-T-esposo-Vb-Val</i> | “ele/ela tem esposa/o” |
| 236.a. | loʔdaɣa
loʔdaɣa
<i>3.pos-doçura.Nmz</i> | “a doçura” |
| b. | yoʔdaqain
i-oʔdaɣa-in
<i>3.suj-doçura-Vbz</i> | “ele/ela o elogia, lisonjeia” |
| 237.a. | nataʔ
n-atad
<i>Ind-remédio</i> | “remédio” |
| b. | nataren
n-atad-en
<i>3.Méd-remédio-Vbz</i> | “ele/ela cura” |

O grande número de verbos que contém um segmento nasal alveolar fechando o tema parece indicar que a forma / -n / tem a função de marcar o estatuto verbal da palavra.²¹ De fato, Rodrigues (1994) menciona a existência dum marcador de classe verbal / -n / no Kadiwéu “... tal como a vogal temática do português, sem nenhum outro significado...” (op.cit.:25). Como pode ser observado nos exemplos seguintes, a função desta marca em Mocovi é semelhante à mencionada para Kadiwéu:

²¹ Klein (1981) analisa a forma /-n/ em Toba como uma marca de aspecto pontual. Em Mocovi, o sufixo cognato não parece apresentar funções aspectuais identificáveis claramente.

- 238.a. rakarpinagan "ele/ela capina (do espanhol "carpir")"
 Ø-r-karpi-n-gan
 3.suj-T-capinar-Vbz-Val
- b. yamakintak "ele/ela está dirigindo (do espanhol "máquina")
 i-maki-n-tak
 3.suj-máquina-Vbz-Asp
- 239.a. iʔGoren "ele/ela (o) ama, tem pena (dele)"
 i-ʔGor-en
 3.suj-amar.Vbz
- b. ʔGorayk "pobre"
 ʔGor-aik
 pobre.Atr.m

Nos exemplos em (238), empréstimos do espanhol apresentam a marca / n / : em (a) é clara a função de marcador de classe verbal porquanto a forma originária em espanhol é também um verbo; já em (b) o sufixo tem função derivativa, ocorrendo afixado a uma base originariamente nominal. Em (239) registra-se uma mesma raiz cuja categoria lexical depende do sufixo com que ocorre: em (a) a marca verbalizadora atribui estatuto verbal, ao passo que em (b) o sufixo atributivo deriva um nominal adjetival.

1.7. Outros sufixos verbais

1.7.1. Desiderativo

O morfema { ake } expressa a idéia de desejo ou expectativa do sujeito verbal e ocorre sufixado na última posição morfológica do verbo. Conforme Bybee (1985:166), os marcadores que expressam condições do agente (desejo, intenção, obrigação, etc.) fazem parte das modalidades orientadas para o agente ("agent oriented") e não podem ser considerados como flexões de Modo (marcadores que exprimem o papel discursivo que o falante atribui à proposição expressa na sentença). O Modo, em Mocovi, é expresso por partículas (cf. 2. *Advérbios e partículas*).

As marcas de modalidade orientada para o agente, obrigatoriamente animado, podem ser entendidas, nas línguas polissintéticas, como incorporações de verbos (op.cit.:168). Em Mocovi, a posição morfológica periférica de / - ake / parece apoiar a hipótese de

gramaticalização dessa marca produto de incorporação: como já foi mencionado, há características nesta língua que a aproximam das línguas polissintéticas, porém sem apresentar processos produtivos de incorporação. A seguir, apresentam-se exemplos de ocorrências deste sufixo nos quais se observa sempre a idéia de desejo, em certos casos fusionada com a semântica da raiz verbal.

- 240.a. *imitake* “ele/ela (o) procura”
 i-mit-ake
 3.suj-pesquisar-Des
- b. *semičirake* “eu te procuro”
 s-mit-id-ake
 1.suj-pesquisar-2sg-Des
241. *sišohnaganake* *ñado?o*
 s-siohnagan-ake *i-n-ado?o*
 1.suj-comprar-Des *1.pos-Aln-chapéu*
 “eu desejo comprar um chapéu”
242. *yawotake* *nanak* “ele quer vir”
 i-aot-ake *∅-n-anak*
 3.suj-querer.Des *3.suj-Méd-vir*

1.7.2. Intensificador

O sufixo / - m / foi registrado com verbos e palavras de conteúdo temporal e indica intensificação, que pode ser glossada como “muito”. Ele ocorre em posição morfológica periférica.

Exemplos:

243. *na?GayaGantañim*
 \emptyset -n-a?Gaya-gan-ta-ni-m
 3.suj-Méd-ouvir-Val-Asp-Dir-Ints
 “... ficou escutando (no chão) muito tempo ...”
244. *qaysotagatetam*
 qa-i-sot-gat-ta-m
 Imp-3.suj-ser.fino-Cau-Asp-Ints
 “... o fazem muito fino (lit. o fazem ficar muito fino) ...”

245. napioʔgotetam ka lenana ka ñik
 Ø-n-apioʔ-gat-ta-m ka l-enan-a ka nik
3.suj-Méd-ser.sujo-Cau-Asp-Ints CL *3.pos-encaracolar-Nmz.f* CL *corda*
 “... sujou muito o nó da corda (lit. fez ficar muito sujo) ...”
- 246.a. neteʔetam “é muito cedo”
 neteʔe-ta-m
dia-Asp-Ints
- b. segtetam “está muito rasgado”
 seget-ta-m
se.rasgar-Asp-Inst

1.7.3. Narrativo

O sufixo / - oʔ / “narrativo” ocorre na posição final tanto com temas verbais quanto com formas adverbiais. Foi registrado basicamente em textos narrativos e funciona como um marcador de tempo passado. O fato de ser adjungido a diferentes classes de palavras (preferentemente, a verbos) sugere que o seu escopo é a sentença toda, ou inclusive o discurso. As propriedades discursivas desta marca não estão claras ainda e aguardam um estudo específico levando em conta categorias teóricas como foco, tópico, dado/novo, etc. A seguir apresentam-se exemplos extraídos de textos onde são observadas ocorrências deste morfema.

247. yoʔwetoʔ ka yagat nonot nawegelek
 i-ʔwet-od ka yagat nonot nawegelek
3.suj-fazer-Nar CL *chuva* *vento* *nuvem*
 “... fez chuva, vento, nuvens ...”
248. taokyoʔ ka ʔo:či
 t-a-o-gi-oʔ ka ʔo:ci
3.suj-ir-Dir-Loc-Nar CL *mato*
 “... entrou no mato ...”
249. ʔna:koʔ ka pagek qoʔgoyk keka yaleʔ
 Ø-ʔna:k-oʔ ka pagek qoʔgo-ik ke-ka yale-d
3.suj-dizer-Nar CL *Adv.ints* *velhice-Atr.m* *Obl-CL* *homem-Pc*
 “... disse o mais velho dos homens ...”

2. ADVÉRBIOS E PARTÍCULAS

As classes dos Advérbios e Partículas são duas classes de palavras muito heterogêneas e com limites e definições imprecisas. Em princípio, ambas podem ser definidas como classes que incluem itens lexicais que não apresentam flexões, é dizer, são morfologicamente invariáveis. A distinção entre ambas as classes entre si também é problemática. Por exemplo, as Partículas²² são definidas como “[...] *item invariável com função gramatical [...]*” (Crystal, 1988:198). Uma definição com base na propriedade de invariabilidade incluiria nesta classe (cf. Berenguer Sánchez, 1992) tanto conjunções, preposições e interjeições quanto advérbios. Assumo aqui que a diferença entre morfemas lexicais e morfemas funcionais pode ser operativo na distinção de Advérbios e Partículas em Mocovi. Assim, os Advérbios são categorias lexicais com conteúdo semântico, ao passo que as Partículas representam uma classe fechada de palavras funcionais que não podem ser enunciadas isoladamente. A seguir, apresenta-se uma amostra dos advérbios e partículas do Mocovi. Cabe ressaltar que a determinação da categoria a que pertencem os itens nem sempre é clara, não apenas pela imprecisão presente nas diferentes aproximações teóricas e metodológicas às classes Advérbio e Partícula, mas também em razão do Mocovi apresentar limites pouco precisos entre as categorias lexicais, como já foi mencionado em diferentes lugares neste trabalho.

2.1. Advérbios

Conforme Schachter (1985:20) os advérbios são palavras que “[...] *function as modifiers of constituents other than nouns.*” Esta definição permite incluir na classe tanto os advérbios cujo escopo é a sentença quanto os que modificam sintagmas. Segundo Ilari et alii. (1989) podem ser distinguidos dois tipos de advérbios levando em conta a função: os predicativos, que afetam diretamente a semântica do verbo ou adjetivo, e os não-predicativos, que agregam circunstâncias de tempo/lugar ou indicações sobre os limites da proposição total, sem modificar o sentido do verbo ou adjetivo. Do ponto de vista morfológico, como já foi mencionado, os advérbios são invariáveis, ou seja que carecem de flexões.

²² Zwicky (1985) rejeita a existência de uma categoria “partículas”, afirmando que os itens analisados como partículas devem melhor ser considerados como palavras, clíticos ou afixos.

Em Mocovi, os advérbios predicativos podem ser classificados, segundo a semântica, em Intensificadores, Modalizadores e Aspectualizadores.

Há vários advérbios *Intensificadores*, que ocorrem modificando verbos e “adjetivos”²³

Exemplos:

251. a yatagam paʔe “está muito quente”
 yatqaham paʔe
 Adv.ints *ser.quente*
- b. yatagam yowagan so pyoq čaqa maʔ yalawat
 yatqaham i-wagan so piog caqa maʔ i-alawat
 Adv.ints *3.suj-bater* *CL* *cachorro* *Part.conj* *Part.Tp* *3.suj-matar*
 “bateu muito no cachorro e o matou”
- c. naweglek yatagam lekayk
 naweglek yatqaham lekaik
 nuvem *Adv.ints* *ser.grande-Atr.m*
 “a nuvem é muito grande”

A forma *pagek* ocorre em construções comparativas, modificando o primeiro término da comparação:

252. a ʔna:koʔ ka pagek qoʔgoyk keka yaleʔ
 Ø-ʔna:k-oʔ ka pagek qoʔgo-ik ke-ka yale-d
 3.suj-dizer-Nar *CL* *Adv.ints* *velhice-Atr.m* *Obl-CL* *homem-Pc*
 “... disse o mais velho dos homens ...”
- b. yim pagek ladokay ka qamiʔ
 yim pagek ladok-ai ke qamid
 Pro.1 *Adv.ints* *ser.alto-Atr.f* *Obl* *Pro.2*
 “eu sou mais alta do que você”

O lexema ʔgoik, como pode ser observado nos exemplos a seguir, pode ocorrer modificando o verbo (a), mas também estabelecendo uma predicação existencial (exs. b,c,):

253. a ?Goyk skeʔe “eu como muito (várias vezes)”
 ?Goik s-keʔe
 Adv.ints *1.suj-comer*
- b. kena naʃik ?Goyk na qom
 ke-na n-ajik ?Goik na qom
 Obl-CL *Ind-caminho* *Adv.ints* *CL* *pessoas*
 “no caminho há muita gente”
- c. da qoʔpaq ?Goyk lpaʔa
 da qoʔpaq ?Goik l-paʔa
 CL *árvore* *Adv.ints* *3.pos-raiz*
 “a árvore tem muita raiz”

Os advérbios *Modalizadores* tem como escopo a sentença e expressam modalidade.

254. sqowe ka pyoq yaʔik laʔat
 sqowe ka pioq i-aʔik laʔat
 Adv.Mod *CL* *cachorro* *3.suj-comer* *carne*
 “talvez o cachorro coma carne”

Os advérbios *Aspectualizadores* modificam aspectualmente o verbo. A forma šam “quase” atribui um sentido incoativo a verbos não ativos, como se observa em (5.a).

255. a noyak šam piʔgilogol
 hoyak sam ø-piʔgilogol
 pertence *Adv.asp* *3.suj-se.molhar*
 “a roupa está molhando-se (lit. quase se molha)”
- b. šam reʔleggan
 sam ø-reʔleg-gan
 Adv.asp *3.suj-T-varrer-Val*
 “ele/ela está por varrer (lit. quase varre)”

²³ Considero aqui como “adjetivo” toda palavra que exprimir conceitos tipicamente ligados a esta classe lexical, mas lembre-se que trata-se de itens lexicais que fazem parte dos verbos ou de nominais derivados (cf. *Capítulo IV, 3.*), daí as aspás.

256.	či	sowotegeri?	“ando passeando à toa”
	ci	s-wo-tag-ri?	
	<i>Adv.asp</i>	<i>l.suj-andar-Asp-Iter</i>	

Os advérbios não-predicativos podem ser Temporais, Negadores ou Afirmadores. Nos advérbios *temporais* pode se distinguir entre Dêiticos e Anafóricos (cf. Ilari, 1992) . Os *dêiticos* localizam momentos ou períodos por referência ao momento da fala. Os *anafóricos* localizam os momentos ou períodos por referência ao próprio discurso. Em Mocovi, advérbios e partículas temporais tem grande importância porquanto a língua não apresenta marcas morfológicas para a categoria Tempo e a localização temporal dos eventos é feita pela interrelação de diferentes tipos de itens lexicais independentes (cf. *Capítulo IV, 2. Os classificadores*).

A seguir apresentam-se exemplos dos advérbios tipicamente *dêiticos* nete?e “amanhã”, skawit “ontem” e nagi “hoje, agora”

257. a	nete?e	salawat	sotaq	kos
	nete?e	salawat	sotaq	kos
	<i>Adv.tpo</i>	<i>l.suj-matar</i>	<i>CL-Dem</i>	<i>porco</i>
	“amanhã vou matar este porco”			

b.	nete?e	?we	ka	loñi
	nete?e	?we	ka	loni
	<i>Adv.tp</i>	<i>Exst</i>	<i>CL</i>	<i>gelada</i>
	“amanhã vai ter gelada”			

258. a	nagi	?we	so	loñi
	nagi	?we	so	loni
	<i>Adv.tpo</i>	<i>Exst</i>	<i>CL</i>	<i>gelada</i>
	“hoje há gelada”			

b.	kesom	yaGat	nagi	nonot
	ke-so-m	yaGat	nagi	nonot
	<i>Obl-CL-Ints</i>	<i>chuva</i>	<i>Adv.tpo</i>	<i>vento</i>
	“antes chovia, agora há vento”			

259. a skawit ?we nonot čaqay nagi qa?ne:ta
 skawit ?we nonot caqai nagi q-?ne:ta
 Adv.tpo *Exst* *vento* *Part.conj* *Adv.tpo* *Imp-parece*
 “ontem teve vento e hoje também”

Outros advérbios temporais, que podem funcionar seja como dêiticos seja como anafóricos, são derivados pelo sufixo / -le / de partículas temporais, como ma?le “depois (futuro)”, na?le “antes (passado)” ou de advérbio negativo, saqa?le “ainda não”.

260. a ĵapil ma?le “vou voltar depois”
 i-rapil ma?le
 1.suj-voltar *Adv.tpo*
- b. toko? ma?le “até mais (depois)!”
 toko? ma?-le
 Part *Adv.tpo*
- c. setakiriñi ma?le qami? ĵitakiriñi
 s-tag-id-ni ma?-le qamid id-tag-id-ni
 1.suj-pentear-2sg-Dir *Adv.tpo* *Pro.2* *1.P-pentear-2sg-Dir*
 “eu te penteio e depois você me penteia”
261. a ñatoglek na?le qami?
 in-atog-lek na?-le qamid
 1.Méd-cuspir-Loc *Adv.tpo* *Pro.2*
 “eu cospi em você (passado)”
- b. ĵapil na?le “eu voltei (passado)”
 i-rapil na?le
 1.suj-voltar *Adv.tpo*
262. a aso ?a:lo saqa?le nate?e
 a-so ?a:lo saqa?-le n-ate?e
 f-CL *mulher* *Adv.neg-tpo* *Ind-mãe*
 “essa mulher ainda não é mãe”
- b. saqa?le setaqa kena moqoyt
 saqa?-le setaqa kena moqoit
 Adv.neg-tpo *1.suj-falar* *Obl-CL* *mocovi*

“ainda não falo com os mocovies”

Outros exemplos de advérbios modificadores temporais-aspectuais mašik (~ mašigi) “já”, ši?ge “já”, ñaqay (~ ñaga ~ ñaq) “ainda”:

263. a mašik somat so najik
 masik s-omat so n-ajik
 Adv.tpo *1.suj-acabar* *CL* *Ind-caminho*
 “já acabei o caminho”

b. so ita?a ñaqay kesaganagayk
 so i-ta?a naqai kesagan-aga-ik
 CL *1.pos-pai* *Adv.tpo* *ser.forte-Nmz-Atr.m*
 “o meu pai ainda é forte”

c. ši?ge ĵapil “já voltei”
 ši?ge i-rapil
 Adv.tpo *1.suj-voltar*

Advérbios temporais e locativos são também constituídos morfologicamente pela marca de Oblíquo e Classificadores ou Demonstrativos: kesom “antes, faz tempo” (cf. ex. 8.b), kenaho (~ keno) “aqui”

Como já foi mencionado (cf. *Capítulo III: 3.2*), há vários advérbios de *Negação*, cujas diferenças funcionais ainda não estão claras. Exemplos:

264. a se saseragan “eu não fumo”
 se s-ased-gan
 Adv.neg *1.suj-fumar-Val*

b. yim saqay setaqalek čaqay saqa seragan
 yim saqai s-etaqa-lek caqai saqai s-er-gan
 Pro.1 *Adv.neg* *1.suj-falar-Loc* *Part.conj* *Adv.neg* *1.suj-escrever-Val*
 “eu não leio nem escrevo”

c.	mesqay	koñirigi	norek
	mesqai	kon-id-gi	norek
	<i>Adv.neg</i>	<i>pegar-2sg-Loc</i>	<i>fogo</i>
	“não mexa no fogo!”		

Cf. também exemplos (12).

A seguir registra-se um exemplo com o advérbio de *afirmação* magasa “sim”:

265.	nagi	magasa	ʔwe	lašitaga
	nagi	magasa	ʔwe	l-asitaga
	<i>Adv.tpo</i>	<i>Adv.afir</i>	<i>Exst</i>	<i>3.pos-ponta</i>
	“agora sim tem ponta”			

2.2. Partículas

As partículas, em Mocovi, são elementos funcionais independentes e podem ser classificadas em Temporais, Negativa/afirmativa, Interrogativas, Coordenantes, Subordinantes, Aspectual e Modal, e as interjeições.

As partículas *temporais* cumprem funções semânticas dêiticas e anafóricas de localização temporal. Elas são maʔ “futuro” (usada também como conjunção subordinante de Causa ou Razão), naʔ “passado” e kaʔ “tempo não especificado”. Estas partículas ocorrem nas orações adverbiais (cf. *Capítulo III:3.1.2.3.3*) estabelecendo relações temporais entre os predicados.

Exemplos:

266. a	maʔ	somat	iʔlegganagak	kaʔ	sewo:se
	maʔ	s-omat	i-ʔleg-gan-gak	kaʔ	s-ewose
	<i>Part.tpo</i>	<i>1.suj-acabar</i>	<i>1.pos-varrer-Val-Nmz</i>	<i>Part.tpo</i>	<i>1.suj-cozinhar</i>
	“quando acabe de varrer então vou cozinhar”				

b.	naʔ	somat	iʔlegganagak	kaʔ	sewo:se
	naʔ	s-omat	i-ʔleg-gan-gak	kaʔ	s-ewose
	<i>Part.tpo</i>	<i>1.suj-acabar</i>	<i>1.pos-varrer-Val-Nmz</i>	<i>Part.tpo</i>	<i>1.suj-cozinhar</i>
	“quando acabei de varrer então comecei cozinhar”				

267. toko? ma? lawit
 toko? ma? l-awit
 Part *Part.tpo* *3.pos-tarde*
 “até a tarde!”

As partículas usadas para respostas a perguntas polares (cf. *Capítulo III:3.1.2.1*) são ?e?
 “negativa” e aha?a “afirmativa”. Exemplos:

268. a qaqamite? nowiči? “você chegou sozinho?”
 qaqami-ted n-wid-id
 ser.só-Asp.2sg *Méd-chegar-2sg*
- b. aha?a “sim”
- c. ?e? “não”

As palavras *interrogativas* podem também ser consideradas como partículas. Elas são ñige? (~ nege?) “que, quem, qual” , lagi “quando” , yorete? (~ yote?) “quanto/s” e či?nege? (formada possivelmente por či “à toa, sem razão” e nege?) “por que”.

Exemplos (cf. também *Capítulo III:3.1.2.1*):

269. a ñige? ka imen “o que ele vendeu?”
 nige? ka i-men
 Part.int *CL* *3.suj-vender*
- b. lagi nanaki? “quando você veio?”
 lagi n-nak-id
 Part.int *Méd-vir-2sg*
- c. yote? kawa nowite? “quantos chegaram?”
 yote? ka-oa Ø-n-owid-d
 Part.int *CL-Pc* *3.suj-Méd-chegar-Pc*
- d. či?nege? ma? nanaki? “por que você veio?”
 či?nege? ma? n-nak-id
 Part.int *Part.cau* *Méd-vir-2sg*

As partículas *coordenativas* estabelecem a ligação entre constituintes equifuncionais e são as seguintes: conjuntiva čaqay (~ čaqa) “e” , disjuntivas loqo?om e qo? “ou” , adversativas qalagam e qam “mas” (cf. exemplos em *Capítulo III: 3.1.3.1*). As

partículas *subordinativas* estabelecem relações de dependência entre orações. Delas as mais freqüentes são: as temporais mencionadas em cima, as condicionais *noʔom* e *keta* (~ *ketaġan*) “se” , as concessivas *ʔenoʔm* e *ʔenket* “embora” (morfologicamente relacionadas com as condicionais), a causal *saʔaik* “porque” , a final *kijim* “para”. (cf. exemplos em *Capítulo III: 3.1.2.3*).

A partícula *aspectual* *ken* expressa habitualidade e continuidade. Ela ocorre imediatamente após o verbo, como pode ser observado nos exemplos seguintes:

270. a *yoqopin* *ken* *na* *pyoq*
 i-qopin *ken* *na* *pioġ*
 3.suj-ferir *Part.asp* *CL* *cachorro*
 “ele acostuma ferir o cachorro”

b. *ñaq* *retaqata* *ken*
 naġ *Ø-r-etaqa-ta* *ken*
 Adv.tpo *3.suj-T-falar-Asp* *Part.asp*
 “ele ainda continuava falando”

c. *joʔoqočit* *ken*
 id-ʔo-gat-it *ken*
 1.P-zangar-Cau-Cau *Part.asp*
 “ele me fazia zangar”

A partícula *modal* *ket* ocorre adjacente ao verbo, preposta ou posposta, e expressa modalidade obrigativa. Exemplos:

271. a *šiʔge* *ket* *sewana*
 siʔge *ket* *s-wana*
 Adv.tpo *Part.obr* *1.suj-ver*
 “já deveria ter visto/conhecido”

b. *šiʔge* *sewana* *ket*

272. a yapogi ket lasom
 i-apo-gi ket l-asom
 3.suj-fechar-Loc *Part.obr* *3.pos-porta*
 “ele deveria fechar a porta”

b. yim selaq ket
 yim s-lag ket
 Pro.1 *1.suj-dormir* *Part.obr*
 “eu deveria dormir”

Conclusões

O presente trabalho visou apresentar uma descrição abrangente da língua Mocovi, focalizando seus aspectos fonológicos e morfossintáticos. Trata-se da primeira descrição sistemática desta língua, razão pela qual constitui-se numa contribuição original para a Lingüística, particularmente para o conhecimento das línguas indígenas sul-americanas e, mais especificamente, da família lingüística Guaicuru.

Como se sabe, a descrição de línguas não conhecidas pode contribuir para o desenvolvimento das teorias lingüísticas, seja confirmando as postulações, seja colocando fatos e fenômenos que não tinham sido considerados pelas teorias e levando, assim, à reformulação das mesmas. A nossa descrição do Mocovi, conquanto ainda inevitavelmente limitada, revelou a presença nessa língua de vários tópicos que têm relevância para a teoria lingüística. Assim, na fonologia, ficou evidente a necessidade de se tratar os fenômenos fonológicos em interação com a estrutura gramatical. Por exemplo, uma abordagem com base em teorias que advogam pela interação dos módulos fonológico, morfológico e sintático pode dar conta apropriadamente dos casos de alternâncias de segmentos surdos e sonoros. Por outro lado, os fatos fonológicos do Mocovi confirmam as postulações teóricas sobre a existência de um constituinte "sílabas" e a sua relevância nos processos fonológicos da língua.

No que se refere à gramática, os fatos do Mocovi mostram-se relevantes para as propostas teóricas relativas à estrutura argumental, especificamente à projeção dos argumentos em línguas polissintéticas (veja-se as colocações de Jelinek, 1984, e Baker, 1996). Características recorrentemente mencionadas na literatura sobre tal tipo de línguas (frequente omissão dos SNs, carência de elementos anafóricos lexicais, marcação pronominal no núcleo, relativa liberdade de ordenamento dos constituintes, ocorrência de "constituintes descontínuos", etc.) foram registradas em Mocovi, como mostrado em vários pontos de nosso trabalho.

Uma outra questão que emerge dos fatos apresentados por essa língua é a determinação das reais funções dos Classificadores nominais sob o ponto de vista sintático. Viu-se que

em Mocovi os Classificadores comportam-se parcialmente como pronomes, parcialmente como determinantes. A determinação do estatuto categorial destes elementos lexicais é um ponto pertinente para a teoria sintática visto a relevância que eles têm em aspectos gramaticais como a quantificação, a relativização e a interrogação-Qu, entre outros. Aliás, a determinação das categorias lexicais da língua apresenta certas peculiaridades também de interesse teórico (carência da classe Adjetivos, indistinção lexical Nome/Verbo).

A estrutura morfológica da palavra em Mocovi coloca, também, certas questões para as teorias morfológicas vigentes. Assim, a marcação pronominal de possuidor nominal e de pessoa dativa apresenta isomorfismo, mas ocorre, no primeiro caso, prefixada e no segundo, sufixada. Uma questão a ser esclarecida é o real estatuto morfológico dessas formas, ou seja, se as mesmas são afixos ou clíticos.

Ainda no campo da morfologia, o Mocovi apresenta um desafio para as teorias que distinguem entre os processos de derivação e flexão e assumem que a flexão, por sua relevância sintática, ocorre em posição mais periférica do que os morfemas derivacionais. De fato, em Mocovi os sufixos Direcionais, que apresentam propriedades de derivacionais, ocorrem no verbo em uma posição morfológica após sufixos de tipo flexivo, como os marcadores de pessoa e/ou número. Também no nome os morfemas de Diminutivo, tipicamente derivacionais, ocorrem em posição mais periférica do que as marcas de número.

Os aspectos mencionados são exemplos dos vários tópicos levantados por este trabalho que apresentam férteis campos para futuras pesquisas.

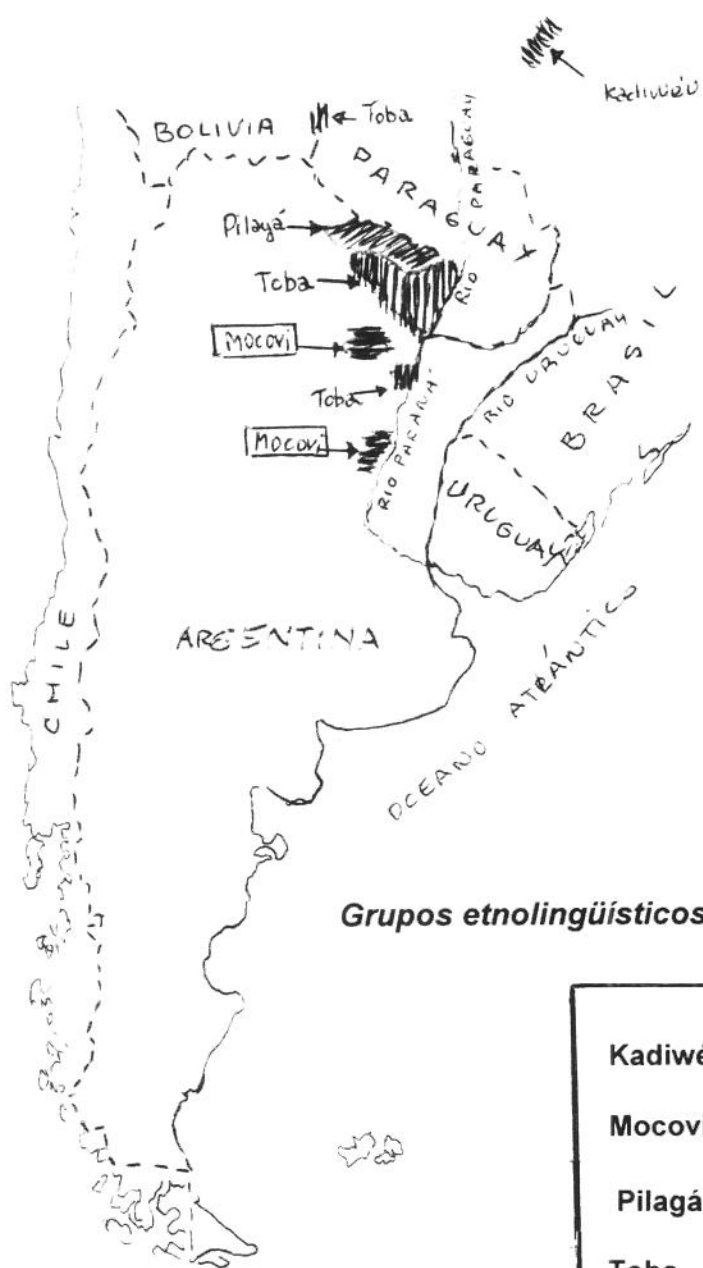
No que diz respeito à contribuição deste trabalho para a lingüística Guaicuru, ele fornece subsídios lingüísticos para os estudos de cunho comparativo que visam determinar o grau de relação existente entre as línguas que constituem a família lingüística Guaicuru, e entre esta e outras famílias lingüísticas do continente.

Um ponto a ser ressaltado aqui é o tratamento dado neste trabalho aos sufixos Direcionais-Locativos. Nas descrições existentes de línguas próximas ao Mocovi, tais elementos foram focalizados basicamente sob a perspectiva das suas funções

semânticas (cf. Klein, 1981; Bigot, 1994). Diferentemente dessas abordagens, tentamos diferenciar dois conjuntos dentro desse campo semântico, distinção baseada no comportamento sintático dos elementos: os sufixos Direcionais, que têm relevância semântica para a raiz verbal e que na sintaxe co-ocorrem com SNs locativos encabeçados pela marca de Oblíquo; e os sufixos Locativos e Orientacionais, que cumprem funções semelhantes às adposições e co-ocorrem com SNs locativos retos.

Finalmente, esperamos ter também contribuído para o nosso objetivo de apresentar uma descrição de utilidade prática para consulta por parte de pesquisadores de outras disciplinas, agentes de projetos de desenvolvimento, docentes e para os próprios falantes, com o intuito de estimular a reflexão lingüística sobre a própria língua.

Apêndice I



ESCALA

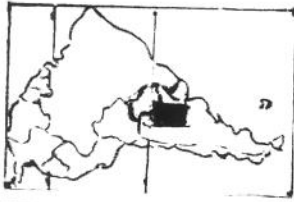


PROVINCIA DE SALTA

Assentamentos Mocovis
Provincia do Chaco

PROVINCIA DE FORMOSA

Apêndice II



PROVINCIA DE SANTIAGO DEL ESTERO

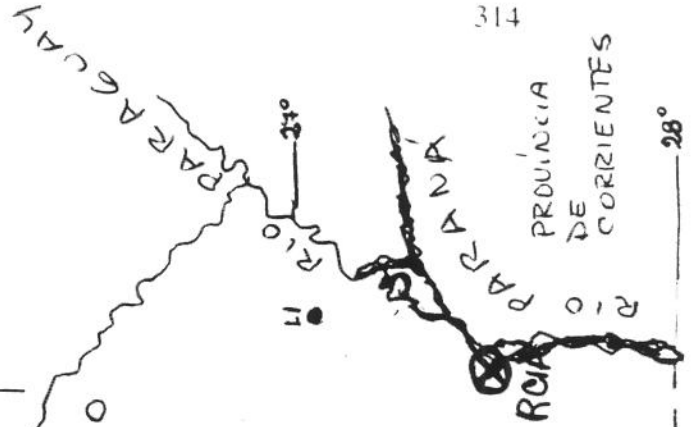
- C Charata
- Ch Charadai
- CA Colonia Aborigen
- CM Colonia Matheu
- CN Colonia Necochea
- DG Du Graty
- EP El Pastoril
- F Fontana
- G Gancedo
- GP Gral. Pinedo
- JJC J.J. Castelli
- LI La Isla
- LS La Sabana
- LT La Tigra
- OQ Olla Quebrada
- PI Pampa del Indio
- RC Raíz Chaqueña
- RSP Pres. R. Sáenz Peña
- Resistencia
- SB San Bernardo
- T Tartagal
- VA Villa Angela-Lote 20
- VB 8 Villa Berthet-Lote 8-3
- VB 14 Villa Berthet-Lote 14-19

25°

24°

28°

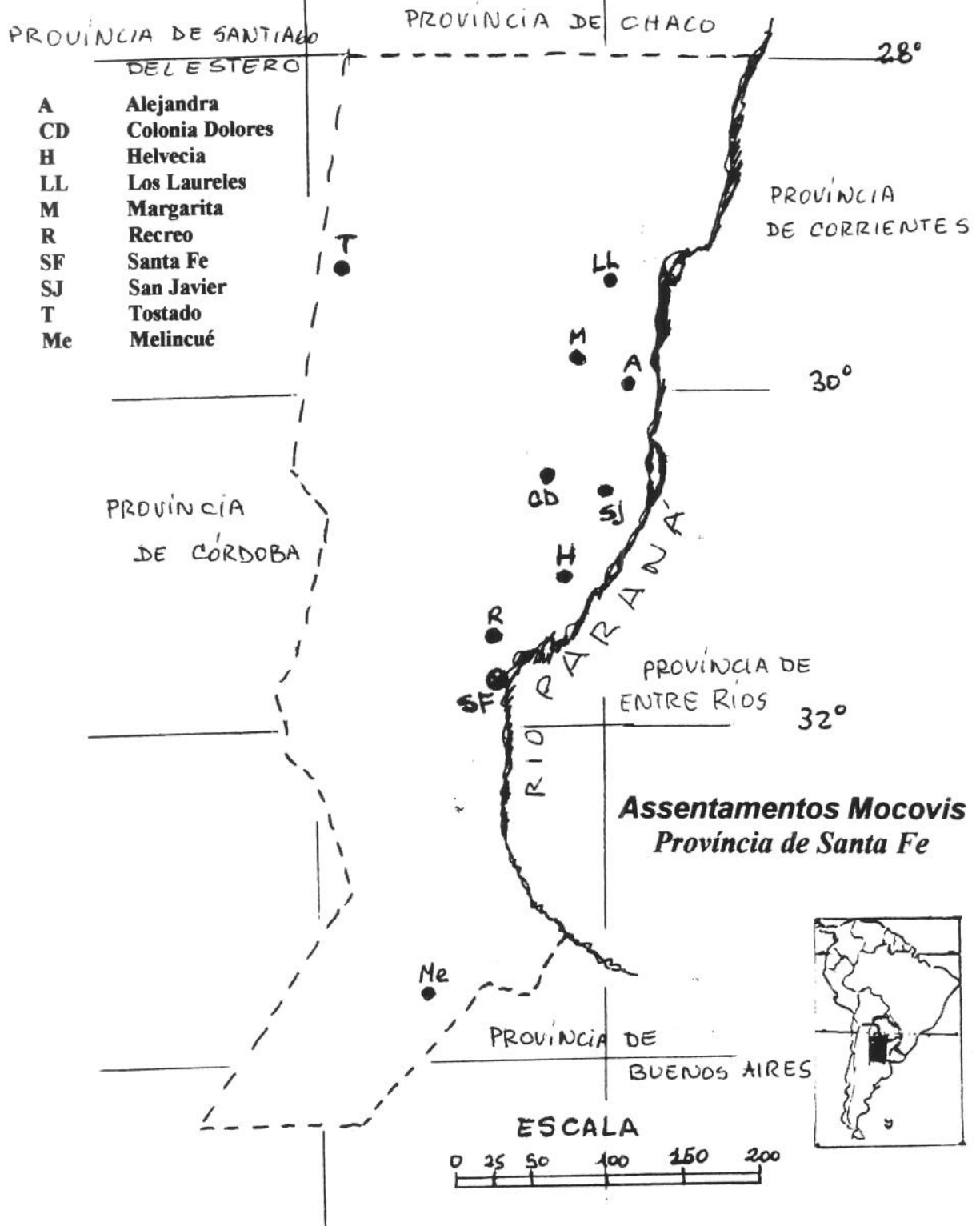
314



PROVINCIA DE CORRIENTES

PROVINCIA DE SANTIAGO DEL ESTERO

62° Apêndice III 60°



RESUMEN

La tesis presenta una descripción lingüística de la lengua indígena Mocoví (familia Guaycurú), hablada en las provincias de Chaco y Santa Fe (Argentina). En el Capítulo II, dedicado a la Fonología, se presenta una descripción de la alofonía, las restricciones secuenciales, neutralizaciones y morfofonémica, y una interpretación basada en las teorías fonológicas No-lineales. En cuanto a la Gramática, se presenta un conjunto de características gramaticales, como la marcación de caso, el orden de los constituyentes y un esbozo de la sintaxis de la lengua (Capítulo III); la estructura del sintagma nominal y la morfosintaxis del Nombre, los Clasificadores y los elementos lexicais que expresan conceptos "adjetivales" (Capítulo IV); la estructura del sintagma verbal y la morfosintaxis del Verbo, Adverbios y Partículas (Capítulo V). El marco teórico utilizado en la descripción gramatical es el modelo Funcional-Tipológico.

Palabras clave: lengua indígena, fonología, gramática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. FONOLOGIA

ARCHANGELI, Diana. **Underspecification in Yawelmani phonology and morphology**. MIT Ph.D. dissertation. 1984. (apud KENSTOWICZ, 1994, pp.507-508)

BLEVINS, Juliette. "The Syllable in Phonological Theory". Em: *GOLDSMITH, J.* (ed.), 1995.

BROSELOW, Ellen e Alice NIYONDAGARA. "Morphological structure in Kirundi palatalization: implications for feature geometry". **Phonology and Morphology** 13. Seoul-Korea, Hanshing Publishing Co. 1991. pp.173-197

CLEMENTS, George N. "The geometry of phonological features". **Phonology** 2. 1985. pp.225-252.

----- **A Unified Set of Features for Consonants and Vowels** (ms.) 1989.

----- "Place of Articulation in Consonants and Vowels: a Unified Theory". **Working Papers of the Cornell Phonetics Laboratory**, 5. 1991. pp.77-123.

----- e Samuel KEYSER. **CV Phonology. A Generative Theory of the Syllable**. Cambridge MA, MIT Press. 1983.

----- e Elizabeth HUME. "The internal organization of speech sounds". Em: *GOLDSMITH, John* (ed.), 1995.

DOGIL, Grzegorz. "Phonological Configurations: Natural Classes, Sonority and Syllabicity". Em: *VAN DER HULST, Harry* e *Norval SMITH*. **Features, Segmental Structure and Harmony Processes (Part I)**. Dordrecht-Holland/Providence RI-USA, Foris Publications. 1988. pp.79-103.

GOLDSMITH, John A. **Autosegmental and metrical phonology**. Oxford, Blackwell. 1990.

----- (ed.) **The Handbook of Phonological Theory**. Cambridge-Oxford, Blackwell. 1995.

HAYES, Bruce. **Metrical Stress Theory: principles and case studies**. Los Angeles, University of California (ms.) 1991.

HOGG, Richard e C.B. McCULLY. **Metrical Phonology. A coursebook**. Cambridge University Press. 1987.

HUALDE, José. **A Lexical Phonology of Basque**. Doctoral Dissertation, University of Southern California. Los Angeles, California. 1988.

ITÔ, Junko. **Syllable theory in prosodic phonology**. MIT Ph.D. dissertation, 1986. (apud KENSTOWICZ. 1994, pp.285 ss.)

KAYE, Jonathan e Jean LOWENSTAMM. "De la syllabicit ". Em: DELL, HIRST e VERGNAUD (eds.), **Forme sonore du langage**. Paris, Hermann. 1984.

KEATING, Patricia. **A Survey of Phonological Features**. Bloomington, Indiana University Linguistics Club. 1989.

----- "Coronal Places of Articulation". Em : PARADIS e PRUNET (eds.), 1991.

KENSTOWICZ, Michael. **Phonology in Generative Grammar**. Cambridge-Oxford, Blackwell. 1994.

KIPARSKY, Paul. "Lexical morphology and phonology". Em: I.-S. YANG (ed.), **Linguistic in the Morning Calm**. Seoul, Hanshin. 1982.

----- "Blocking in non-derived environments". Em: HARGUS, Sharon e Ellen M. KAISSE (eds.) **Studies in Lexical Phonology** (Phonetics and Phonology, volume 4). Academic Press, Inc. 1992.

LADEFOGED, Peter. **Preliminaries to Linguistic Phonetics**. London-Chicago, University of Chicago Press. 1971.

----- **A Course in Phonetics**. New York, Harcourt Brace Jovanovich. 1975.

LAHIRI, Aditi e Vincent EVERS. "Palatalization and coronality". Em PARADIS e PRUNET (eds.), 1991. pp.79-100.

LEVIN, Juliette. "A Place for Lateral in the Feature Geometry". **Phonology and Morphology** 10. Seoul-Korea, Hanshing Publishing Co. 1989. pp.89-134

LOMBARDI, Linda. "Postlexical rules and the status of privative features". **Phonology** 13. Cambridge University Press. 1996. pp.1-38

MASCARO, Joan. **A Reduction and Spreading Theory of Voicing and other sound Effects**. Universitat Autónoma de Barcelona. (Ms.). 1987.

MC CARTHY, John J. "Feature Geometry and Dependency: A Review". **Phonetica** 43. 1988. pp.84-108.

MESTER, R. Armin e Junko ITÔ. "Feature predictability and underspecification: Palatal prosody in Japanese mimetics". **Language** 65,3. 1989. pp.258-293.

MOHANAN, K.P. **The theory of Lexical Phonology** (Studies in natural language and linguistic theory). Dordrecht, D. Reidel Publishing Company. 1986.

PARADIS, Carole e Jean-François PRUNET (eds.) **The special Status of Coronals: Internal and External Evidence**. (Phonetics and Phonology, volume 2). Academic Press Inc. 1991.

PIGGOTT, Glyne L. e Rajendra SINGH. "The Phonology of Epenthetic Segments". **Canadian Journal of Linguistics** 30(4). 1985. pp.415-451.

PULLEYBLANK, Edwin. "The role of coronal in articulator based features". **Papers from the Twenty-fifth Regional Meeting Chicago Linguistic Society**, volume 1. CLS, University of Chicago. 1989. pp.379-393

RICE, Keren e Peter *EVERY*. "On the relationship between laterality and coronality". Em *PARADIS e PRUNET* (eds.), 1991. pp.101-124.

ROSE, Sharon. "Variable laryngeals and vowel lowering". **Phonology** 13. 1996. pp.73-117.

RUBACH, Jerzy. "Final Devoicing and Cyclic Syllabification". **Linguistic Inquiry** 21,1. 1990. pp.79-94.

SAGEY, Elizabeth. **The representation of features na relations in nonlinear phonology**. MIT Ph.D dissertation. 1986.

SLOAT, Clarence; Sharon *TAYLOR* e James E. *TAYLOR*. **Introduction to Phonology**. Englewood Cliffs N.J., Prentice-Hall, Inc. 1978.

SPENCER, A "Eliminating the feature [lateral]". **Journal of Linguistics** 20. 1984. pp.23-43.

WEIJER, Jeroen van de. "The Manner-Place Dependency in Complex Segments". **Linguistics** 31. 1993. pp.87-110.

2. GRAMÁTICA

AIKHENVALD, Alexandra. "Classifiers in Tariana". **Anthropological Linguistics** 36(4). 1994. pp.407-465.

ALLAN, Keith. "Classifiers". **Language** 53. 1977. pp.284-310.

BAKER, Mark C. **The Polysynthesis Parameter**. New York-Oxford, Oxford University Press. 1996.

BERENGUER SÁNCHEZ, José. "Distintos conceptos de partícula en la descripción lingüística". **Revista Española de Lingüística** 22(1). 1992. pp.55-76.

BLOOMFIELD, Leonard. **Language**. London, George Allen & Unwin Ltd. 1933.

BOUQUIAUX, Luc e J.M.C. *THOMAS*. **L'enquête de terrain et l'analyse grammaticale**, vols. 1,2,3. Paris:SELAF. 1976.

BYBEE, Joan L. **Morphology: a study of the relation between meaning and form**. Amsterdam, John Benjamins. 1985.

COMRIE, Bernard. **Aspect**. Cambridge University Press. 1987.

----- e Norval SMITH. "Lingua Descriptive Studies: Questionnaire". *Lingua* 42. 1977. pp.1-72.

----- e Sandra THOMPSON. "Lexical nominalization". Em: *SHOPEN* (ed.), 1985, vol.3, pp. 349-397.

CORBETT, Grenville. **Gender**. Cambridge University Press. 1991.

CRAIG, Colette G. (ed.) **Noun classifiers and categorization**. TSL, 7. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins. 1986.

----- "Jacaltec noun classifiers: a studie in language and culture". Em: *CRAIG* (ed.), 1986.

DENNY, Peter J. "The semantic role of noun classifiers". Em: *CRAIG* (ed.), 1986. pp.297-308.

DERBYSHIRE, Desmond e Doris PAYNE. "Morphological characteristics of Lowland South American languages". Em: Doris PAYNE (ed.), **Amazonian linguistics**. Austin, University of Texas Press. 1990. pp. 243-271.

DI SCIULLO, Anna-Maria e Edwin WILLIAMS. **On the Definition of Word**. Cambridge,Massachusetts/London,England, The MIT Press. 1987.

DIXON, R.M.W. "Where have all the adjectives gone?". *Studies in Language* 1(1). 1977. pp.19-80.

----- "Noun classes and noun classification in typological perspective". Em: *CRAIG* (ed.), 1986. pp.105-112.

-----**Complement clauses and complementation strategies** (Ms.). 1991.

-----**Adjectives** (Ms.). 1991.

DOWNING, Pamela. "The anaphoric use of classifiers in Japanese". Em: *CRAIG* (ed.), 1986. pp 345-375.

DOWTY, David. "Thematic Proto-Roles and argument selection". *Language* 67,3. 1991. pp.574-619.

ELSON, Benjamin e Velma PICKETT. **Beginning morphology and syntax**. México, SIL. 1983.

FOLEY, William A. e Robert D. VAN VALIN Jr. **Functional syntax and universal grammar**. Cambridge University Press. 1984.

GIVÓN, Talmy. **Syntax. A Functional-Typological Introduction**. Amsterdam-Philadelphia, John Benjamins. 1984.

----- "Ergative morphology and transitivity gradients in Newari". Em: Frans PLANK (ed.), **Relational Typology**. Berlin-New York-Amsterdam, Mouton. 1985. pp.89-107.

GREENBERG, Joseph H. "Some universals of grammar with particular reference to the order of meaningful elements". Em: Joseph H. GREENBERG (ed.), **Universals of Language**. Cambridge MA, MIT Press. 1963. pp. 73-112

HOCKETT, Charles. **Curso de Lingüística Moderna**. Buenos Aires, EUDEBA. 1971.

HOPPER, Paul J. e Sandra THOMPSON. "Transitivity in Grammar and Discourse". **Language** 56,2. 1980.

ILARI, Rodolfo. "Sobre os advérbios aspectuais". Em: Rodolfo ILARI (org.), **Gramática do português falado, vol.2: Níveis de análise lingüística**. Campinas SP, Editora da UNICAMP. 1992. pp.151-192.

ILARI, Rodolfo et alii. "Considerações sobre a Ordem dos Advérbios". Em: Ataliba Teixeira de CASTILLO (org.), 1990, **Gramática do português falado, vol. 1: A ordem**. Campinas, Editora da UNICAMP/FAPESP. 1989.

JELINEK, Eloise. "Empty categories, case, and configurationality". **Natural Language and Linguistic Theory** 2. 1984. pp.39-76.

KEMMER, Suzanne. **The Middle Voice**. TSL,23. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Pub.Co. 1993.

KIBRIK, A.E. **The Methodology of Field Investigations in Linguistics (Setting up the Problem)**. The Hague-Paris, Mouton. 1977.

KINKADE, M. Dale. "Salish Evidence Against the Universality of 'Noun' and 'Verb' ". **Lingua** 60. 1983. pp. 25-39.

KLAIMAN, M.H. "Affectedness and control: a typology of voice systems". Em: SHIBATANI, M. (ed.), 1988.

LAKOFF, George. "Classifiers as a reflection of mind. Noun classes and categorization". Em: CRAIG (ed.), 1986. pp 13-51.

LEE, Seung-Hwa. **Morfologia e Fonologia Lexical do Português do Brasil**. UNICAMP, Tese de Doutorado. 1995.

LEHMANN, Christian. "Towards lexical typology". Em: CROFT, William, Keith DENNING and Suzanne KEMMER (eds.), **Studies in typology and diachrony**. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Pub.Co. 1990.

LYONS, John. **Introdução à lingüística teórica**. São Paulo, Companhia Editora Nacional-Editora da Universidade de São Paulo. 1976 . [orig.: **Introduction to theoretical linguistics**. Cambridge University Press. 1968]

MITHUN, Marianne. "Active/agentive case marking and its motivations". **Language** 67, 3. 1991. pp. 510-46.

NICHOLS, Johanna. "Head-marking and dependent-marking grammar". **Language** 62,1. 1986. pp.56-119.

NOONAN, Michael. "Complementation". Em: *SHOPEN* (ed.), 1985. volume II, pp.42-140.

PALMER, F.R. **Grammatical roles and relations**. Cambridge University Press. 1994.

PAYNE, Doris L. "Noun classification in Yagua". Em: CRAIG, C.G. (ed.), 1986.

----- "The Tupi-Guarani Inverse". Em: FOX, Bárbara e Paul J. HOOPER (eds.), **Voice. Form and Function** (TSL 27). Amsterdam-Philadelphia, John Benjamins Publ. Co. 1994. pp.313-340

PIKE, Kenneth e Evelyn PIKE. **Grammatical Analysis**. Dallas, SIL e University of Texas at Arlington. 1982.

SEKI, Lucy. "Kamaiurá (Tupi-Guarani) as an Active-Static Language". Em: PAYNE, D. (ed), **Amazonian Linguistics: Studies in Lowland South American Languages**. Austin, University of Texas Press. 1990.

SHIBATANI, Masayoshi (ed.). **Passive and voice**. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Pub.Co. 1988.

SHOPEN, Timothy. **Language Typology and Syntactic Description**, vols.1,2,3. Cambridge University Press. 1985.

STEELE, Susan. "Word Order Variation: A Typological Study". Em: GREENBERG, Joseph H. (ed.), **Universals of Human Language**, Volume 4: Syntax. Stanford-California, Stanford University Press. 1978. pp. 585-623.

SVOROU, Soteria. **The grammar of space**. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Pub.Co. 1994.

THOMASON, Sarah, Dorothy BERNEY, Gail COELHO, Jeffrey MICHER e Daniel EVERETT. "Montana Salish Root Classes: Evidence from the 19th-Century Jesuit Dictionary". **Papers of the 29th International Conference on Salish and Neighboring Languages**. Pablo-Montana, Salish Kootenai College. 1994. pp.288-312.

THOMPSON, Sandra e Robert E. LONGACRE. "Adverbial clauses". Em: *SHOPEN* (ed.), 1985. volume II, pp.171-234.

ZWICKY, Arnold M. "Clitics and Particles". **Language** 61,2. 1985. pp.283-305.

3. MOCOVI

a. Lingüística

BUCCA, Salvador. "Palabras y frases mocovíes de Colonia Dolores". **Cuadernos del Sur**, 14. Bahía Blanca. 1981. pp.231-238

BUCKWALTER, Alberto. **Algunos datos gramaticales sobre el idioma mocoví chaqueño**. Sáenz Peña, Chaco. 1985.

----- (recopil.). **Vocabulario Mocoví** (Edición Provisoria). Elkhart-Indian.: Mennonite Board of Missions. 1995.

DUCCI, Zacarías, O.F.M. "Los pronombres de la lengua toba con referencia a los del mocoví y una introducción de S.A. Lafone Quevedo". **Revista del Museo de La Plata** 18. 1911/1912. pp.232-245

GUALDIERI, Beatriz. "La palatalización en dos variedades Mocovís". Em GERZENSTEIN, Ana (coor.), **Temas de Lingüística Aborigen**. Buenos Aires, Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires. 1991. pp.59-69.

----- "Coronalização de consoantes e vogais em Mocoví: uma abordagem com base na Geometria de Traços". Comunicação **XLII Seminário de Lingüística do GEL**, USP, São Paulo. 1994.

----- "Acerca de la vibrante en mocoví (guaycurú)". **Actas de las Segundas Jornadas de Lingüística Aborigen**. Buenos Aires, Universidad de Buenos Aires, Facultad de Filosofía y Letras, Instituto de Lingüística. 1994. pp.163-170.

----- "La codificación de las relaciones gramaticales en Mocoví". Comunicação **III Jornadas de Lingüística Aborigen**, Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, Facultad de Filosofía y Letras, Instituto de Lingüística. 1997.

LAFONE QUEVEDO, Samuel A. "Notas ó sea principios de gramática mocoví, según ellos se desprenden de los trabajos de Tavolini, Dobrizhoffer, Bárcena y otros". **Revista del Museo de La Plata**, 1:113-144 e 305-308, 2:241-272, 289-352 e 393-424, 3:129-167. 1890/91/92.

----- "Apéndices a la gramática mocoví". **Revista del Museo de La Plata**, 4. 1893. pp.:257-287.

----- "Vocabulario mocoví-español fundado en los del P. Tavolini". **Revista del Museo de La Plata**, 4. 1893. pp.161-207.

TAVOLINI, Fr. Francisco. "La lengua mocoví. Con introducción y notas por Samuel Lafone Quevedo". **Revista del Museo de La Plata**, 1:71-144, 2:175-224 e 425-460. 1890/91.

WERNICKE, Enrique. "Guy amocovit (el alma mocobí). El aporte lingüístico por el P. Florian Paucke, S.J. en Santa Fe (1750-1767) con vocabularios:castellano-mocobí y mocobí-castellano". **Boletín del Departamento de Estudios Etnográficos y Coloniales**, 2. Santa Fe. 1947. pp.167-201

ZAPATA GOLLAN, Agustín. "Nomenclatura mocobí de animales y plantas". **Boletín del Departamento de Estudios Etnográficos y Coloniales**, 1. Santa Fe. 1945. pp.51-62.

----- "Vocabulario mocobí relacionado con el caballo y la equitación". **Boletín del Departamento de Estudios Etnográficos y Coloniales**, 2. Santa Fe. 1947. pp.155-166

----- "Vocabulario mocobí relacionado con el cuerpo humano y su fisiología". **Boletín del Departamento de Estudios Etnográficos y Coloniales**, 3. Santa Fe. 1948. pp.15-23.

b. Etno-histórica

MARTINEZ SARASOLA, Carlos. **Nuestros paisanos los indios. Vida, historia y destino de las comunidades indígenas en la Argentina**. Buenos Aires, Emecé Editores S.A. 1992.

AUCKE, Florian S.J. **Hacia allá y para acá: una estada entre los Mocabies, 1749-1767**. Traducción castellana por Edmundo Wernicke. 3 tomos. Tucumán-Buenos Aires, Universidad Nacional de Tucumán-Institución Cultural Argentino-Germana. 1942/4.

TOMASINI, Alfredo. "Contribución para una historia de los mocoví del Chaco Austral". **Suplemento Antropológico** 22(1). Asunción-Paraguay. 1987. pp.29-45.

UBERTALLI, Jorge Luis. **Guaycurú-tierra rebelde**. Buenos Aires, Editorial Antarca. 1987.

4. GUAICURU

BIGOT, Margot. "La lengua Qom (toba) del Chaco, Argentina (Expresión del espacio en los lexemas verbales)", en **Actas de las Segundas Jornadas de Lingüística Aborigen**, 15 al 18 de noviembre de 1994. Universidad de Buenos Aires, Facultad de Filosofía y Letras, Instituto de Lingüística. 1994.

BRAGGIO, Silvia Lucia Bigonjal. **Aspectos fonológicos e morfológicos do Kadiwéu** (Dissertação de Mestrado). Campinas, UNICAMP. 1981.

BUCKWALTER, Alberto S. (recop.). **Vocabulario toba**. Buenos Aires, Talleres Grancharoff Hnos. 1980.

CENSABELLA, Marisa. "La voix moyenne en toba". **Travaux du SELF II**. Paris-Sorbonne. 1993. pp.145-152.

----- "Axiología de la voz media en Toba". **III Jornadas de Lingüística Aborigen**, Buenos Aires, 20-23 de mayo de 1997. Universidad de Buenos Aires, Facultad de Filosofía y Letras, Instituto de Lingüística . 1997.

CERIA, Verónica G. & Filomena *SANDALO*. "A Preliminary Reconstruction of Proto-Waikurúan with Special Reference to Pronominals and Demonstratives". **Anthropological Linguistics**, volume 37, number 2. 1995. pp.169-191.

GREENBERG, Joseph. **Language in the Americas**. Stanford University. 1987.

KLEIN, Harriet E. Manelis. **Una gramática de la lengua toba: morfología verbal y nominal**. Montevideo, Universidad de la República. 1981.

----- "Location and Direction in Toba: Verbal Morphology". **IJAL**, volume 47, number 3. 1981. pp.227-235.

----- "Current status of Argentine indigenous languages". Em: KLEIN, H. e L. STARK (eds.) **South American Indian Languages. Retrospect and prospect**. Austin, University of Texas Press. 1985. pp.691-731.

LOUKOTKA, Cestmir. **Classification of South American Indian Languages**. Los Angeles, Latin American Center, University of California. 1968.

MARTÍNEZ CROVETTO, Raúl N. **Zoonimia y Etnozoología de los Pilagá, Toba, Mocoví, Mataco y Vilela**. (compilación, edición e introducción: J. Pedro Viegas Barros). Serie Archivos de Lenguas Indoamericanas. Buenos Aires, Instituto de Lingüística, Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires. 1995.

MASON, J. Alden. "The Languages of South American Indians". Em: STEWARD, Julian (ed.), **Handbook of South American Indians**, volume 6, Bulletin 143. Washington, Bureau of American Ethnology. 1963. pp.157-317.

MESSINEO, María Cristina. "Valor estilístico de las partículas posicionales en la lengua Toba". **Actas de III Jornadas de Lingüística Aborigen**. Buenos Aires, Instituto de Lingüística, Universidad de Buenos Aires. 1997. pp.443-455.

----- e Pablo Gerardo *WRIGHT*. "Elementos para el análisis etnolingüístico de la deixis en la lengua Toba". **VIII Congreso Internacional de Lingüística de la Asociación Latinoamericana de Filología y Lingüística (ALFAL)**, 8-12 de septiembre 1987. Universidad Nacional de Tucumán, Facultad de Filosofía y Letras. 1987.

MILLER, Elmer. **Los tobos argentinos. Armonía y disonancia en una sociedad**. Siglo Veintiuno. 1979.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. "Typological parallelism due to social contact: Guato and Kadiwéu". **Proceedings of the Ninth Annual Meeting of the Berkeley Linguistic Society**. Berkeley- California. 1983.

----- **Línguas Brasileiras. Para o conhecimento das línguas indígenas**. São Paulo, Edições Loyola. 1994.

SANDALO, Filomena. **A Grammar of Kadiwéu**. PhD dissertation, University of Pittsburgh. 1995.

SUAREZ, Jorge A. **Estudios sobre lenguas indígenas sudamericanas**. Bahía Blanca-Argentina, Universidad Nacional del Sur. 1988.

TOVAR, Antonio e Consuelo *LARRUCEA DE TOVAR*. **Catálogo de las lenguas de América del Sur** (Nueva versión refundida). Madrid, Editorial Gredos. 1984.

VIDAL, Alejandra. "Noun classification in Pilagá (Guaykuruan)". **The Journal of Amazonian Languages** volume 1. University of Pittsburgh, Department of Linguistics. 1997. pp.58-111.

VIEGAS BARROS, José Pedro. "¿Existe una relación genética entre las lenguas mataguayas y guaycurúes?". **Hacia una nueva carta étnica del gran Chaco, V** (Informe de avance 1992/93, PID-CONICET 3408/92). Las Lomitas-Formosa, Centro del Hombre Antiguo Chaqueño (CHACO). 1993. pp. 193-213.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

1. FONOLOGIA

CHOMSKY, Noam e Morris HALLE. **The Sound Pattern of English**. New York, Harper & Row, 1968.

DURAND, Jacques. **Generative and Non-Linear Phonology**. London-New York, Longman, 1990.

STERIADE, Donca. "Underspecification and Markedness". Em: *GOLDSMITH, J.* (ed.), 1995.

2. GRAMÁTICA

COMRIE, Bernard. **Language Universals and Linguistic Typology**. University of Chicago Press, 1989.

CRYSTAL, David. **Dicionário de Lingüística e Fonética**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar editor, 1988.

GIVÓN, Talmy. **On Understanding Grammar**. New York, Academic Press, 1979.

HOPPER, Paul J. e Sandra THOMPSON (eds.). **Studies in Transitivity. Syntax and Semantics, volume 15**. New York, Academic Press, 1982.

LYONS, John. **Semántica**. Barcelona, Teide, 1980. [orig. **Semantics**. Cambridge University Press. 1977)

NICHOLS, Johanna e Anthony C. WOODBURY (eds.) **Grammar Inside and Outside the Clause: Some Approches to Theory from the Field**. Cambridge University Press, 1985.

NIDA, Eugene A. **Morphology. The Descriptive Analysis of Words**. Ann Arbor, University of Michigan Press, 1949.

3. MOCOVI

COLASO, Susana. "Noticia sobre los mocobíes actuales del Chaco". **Folia Histórica del Nordeste** 8. Resistencia, Chaco, 1989. pp.123-130

FLURY, Lázaro. "Monografía de los mocovíes". **América Indígena** 33(3). 1973. pp.735-41

METRAUX, Alfred. "Ethnography of the Chaco". Em: **Handbook of South American Indians**, vol. 1, ed. by J.H. Steward. Washington, Government Printing Office (bulletin 143, Bureau of American Ethnology, Smithsonian Institution), 1945. pp.197-310

4. GUAICURU

ARENAS, Pastor. "Fitonimia toba-pilagá". **Hacia una nueva carta étnica del gran Chaco, V** (Informe de avance 1992/93, PID-CONICET 3408/92). Las Lomitas-Formosa: Centro del Hombre Antigo Chaqueño (CHACO), 1993. pp.85-100

BRUNO, Lidia e Elena L. *NAJLIS*. **Estudio comparativo de vocabularios tobas y pilagás**. Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, Facultad de Filosofía y Letras, 1965.

KLEIN, Harriet E. Manelis. "The future precedes the past: Time in Toba". **Word**, volume 38, number 3, december 1987, 1987. pp.19-31.

----- "Coordination and subordination in Toba". **Actes du 13e Colloque International de Linguistique Fonctionnelle**, Corfou 24-29 Août 1986. Athènes: SILF, 1988. pp.206-208

MESSINEO, María Cristina. "Variantes dialectales del complejo lingüístico Toba". **Hacia una nueva carta étnica del gran Chaco, II** (Informe de avance 1990/1991, PID-CONICET 444/88). Las Lomitas-Formosa: Centro del Hombre Antigo Chaqueño (CHACO), 1991. pp. 13-22

----- "Variantes diatópicas del toba". **Hacia una nueva carta étnica del gran Chaco, IV** (Informe de avance 1991/1992, PID-CONICET 444/88). Las Lomitas-Formosa: Centro del Hombre Antigo Chaqueño (CHACO), 1992. pp.67-79.

----- e Pablo *WRIGHT*. "De la oralidad a la escritura. El caso toba". **Lenguas Modernas**, 16. Universidad de Chile, 1989. pp.115-126

NAJLIS, Elena L. **Lengua Abipona** (Archivo de lenguas precolombinas, 1), 2 vol. Universidad de Buenos Aires, Facultad de Filosofía y Letras, Centro de Estudios Lingüísticos, 1966.